

ALESSANDRA MARA DE ASSIS

**A INTERFERÊNCIA FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS – L1 – NA
AQUISIÇÃO DE INGLÊS – L2:
“OS TRAÇOS [+TENSO] E [- TENSO]”**

Uberlândia

2008

ALESSANDRA MARA DE ASSIS

**A INTERFERÊNCIA FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS – L1 – NA
AQUISIÇÃO DE INGLÊS – L2:
“OS TRAÇOS [+TENSO] E [- TENSO]”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística
Aplicada.

Linha de pesquisa: Teorias e análises linguísticas: estudo
sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Tema para orientação: Análise e descrição de fenômenos
morfofonológicos.

Orientador: Professor Dr. José Sueli de Magalhães

Uberlândia

2008

FICHA CATALOGRÁFICA

A848i Assis, Alessandra Mara de, 1973-
A interferência fonológica do português – L1 – na aquisição de inglês –
L2 : “os traços [+tenso] e [- tenso]” / Alessandra Mara de Assis. -
Uberlândia, 2009.
215 f. : il.

Orientador: José Sueli de Magalhães.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

1. Língua Inglesa - Estudo e Ensino - Fonologia - Teses. I.
Magalhães, José Sueli de. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-graduação em Lingüística. III. Título.

CDU: 802.0-085.5

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

CURSO DE MESTRADO EM LINGÜÍSTICA
Av. João Naves de Ávila, 2121 – Campus Sta. Mônica, Bl. G - Sala 1G258
CEP: 38408-100 – Telefax: (34) 3239-4102

Dissertação intitulada **A interferência fonológica do Português – L1 – na aquisição de Inglês – L2: “Os traços [+ tenso] e [- tenso]”**, de autoria da mestranda Alessandra Mara de Assis, aprovada pela comissão examinadora constituída por:

Prof. Dr. Ubiratã Kickhöfel Alves

Profa. Dra. Waldenice Moreira Cano

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães (Orientador) - UFU

Prof. Dra. Alice Cunha de Freitas
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Lingüística
UFU – Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia, 19 de dezembro de 2008.

A Deus pelo dom da vida e por todos os sonhos até agora realizados.

Aos meus pais pelo amor incondicional de todas as horas.

Ao Marco Aurélio, meu amado esposo, quem me deu os dois melhores presentes: seu amor e nosso filho.

Ao meu orientador José Sueli de Magalhães, pela confiança, pelo apoio de todas as horas e pelos grandes ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Francisco e Neide, pelo amor e pelo exemplo de força e caráter que me guiam sempre.

Ao Marco Aurélio pelo amor e apoio nos momentos de fraqueza.

Ao meu filho, companheiro de todos os momentos.

Aos meus irmãos Célia, Celso e Sílvio que sempre acreditaram em mim, aos meus sobrinhos pelos momentos de alegria e ao meu cunhado Valdemir.

À minha segunda família, principalmente Dona Carmen, quem me acolheu como uma segunda mãe.

Ao mestre Magalhães pela orientação: um professor nos momentos de dúvida; um amigo nos momentos de oscilação; fortaleza nos momentos de fraqueza; um pesquisador incansável em busca de novos conhecimentos e sempre um modelo de profissional ético e competente.

Aos meus amigos que contribuíram com esta pesquisa: Rômulo, Frederico, Giselly e Edilton.

Aos meus amigos: André, Brunno, Carla, Carol, Dayana, Élcio, Fernandinha, Gil, Hugo, João Neto, Kássia, Luciene, Mônica, Paula, Rodrigo, Tati e Thays pelo amor e companheirismo nessa caminhada.

À Maria Odete pelo exemplo e pelo dinamismo que certamente influenciarão na minha vida profissional.

À Raquel e Fernanda pela confiança em mim depositada.

Aos professores Márcio e Sara pelos estudos compartilhados; e à Wânia e Ju pela revisão de textos.

Aos componentes do GEFONO – Grupo de Estudo em Fonologia – pelas informações compartilhadas, em especial à Cíntia pela paciência ao ensinar-me a usar o GOLDVARB.

Aos professores e funcionários do MEL – Mestrado em Lingüística – pelo apoio e ajuda constantes.

À professora Dra. Cláudia Regina Brescancini pelas importantes contribuições para este estudo.

Ao professor Dr. Luiz Carlos Schwindt pela leitura minuciosa de meu trabalho e pelas orientações feitas quando da realização do SEPELLA 2008.

Aos professores Dr. Dermeval da Hora e Dra. Gisele da Paz Nunes pelas observações e contribuições no momento de minha qualificação.

Às professoras Dra. Andréia Rauber, Dra. Denize Nobre-Oliveria e Dra. Giovana Bonilha que colaboraram com este trabalho disponibilizando suas pesquisas sobre o assunto.

Às professoras da banca de defesa por aceitarem o nosso convite.

Aos alunos/sujeitos que participaram desta pesquisa tornando-a possível.

E, finalmente, a todos que colaboraram para a concretização deste trabalho.

RESUMO

Esta dissertação, por meio de um corpus adquirido a partir de quinze entrevistas com aprendizes em nível avançado de Inglês, buscou não só identificar as interferências do Português Brasileiro (PB) na aquisição de Inglês como língua estrangeira, mas também investigar as dificuldades que falantes de PB como língua materna encontram no aprendizado de Inglês, especialmente no que tange à aquisição das vogais altas frontais longas e curtas com os traços [+ tenso] ou [- tenso], quais sejam [i:] e [I] e analisar alguns dos processos fonológicos aí envolvidos. Para atingir nosso objetivo utilizamos os pressupostos da Teoria de Traços Distintivos de Chomsky e Halle (1968), o modelo para tratamento da sílaba proposto por Selkirk (1982) e a análise de Bisol (1999) para o PB. Para a classificação das vogais do PB usamos a proposta de Câmara Jr. (1970), e, para as vogais do Inglês, utilizamos a descrição de Chomsky e Halle (1968). Por fim, recorreremos à Teoria da Otimidade, McCarthy e Prince (1993), Kager (1999) e Prince e Smolensky (1993) para confrontar as gramáticas das duas línguas. Da coleta de dados para a montagem do *corpus* constaram quinze entrevistas com aprendizes de Inglês como língua estrangeira em nível avançado, falantes nativos de PB que aprenderam Inglês sem sair do Brasil. Após a coleta, fizemos o tratamento dos dados utilizando o programa de análise estatística GOLDFARB (Windows). Durante a coleta, verificamos a percepção e a produção dos fonemas estudados em diferentes contextos, chegando, assim, aos seguintes resultados: o contexto (precedente e seguinte) no qual o segmento se encontra inserido influencia na sua correta percepção e produção, e o fator que mais facilita a produção da vogal longa com o traço [+ tenso] é lingüístico e este é marcado pela líquida lateral /l/ em contexto seguinte; a interferência do PB na aquisição de Inglês como L2 provoca alteração na estrutura silábica de L2 e o conhecimento dos processos fonológicos, aqui pesquisados, pelo professor de Inglês como língua estrangeira pode facilitar o processo de ensino/aprendizagem do Inglês pelo aprendiz.

Palavras chave: Vogais [+ tenso] e [-tenso]; Aquisição e Ensino de Inglês; Português Brasileiro; Interferência Fonológica

Número de páginas: 124 (sem anexos)

Número de palavras: 56.930

ABSTRACT

This dissertation tried to identify the interferences Brazilian Portuguese (BP) has in the acquisition of English as a foreign language, through a corpus made up of fifteen interviews with advance level students of English. This research had as an objective, to investigate the difficulties native speakers of BP find when learning English as a foreign language, mainly when it comes to the acquisition of the high front vowels, that can be long or short and have the features [+ tense] or [- tense], that is [i:] and [ɪ] respectively. The other objective was to analyze the phonological processes involved in the manifestation of such vowels. In order to achieve our goals, we made use of some concepts of the following theories: The Distinctive Features Theory (Chomsky & Halle, 1968), The Syllable treatment pattern proposed by Selkirk (1982) and the syllable analyses to the BP proposed by Bisol (1999). For the BP Vowels we used the proposal of Câmara Jr. (1970) and for the English Vowels Chomsky & Halle (1968). As the last theoretical model we reached for The Optimality Theory McCarthy & Prince (1993), Kager (1999) and Prince & Smolensky (1993) in order to confront the grammar of both languages. The data gathering to build up the corpus was made through fifteen interviews with advanced students of English as a second language who are native speakers of BP and have learned English without leaving Brazil. After the data gathering we analyzed the data through a statistics program GOLDVARB (Windows). During the data gathering we could study perception and production of the target phonemes in different contexts getting to the following results: the context (preceding and following) in which the segment lies influences its correct perception and production, and the factor that most encourages the production of the long vowel with the feature [+ tense] is linguistic and is the lateral liquid /l/ in following context; BP interference in the acquisition of English as a second language provokes alterations in the syllable structure in L2 and if the teacher of English as a foreign language has formal knowledge in phonology he/she may make it easier for the scholar to learn English.

Key words: Vowels [+tense] [-tense]; English Learning and Teaching, Brazilian Portuguese, Phonological Interference

Number of pages: 124

Number of words: 56.930

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Variável independente 1: Ocorrência do fonema /i:/ com <i>Knockouts</i>	96
Tabela 2 – Variável independente 1: Ocorrência do fonema /i:/ sem <i>Knockouts</i>	96
Tabela 3 – Variável independente 1: Variável Contexto Seguinte	97
Tabela 4 – Variável independente 1: Variável Contexto Precedente	100
Tabela 5 – Variável independente 1: Variável Tamanho do Vocábulo	102
Tabela 6 – Variável independente 1: Variável Posição na Palavra	102
Tabela 7 – Variável independente 2: Ocorrência do fonema /l/ com <i>Knockouts</i>	103
Tabela 8 – Variável independente 2: Ocorrência do fonema /l/ sem <i>Knockouts</i>	104
Tabela 9 – Variável independente 2: Variável Contexto Seguinte	105
Tabela 10 – Variável independente 2: Variável Contexto Precedente	106
Tabela 11 – Variável independente 2: Variável Tamanho do Vocábulo	107
Tabela 12 – Variável independente 2: Variável Posição na Palavra	108
Tabela 13 – Variável independente 3: Ocorrência de /ε/ ou outros com <i>Knockouts</i>	109
Tabela 14 – Variável independente 3: Ocorrência de /ε/ ou outros sem <i>Knockouts</i>	109
Tabela 15 – Variável independente 3: Variável Contexto Seguinte	110
Tabela 16 – Variável independente 3: Variável Contexto Precedente	110
Tabela 17 – Variável independente 3: Variável Tamanho do Vocábulo	111
Tabela 18 – Variável independente 3: Variável Posição na Palavra	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – O sistema vocálico segundo Chomsky e Halle	67
Quadro 2 – Palavras realizadas como /i/	85
Quadro 3 – Codificação de Dados	93
Quadro 4 – Percepção dos aprendizes	114

LISTA DE TABLEAUS

Tableau 1	49
Tableau 2	123
Tableau 3	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
1.1 Traços Distintivos	29
1.1.1 Traços de classes principais	32
1.1.2 Traços de cavidade	33
1.1.3 Traços de fonte	33
1.1.4 Traços prosódicos	34
1.1.5 Traços de modo de articulação	35
1.1.5.1 Traços de modo de articulação: [+tenso] e [- tenso]	36
1.1.6 Regras fonológicas	38
1.2 A Sílabas	39
1.3 Teoria da Otimidade	47
2 AS VOGAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	53
2.1 O sistema vocálico do Português Brasileiro	53
3 AS VOGAIS DO INGLÊS	57
3.1 As vogais do Inglês segundo Chomsky e Halle	66
3.2 O traço [+ tenso] nas vogais do Inglês	67
4 PROCESSOS FONOLÓGICOS	71
4.1 Redução vocálica: Português Brasileiro versus Inglês Americano Geral	71
4.1.1 Redução Vocálica no Português Brasileiro	71
4.1.2 Redução Vocálica no Inglês	71
4.2 Um paralelo entre o Português Brasileiro e o Inglês Americano Geral com respeito às interferências	73
5 METODOLOGIA	77
5.1 Cenário de pesquisa	77
5.2 Critérios para a seleção dos informantes e das amostras	77
5.2.1 Dados de produção	79

5.2.1.1 Entrevista	80
5.2.1.2 Lista de pares mínimos	82
5.2.1.3 Parágrafo para leitura	83
5.2.1.4 Parágrafo para preenchimento e leitura	84
5.2.2 Dados de percepção.....	85
5.3 Seleção de variáveis	86
5.3.1 Variável dependente	86
5.3.2 Variáveis independentes	87
5.3.2.1 Variáveis linguísticas	87
5.4 Critérios para coleta dos dados e contato com os informantes	92
5.5 Critérios para tratamento das amostras	93
 6 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	95
 7 AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO.....	113
 8 AVALIAÇÃO FONOLÓGICA	115
8.1 Mudança de traços	115
8.2 Mudança na estrutura silábica	116
 9 DUAS GRAMÁTICAS EM CONFRONTO.....	121
 10 APLICAÇÃO NO ENSINO	125
10.1 Relevância desta pesquisa para a sala de aula	129
 11 CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
 12 REFERÊNCIAS	135
 13 ANEXOS	139

INTRODUÇÃO

Segundo Lyons (1987), embora a língua não deva ser identificada somente com a fala, não se deve desconsiderar que historicamente a fala precede a escrita, pois as pessoas primeiro falam para depois escrever.

Podemos estudar uma língua por meio de diferentes enfoques. Este trabalho priorizou estudo fonológico comparativo entre o Português Brasileiro (doravante PB) e o Inglês Americano Geral, termo que será explicado mais detalhadamente no desenvolvimento desta pesquisa, mas que será tratado como Inglês, simplesmente.

Para fazer uma análise fonológica comparativa sobre a interferência da língua materna em uma segunda língua, deve-se realizar um estudo sistematizado sobre como cada uma das línguas organiza seus sons e examinar, também, a estrutura e o funcionamento dos dois sistemas em questão tanto no campo fonológico quanto fonético.

Cada língua possui um sistema fonológico específico. O que é fonema em uma língua pode ser apenas uma variação posicional do mesmo fonema em outra. Para um falante de Inglês, por exemplo, os sons /t/ e /t̚/ são fonemas, isto é, distinguem signos. Em contrapartida, estes dois segmentos são apenas diferentes maneiras de se pronunciar o fonema /t/ no PB. Ao analisarmos as palavras do Inglês /t̚ip ‘tip’ e /t̚ip ‘chip’ (gorjeta e pedaço, respectivamente), verificamos que elas possuem significados diferentes, já as pronúncias [t̚]ia e [t̚]ia no PB são apenas uma variação posicional do fonema e determinam o mesmo signo “tia”, ou seja, verificamos que há diferentes maneiras de se pronunciar uma mesma palavra.

O mapeamento fonológico das línguas proporciona um inventário dos segmentos consonantais e vocálicos que fazem parte de um sistema. Neste aspecto, a classificação das consoantes é mais convergente na literatura, pois, como estas possuem um ponto de articulação bem definido, essa classificação é feita de maneira mais homogênea, visto que este ponto é responsável pela sua caracterização; exemplificando: uma consoante produzida com o encontro dos lábios é chamada de bilabial como é o caso do /p/.

Por outro lado, os segmentos vocálicos não são classificados de maneira homogênea como as consoantes, pois não sofrem nenhuma interrupção na passagem de ar no trato vocal, desse modo, não possuem um ponto de articulação exato como as consoantes para facilitar sua classificação. Assim sendo, ainda há muito que se estudar sobre as vogais, justificando, portanto, nosso enfoque nesses segmentos e não em outro.

Essa divergência pode ser detectada nas várias classificações das vogais do Inglês e seus diferentes dialetos. Autores como Kenyon e Knott (1944, 1953), Jones (1956), Chomsky e Halle (1968), Kreidler (1989) e Roca (1999) elaboram diferentes inventários para as vogais do Inglês.

O grande número de repertórios de vogais da língua inglesa pode levar um aprendiz a encontrar dificuldades para adquirir o que para ele é um fonema desconhecido por não estar presente em sua língua materna.

Nesta pesquisa discutimos o inventário das vogais do Inglês Americano Geral (dialecto da maioria de falantes de Inglês dos Estados Unidos que não caracteriza uma região especificamente) frente ao inventário das vogais do PB, tendo como objetivo avaliar as interferências realizadas por falantes de PB como língua materna no Inglês como língua estrangeira. Para tanto buscamos delimitar e analisar as diferenças fonológicas apresentadas entre estes dois sistemas no que concerne os segmentos /i:/¹ e /I/.

Em síntese, objetivamos descrever as dificuldades que falantes de PB encontram na aquisição do Inglês como língua estrangeira no que diz respeito à aquisição de vogais portadoras do traço [+ tenso] ou [- tenso], especificamente as vogais [i:] e [I] e analisar os processos fonológicos de inserção, o apagamento e as mudanças de traços envolvidos nesses processos.

O traço distintivo [tenso] é o enfoque deste estudo, pois esse traço é o responsável pela distinção dos dois fonemas em estudo /i:/ e /I/, porém, tal diferenciação somente acontece em Inglês. Conseqüentemente esses dois sons geram confusão na aprendizagem de Inglês por falantes de PB. Portanto, nesta investigação predispomo-nos a averiguar como ocorrem as interferências realizadas pelo falante no momento da aprendizagem e quais contextos podem ser favoráveis ou desfavoráveis à correta percepção e produção destes fonemas.

Para a classificação e a caracterização dos segmentos em estudo recorreremos à Teoria de Traços Distintivos (CHOMSKY e HALLE, 1968). Buscamos, também, embasarmo-nos na Teoria da Sílabas de Selkirk (1982) para determinar em quais circunstâncias e em quais posições da sílaba cada segmento pode estar, além de verificar as possíveis conseqüências sobre a estrutura silábica da língua. Na seqüência fizemos um exercício de aplicação dos fatos à Teoria da Otimidade (MCCARTHY e PRINCE, 1993; KAGER, 1999 e PRINCE e SMOLENSKY 1993) para verificar em que sentido a gramática do PB interfere na gramática do Inglês, no que diz respeito às vogais /i:/ e /I/. A fim de analisar os dados de modo mais

¹ As vogais longas são representadas pelo símbolo (:) colocado logo após a vogal.

transparente, utilizamos o programa GOLDVARB, por meio do qual obtivemos porcentagens e pesos relativos. Na seqüência, avaliamos, de modo preciso, a variável quanto ao favorecimento ou inibição da produção dos fonemas estudados.

Um aprendiz qualquer, ao estudar uma segunda língua, deverá internalizar o funcionamento e a estrutura do sistema para se tornar fluente e se comunicar naturalmente. O que observamos, porém, é que, ao entrar em contato com a estrutura de uma língua estrangeira, o aprendiz tenta, um grande número de vezes, reproduzir os segmentos da segunda língua, transportando as características de sua língua materna para a língua alvo, o que provoca interferências, muitas vezes comprometedoras da compreensão do falante aprendiz por nativos da língua estrangeira.

Procuramos investigar a ocorrência dos traços [+ tenso] e [- tenso] das vogais /i:/ e /I/, na produção oral de falantes de PB como língua materna, durante o aprendizado de Inglês como segunda língua.

As hipóteses aventadas nesta pesquisa foram as seguintes:

- 1) O contexto em que o segmento está inserido (precedente e seguinte) influencia na sua correta percepção e produção;
- 2) O fator tonicidade/atonicidade interfere na produção das vogais frontais altas por falantes de PB aprendendo Inglês;
- 3) Muitos aprendizes de língua inglesa como L2, mesmo aqueles em um nível de curso avançado, produzem os fonemas do Inglês com as características do PB;
- 4) A interferência do PB na aprendizagem do Inglês como L2 provoca alteração na estrutura silábica de L2 na produção do falante;
- 5) A interferência do PB na aprendizagem do Inglês pode ser explicada por meio de mudanças de traços distintivos;
- 6) O conhecimento do traço [tenso] pode facilitar a aquisição das vogais do Inglês por alunos que falem PB como língua materna.

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar as interferências que ocorrem no estudo do Inglês como língua estrangeira por falantes de PB como língua materna, quando esses transferem estruturas da língua materna para o estudo de L2, no que diz respeito às vogais /i:/ e /I/, respectivamente [+ tenso] e [- tenso]. Os objetivos específicos foram os seguintes:

- 1) Identificar os contextos que mais facilitam a percepção e a produção dos referidos sons pelos alunos;
- 2) Averiguar se o fator tonicidade/atonicidade é relevante na produção das vogais frontais altas;
- 3) Identificar as alterações na estrutura silábica que ocorrem quando há a interferência do PB no aprendizado do Inglês;
- 4) Analisar os processos fonológicos que ocorrem como consequência da interferência do PB no estudo do Inglês como L2.
- 5) Exemplificar como os traços distintivos podem explicar a interferência do PB na aprendizagem de Inglês como L2.

Para atingir os objetivos pretendidos e testar as hipóteses aventadas, organizamos este trabalho em dez Capítulos e Considerações Finais.

No primeiro Capítulo apresentamos o embasamento teórico, no qual, tratamos da Teoria de Traços Distintivos (CHOMSKY e HALLE, 1968), a Teoria da Sílabas (SELKIRK, 1982) e da Teoria da Otimidade (MCCARTHY e PRINCE, 1993 e KAGER, 1999).

No segundo Capítulo, discorremos sobre as vogais do PB. As vogais do Inglês são discutidas no terceiro Capítulo.

No quarto Capítulo, tratamos dos processos fonológicos que perpassam as duas línguas em questão, discutindo suas diferentes aplicações e consequências.

No quinto Capítulo, discorremos sobre a metodologia, apresentando os sujeitos envolvidos, esclarecendo como esses sujeitos foram escolhidos e como foi realizada a coleta de dados.

No sexto Capítulo, apresentamos a análise de dados feita após a análise estatística do programa GOLDVARB, e o sétimo tratou da percepção que os informantes possuem dos fonemas estudados.

Os Capítulos oitavo e nono tratam respectivamente, de uma análise fonológica da produção dos fonemas estudados pelos informantes e de uma análise baseada na Teoria da Otimidade.

No décimo Capítulo apresentamos a relevância desta pesquisa para o ensino de Inglês como língua estrangeira e, finalmente, as Considerações Finais, as Referências Bibliográficas e os Anexos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho teve por finalidade investigar as interferências que ocorrem na aprendizagem do Inglês como língua estrangeira de falantes de PB como língua materna quando esses falantes transferem estruturas da língua materna para o estudo de L2 no que tange às vogais /i:/ e /ɪ/, respectivamente [+ tenso] e [- tenso].

Neste capítulo, discorreremos sobre os Modelos Teóricos que deram sustentação ao trabalho. Para a descrição dos traços distintivos, tomamos por base a descrição feita por Chomsky e Halle (1968), principalmente quanto à caracterização dos traços [+ tenso] e [- tenso]. O repertório de vogais do PB foi embasado em Câmara Jr. (1970), e as vogais do Inglês foram elencadas à luz das discussões de Jones (1956), Chomsky e Halle (1968), Kreidler (1989), Roca e Johnson (1999) e Green (2001). Para a discussão sobre sílaba, pautamos-nos na teoria de Selkirk (1982) e Bisol (1999). E, finalmente, para a Teoria da Otimidade recorremos a McCarthy e Prince (1993), Kager (1999) e Prince e Smolensky (1993).

1.1 Traços distintivos

O lingüista russo Baudouin de Courtenay (1845-1929), citado por Câmara Jr. (1970), foi o primeiro a apresentar o conceito de fonema e pensá-lo como um conjunto de propriedades ou traços que o caracterizam. Mais tarde, Jakobson (1962) definiu o fonema como um conjunto ou feixe de traços distintivos, ou seja, o fonema é determinado por uma coluna de traços.

Em 1968, Chomsky e Halle em *The sound pattern of English* elaboram uma teoria completa sobre os traços distintivos e sua importância. Nessa teoria, os traços são definidos por uma matriz de natureza bi-dimensional que está em uma relação bijetiva com o fonema, isto é, se desaparece a matriz de traços, desaparece também o fonema e vice-versa. Os traços são caracterizados de forma binária, isto significa que um fonema será caracterizado por [+ traço distintivo] ou [- traço distintivo], por exemplo, um fonema poderá ser [+ consonantal] ou [- consonantal].

Dois pressupostos teóricos do modelo chomskiano merecem destaque: a relação entre competência e desempenho e a existência de uma Gramática Universal. A competência

lingüística é o conhecimento que o indivíduo tem da sua língua, mesmo que inconscientemente, o que o possibilita distinguir uma relação intrínseca entre som e significado em cada sentença da língua em questão. O desempenho, por outro lado, é o uso real da língua, sua manifestação concreta. A definição de desempenho nas palavras de Chomsky e Halle (1968):

“ [...] o que o indivíduo realmente faz, porém, sua manifestação não está restrita à influência somente de seu conhecimento lingüístico, mas sim de vários outros fatores como restrição de memória, falta de atenção, conhecimento não lingüístico, crenças entre outros.” (CHOMSKY e HALLE, 1968. p. 3).

A Gramática Universal é uma essência comum a todas as línguas, ou seja, ela representa o que há de comum entre elas. Esta gramática é recebida por todo ser humano por uma herança genética. Neste sentido, a gramática é vista como um sistema de regras internalizadas que determinarão as conexões entre som e significado de inúmeras frases, muitas vezes nunca antes ouvidas pelo indivíduo.

Sendo a Gramática Universal construída com base nas línguas, existem princípios comuns e parâmetros particulares de cada língua. A existência de sílabas nas línguas é um exemplo de um universal. Porém, os elementos que poderão compor a estrutura silábica serão determinados pelas gramáticas de línguas particulares. Uma sílaba no PB, por exemplo, não termina em um segmento como um “b”, pois este segmento não está licenciado para ocupar tal posição, como se pode ver no Capítulo 1.2 sobre sílaba. Em Inglês, entretanto, um “b” em coda silábica (posição ocupada por uma ou mais consoantes após o núcleo silábico) é plenamente aceitável, por exemplo, uma palavra como **rob** (roubar).

Seguindo a proposta dos universais lingüísticos, Chomsky e Halle (1968, p. 4) valem-se da chamada “fonética universal que especificará as possíveis representações fonéticas das frases por meio de um conjunto de características fonéticas universais e de suas possíveis combinações.” Segundo esses autores essas combinações acontecem por meio de regras que apagam, transformam ou inserem sons (segmentos) em determinados contextos.

Os sons, objetos sob os quais incidem as regras mencionadas, têm como propriedades mínimas que os constituem e os diferem, os traços distintivos, que são binários no modelo de Chomsky e Halle (1968). Os traços são definidos por dois aspectos, um representando a presença e outro a ausência de determinada propriedade e designados por antônimos como

denominaram os autores, por exemplo, [vozeado] ou [não vozeado], [tenso] ou [não tenso] (ou frouxo).

A representação fonética pode ser entendida como “uma matriz bi-dimensional e, os traços fonéticos caracterizados por escalas físicas que descrevem aspectos controlados independentemente como vocalização, nasalidade, vozeamento, glotalização,” (CHOMSKY e HALLE, 1968. p. 297). Assim sendo, haverá tantos traços fonéticos quantos forem os aspectos independentes responsáveis pela produção dos sons, portanto, a totalidade dos traços representa a capacidade de produção de fala do trato vocal. Dois segmentos são distintos se diferem em, pelo menos, um de seus aspectos ou traços, como se pode observar em (1):

(1)

t	d
- soante	- soante
- contínuo	- contínuo
+ coronal	+ coronal
+ anterior	+ anterior
- metástase retardada	- metástase retardada
- sonoro	+ sonoro

(MATZENAUER, 2005. p.30)

Nas matrizes acima fica claro que a mudança de apenas um traço muda o segmento, basta observar que o traço de sonoridade faz a distinção entre /t/ que é [- sonoro] e /d/ que é [+ sonoro], todos os outros traços são iguais para esses dois segmentos. A relação bijetiva significa que, se a matriz de traços desaparecer, o segmento também desaparecerá e vice-versa.

Sendo de característica fonética, a teoria de Traços Distintivos foi de grande valia para a realização desta pesquisa, pois pudemos, por meio da análise de dados, avaliar quais traços são transformados, quais são mantidos e quais não são realizados pelos falantes. No entanto, vale observar que os traços distintivos são importantes também na descrição da fonologia das línguas e na explicação dos fenômenos que nelas ocorrem. Passemos então para a teoria de Traços Distintivos e as divisões em diferentes classes.

1.1.1 Traços de Classe Principal:

A primeira característica do trato vocal, como elucida Chomsky e Halle (1968), é sua alternância entre abertura e fechamento. Quando há o fechamento do trato vocal, em qualquer parte, há uma obstrução na passagem de ar e, ao contrário, quando está aberto, o ar passa livremente. Diferentes aspectos desta alternância, fechado *versus* aberto, acarretarão a definição de três classes maiores de segmentos: soante, silábico e consonantal.

O primeiro grupo, [soante], representa um segmento espontaneamente sonoro. Estão nesta classe vogais, nasais, líquidas e glides.

O segundo grupo contempla o traço [silábico] que, por sua vez, indica segmentos que são produzidos com uma constrição que não excede àquela das vogais altas [i] e [u] e, estes segmentos também são produzidos com vozeamento espontâneo. Quando um som com o traço [- silábico] é produzido, uma dessas duas condições não será satisfeita.

O traço silábico indica ainda, como se observa no Capítulo 1.2 sobre sílabas, os segmentos que podem ocupar a posição mais forte da sílaba, o seu núcleo. No PB, somente as vogais possuem o traço [+ silábico], portanto, somente as vogais podem ocupar a posição de núcleo silábico, como ocorre, por exemplo, em “bolo”, em que a vogal /o/ ocupa o núcleo das duas sílabas da palavra. Em Inglês, entretanto, consoantes nasais e líquidas também são licenciadas para ocuparem o pico da sílaba, isto é, também possuem o traço [+ silábico] como as vogais. A palavra *ample* (amplo) exemplifica bem esta situação, pois a vogal /æ/ é o núcleo da primeira sílaba e a líquida /l/ é o núcleo da segunda.

O último grupo é o que contempla o traço [consonantal]. Este traço está em oposição ao [silábico] e é caracterizador das consoantes. Ao contrário das vogais, as consoantes possuem interrupção do ar no trato vocal, isto é, para a produção de uma consoante deve haver uma interrupção total ou parcial na passagem de ar. Por exemplo, para produzir um /p/ na palavra “povo”, o falante precisa fechar completamente a boca e, nesse momento, há uma interrupção na passagem de ar.

Além da chamada classe principal, Chomsky e Halle (1968) explicam que há outras que também são responsáveis pela caracterização dos segmentos: são as classes que tratam dos traços de cavidade; de fonte; traços prosódicos e, traços de modo de articulação, como se pode ver a seguir.

1.1.2 Traços de Cavidade

Os chamados traços de cavidade são divididos em [coronal] e [anterior]. O primeiro caracteriza sons produzidos com a coroa da língua, ou seja, o corpo da língua está em repouso e a frente da língua se adianta. Sons como /t/, /d/ e /z/ são coronais e na produção de qualquer um destes sons há o avanço da frente da língua enquanto o corpo está na posição de repouso. O segundo traço de cavidade – [anterior] – é marcado pela obstrução de ar na parte anterior da boca, assim, há uma interrupção da corrente de ar na parte frontal da boca. Todas as vogais são redundantemente [- anterior], pois elas não têm obstrução nenhuma de ar não podendo então, caracterizarem-se como anteriores. São exemplos de segmentos anteriores as consoantes /p/, /t/ e /s/.

Além dos traços mencionados ainda há os traços [alto], [baixo] e [posterior], que são assim denominados pela posição do corpo da língua. O traço [alto] refere-se aos sons produzidos com a elevação do corpo da língua acima da posição neutra, como /i/, /u/ e /d/. Os segmentos que possuem o traço [+ baixo] são sons produzidos com o abaixamento do corpo da língua abaixo do nível da posição neutra, como a vogal /a/, por exemplo. O traço [posterior], por sua vez, marca os sons produzidos com a retração do corpo da língua a partir da posição neutra, como os segmentos /k/ e /g/.

O traço [arredondado] não está relacionado com a língua, mas sim com os lábios, um segmento que possua o traço [+ arredondado] será produzido com o arredondamento dos lábios e um traço que possua o traço [- arredondado] será produzido com um estreitamento dos lábios. As vogais /u/ e /o/ possuem esse traço.

Há, ainda, dentro desta mesma classe, traços de aberturas secundárias que são: [nasal] e [lateral]. Os sons nasais são produzidos com um abaixamento do véu palatino, o que permite que o ar escape através do nariz como acontece quando pronunciamos os fonemas /m/ e /n/. Os sons laterais, por sua vez, são produzidos através do levantamento da lâmina da língua e o abaixamento do centro da língua o que permitirá que o ar saia pelas laterais da mesma, um exemplo de um segmento [+ lateral] é o fonema /l/.

1.1.3 Traços de Fonte

Segundo Chomsky e Halle (1968), há dois traços de fonte: [sonoro] e [estridente]. Os segmentos de traço [+ sonoro], ou vozeados, são sons produzidos com vibração das cordas vocais, os sons que não apresentam esta vibração são chamados de [surdos] ou [desvozeados].

Segmentos como /b/, /d/, e /g/ são exemplos de sons [sonoros], já os segmentos /p/, /t/ e /k/ são exemplos de sons [surdos]. Palavras como “pata” e “bata” terão significados diferentes devido aos fonemas /p/ e /b/ que se distinguem entre si pelo fato de /p/ ser [surdo] e /b/ [vozeado], há vibração das cordas vocais na produção do fonema /b/ enquanto este vozeamento não ocorre na produção do fonema /p/.

Por sua vez, os segmentos que possuem o traço [+ estridente] são marcados por um ruído estridente produzido pela obstrução parcial na cavidade oral que ainda assim permite a passagem do ar, segmentos como /f/, /v/, /s/ e /z/ possuem o traço [+ estridente], segmentos que não apresentam este ruído são classificados como [- estridente].

1.1.4 Traços prosódicos

Os traços prosódicos são [acento], [tom] e [duração]. O [acento] caracteriza as sílabas fortes de cada palavra, sendo que o acento primário é aquele da sílaba tônica, o secundário da segunda sílaba mais forte e o terciário da terceira mais forte. A palavra “borboleta”, por exemplo, tem a terceira sílaba “le” como acento primário e a primeira “bor” como acento secundário. O [tom] caracterizará a mudança de altura na produção dos sons e esta pode caracterizar distinção dos mesmos, ou seja, em línguas tonais, um mesmo item lexical dito com tons diferentes terá significados diferentes.

O traço de duração, por sua vez, marcará se um segmento é mais curto ou mais longo. Esta diferença de duração pode ser distintiva em determinadas línguas, como no Inglês, por exemplo, pois palavras como *read* (ler) e *bead* (contas de colar) possuem uma vogal longa e são pronunciadas como r/i:/d e b/i:/d respectivamente, palavras como *sierra* (serra – montanha) e *sienna* (tipo de cerâmica) são pronunciadas como s/i/erra e s/i/enna, respectivamente. No PB, este traço não é relevante, pois não haverá diferença de significado caso um indivíduo pronuncie uma palavra com uma vogal mais longa ou mais curta.

Roca e Johnson (1999) destacam a duração como distintiva em muitos dialetos do Inglês, não sendo, porém, uma característica presente em todas as variações desse idioma como podemos verificar em Roca e Johnson (1999, p.175):

“[...]Indeed, in GA, in RP and in many other accents of English (but not in all), vowels automatically vary in length according to the nature of the following consonant: they are longest if there is no such consonant (key), and shortest if the following consonant is a voiceless

obstruent (*heat*), with intermediate degrees of length otherwise (*seem*, *seed*). (ROCA e JOHNSON, 1999. p.175)²

Hurvitz (2007), ao contrário de Roca e Johnson (1999), acredita que o Inglês não faz distinção entre vogais curtas e longas, porque a duração não diz respeito à maneira como a vogal é articulada, mas sim por quanto tempo ela é articulada.

Nesta pesquisa, adotamos a idéia de que as vogais variam também em duração, pois estamos pesquisando o Inglês Americano Geral (GA), e, nessa variante, duração se constitui como traço distintivo

1.1.5 Traços de Modo de articulação

Ainda segundo Chomsky e Halle (1968), o modo de articulação trata de três traços diferentes: o traço [contínuo], [metástase retardada] e o traço [tenso]. Os segmentos que possuem o traço [+ contínuo] não possuem obstrução de ar na sua produção, portanto podem ser prolongados. Como exemplo, podemos pensar em uma pessoa que grita a palavra “socorro”, ela pode alongar a vogal porque não há obstrução de ar no momento de sua produção, dizendo algo como “socoouooooorro”, isto é possível já que todas as vogais possuem o traço [+ contínuo].

O traço [metástase retardada] caracteriza sons cuja saída do ar é inicialmente bloqueada e depois liberada com turbulência. O segmento /t/ é um exemplo de segmento portador do traço metástase retardada, pois, diferentemente do /t/ que possui uma obstrução total na sua produção, o /t/ possui uma obstrução inicial e depois uma soltura brusca do ar. Este traço não é distintivo no PB, caracterizando somente alofones. A palavra “time” pode ser dita como /t/ime ou /t/ime, por exemplo, sem mudar o sentido.

O traço de modo de articulação [+ tenso] foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho, de forma que abrimos uma seção unicamente para discorrer sobre ele, ressaltando a sua relevância no estudo de Inglês como língua estrangeira e sua complexidade enquanto traço distintivo.

² “Na verdade, no Inglês Americano Geral, no Inglês Britânico, e em muitos outros dialetos de Inglês (mas não em todos), as vogais variam automaticamente em duração de acordo com a natureza da consoante seguinte: elas serão mais longas se não houver uma consoante seguinte (*key* – chave), e mais curtas se a consoante seguinte for uma obstruente surda (*heat* – calor), com níveis intermediários de duração se for seguida por outro tipo de consoante (*seem* – parecer, *seed* – semente).

1.1.5.1 Traços de Modo de articulação: [+tenso] e [-tenso]

O traço distintivo [+tenso] é caracterizado por uma maior “deformação” do aparelho vocal na sua produção do que na produção de um segmento [-tenso], isto significa que, para a produção de um segmento [+tenso] é necessário um esforço muscular considerável que será mantido por um tempo mais longo que na produção de um som [-tenso]. Esta diferença na produção dos dois sons, de acordo com Dubois (1973. p.583) “[...] é devida a uma maior tensão muscular da língua, das paredes móveis do canal vocal e da glote”.

Na definição de Chomsky e Halle (1968), a tensão especificará a articulação da musculatura supra-glotal e como a mesma executará um som. Os sons com o traço [+tenso] são produzidos com uma movimentação distinta e precisa da musculatura e com certo esforço. Esta preparação da musculatura para a realização do som será mantida por um tempo mais longo que para um som [-tenso], que será executado com um gesto mais superficial, ou seja, a musculatura não se manterá em posição para a sua produção por muito tempo, tão logo o som seja executado, a musculatura relaxará.

Os fonemas caracterizados pelo traço [+tenso] desviam-se mais da posição neutra, ou posição de repouso do que os fonemas [-tenso], portanto, serão mais longos e de maior intensidade, terão uma definição maior em sua ressonância e serão mais audíveis que os segmentos caracterizados pelo traço [-tenso]. Por exemplo, a constrição da língua na produção do fonema [+tenso] /i/ é mais estreita que aquela que ocorre na produção do fonema [-tenso] /I/. Quanto maior o esforço articulatório maior a duração e a marcação do segmento produzido.

Durante a produção de uma vogal com o traço [-tenso], a língua está livre e pode ser influenciada por segmentos adjacentes, no caso de uma vogal com o traço [+tenso], a posição da língua na região em que ela se encontra é definida precisamente.

No PB, a tensão não é traço distintivo, visto que não se faz a distinção de segmentos no inventário de fonemas do PB por meio deste traço. Câmara Jr. (1970), em sua descrição do sistema vocálico brasileiro não menciona tensão como característica das vogais, porém, para o presente trabalho, este traço é essencial, pois as vogais do Inglês que são aqui estudadas o têm como distintivo. Por não o ser no PB, muitos aprendizes brasileiros encontram dificuldades para reconhecer e, mais ainda, para produzir as vogais /i:/ e /I/ visto que a primeira possui o traço [+tenso] e é uma vogal longa; a segunda, por sua vez, possui o traço [-tenso] e é uma vogal curta. O que acontece comumente em sala de aula é a confusão entre esses dois fonemas.

Um dos aspectos motivadores desta pesquisa foi verificarmos, ao longo de muitos anos atuando no ensino de Inglês como língua estrangeira, que os alunos encontram extrema dificuldade, primeiramente, em perceber a diferença entre a vogal com o traço [+ tenso] /i:/ e a de traço [- tenso] /ɪ/ e, em segundo lugar, uma dificuldade ainda maior em produzir estes dois fonemas sem a influência do /i/ do PB. Esta dificuldade em distinguir os dois fonemas pode até mesmo causar situações de constrangimento para aqueles que estudam o idioma, pois há palavras que se diferenciam de “palavrões” e vocabulário grosseiro apenas pelo traço [tenso], a palavra *beach* (praia), por exemplo, pode ser confundida com a palavra *bitch* (cadela ou prostituta) considerada ofensiva e marcada como *taboo* (tabu) nos dicionários de língua inglesa, como podemos verificar na definição de número dois do dicionário *The American Heritage* (1994. p.89) *bitch – Offensive Slang. A spiteful or overbearing woman* (gíria ofensiva. Uma mulher maliciosa e arrogante – tradução nossa).

A não diferenciação deste traço pode igualar palavras completamente diferentes e fazer com que o falante seja mal interpretado, ou, até mesmo incompreendido. A palavra *meal* (refeição) em Inglês é pronunciada como m/i:/l, já a pronúncia de *mill* (moinho) é m/ɪ/l, a troca de uma pela outra será no mínimo confusa para o falante. Mesmo estando a palavra inserida em um contexto, em alguns casos o falante pode, em um primeiro momento, não obter a informação necessária ou receber até mesmo resposta contrária ao que busca.

Em outras situações, como a de exercícios de compreensão auditiva, muitas vezes os alunos não entendem a palavra pronunciada e o comentário nesses momentos é o mesmo. Eles afirmam que as duas palavras são idênticas e que o que escutam é o mesmo /i/. Isto significa que não perceberam a diferença e, esta falta de percepção da distinção entre os dois fonemas pode acarretar situações difíceis para o aprendiz, inclusive em circunstâncias mais formais, como em uma entrevista de emprego ou em uma apresentação em congresso.

A dificuldade em perceber a diferença entre os dois fonemas, e em produzi-los, foi o elemento motivador desta pesquisa em questão e, para a análise se faz necessária a classificação destes fonemas por meio de traços distintivos.

De acordo com essa classificação os segmentos são divididos em classes que norteiam as regras aplicadas a esses segmentos.

1.1.6 Regras fonológicas

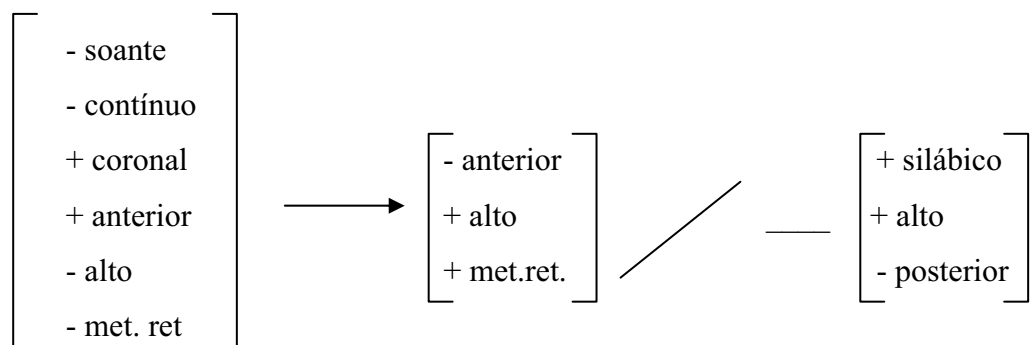
As classes naturais dos segmentos são estabelecidas por meio dos traços distintivos e o exemplo (2), extraído de Matzenauer (2005, p.26), demonstra com clareza a importância desses traços.

(2) sem a descrição dos sons através dos traços distintivos, a regra de palatalização do /t/ seria assim apresentada:

$$\left[\begin{array}{c} t \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{c} t^j \end{array} \right] \quad / \quad ____ [i]$$

A leitura desta regra dar-se-á da seguinte maneira: o segmento /t/ passa a /t^j/ no contexto antes de [i] e, para demonstrar que o mesmo ocorre com o /d/ deveríamos citá-lo na regra. Entretanto, a mesma regra, descrita por meio de traços distintivos será mais completa, e já engloba ambos os fonemas, pois ao escrevermos que os segmentos de traço [+ anteriores] ficarão [- anteriores] e que o traço [- metástase retardada] passará a [+ metástase retardada], já estamos falando dos dois segmentos. Portanto, a regra de palatalização em PB, aplica-se à classe de segmentos exemplificada anteriormente e ambos tornam-se palatais, não somente um ou outro como se vê em (3).

(3)



(MATZENAUER, 2005. p.26),

Os traços distintivos não são utilizados somente para a descrição de segmentos, mas também para facilitar a explicação de fenômenos fonológicos. Com a regra descrita por meio

de traços distintivos é possível perceber que o traço [- alto] passa a [+ alto] antes de um segmento [+ alto], e passa a [+ metástase retardada], a descrição da regra feita, assim, facilita a visão do fenômeno, tornando possível perceber em qual parte do segmento este fenômeno ocorre, podendo assim viabilizar maiores informações e estudos sobre a mesma regra.

A teoria de traços distintivos de Chomsky e Halle (1968) foi essencial para este trabalho, pois, ao analisarmos a interferência do PB na aprendizagem do Inglês, utilizamos os traços [+ tenso] e [- tenso] para investigar a produção e a percepção dos fonemas /i:/ e /I/ em Inglês, por um grupo de falantes nativos de PB, estudantes de Inglês em nível avançado.

Neste trabalho, a interferência do PB no aprendizado do Inglês como língua estrangeira, tendo por foco a percepção e a produção das vogais /i:/ e /I/ foi analisada considerando o traço [+ tenso] em confronto com o traço [- tenso] das referidas vogais. Neste sentido, a análise dos traços distintivos dos segmentos produzidos pelos sujeitos de pesquisa auxiliou-nos na descoberta dos tipos de interferência que ocorrem no momento da aprendizagem.

As regras são aplicadas a classes de segmentos que estão relacionadas foneticamente e não arbitrariamente a segmentos isolados.

Todos os segmentos que fazem parte do inventário de fonemas de uma língua estão relacionados entre si e, quando fazem parte da mesma classe natural, sofrem os mesmos processos fonológicos.

A segunda parte da fundamentação teórica, que também deu suporte ao trabalho, é a teoria sobre a sílaba. Essa teoria pode explicar o que acontece com a organização silábica das palavras quando há a troca de uma vogal pela outra ou quando há a diminuição de um tempo de uma vogal longa, por exemplo.

A Teoria da Sílaba, que norteou, parte desta pesquisa, foi abordada na seção seguinte.

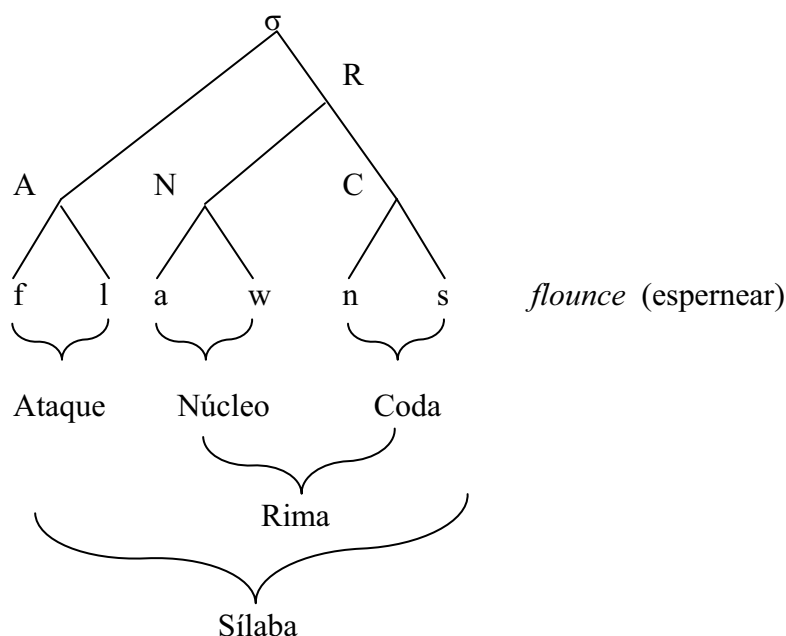
1.2 A sílaba

Não é todo segmento que pode ocupar qualquer lugar na sílaba, visto que esta possui algumas condições de formação que deverão ser respeitadas. Nesta pesquisa, utilizamos o modelo de Selkirk (1982), segundo o qual a sílaba possui uma estrutura interna e está inserida em uma hierarquia prosódica, ou seja, é constituída de uma estrutura interna que deve ser respeitada e é parte integral de uma estrutura maior, a hierarquia prosódica.

O estudo da sílaba faz-se importante, pois uma mudança em um traço distintivo acarreta uma alteração no segmento e essa alteração influenciará na estrutura silábica da palavra.

A sílaba, representada pela letra grega sigma (σ), possui uma divisão bipartida, que, segundo Selkirk (1982) é constituída de ataque “A” (em inglês – *onset*) e rima “R” (em inglês – *rhyme*). O ataque é a parte inicial da sílaba que pode conter uma ou mais consoantes e a rima é o restante. A rima por sua vez também é dividida em pico (N) e coda (C), sendo o pico a parte que contém o núcleo silábico e a coda a consoante, ou, consoantes finais da sílaba. O pico é a parte essencial da sílaba, sem a qual ela não existe. O ataque e a coda nem sempre estão presentes em uma sílaba. O modelo de representação da sílaba segundo Selkirk (1982) pode ser visto em (4) na palavra monossilábica *flounce* a seguir:

(4)



(SELKIRK, 1982, p.338)

Roca e Johnson (1999) enumeram os vários tipos de sílaba possíveis. A sílaba mais simples, rapidamente internalizada pelas crianças quando da aquisição da linguagem, é a chamada *core syllable*, ou sílaba essencial, que é formada por apenas ataque e pico, CV. Este tipo de sílaba é formado por uma consoante seguida de uma vogal como os exemplos: “ba”, “pé”, “pá”.

Outros tipos derivam da sílaba essencial possibilitando assim a existência de sílabas como CVC, V, VC entre outras. Uma sílaba do tipo CVC é aquela que possui ataque, pico e

coda, por exemplo “par”, “mar”. Uma sílaba V possui somente o pico, como, por exemplo “a”, “é”. Uma sílaba do tipo VC não possui ataque, mas apenas pico e coda, exemplificando: “ar”, “ir”, “es”.

O pico é mais forte e mais sonoro que os outros constituintes silábicos e, em PB, somente vogais podem ocupar o núcleo da sílaba, por exemplo, a sílaba “pa” existe em PB, mas, uma sílaba como “pl” não existe em nossa língua nativa. Em Inglês, entretanto, as consoantes nasais e líquidas também podem ocupar essa posição, portanto uma sílaba como “pl” será aceita em Inglês. A palavra *apple* (maçã) é um exemplo desse tipo de sílaba, pois o “p” é o ataque e o núcleo é ocupado pela consoante líquida “l”.

Bisol (1999) lembra que existe na Literatura, desde tempos muitos antigos, a visão de que os picos das sílabas coincidem com os picos de sonoridade e esta sonoridade aumenta do ataque para o pico e diminui do pico em direção a coda. Tal diferença de sonoridade entre os segmentos pode ser melhor explicada por meio da escala universal de sonoridade. Há várias propostas de escalas de sonoridade, porém, utilizamos a de Clements e Hume (1989), na qual verificamos que as vogais são os segmentos de maior sonoridade, seguidos pelas líquidas, as nasais. Os segmentos de menor classificação na escala de sonoridade, são as obstruintes, como mostra a escala abaixo:

(5) escala de sonoridade, segundo Clements e Hume (1989)

	[soante]	[aproximante]	[vocóide]	ranqueamento de sonoridade
Obstruinte	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Líquida	+	+	-	2
Vocóide	+	+	+	3

Os segmentos, ao se organizarem em uma estrutura silábica, respeitam a escala de sonoridade a qual será crescente do ataque em direção ao pico da sílaba e decrescente do pico para a coda. Conseqüentemente, nem todo segmento poderá ocupar qualquer lugar na sílaba indistintamente como mostram os exemplos em (6).

(6)

p	a	r	p	r	a	*r	p	a
0	3	2	0	2	3	2	0	3

A primeira sílaba está de acordo com a escala de sonoridade, pois, o primeiro segmento /p/ possui o grau 0 na escala e o núcleo /a/ possui o grau 3, portanto, é crescente a sonoridade entre ataque e pico. O terceiro segmento /r/ é perfeitamente aceitável na posição de coda, pois, recebe o valor 2 fazendo com que a sonoridade seja decrescente do pico para a coda. A segunda sílaba também está de acordo com a escala de sonoridade, pois, o primeiro segmento /p/ possui o valor 0 e o /r/, que é o segundo elemento do ataque possui o valor 2, logo após o ataque complexo temos a vogal /a/ no núcleo com o valor 3, ou seja, a sonoridade é crescente do ataque para o núcleo.

A terceira representação não respeita a escala de sonoridade, visto que o primeiro segmento /r/ que estaria ocupando lugar do ataque tem valor maior que o segundo /p/ que estaria no pico silábico, o que significa que a sonoridade, nesta segunda representação, decresce do ataque em direção ao núcleo. Esse fato faz com que esta representação não se licencie como sílaba.

Como já exposto, o pico ou núcleo da sílaba é a parte com o maior grau de sonoridade, e, no PB, somente as vogais podem ocupar esta posição. No Inglês, as duas classes de segmentos com grau de sonoridade imediatamente inferior às vogais, quais sejam, nasais e líquidas também podem ocupar tal posição, porém, mesmo nestes casos a sonoridade crescente do ataque para o pico e decrescente do pico para a coda se mantém. A diferença entre os núcleos das sílabas do PB e do Inglês pode ser observada nos exemplos em (7) a seguir:

(7) Sílabas em Português

Sílabas em Inglês

Vogais como núcleo silábico

Vogais, nasais e líquidas como núcleo de sílaba

“pá” → núcleo /a/

guinea-pig (cobaia) → núcleo /ɪ/

“lar” → núcleo /a/

to hit (bater) → núcleo /ɪ/

“a” → núcleo /a/

to irritate (irritar) → núcleo /ɪ/

“ar” → núcleo /a/

it (ele/ela – neutro) → núcleo /ɪ/

criticism (crítico) → núcleo /ə/

euphemism (eufemismo) → núcleo /ə/

capital (capital) → núcleo /l/

penalty (punição) → núcleo /l/

pencil (lápis) → núcleo /l/

button (botão) → núcleo /n/

illusion (ilusão) → núcleo /n/

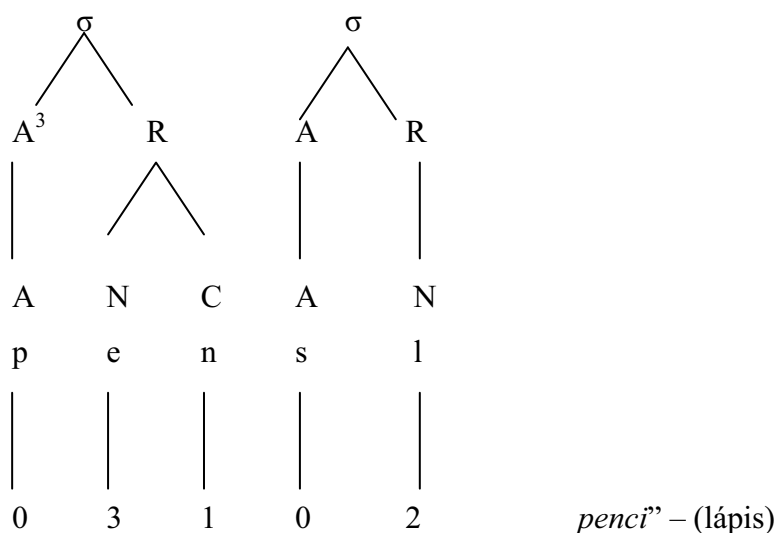
information (informação) → núcleo /n/

notation (notação) → núcleo /n/

rotten (podre) → núcleo /n/

Os exemplos acima demonstram que as sílabas do PB sempre terão uma vogal como núcleo, porém, nas sílabas em Inglês, outros segmentos podem ocupar esta posição, todavia a sonoridade crescente até o núcleo e decrescente depois deste permanece, como podemos verificar no exemplo explicado em (8).

(8)



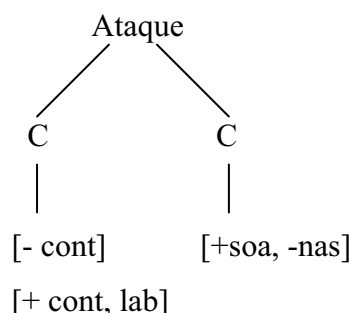
A palavra "pencil" será realizada como /'pensl/, ou seja, a primeira sílaba obedece à escala de sonoridade, pois, o primeiro segmento /p/ possui o valor 0, portanto a sonoridade aumenta até o núcleo que é uma vogal e possui o valor 3, do núcleo para a coda há uma

³ "A" equivale a Ataque e "R", a Rima, "N" a Núcleo e "C" equivale a Coda.,

sonoridade decrescente, pois o segmento presente na coda é uma nasal e esta possui o valor 1. A segunda sílaba, que não se apresenta licenciada pela fonotática⁴ do PB é bem formada em Inglês. O segmento presente no ataque é o /s/ que possui o valor 0 e o núcleo, neste caso, é uma líquida /l/ que possui o valor 2, portanto, a escala de sonoridade é respeitada, já que aumenta do ataque para o núcleo.

Bisol (1999) explica que a posição de ataque no PB pode ser ocupada por qualquer fonema do inventário da língua que apresente o traço [+ consonantal] quando há somente uma posição ocupada. Quando acontece o ataque complexo, a composição deste constituinte pode compreender, no máximo, dois elementos, sendo que os grupos permitidos são aqueles que possuem uma obstruinte não-contínua ou uma contínua labial combinada com líquida, vibrante ou lateral, excluídos os grupos /dl/ e /vl/. A condição que deve ser respeitada pelo ataque complexo no PB pode ser verificada em (9), a seguir:

(9)



(BISOL 1999. p. 20)

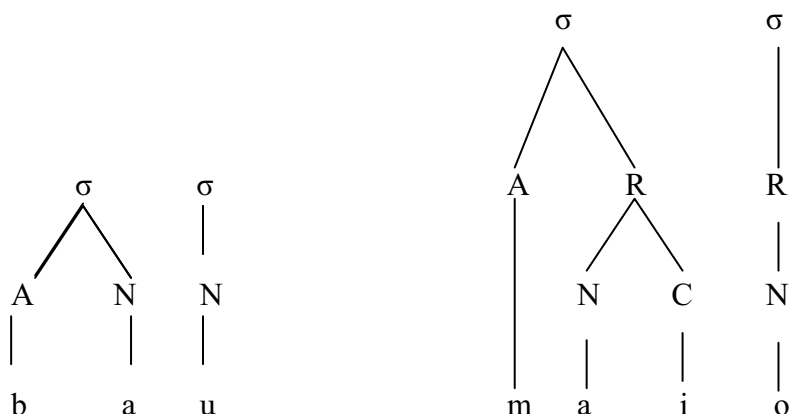
Em Inglês “qualquer consoante pode ocupar a posição de ataque simples, com exceção de /ʒ/ e /ɲ/. Se, porém, houver uma segunda consoante na posição de ataque, a primeira deve ser uma obstruinte,” (SELKIRK, 1982. p. 346). O ataque complexo deve respeitar, também, algumas restrições adicionais de colocação para combinar segmentos.

Não há núcleo complexo no PB, portanto, se houver uma sequência de vogais nessa língua, duas situações podem ocorrer: a primeira delas trata de tantas sílabas quantas forem as vogais do grupo, porque se todas as vogais forem fortes, cada uma delas será um núcleo

⁴ Fonotática: relações de sequência, etc, nas quais fonemas ou outras unidades fonológicas se organizam. É pela fonotática da língua, portanto, que é possível começar uma palavra em inglês com a sequência [str], mas não com [sfl]. Oxford Concise Dictionary of Linguistics – P. H. Matthews.

silábico, portanto, cada uma delas representará uma sílaba. No caso de uma vogal forte ser seguida por uma fraca, a primeira delas será núcleo da sílaba e a outra ocupará o lugar da coda, como mostra os exemplos em (10):

(10)

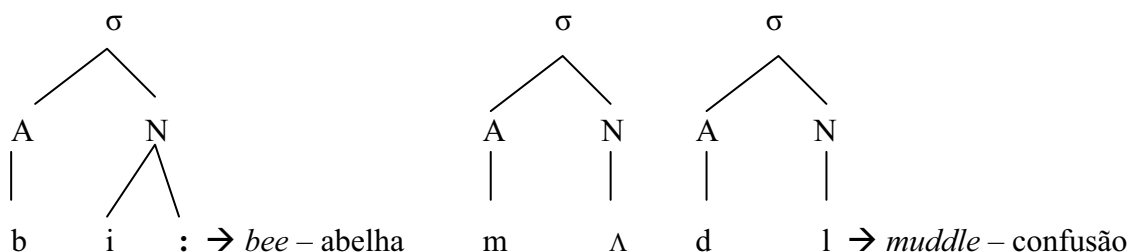


(BISOL, 1999. p. 29)

Na primeira situação, as duas vogais da palavra são núcleos silábicos e formam duas sílabas separadamente. No segundo exemplo, porém, o “a” é núcleo da primeira sílaba e o “i” passa a ser coda desta, o “o” é núcleo da segunda sílaba.

Diferentemente do que vimos para o PB, o núcleo de sílaba em Inglês pode conter um único elemento silábico, seja uma vogal ou uma soante silábica e, pode, ainda, conter um segundo elemento, ou seja, o Inglês aceita núcleos complexos, pois coloca os ditongos e as vogais longas no núcleo da sílaba. Exemplos de núcleos em Inglês podem ser verificados em (11):

(11)



No primeiro exemplo acima, a vogal longa /i:/ constitui núcleo complexo, pois ocupa dois lugares no núcleo. Já o segundo exemplo demonstra, em sua segunda sílaba, um núcleo sem vogal, com uma soante líquida.

Conforme o *template* (modelo) silábico de Selkirk (1982), a estrutura silábica ainda prevê a coda. No PB, assim como nas outras línguas romanas, a posição de coda pode ser preenchida por qualquer soante ou por uma única obstruinte, licenciada para essa posição /S/. No Inglês, todavia, qualquer consoante, não somente uma soante pode ocupar o lugar de coda; essa posição ainda pode conter no máximo duas consoantes, e, se isso ocorrer, a segunda deve ser uma obstruinte. Há que se lembrar que a coda é opcional nas duas línguas. Em (12) verificamos exemplos de palavras com coda em PB e em Inglês:

(12)

Palavras com coda em PB	Palavras com coda em Inglês
Par	<i>Car</i> (carro)
Sim	<i>Tom</i> (Tom, nome de homem)
Ás	<i>Yes</i> (sim)
Apto	<i>Cap</i> (boné)
Advogado	<i>Called</i> (ligou, chamou)
----	<i>Bob</i> (Bob, nome de homem)
----	<i>Next</i> (próximo)

Os exemplos acima demonstram claramente a diferença de ocupação da posição de coda nas duas línguas em questão. As soantes podem ocupar essa posição nas duas línguas, porém, o PB, por meio da condição de coda, explicada por Bisol (1999, p. 21) eliminará sílabas que tenham obstruintes nessa posição, portanto, uma sílaba como *bob* será excluída do elenco de sílabas em Português, pois terminaria em /b/. O falante brasileiro, neste caso, acrescenta uma vogal ao último /b/ para transformar esta sílaba mal formada no PB em uma sílaba CV, assegurando-se, assim, ela não será excluída. O mesmo acontece com palavras como “apto” ou “advogado”, um falante nativo do PB fará uma epêntese: colocará uma vogal /i/ depois de /p/ e de /d/ para mudar esta sílaba para CV. A epêntese acarretará uma ressilabação, ou seja, acrescentará uma sílaba à palavra mudando sua estrutura silábica original.

Um aspecto já mencionado que merece destaque é o fato de o Inglês possuir núcleo complexo, isto significa que ditongos e vogais longas podem ocupar esta posição. O PB não possui núcleo complexo, portanto, as vogais dos ditongos serão tratadas como coda e as vogais longas não são fonemas no PB, logo, não há distinção entre vogais curtas e longas em

nossa língua materna e é por isso que o falante de PB costuma pronunciar um núcleo complexo com /i:/ como sendo um núcleo simples como /i/. Transformar um núcleo complexo em simples acarretará alterações na estrutura silábica como veremos no Capítulo 8 sobre a análise fonológica dos dados.

As características das vogais longas e curtas são enfaticamente abordadas nesta pesquisa, visto que o traço [+ tenso] está intimamente ligado ao traço prosódico de duração, e, não havendo vogais longas no PB podemos prever que o aprendiz de Inglês, ao entrar em contato com tais vogais provavelmente as produzirá como curtas, já que são as únicas que conhece.

Para analisarmos as vogais /i:/ e /ɪ/, e as conseqüências que suas alterações causam na estrutura silábica, vamos averiguar os contextos nos quais cada vogal aparece e, a partir de então, confrontá-las. Assim sendo, tratamos do inventário de vogais do PB e do Inglês Americano Geral em duas seções separadamente.

1.3 Teoria da Otimidade

Os fenômenos fonológicos produzidos pela interferência do PB na aprendizagem de Inglês como língua estrangeira podem ser investigados a partir de várias teorias. Nesta pesquisa utilizamos também a Teoria da Otimidade de McCarthy e Prince (1993); Kager (1999) e Prince e Smolensky (1993) para fazer um exercício de confronto entre as duas gramáticas. Faz-se necessário, portanto, a apresentação deste modelo, a fim de verificarmos como são tratadas as propriedades universais das línguas e como essas propriedades se organizam em línguas particulares.

A Teoria da Otimidade (doravante TO) concorda com os modelos gerativos anteriores quanto à idéia de uma gramática universal, porém a TO apenas considera o *output* enquanto os outros observam o *input*. Vale lembrar ainda que as gramáticas individuais das línguas são variações da gramatical universal.

Para a TO, a Gramática Universal é um conjunto de restrições violáveis. Essa teoria também propõe que cada língua terá sua hierarquia, ou seja, seu ranqueamento de restrições que resultará em padrões responsáveis por sistemas particulares. Isso significa que as restrições são universais e violáveis, portanto, o que diferenciara uma língua da outra será a hierarquia dessas restrições. Por exemplo, em uma língua A, o ranqueamento de restrições pode ser o seguinte: R1>>R2>>R3 e em uma língua B mudar para R1>>R3>>R2.

A TO, diferentemente das teorias fonológicas anteriores, não considera as regras, que são, de denominação serial e devidamente ordenadas para explicarem os fenômenos fonológicos das línguas. Para a TO, todas as operações ocorrem de maneira paralela, por conseguinte, transformações e fenômenos fonológicos de qualquer natureza se dão simultaneamente, ou seja, sem qualquer estágio ou passo ordenado. Assim sendo, para esse modelo, o que existe são restrições universais, cuja principal propriedade é o fato de serem violáveis, isto é, uma restrição não é cegamente obedecida por um ou outro elemento de um possível *output*.

Vale ressaltar ainda que a TO difere dos outros modelos quanto à natureza da Gramática Universal e quanto ao funcionamento do mapeamento entre *input/output*. Para os outros modelos, o *input* é o ponto de partida, ou seja, há uma série de operações no nível subjacente e o resultado delas é o *output*. A TO vê a relação *input/output* mediada por dois mecanismos: GEN e EVAL. O GEN (do inglês *Generator* – *gerador*) criará objetos lingüísticos possíveis, já que todo objeto lingüístico que respeite a estrutura da língua em questão é candidato a *output*. O EVAL (do inglês *Evaluator* – *avaliador*) usará da hierarquia de restrições da língua para selecionar o melhor candidato entre aqueles produzidos por GEN.

A TO, segundo Prince e Smolensky (1993), prima pela teoria da boa formação que é por eles nomeada de avaliação harmônica (*harmonic evaluation* – H-eval), pois essa função de EVAL determina uma relativa harmonia entre os candidatos a *output*. Esses mesmos autores mostram ainda como seria encontrar uma sílaba bem formada por meio da TO. Para isso, os autores utilizam duas restrições, a restrição do *onset* (ataque da sílaba) e a restrição da harmonia do núcleo.

Itô (1986, 1989), apud Prince e Smolensky (1993) explica as restrições para uma boa formação da sílaba. A primeira restrição estabelece que toda sílaba deve ter um ataque, exceto para as que iniciam as frases. A segunda restrição, por sua vez, estabelece que um núcleo mais sonoro é mais harmônico que um núcleo de menor sonoridade. Após considerar essas restrições analisa-se o grupo de candidatos a *output* produzidos pelo GEN e o candidato ótimo será aquele que não violar as restrições mais altas.

As restrições são universais, porém, o que irá variar de língua para língua será a hierarquia destas restrições, portanto, a análise da hierarquia de restrições de uma língua indicará qual dos candidatos será considerado ótimo e será então acatado como a verdadeira realização daqueles segmentos em questão.

Para a análise da hierarquia de restrições, faz-se um *tableau* no qual se pode observar o candidato que menos fere as restrições de maior ranqueamento em determinada língua e este será considerado o candidato ótimo.

No exemplo dado por Prince e Smolensky (1993), serão analisadas as duas restrições mencionadas. A primeira, denominada ONS (*The Onset Constraint*) aponta que toda sílaba tenha ataque, exceto no começo de frase; a segunda HNUC (*The Nuclear Harmony Constraint*) estabelece que um núcleo mais sonoro é mais harmônico que um núcleo menos sonoro. Podemos ver em (13) como ocorrerá a escolha do melhor candidato a *output* seguindo a hierarquia de restrições.

(13)⁵

Candidatos	ONS	HNUC
/haul-tn/		
☞ ~. wL.~		/l/
~.uL.~	*	/u/

(PRINCE e SMOLENSKY, 1993. p.13)

A organização das restrições no *tableau* mostra a hierarquia entre elas. A primeira, por estar colocada à esquerda é a de ranqueamento mais alto, portanto, um candidato que a violar será automaticamente eliminado, porém, a segunda HNUC está ranqueada abaixo da ONS, portanto, se um candidato viola a segunda, porém, não viola a primeira, será considerado o candidato ótimo.

No exemplo acima, percebemos que o primeiro candidato será considerado o *output* ótimo porque não violou a restrição mais alta, ao contrário do segundo candidato, que, ao violar a restrição de ataque foi descartado como um possível *output*. A segunda restrição trata da sonoridade do núcleo e, percebe-se que o segundo candidato possui um núcleo mais sonoro

⁵ O *tableau* possui alguns símbolos e a interpretação correta deles dependerá a interpretação de seus dados. O símbolo ☞ chama a atenção para o candidato ótimo, o quadro em branco mostra que não há violação àquela restrição. O asterisco (*) mostra que houve uma violação àquela restrição e o quadro preenchido mostra que não será necessário para a conclusão da análise.

que o primeiro, porém, ao violar a primeira restrição já foi descartado, não sendo relevante a segunda.

Se, porém, invertêssemos a ordem das restrições do *tableau* teríamos outro candidato ótimo, o que demonstra que há uma hierarquia entre as duas restrições, ou seja, se a restrição de sonoridade do núcleo fosse ranqueada acima da restrição que exige um ataque na sílaba, o segundo candidato seria o escolhido, pois seu núcleo é mais sonoro que o outro e a restrição que exige o ataque seria colocada em segundo plano.

Ao analisarmos um fenômeno por meio da TO, teremos que observar os candidatos a *output* e a hierarquia de restrições da língua em questão, pois verificamos que as restrições são universais, ou seja, para todas as línguas, o que irá variar será o ranqueamento destas restrições.

Para os aprendizes de uma segunda língua, portanto, não raro surge a dúvida sobre qual é o melhor candidato para determinada palavra, visto que ainda não estão familiarizados com a estrutura da mesma dessa língua. Com o passar do tempo, os alunos internalizam essa estrutura e a interferência da língua materna diminui. Para Kager (1999), aprender uma língua envolve a aquisição da hierarquia de restrições universais dessa mesma língua, ou seja, devemos internalizar a gramática da língua alvo. Portanto, não seremos fluentes em uma língua estrangeira se continuarmos a utilizar a estrutura de nossa língua nativa quando quisermos falar a L2.

Ainda segundo Kager (1999) aprenderemos uma língua à medida que conseguirmos organizar o ranqueamento das restrições dessa determinada língua. Nesta pesquisa, buscamos descrever e analisar os processos fonológicos envolvidos na aquisição do ranqueamento de L2, considerando a relação entre L1 e L2. Portanto, ao fazermos um paralelo entre o PB - L1 e o Inglês - L2, o que pretendíamos era verificar como a hierarquia de restrições de L1 interfere na aquisição da hierarquia de L2 e em que sentido essa interferência compromete a interação entre os falantes.

Os aprendizes reproduzem as vogais do inglês como fazem com as vogais do PB e, nesse momento, pronunciam palavras transmitindo informações, várias vezes, diferentes do que era inicialmente pretendido. Assim o objeto de estudo desta pesquisa foi a identificação das interferências que ocorrem, quando os aprendizes produzem certos segmentos do Inglês como se estivessem falando PB, o que na TO significa afirmar que eles violam restrições da L2.

Nobre-Oliveira (2007) afirma que as principais causas de dificuldade tanto na percepção de uma língua estrangeira quanto na produção estão nas diferenças inter-

linguísticas, isto é, o que se aproxima muito nas duas línguas pode ser um facilitador no momento da aprendizagem e as diferenças podem ser obstáculos para que tal aprendizagem aconteça. As diferenças entre as línguas que interferem na aquisição de uma nova língua estão relacionadas ao repertório do sistema de vogais de cada uma; a similaridade destas vogais e, por último, às diferenças acústicas destas vogais.

Quanto mais dois sistemas lingüísticos se diferenciarem em número de vogais, maior será a probabilidade de aprendizes de L2 terem dificuldade na percepção e na produção das vogais desta segunda língua, visto que se está acostumado com um determinado número de vogais e quando se depara com um língua que possui um inventário diferente pode não conseguir se adaptar a ele.

Nobre-Oliveira (2007) explica que, no caso das similaridades, se um aprendiz estuda uma língua que possui um número diferente de vogais que a sua e, há fonemas nesta segunda língua que não fazem parte do inventário de vogais de sua língua materna, ocorre a tendência do aprendiz em produzir este som desconhecido como o som que mais se aproxima dele em sua própria língua, por exemplo, há em Inglês duas vogais altas frontais /i/ e /I/, podendo a primeira ser longa ou curta, e, no PB somente uma. O falante nativo de PB tende a produzir os dois sons de uma mesma maneira, sem fazer diferenciação alguma, podendo produzir significados diferentes do pretendido, ou até mesmo deixar de fazer diferenciações de significado por produzir todas as palavras que possuem os dois segmentos de uma mesma maneira. Em TO, isto significa que o falante está levando a hierarquia de restrições do PB para o Inglês sem perceber que as restrições são universais, porém, a hierarquia muda de língua para língua.

A partir destas considerações, Delgado Martins (1973) conclui que o desenvolvimento de percepção das línguas é influenciado pelo *input* a que os aprendizes estão expostos. Nobre-Oliveira (2007), observando os estudos de Escudero (2001), vai além ao defender que a percepção pode ser alterada, se o *input* apropriado for fornecido.

Nesta pesquisa, objetivamos investigar as restrições do Inglês violadas pelos falantes nativos de PB enquanto aprendizes de língua estrangeira decorrentes da interferência de L1 em L2; buscamos ainda descrever os fenômenos fonológicos advindos desta interferência, podendo, assim, até mesmo contribuir para a diminuição dessa interferência.

Para analisarmos os dados obtidos e propor um exercício de aplicação dos mesmos à TO para verificar as gramáticas do PB e do Inglês em confronto, fez-se necessário conhecer os inventários de vogais do PB e do Inglês, o que está apresentado no Capítulo a seguir.

2 AS VOGAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Roca e Johnson (1999) na descrição dos segmentos vocálicos consideram os seguintes aspectos: posição da língua em termos de altura, posição da língua - anterior/posterior e arredondamento ou não dos lábios.

Há ainda a caracterização das vogais feita pelo traço de tensão. Esta pesquisa teve como foco as vogais altas do Inglês em comparação com uma única vogal alta do PB e buscou identificar os processos fonológicos que ocorrem quando um aprendiz se depara com as duas vogais, /i:/ [+ tenso] e /ɪ/ [- tenso]. Para a análise a que nos propusemos, observamos, primeiramente, os sistemas vocálicos destas duas línguas.

2.1 O sistema vocálico do Português Brasileiro

As sete vogais do português são apresentadas de forma simétrica por Câmara Jr. (1970) tendo como vértice mais baixo a vogal /a/. A movimentação da língua, ou sua elevação, será responsável pela classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias (de 1º e 2º graus) e vogais altas. A articulação da parte anterior, central ou posterior da língua classificará a vogal em: anterior, central ou posterior respectivamente. O terceiro parâmetro para a descrição dos segmentos vocálicos será o arredondamento ou não dos lábios, o que caracteriza as vogais em arredondadas e não arredondadas.

(14) As vogais do português em posição tônica, segundo Câmara Jr. (1970. p.43):

Posição Tônica				
Arredondadas			Não - arredondadas	
Altas	/u/		/i/	
Médias	/ô/		/ê/	(2º grau)
Médias	/ó/	/é/		(1º grau)
Baixa	/a/			
	/posteriores/	/central/	/anteriores/	

Na posição tônica aparecem os sete segmentos vocálicos do PB, mas nas posições átonas este número é reduzido. Em (15), a seguir, podemos observar o que acontece em posição átona no PB, segundo Câmara Jr. (1970. p. 44).

(15) **Posições átonas**

Na posição pretônica, as vogais ficam reduzidas ao número de 5.

(a) Vogais em posição pretônica:

Altas	/u/	/i/
Médias	/o/	/e/
Baixa	/a/	

Nesta posição, não há distinção entre as vogais médias de primeiro e segundo graus. Exemplos: b[ɛ]lo → b[e]leza; s[ɔ]l → s[o]laço.

Em posição átona final as vogais do Português ainda segundo Câmara Jr. (1970) reduzem-se a três, portanto, /a/, /i/ e /u/ serão as únicas vogais existentes em sílabas finais de palavras se estas forem átonas. Exemplos: val[i] e não val[e]; ou ainda bol[u] e não bol[o].

(b) Vogais em posição átona final:

Altas	/u/	/i/
Baixa	/a/	

(Câmara Jr., 1970, p. 44)

Para Câmara Jr. (1970), nas vogais átonas não finais, há a neutralização entre /o/ e /u/, mas não entre /e/ e /i/. São exemplos, do autor: “ídolo” rima com “estrídulo”, porém, o mesmo não ocorre com as palavras que possuem /e/ e /i/; não sendo reconhecido *num/i/ro para num/e/ro. Palavras como “pêssego” e “fôlego” que se apresentam como pêss/i/go e fôl/i/go são contra-exemplos ao que postula o autor.

(c) As vogais em posição átona não-final:

Altas	/u/	/i/
Médias	/../	/e/
Baixa	/a/	

(Câmara Jr., 1970, p. 44)

Todas as vogais do PB podem aparecer em posição tônica, porém, até mesmo a posição tônica não compreenderia todas as vogais deste estudo. A vogal alta não arredondada do PB está catalogada por Câmara Jr. (1970), todavia as duas vogais do Inglês analisadas neste estudo não encontrariam um lugar distintivo para elas, pois, não há uma quinta altura para catalogar o /ɪ/. A dificuldade de analisar as vogais estudadas somente pela classificação de Câmara Jr. (1970) pode ser vista em (16).

(16)

(a) **Posição Tônica**

Arredondadas		Não - arredondadas	
Altas	/u/	/i/	
		/ɪ/	
Médias	/ô/	/ê/	(2º grau)
Médias	/ó/	/é/	(1º grau)
Baixa	/a/		
	/posteriores/	/central/	/anteriores/

Não seria possível fazer o contraste entre as duas vogais enfocadas neste estudo ([i:] e [ɪ]), na proposta de Câmara Jr. (1970), pois a vogal [ɪ] não é fonema do PB, e, mesmo se fosse, não conseguiríamos uma distinção entre as duas com as classificações dadas pelo autor, pois para ele o traço [tenso] não é parte da classificação. As duas seriam classificadas como vogais altas, anteriores, não arredondadas, não havendo assim distinção entre elas. A duração também não faz parte da análise de Câmara Jr. (1970), sendo mais um aspecto que dificultaria

o estudo das vogais desta pesquisa, somente de acordo com a descrição feita pelo referido autor.

Nobre-Oliveira (2007) ressalta que, apesar de a classificação de Câmara Jr. (1970) ser tomada como padrão para o PB, algumas variações regionais ocorrem. A vogal /e/, por exemplo, pode ser encontrada em posição pós tônica em algumas regiões do Paraná, neste caso, palavras como “leite” e “este” são assim pronunciadas: [‘lej.te] e [‘es.te]. Outro caso destacado pela autora é a presença das vogais /ɛ/ e /ɔ/ em posição pré-tônica em algumas partes do Nordeste Brasileiro, assim, palavras como “colégio” e “beleza” teriam as vogais /ɛ/ e /ɔ/ na posição pré-tônica e não as vogais /e/ e /o/, sendo assim pronunciadas: [kɔ.ˈlɛ.]gio e [bɛ.ˈlɛ]za.

Nos vários trabalhos apresentados por Nobre-Oliveira (2007), encontramos uma característica essencial do PB; as vogais deste inventário não diferem significativamente em termos de duração e há somente três vogais centrais em posição de acento, uma alta e duas médias. A autora observa ainda que, no PB, somente há uma vogal posterior em posição de acento. Essas observações distinguem o PB do Inglês Americano Geral quanto às vogais frontais e posteriores.

Ainda sobre o PB, Câmara Jr. (1970) escreve sobre as vogais nasais. Para o referido autor, a vogal nasal no PB é na verdade um conjunto de dois fonemas, ou seja, uma combinação de uma vogal com um elemento nasal⁶.

No PB, portanto, podemos encontrar sete, cinco ou três vogais, dependendo da posição na palavra. Verificamos agora o inventário das vogais do Inglês para fazer uma comparação entre os dois.

⁶ O autor apresenta três argumentos, o primeiro trata da não ocorrência de crase nesses vocábulos; o segundo é a existência de /r/ múltiplo somente depois de vogal nasal, situação que somente ocorre quando a sílaba é fechada por consoante e o terceiro é a inexistência de hiatos nasalizados, ou seja, a não existência de hiatos com a presença de nasalização indica que já existe um elemento entre estas duas vogais, qual seja, uma consoante nasal não especificada.

3 AS VOGAIS DO INGLÊS

Nos estudos que tratam do sistema fonológico do inglês, normalmente há uma concordância em relação ao inventário de consoantes da língua. Diferentes conclusões, no entanto, surgem referentemente ao inventário de vogais, com divergências não somente quanto ao número de segmentos vocálicos, mas também quanto à simbolização utilizada para representar esses fonemas. Essa variabilidade de posicionamentos acontece, por um lado, pelo grande número de dialetos do Inglês que possuem sistemas distintos de vogais, por outro, pela quantidade de falantes desta língua, que com o passar do tempo e com a influência de outras línguas, realizam as vogais com diferentes pronúncias e proliferam as muitas maneiras de se produzir um determinado segmento.

Segundo Kreidler (1989), as vogais são ressonantes e, ao serem articuladas, partículas de ar vibram em padrões repetitivos e regulares. O autor mostra ainda que a diferença de proeminência entre duas sílabas é feita por meio das vogais, pois, a vogal como núcleo de sílaba possui um grau de sonoridade maior que o segmento que a precede e também maior que aquele que a segue. Portanto, quando duas sílabas vizinhas diferem em altura, esta diferença dar-se-á pelas duas vogais das respectivas sílabas.

Kreidler (1989) destaca o fato de as vogais terem o traço [+ contínuo], isto se dá porque para a sua produção não há interrupção de ar no trato vocal, portanto, não há contato entre a língua ou o lábio inferior com parte da boca, neste caso as vogais recebem o traço [-consonantal], pois não possuem o ponto de articulação caracterizador dos segmentos que possuem o traço [+ consonantal].

Roca e Johnson (1999) fazem referência a muitos dos diferentes sotaques que existem no mundo e explica que alguns são considerados como padrão por muitos falantes e lingüistas, por exemplo, o Inglês Americano Geral (General American – GA) e o Padrão Britânico (British Received Pronunciation – RP).

Alguns dos dialetos mencionados pelo autor possuem características fonológicas distintas entre si e são citados aqui somente como exemplos, e não foram avaliados na pesquisa. Dentre as características avaliadas pelo autor destacam-se: (i) roticidade – ocorrência de /r/ em todas as posições, enquanto nos dialetos não róticos /r/ só aparece antes das vogais; por exemplo, a palavra *car* (carro) será pronunciada como c/a:/ em alguns dialetos; (ii) distinção entre duração das vogais – significa que pelo menos algumas vogais terão sua distinção feita por sua duração, ou seja, haverá uma vogal curta para uma

correspondente longa em seu par; como as vogais /i/ em *family* (família - que se pronuncia /fəmil/i/) e /i:/ como em *leave* (sair - que se pronuncia /li:/ve) ; (iii) ligação ou /r/ intrusivo – refere-se à pronúncia de um /r/ entre uma vogal não alta e uma vogal seguinte, sendo ou não o /r/ pronunciado quando a palavra está isolada ou aparecendo ou não na escrita. Exemplos: *hair and nails* (cabelo e unhas) há ligação, *law-r-and order* (leis e ordem) há /r/ intrusivo.

Observemos, então, exemplos de três dialetos do Inglês, com um repertório distinto de vogais: o dialeto do Norte da Inglaterra é na sua maior parte não rótico e possui distinção de duração para as vogais, há ligações ocasionais e há /r/ intrusivo; o dialeto de Londres, chamado de Cockney, é não rótico, possui distinção de duração para as vogais e possui ligação e /r/ intrusivo. Uma característica marcante deste dialeto é a eliminação do “h” inicial, portanto palavras como *home* (lar) soam como *ome*. Neste dialeto, não há aspiração em palavras como *when* (quando), há vocalização do /l/ final e as vogais não são nasalizadas antes de consoantes nasais; o dialeto considerado como padrão do Inglês Britânico é o *British Received Pronunciation* (RP) que possui as seguintes características: é não rótico, ou seja, uma palavra como *bear*” (barba) soará como /biəd/, há ligações e /r/ intrusivo, há distinção na duração das vogais e não há aspiração em palavras como *when* (quando), há a simplificação de ditongos em alguns contextos. Diferentemente do dialeto Cockney, o “h” inicial não é eliminado.

Este estudo teve como foco o Inglês Americano Geral (General American - GA), tratado somente como Inglês, visto que esta categoria é a mais comum no ensino de línguas em nosso país, por isso, é também a de maior incidência nas escolas e nos institutos de idiomas, o que possibilitou-nos um maior acesso aos dados e um melhor parâmetro para a pesquisa. Entende-se por Inglês Americano Geral, como definido pelo dicionário *Oxford Concise Dictionary of Linguistics* (2005) o dialeto da maioria dos falantes de Inglês dos Estados Unidos, não sendo um sotaque específico ou indicativo de nenhuma região em particular. Entretanto, mesmo entre os autores que estudam este dialeto há divergências. Verificamos que o inventário de vogais do Inglês é apresentado diferentemente pelos autores.

Uma das primeiras descrições do sistema vocálico do inglês foi realizada por Jones (1956, apud KREIDLER, 1989). Sua descrição do Inglês é conhecida como RP (*received pronunciation*), dialeto falado pela classe média de Londres e, às vezes, chamado de Inglês da BBC, pois é usado pelos repórteres âncoras da Televisão Britânica e ensinado pelo Consulado Britânico em outros países.

Jones (1956, apud KREIDLER, 1989. p. 295) reconhece 20 unidades de vogal no Inglês RP, sendo 6 vogais curtas, 5 longas, 3 ditongos frontais, 2 ditongos posteriores e 4 ditongos centrais, como se vê em (17):

(17)

Vogais curtas: i (pit); u (put); e (pet); ʌ (putt); æ(pat); ɒ(pot)

Vogais longas: i:(beat); u: (boot); ə:(Bert); a:(Bart); ɔ:(bought)

Ditongos frontais: ei(bay); ai (buy); ɔi (boy)

Ditongos posteriores: ou (no); au (now)

Ditongos centrais: iə (fear); uə (tour); ɛə (fair); ɔə (four)

Além dessas 20 unidades vocálicas que ocorrem em sílabas com e sem acento, há a vogal central /ə/ “schwa” cuja ocorrência se dá em sílabas não acentuadas.

O trabalho de Jones (1956) trata do Inglês Britânico; o Inglês Americano, por sua vez, teve uma de suas primeiras descrições feita por Kenyon e Knott (1944, 1953) quando produziram *A Pronouncing Dictionary of American English*. Esses autores dividiram os dialetos do Inglês Americano como Inglês do Leste (E), do Sul (S) e do Norte (N). O primeiro termo compreendia *New England* e a área metropolitana de New York. O Sul inclui *Virginia, North Carolina, South Carolina, Tennessee, Florida, Georgia, Alabama, Mississippi, Arkansas, Louisiana, Texas* e partes de *Maryland, West Virginia, Kentucky e Oklahoma*. O do norte inclui o restante dos Estados Unidos, onde falam um dialeto conhecido como Inglês Americano Geral (*general american*). Esse dicionário tem seus símbolos muito próximos daqueles contidos no alfabeto fonético internacional e tem como base a pronúncia do Inglês Americano Geral (usado para descrever uma variedade de discurso que não traz marcas de regionalismos ou de um determinado grupo social, ou seja, o inglês geral não deve ser identificado como nenhum tipo específico de sotaque americano). O inventário de Kenyon e Knott (1944, 1953, apud KREIDLER, 1989. p. 299) encontra-se em (18).

(18)

Front Vowels			Back Vowels
i beat			u boot
I pit			ʊ put
e bay	ɜː Bert	manner æ	o no
	ɜ Bert	manna ə	
ɛ pet	ʌ putt		
æ pat			
a	ɑ Bart		ɔ bought
			ɑ # ɒ pot
aɪ buy	aʊ now	ɔɪ boy	ɪʊ few

Kenyon e Knott (1944, 1953, apud KREIDLER) não incluíram os ditongos centrais em seu inventário, pois consideram ser uma vogal seguida de uma consoante /r/. Essa análise tem sido aceita por lingüistas americanos, embora tenha sido geralmente modificada. Um exemplo dessa modificação está representada em (19), a seguir, no estudo feito por Fromkin & Rodman (1978).

(19)

Front Vowels		Back Vowels
i beat		u boot
I pit		ʊ put
e bay	ə above	o no
ɛ pet	ʌ above	
æ pat	a pot	ɔ bought
ay buy	aw/ æw now	ɔy boy

Algumas diferenças são encontradas entre os segmentos vocálicos do Inglês que podem se apresentar no inventário de vogais, na incidência das mesmas ou ainda na sua pronúncia ou realização fonética. Entende-se por incidência a ocorrência de determinada vogal em lugares particulares de itens lexicais, sendo que diferentes dialetos podem ter o mesmo número de vogais e utilizá-las em diferentes itens lexicais. O PB e o Português Europeu possuem o mesmo número de vogais, apesar de, muitas vezes elas apresentarem-se em itens lexicais diferentes. Tanto o PB quanto o Português Europeu, por exemplo, possuem a

vogal /e/ em seu repertório de vogais, entretanto, a palavra “estrela” terá sua primeira vogal pronunciada no PB, podendo ser reduzida quando pronunciada por um falante do Português Europeu.

Para investigar alguns dos possíveis inventários de vogais do Inglês tomamos por base aquele elaborado por Kreidler (1989. p. 50). O autor estabelece um inventário mais geral contendo 24 vogais, pois, para explicar como os vários dialetos se aproximam e se diferenciam um do outro é necessário um mais geral que possibilite trabalhar com todas as vogais dos dialetos em questão. O autor utiliza o termo vogal para vogais simples, ditongos e até mesmo tritongos. Divide as 24 vogais de seu inventário da seguinte maneira:

6 vogais presas (“*checked vowels*”)⁷

9 vogais livres (“*free vowels*”)

9 vogais R

As seis primeiras vogais apresentadas são chamadas de presas, porque em palavras monossilábicas elas são sempre seguidas de uma consoante.

(20)

/ɪ/ CHICK

/ʊ/ FOOT

/ɛ/ STEP

/ʌ/ NUT

/æ/ BAT

/ɔ/ LOCK

(KREIDLER, 1989. p. 51)

As nove vogais livres ocorrem em sílabas abertas e também em sílabas fechadas por uma ou mais consoantes. São representadas pelos seguintes símbolos:

7 Usaremos o termo “vogais presas” para *checked vowels* – tradução livre.

(20)'

/ii/ TREE	/uu/ BREW	
/ei/ DAY	/ou/ TOE	
/aa/ SPA	/ɔɔ/ LAW	
/ai/ TIE	/oi/ TOY	/au/ NOW

(KREIDLER, 1989. p. 52)

De acordo com o inventário proposto por Kreidler (1989. p.52), as vogais R são as seguintes:

(20)''

/ir/ EAR	/ur/ TOUR
/er/ CHAIR	/or/ DOOR
/ɜr/ FUR	
/ar/ STAR	/ɔr/ WAR
/air/ FIRE	/aur/ SOUR

Em dialetos não róticos, palavras como *fur* (pelo), *star* (estrela) e *wa*'' (guerra) possuem vogais longas; palavras como *ear* (orelha), *chair* (cadeira), *tour* (viagem, tour) e *door* (porta) possuem ditongos centrais e outras como *fire* (fogo) e *sour* (azedo) possuem os chamados tritongos.

Ladefoged e Maddieson (1996) também definem as vogais por uma característica fisiológica, a de não haver constrição no trato vocal quando são produzidas e também por sua função definida dentro da sílaba. Para a maioria dos sistemas vocálicos, esses autores definem um parâmetro básico de três escalas: as vogais podem ser altas ou baixas, frontais ou posteriores e ainda, arredondadas e não arredondadas.

Segundo Kreidler (1989) as características articulatórias que diferenciam as vogais são: qualidade, duração, complexidade e tensão. A tensão, entretanto, responsável pela diferenciação de vogais no Inglês não é distintiva para as vogais frontais altas no PB.

A primeira das características é a qualidade, determinada pela ressonância, a qual dependerá principalmente da posição da língua. A língua (frente, centro ou parte posterior) pode estar posicionada em diferentes alturas, as quais foram convencionadas como alta, média e baixa. A qualidade das vogais também depende dos lábios, se estão mais arredondados ou mais abertos. Portanto, para se falar nas qualidades das vogais pensamos nos termos frontal, central, posterior, alta, média, baixa, arredondada e não arredondada.

As vogais também se diferenciam pela duração, podendo ser curtas ou longas, como podemos observar nos exemplos em (21).

(21)

Inglês			
Vogais Curtas		Vogais Longas	
Bit – [bɪt]	‘pouco’	Beat - /bi:t/	(batida)
Lid - /lɪd/	‘tampa’	Lead - /li:d/	(liderar)
Sit - /sɪt/	(sentar)	Seat - /si:t/	(poltrona)

Português			
Vogais Curtas		Vogais Longas	
Mito		-----	
Líder		-----	

Os exemplos acima demonstram que em Inglês as vogais longas são comuns e possuem o traço [+ tenso] acarretando, com isso, mudança de significado. No PB, não há alongamento de vogal e o traço [+ tenso] não é distintivo para estas duas vogais, portanto, para o falante de PB não haverá mudança de significado se uma vogal for pronunciada longa ou curta.

A complexidade segmental também pode diferenciar as vogais, fazendo a distinção entre uma vogal simples ou monotongo e uma vogal complexa ou ditongo. Para uma vogal simples os lábios se mantêm relativamente estáveis durante toda a articulação, enquanto um

ditongo é feito com a movimentação da língua e dos lábios. Em PB, não se admite vogal complexa, conforme estudo apresentado na seção 1.2 sobre a sílaba no Capítulo 1, somente a vogal pode ser núcleo e, se houver uma segunda vogal na seqüência, teremos um ditongo e não uma vogal complexa como veremos em (22):

(22)

Vogal simples: *sit* (sentar) → s/ɪ/t; *man* (homem) → m/æ/n; *bill* (conta) → b/ɪ/l/

Vogal complexa ou Ditongo para o Inglês: *day* (dia) → d/ei/; *tie* (gravata) → t/ai/; *toe* (dedo do pé) → t/ou/; *bee* (abelha) → b/i:/

Somente Ditongo para o Português: *pai* → p/aj/; *cai* → c/aj/

A última característica distintiva é a tensão, explicada por Chomsky e Halle (1968) como sendo um esforço considerável feito pela musculatura para manter o gesto de execução do fonema por mais tempo que para aquele [- tenso], conforme exemplificado em (23).

(23)

m/æ/n (vogal tensa) x m/e/n (vogal não tensa)

Green (2001. p. 2) afirma que o Inglês faz a distinção entre vogais tensas e não tensas; para ilustrar podemos destacar os pares mínimos: *hit-heat*, *bet-bait*, *soot-suit*, *butt-boat*. A vogal [- tenso] (*lax*) tem uma pronúncia curta e monotongada enquanto a vogal [+ tenso] é longa, próxima a uma vogal cardinal e pode tender à ditongação. Tensão e duração co-ocorrem em Inglês: vogais não tensas são curtas, enquanto vogais tensas são longas (em sílabas com acento), é o que podemos verificar nos exemplos em (24).

(24)	<i>Tense Vowel</i> [i:]	<i>Lax Vowel</i> [ɪ]
	<i>bean</i> (feijão)	<i>bin</i> (container, lata de lixo)
	<i>beat</i> (bater)	<i>bit</i> (pouco)
	<i>deed</i> (ato)	<i>did</i> (passado do verbo to do – fazer)
	<i>deep</i> (profundo)	<i>dip</i> (patê)
	<i>feel</i> (sentir)	<i>fill</i> (preencher)

Vários outros estudos sobre a distribuição de vogais tensas e não tensas foram desenvolvidos, dentre eles destacamos os de Chomsky & Halle (1968), Kahn (1976), Lass (1976), Halle (1977), Halle & Mohanan (1985), Borowsky (1986, 1989), Hammond (1999). Conforme esses estudos as vogais tensas estão licenciadas para ocupar a sílaba aberta final acentuada de monossílabos e as vogais não tensas não. Os dados em (25) demonstram esses casos:

(25)

To see (ver) – /si:/

Tea (chá) - /ti:/

Percebemos pelos exemplos que as vogais longas ocorrem em monotongos, porém, não há palavras como */sɪ/ ou */ti/, ou seja, com vogais [- tenso] neste contexto. Outro contexto no qual as vogais [- tenso] também não aparecem é em sílaba fechada pelos segmentos [ð] ou [ʒ]; quando internamente em uma palavra, vogais não tensas podem aparecer antes desses fonemas, como em *gather* (juntar), *azure* (azulado), *wither* (murchar, secar), *vision* (visão).

Antes de [ŋ] as vogais não tensas podem aparecer, assim como antes de grupos de consoantes contendo uma consoante não coronal (plosiva + fricativa; fricativa + plosiva; soante + obstruente). As vogais tensas, por outro lado, não ocorrem nesses ambientes como percebemos em: *link* (conexão), *sing* (cantar), *tempest* (tempestade), *abrupt* (abrupto), *camp* (acampamento), etc.

Hammond (1999) também elaborou um repertório de vogais para o Inglês Americano, Segundo esse autor, há muita variação dialetal no que se refere às vogais. Entretanto ele elabora um inventário básico com 11 fonemas (/i/, /ɪ/, /e/, /ɛ/, /æ/, /u/, /ʊ/, /o/, /ʌ/, /ɔ/, /ɑ/)

As vogais /ɪ/, /ʊ/, /ʌ/, /ə/, /ɛ/ e /æ/ são vogais que possuem o traço [- tenso], ou seja, são vogais que, para serem produzidas, pedem uma constrição dos articuladores menor que o seu par que possui o traço [+ tenso]. Para o autor, as vogais tensas são chamadas de longas e as vogais não tensas são chamadas de curtas. Em alguns dialetos, este paralelo é inadequado, exemplificando, temos o Inglês Padrão Escocês, como citado por Roca e Johnson (1999) que não faz distinção de duração entre as vogais /i/ e /ɪ/, tendo as duas exatamente a mesma duração para um falante deste dialeto.

3.1 As vogais do inglês segundo Chomsky e Halle

Chomsky e Halle (1968) classificam as vogais do inglês de acordo com a posição da língua em termos de altura [+ alta], [- alta], [+ baixa] ou [- baixa]; quanto à retração do corpo da língua [+ posterior] ou [- posterior] e quanto ao arredondamento dos lábios [+ arredondada] ou [-arredondada]. Esta classificação harmoniza-se com a classificação feita por Câmara Jr. (1970) para as vogais do Português. Exemplos de vogais do Inglês de acordo com a classificação de Chomsky e Halle (1968) podem ser verificados em (26).

- (26) Vogal [+ alta] → /i/
Vogal [+ baixa] → /æ/
Vogal [- alta] e [- baixa] → /e/
Vogal [+ posterior] → /u/
Vogal [- posterior] → /i/
Vogal [+ arredondada] → /u/
Vogal [- arredondada] → /i/

Por meio desta descrição podemos observar que não se faz presente na descrição do PB, a classificação das vogais quanto ao avanço da raiz da língua, atribuindo, assim, os traços [+ tenso] ou [- tenso] a esses segmentos:

O sistema vocálico do Inglês, segundo Chomsky & Halle (1968), está representado no Quadro elaborado por Pullum e Ladusaw (1986, p. 300).⁸

⁸ A tradução dos termos é a seguinte: [+ *back*] – [+ posterior]; [- *back*] – [- posterior]; [+ *round*] – [+ arredondada]; [- *round*] – [- arredondada]; [+ *high*] – [+ alta]; [- *high*] – [- alta]; [+ *low*] – [+ baixa]; [- *low*] – [- baixa]; [+ *tense*] – [+ tensa]; [- *tense*] – [- tensa]; *high vowels* – vogais altas; *mid vowels* – vogais médias e *low vowels* – vogais baixas.

Quadro 1

		[- back]		[+ back]		
+ high	[+ tense]	i	ü	ɨ	u	(high vowels)
		ɪ	ʊ	ɪ	ʊ	
- low	[- tense]					
- high	[+ tense]	e	ö	ʌ	o	(mid vowels)
- low	[- tense]	ɛ				
- high		æ	ɶ	a	ɔ	(low vowels)
+ low						

Chomsky e Halle (1968) classificam, como pode ser observado no quadro acima, as vogais quanto à “tensão”, com o traço [+ tenso] *tense vowels* e as vogais com o traço [- tenso] *lax vowels*. Esse traço deverá ser estudado separadamente, pois, representa a base para a análise dos fenômenos fonológicos analisados nesta pesquisa.

As vogais do Inglês e do PB já foram apresentadas e, na seção seguinte, apresentamos alguns fenômenos fonológicos que ocorrem com as vogais.

3.2 O traço [+ tenso] nas vogais do Inglês.

A “tensão”, segundo Chomsky e Halle (1968), especifica a maneira pela qual um dado som será produzido pela musculatura supra-glotal. Os sons [+ tenso] serão produzidos por meio de um movimento voluntário e maximizado que envolverá um esforço muscular bastante considerável, tanto para as vogais quanto para as consoantes, desse modo, os órgãos articulatórios manterão a configuração necessária para a produção desses sons por um tempo mais longo. Para aqueles sons sem esse traço, ou seja, [- tenso], a configuração dos gestos para a sua produção é feita de maneira mais rápida e superficial.

Diferentemente de Chomsky e Halle (1968), Ladefoged (1975) afirma que a diferenciação desses dois grupos de vogais não se trata somente de “tensão”. Para o autor, a diferença entre esses dois grupos reside no tipo de sílaba em que as vogais ocorrem. Sílabas chamadas de fechadas (*closed syllables*) aceitam vogais com mais ou menos tensão, ou seja, todas as vogais podem aparecer nessas circunstâncias. Já as sílabas abertas (*open syllables*) em monossílabos só admitem um número restrito de vogais (tensas), como podemos ver nos

exemplos a seguir: em sílabas fechadas é possível encontrar: *seat* (poltrona) - s[i:]t ou *to sit* (sentar-se) - s[ɪ]t, em sílaba aberta em monossílabos temos apenas *to see* (ver) s[i:].

Jensen (1993) corrobora a explicação de Ladefoged (1975) ao referir-se às vogais [-tenso] (*lax*) como fechadas, pois em um monossílabo acentuado elas devem ser seguidas por uma consoante na coda. As vogais [+tenso], em contrapartida, são consideradas vogais livres, pois não sofrem a mesma restrição, podem ou não ser seguidas de coda em um monossílabo acentuado, como em *beet* (beterraba) ou *bee* (abelha).

Da mesma forma que Ladefoged (1975), Green (2001. p. 2) estabelece distinção entre as vogais [+tensas] e as menos [-tensas] do inglês, como observamos em (27) a seguir:

(27)

Vogais [+ tensa] e [- tensa]		
	[+ tensa]	[- tensa]
a-	h[i:]t <i>heat</i> (calor)	h[ɪ]t <i>hit</i> (bater)
b-	b[ej]t <i>bait</i> (isca)	b[ɛ]t <i>bet</i> (apostar)
c-	b[u]t <i>boot</i> (bota)	b[ʌ]t <i>but</i> (mas)

O exemplo (a) mostra que a vogal com o traço [-tenso] possui uma pronúncia única e menos centralizada em relação à vogal cardinal [i]. A vogal com o traço [+tenso] é longa e possui uma característica mais próxima da vogal cardinal [i] e tende a ser pronunciada como um ditongo [ij] em alguns dialetos, Green (2001) compartilha da mesma avaliação de Chomsky e Halle (1968) concluindo que “tensão” e “duração” geralmente co-existem em Inglês, ou seja, vogais com o traço [+tenso] são longas e vogais com o traço [-tenso] são curtas (em sílabas acentuadas).

Os exemplos a seguir ilustram como o traço [+tenso] ou [-tenso] funciona distintivamente no inglês para separar as vogais [i:] e [ɪ]:

(28)

<i>Tense Vowel</i> [i:]	<i>Lax Vowel</i> [ɪ]
<i>bean</i> (feijão)	<i>bin</i> (container, lata de lixo)
<i>beat</i> (bater)	<i>bit</i> (pouco)
<i>deed</i> (ato)	<i>did</i> (passado do verbo to do – fazer)

<i>deep</i> (profundo)	<i>dip</i> (patê)
<i>feel</i> (sentir)	<i>fill</i> (preencher)
<i>heal</i> (curar)	<i>hill</i> (monte)
<i>leak</i> (vazar)	<i>lick</i> (lamber)
<i>leave</i> (sair, deixar)	<i>live</i> (viver)
<i>peek</i> (olhar, espiar)	<i>pick</i> (escolher)
<i>peel</i> (descascar)	<i>pill</i> (pílula)
<i>reap</i> (colher)	<i>rip</i> (rasgar)
<i>reef</i> (recife)	<i>riff</i> (padrão de notas repetidas - música)
<i>sheep</i> (ovelha)	<i>ship</i> (navio)
<i>seat</i> (poltrona)	<i>sit</i> (sentar)
<i>seek</i> (procurar)	<i>sick</i> (doente)
<i>seen</i> (visto, do verbo ver)	<i>sin</i> (pecado)
<i>seep</i> (vazar)	<i>sip</i> (gole)
<i>teen</i> (adolescente)	<i>tin</i> (lata)

Muitos falantes de PB normalmente não conseguem fazer essa diferenciação e pronunciam as duas palavras *sick* (doente) e *seek* (procurar), por exemplo, com o mesmo fonema, [sɪk] e [sɪk], ou [sik] e [sik], ao invés de pronunciarem distintamente [si:k] e [sɪk] como verificado por nós em situações em sala de aula e nos próprios dados coletados para este estudo. Essa interferência de língua materna na língua alvo poderá trazer como consequência o não entendimento do falante por nativos ou ainda a transmissão de idéias diferentes ao objetivo do falante.

A interferência da estrutura da língua nativa do aprendiz de língua estrangeira na língua alvo não é algo raro ou incomum, ao contrário, é bem comum perceber que os alunos estão produzindo um som novo como se estivessem falando PB. Muitos são os exemplos de intervenção de regras da língua nativa na língua alvo, isso pode ser confirmado nas palavras de Câmara Jr. (1970, p.35):

“[...] o grande problema de quem fala uma língua estrangeira não é a rigor a má reprodução dos alofones, mas o de emitir os verdadeiros traços distintivos dos fonemas, sem insinuar, sem sentir os traços distintivos dos fonemas mais ou menos semelhantes da língua materna, às vezes com confusões perturbadoras e cômicas”.

Um paralelo entre as vogais do PB e as do Inglês fez-se necessário para que pudéssemos analisar as manifestações dos fonemas alvo deste trabalho, /i/, /i:/ e /ɪ/. As características distintivas destes três fonemas devem ser ressaltadas: /i/ é [+ tenso] e [- longo], /i:/ é [+ tenso] e [+ longo] e /ɪ/ é [- tenso] e [- longo]. Observamos na sequência alguns processos fonológicos que ocorrem nessas duas línguas focando, principalmente, as vogais.

4 PROCESSOS FONOLÓGICOS

4.1 Redução vocálica: Português Brasileiro X Inglês

4.1.1 Redução no Português Brasileiro

Como já exposto, as sete vogais presentes no inventário do Português reduzem-se em posição átona. De acordo com Câmara Jr. (1970), a redução dar-se-á primeiramente em relação às vogais médias-altas e médias-baixas e depois entre as médias e as vogais altas.

4.1.2 Redução vocálica no Inglês

A redução vocálica do Inglês, não segue o mesmo padrão do PB que reduz de sete para cinco e três vogais. Para alguns autores como Chomsky e Halle (1968), todas as vogais que sofrem este processo se reduzem para *schwa*, isto é, a vogal [ə] é a vogal das sílabas não acentuadas.

Seguindo a mesma explicação de Chomsky e Halle (1968), Hurvitz (2007) aponta a redução vocálica no Inglês como sendo a situação na qual as vogais em sílabas átonas se reduzem a [ə]. Além disso, para Hurvitz, se [ə] for seguido por uma consoante soante, a vogal é apagada e a soante passa a ser silábica, transformando-se, assim, em núcleo da sílaba.

Roca e Johnson (1999) também explicam a redução em Inglês. As vogais em sílaba sem acento, na sua maioria, são reduzidas a [ə], porém, não na sua totalidade. *Schwa* representa uma vogal sem acento, mas, algumas vogais reduzem para [ɪ] ou para [ʊ].

Contrários a essas colocações, Flemming e Johnson (2007) defendem outra posição. Para eles o Inglês Americano Geral possui duas vogais contrastantes no momento da redução. Uma vogal em posição átona pode se reduzir a [ə] ou a [ɪ]. A vogal reduzir-se-á a [ə], quando estiver em posição final de palavra e a [ɪ], quando for uma vogal átona não final. Para estes autores, esta distinção deve ser feita, pois as duas vogais da redução possuem características diferentes, a vogal não acentuada de *roses* é mais alta que a vogal não acentuada de *Rosa's* e ambas são centrais. A qualidade da vogal [ə] final é quase que totalmente preservada, quando um sufixo é adicionado, incluindo o possessivo. Portanto, quando as palavras *roses* e *Rosa's* são comparadas o que percebemos é que a vogal da palavra *Rosa's* mantém as características do *schwa* final, mesmo quando um sufixo é adicionado e a palavra *roses* tem a qualidade da vogal de redução não final.

Os resultados da pesquisa de Flemming e Johnson (2007) mostram que a vogal [ə] é mais baixa que [ɪ] e esta tende a ser mais frontal. Outra distinção fundamental encontrada na mesma pesquisa entre a vogal “*schwa*” [ə] e as outras vogais reduzidas é que a vogal *schwa* tende a ter a qualidade de uma vogal média, enquanto as outras vogais reduzidas são geralmente altas. As vogais altas são preferidas, quando não há contraste, pois requerem abertura mínima no trato vocal não influenciando, assim, a constrição necessária para a produção da consoante adjacente.

Segundo esses autores, a preservação da qualidade do *schwa* final está inserida em um padrão mais geral, no qual todas as qualidades de vogal final não acentuada serão preservadas quando a palavra sofrer afixação de plural ou adição de um sufixo de possessivo.

Como resultado de seu trabalho, Flemming e Johnson (2007) defendem que a transcrição de toda vogal reduzida como *schwa* seria errônea, pois, a distinção está entre as vogais reduzidas de final de palavra e as não finais, portanto, seria mais acertada a transcrição de todas as vogais reduzidas não finais como [ɪ], enquanto a vogal *schwa* ([ə]) ficaria para as vogais reduzidas finais como em Rosa e Rosa’s. Para esses autores, o problema não está somente na descrição fonética da redução vocálica, mas sim na tipologia destas vogais, pois, são duas vogais diferentes, de qualidades e características distintas.

Crosswhite (2001) mostra que [ə] é comumente a vogal da redução, entretanto, mostra também que as línguas possuem padrões muito variados em relação à redução vocálica, há, por exemplo, casos em que os mesmos sub-inventários de vogais reduzidas podem ser obtidos por regras de neutralização diferente.

Para essa autora, o paralelo feito entre a redução vocálica do PB e o Inglês corrobora a afirmativa de que as línguas possuem padrões distintivos de redução.

Para o Inglês, a vogal *schwa* é a redução mais comum, podendo haver outras reduções como de /e/ para [ɪ], por exemplo. Em contraste com o Inglês, o PB apresenta uma redução de sete vogais na posição tônica para cinco e três nas outras posições.

As diferenças no repertório de vogais entre o PB e o Inglês têm como consequência a interferência de uma língua na outra, quando um falante de PB vai aprender Inglês ou vice-versa.

Na próxima seção, enumeramos vários exemplos de interferência do PB na aprendizagem do Inglês como língua estrangeira.

4.2 Um paralelo entre o Português Brasileiro e o Inglês

Os exemplos em (29), retirados de situações corriqueiras de sala de aula, mostram casos de interferência, em que as restrições fonotáticas da língua materna prevalecem:

(29)	Inglês		Falante com interferência do Português
a-	['kæb]	<i>cab</i> (taxi)	['kæbi]
b-	['θɪŋk]	<i>think</i> (pensar)	['tɪŋki]
c-	['θɪŋk]	<i>think</i> (pensar)	['sɪŋki]
d-	['pɪŋk]	<i>pink</i> (rosa)	['pɪŋki]
e-	[mæn]	<i>man</i> (homem)	[men]
f-	[men]	<i>men</i> (homens)	[men]

Os exemplos (a), (b), (c) e (d) mostram que o falante insere uma vogal /i/ ao pronunciar palavras que terminam com oclusivas obstruintes (no caso [b] e [k]), pois, no PB, as obstruintes não são licenciadas para fechar sílabas, a epêntese se dá como uma estratégia utilizada para reparar uma estrutura silábica considerada mal formada no PB. O aprendiz de Inglês ao inserir uma vogal no final da palavra aproxima a sílaba do Inglês a uma sílaba considerada bem formada em PB, feito isso há uma alteração na estrutura silábica da palavra, o que, neste caso aumenta o número de sílabas dessa palavra.

É importante lembrar que a epêntese se dá também no PB em palavras como “pacto” e “opção”, pois, o falante procura sempre obter uma sílaba bem formada. A epêntese pode ocorrer, segundo Collischonn (2007), entre seqüências de oclusiva, nasal bilabial ou fricativa surda e outra consoante, como nas palavras *impacto*, *amnésia* e *afta*, situações nas quais o falante dirá impac[i]to, am[i]nésia e aft[i]ta. A epêntese está presente também em combinações de /j/ + consoante, como ocorre em *Schneider* que se realiza como /ji/neider.

Os exemplos (b) e (c) mostram ainda que o segmento [θ], por não existir em PB, não é produzido por muitos aprendizes e é transformado em [t] ou [s] devido à proximidade fonético-articulatória desses dois segmentos com o [θ], assim sendo, muitos falantes de PB como língua nativa não conseguem realizar o fonema [θ] com todas as suas características e o realizarão com as características dos fonemas mais próximos dele no PB.

Muitos falantes de PB também não conseguem perceber a diferença entre as duas palavras dos exemplos (e) *man* (homem) e (f) *men* (homens), pois, para esses falantes, trata-se

de um segmento só, visto que não reconhecem /æ/ como fonema do PB já que o inventário do PB consiste de apenas sete vogais em posição tônica. Como a vogal /æ/ não faz parte do repertório de vogais de seu idioma, os falantes brasileiros tenderão a pronunciar esta vogal como sendo /e/, pois, para eles este é o som que mais se aproxima do novo fonema.

A confusão pode atingir todos os fonemas, mas, de uma maneira geral, a literatura, como já discutido no Capítulo 3 sobre as vogais do Inglês, mostra-nos que as vogais são os mais difíceis de serem reconhecidos, diferenciados e produzidos.

Azevedo (1981) faz um paralelo entre as consoantes do PB e do Inglês e fornece um quadro com as diferenças entre essas duas línguas. As consoantes comuns entre as duas são: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /s/, /z/, /m/, /n/, /l/. Todos esses sons são considerados fonemas tanto no PB quanto no Inglês. Há, porém, sons que são considerados fonemas em Português que não o são em Inglês ou vice-versa. O fonema /λ/ somente aparece no inventário do PB e não há palavras como “folha” e “palha” em Inglês. Entretanto, no PB, sons como /tʃ/, /dʒ/, não são considerados fonemas, são apenas variações de pronúncia dos sons /t/ e /d/, ou seja, são apenas variações alofônicas dos fonemas citados, já no Inglês, estes quatro sons (/t/, /d/, /tʃ/, /dʒ/) são fonemas, portanto, palavras como *tip* (gorjeta) e *chip* (pedaço, lasca), assim como *dely* (delicatessen) e *jelly* (gelatina) possuem significados completamente diferentes em Inglês.

Os sons /θ/, /ð/ e /ŋ/ não aparecem no inventário de fonemas do PB, nem mesmo como variação alofônica de outros sons, desse modo, quando um aluno tenta pronunciar o verbo pensar em Inglês *to think* (pensar), muitas vezes pronuncia */f/ink ou */t/ink ou até mesmo */s/ink, pois não consegue achar um som equivalente a /θ/ em Português. Os exemplos tirados das observações em sala de aula e da própria coleta de dados dão-nos suporte para afirmar a existência desta interferência.

Os dados coletados e analisados mostram que a interferência que acontece quando um indivíduo tenta aprender um novo idioma pode ser considerada natural, uma vez que o aprendiz transfere o inventário de fonemas de sua língua para aprender uma outra, até mesmo alunos em nível avançado de Inglês.

As vogais já apresentadas neste trabalho são outro exemplo de interferência, pois, em Inglês a tensão e, em alguns casos, a duração, são responsáveis pela distinção entre os fonemas /i:/ e /ɪ/, o que não acontecerá no PB. O aprendiz, mais uma vez, relaciona o som que acaba de aprender com um de sua língua materna, quando esta correspondência não é perfeita, ou seja, quando o fonema que aprendeu em Inglês não é fonema também no PB, o aprendiz

vai pronunciá-lo como o fonema mais próximo ao do PB que ele conhece. Neste caso, o aprendiz brasileiro provavelmente pronunciará as duas palavras da mesma maneira, utilizando somente o fonema presente em sua língua. As palavras *beat* (bater, ganhar) → b/i:/t e *bit* (pouco) → b/I/t serão pronunciadas como b/i/t indistintamente. Esta afirmação pode ser feita a partir da observação dos resultados do teste de leitura de uma lista de palavras na coleta de dados, pois, ao serem expostos ao par mínimo *beat* (bater, ganhar) X *bit* (pouco) a maioria dos alunos produzem as duas palavras como sendo uma só e com um único fonema, o /i/ do PB.

Outro exemplo de fonemas diferenciados é o par mínimo /e/ e /æ/, pois para o PB, o segundo fonema não existe, portanto, quando um aprendiz, falante de PB vai aprender o Inglês, ele poderá produzir os dois fonemas como /e/ já que o outro (æ) não está presente no repertório de fonemas de sua língua materna, assim sendo, o aprendiz pode pronunciar o singular e o plural das palavras “homem” (*man*) e “homens” (*men*) em Inglês como uma única palavra – m/e/n e m/e/n.

Um último exemplo de diferentes fonemas dessas duas línguas é o conjunto de nasais que cada uma delas apresenta. Em ambas as línguas as nasais /m/ e /n/ são consideradas fonemas, porém, há uma terceira nasal no Inglês que não aparece no PB que é /ŋ/ como na palavra *song* (canção). Um aprendiz comumente produz esta palavra com o /n/ e acrescenta um /g/ no final por não conhecer o fonema /ŋ/. Uma outra pronúncia muito comum desta palavra é com o fonema /g/ e depois uma epêntese, ou seja, a produção da palavra passaria de /soŋ/ para /songi/.

5 METODOLOGIA

5.1 Cenário da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em um Instituto particular de idiomas da cidade de Uberlândia onde se ensina Inglês e Espanhol como línguas estrangeiras. O referido Instituto possui turmas em diferentes níveis de aprendizado, ou seja, turmas de iniciantes, turmas com alunos em nível intermediário, avançado e fluente nas duas línguas mencionadas. O contexto de escola particular foi escolhido por se tratar de um Instituto especializado no ensino de idiomas diferentemente de uma escola pública onde o ensino de Inglês como língua estrangeira não é a prioridade.

O contato com os alunos nos foi permitido após autorização da Direção do próprio Instituto e todas as etapas da Coleta de Dados foram ali desenvolvidas.

5.2 Critérios para a seleção dos informantes e das amostras

A realização desta pesquisa baseia-se em dados coletados com 15 informantes no total, sendo 6 homens e 9 mulheres, todos na faixa etária entre 18 e 35 anos. Os entrevistados foram alocados em uma mesma célula extralingüística visto que as variáveis externas à língua não nos interessava para a investigação do fenômeno proposto. Percebemos, intuitivamente, ao longo de 15 anos atuando no ensino de Inglês como língua estrangeira, que a produção de alguns fonemas está intimamente ligada ao nível de conhecimento e de fluência que um indivíduo tem de L2 e não a gênero, local de nascimento ou idade. Desta maneira, elaboramos uma célula que respeitasse as seguintes exigências: os informantes deveriam ser todos brasileiros, não poderiam ter morado no exterior ou ter alguém em suas famílias nativo da língua inglesa, deveriam ter aprendido Inglês no Brasil e estar em um nível avançado do curso.

A célula estudada foi então constituída de forma aleatória simples, respeitando as etapas do curso e contendo 15 informantes, todos brasileiros natos, falantes de PB como língua materna e sem estrangeiros falantes de Inglês em suas famílias. Nunca saíram do Brasil e, aqui aprenderam Inglês como língua estrangeira. Os informantes estudam há, no mínimo quatro anos, estando, assim, no curso avançado de Inglês com fluência no idioma verificada por meio de uma entrevista informal antes da Coleta de Dados.

Após definir a célula, fizemos um primeiro contato informal com vários alunos das turmas de Inglês avançado para buscar informantes que completassem as exigências citadas, pois, além daquelas, buscávamos aprendizes que tivessem pouco ou nenhum contato com a língua inglesa fora do contexto de sala de aula.

Tivemos então um primeiro encontro com possíveis informantes para confirmar se eles se enquadravam nas exigências da pesquisa e para agendar as entrevistas. Foram entrevistados 15 informantes, porém, depois de todas as entrevistas feitas, um problema com a gravação da entrevista de número 13, acarretou o agendamento da décima sexta.

Ao final, a célula foi composta por 15 informantes estudantes de Inglês como L2 em nível avançado, pois inferimos que se o problema persiste em nível avançado seria bem mais comum nos níveis intermediário e básico. Buscamos, então, pesquisar este fenômeno que resiste por alguns anos de estudo, chegando até mesmo aos últimos níveis do aprendizado.

Todos os informantes têm um contato com L2 de duas horas e meia por semana em aula e pouco contato diário com Inglês fora da escola, este pouco contato caracteriza-se por leituras ocasionais de textos ou uma conversa informal via internet.

Todos os contatos com os informantes foram estabelecidos no próprio Instituto de idiomas, desde a escolha dos participantes, passando pela gravação das entrevistas e dos exercícios para a Coleta de Dados, até ao encontro posterior às análises, no qual obtivemos um parecer de alguns alunos sobre sua participação e a aula de pronúncia ministrada com o instrumento de Coleta de Dados aqui utilizado (Anexo 01).

O Inglês e o PB possuem inventários de fonemas diferentes, assim sendo, as duas línguas então confrontadas apresentam características fonético-fonológicas diferentes e sofrem processos fonológicos também distintos. Isto pode acarretar uma dificuldade para o aluno em aprender certos fonemas, principalmente aqueles que são mais distantes foneticamente dos já conhecidos por ele na língua materna.

As vogais, por não possuírem ponto de articulação bem determinado como o das consoantes não são descritas de maneira homogênea e estão sujeitas a sofrerem um maior número de processos fonológicos. Desta forma, são vistas como “mais difíceis” de serem aprendidas pelos alunos. Esta constatação foi feita por nós na qualidade de pesquisadora, ao longo dos anos de ensino de Inglês como língua estrangeira, por meio de exercícios de compreensão auditiva feitos pelos alunos e por meio de depoimentos e comentários deles, quando em contato com tais exercícios. Frases como “ah, são exatamente a mesma coisa”, “não consigo detectar a diferença”, “ah, ele não mudou som nenhum” são comumente ditas, enquanto os alunos fazem exercícios de compreensão auditiva.

Por se apresentarem como um obstáculo para os alunos durante as aulas é que as vogais foram selecionadas como alvo desta pesquisa. Dentro do inventário de vogais, entretanto, destacamos as frontais altas /i:/ e /I/, pois, durante as aulas percebemos que muitos alunos, mesmo sabendo diferenciar pares mínimos contendo estes dois fonemas quando as palavras estão escritas não conseguem produzi-los com os fonemas do Inglês. Desta maneira, buscamos, com esta pesquisa, detectar os problemas que os alunos enfrentam para perceber e produzir palavras com estes fonemas. Para tanto, utilizamos um instrumento de coleta de dados composto por cinco diferentes tipos de exercícios, objetivando obter palavras que apresentassem tais vogais.

A elaboração do instrumento de coletas de dados aconteceu da seguinte forma: primeiramente, com a ajuda dos dicionários *The American Heritage* (1994), *Oxford Advanced Learner's Dictionary* (1995) e *Collins Cobuild English Dictionary* (2003) buscamos palavras nas quais teríamos a ocorrência da vogal alta com o traço [+ tenso] em contraposição com palavras nas quais apareceria a vogal alta com o traço [- tenso]. Isto feito elaboramos exercícios nos quais estas palavras seriam checadas de acordo com a percepção que os alunos possuísem delas e, também, a produção dos aprendizes quando lendo ou pronunciando as palavras de maneira espontânea.

Com o objetivo de testar a percepção e a produção das vogais altas /i:/ e /I/ pelos alunos, elaboramos um instrumento de coleta de dados (Anexo 01) dividido em cinco partes:

- (a) uma entrevista;
- (b) uma lista de pares mínimos para leitura;
- (c) um parágrafo para leitura;
- (d) um parágrafo com preenchimento de lacunas e leitura;
- (e) um exercício de reconhecimento de pronúncia.

Os itens de (a) a (d) foram preparados para checar a produção dos fonemas estudados pelos alunos e o item (e) foi elaborado para testar a percepção. Os detalhes sobre cada exercício estão apresentados na sequência.

5.2.1 Dados de produção

A produção dos fonemas pelos sujeitos foi testada nas quatro primeiras partes da coleta de dados, quais sejam: entrevista, lista de palavras, parágrafo completo para leitura e parágrafo com preenchimento de lacunas e leitura.

5.2.1.1 Entrevista

Demos início à coleta de dados com uma entrevista composta de perguntas abertas nas quais os sujeitos ficaram livres para responder o que desejassem, sem que houvesse, neste momento controle lingüístico algum. Os alunos entrevistados respondiam da maneira que quisessem e não havia controle de tempo ou qualquer tipo de controle lingüístico. Inicialmente, a idéia de uma entrevista parecia pouco produtiva já que nela poderiam ocorrer poucas manifestações dos segmentos alvo, entretanto, optamos por mantê-la, visto que os dados obtidos nesta fase da coleta seriam produzidos de maneira espontânea e os informantes ainda não teriam sido expostos aos exercícios de controle, portanto, ainda não estariam cientes do fenômeno lingüístico que pretendíamos averiguar. Nesta fase da coleta de dados, os informantes ainda estariam sem preparação alguma e estariam livre de idéias pré-concebidas sobre o objetivo da pesquisa.

Foram feitas perguntas como *Where are you from?* (De onde você é?), *Tell me a little bit about your hometown*, (Fale um pouco sobre a sua cidade), *What are the best memories of your childhood?* (Quais são as melhores lembranças de sua infância?), *How did you learn English?* (Como você aprendeu Inglês?) e *Tell me about your routine, do you work, what do you do?* (Fale um pouco sobre a sua rotina, você trabalha, o que faz?). Os informantes responderam livremente sem qualquer limitação de tempo ou expectativa de vocabulário.

A entrevista foi de extrema relevância para a pesquisa, pois todas as palavras que apareceram nesse momento foram ditas de maneira espontânea e não induzida, uma vez que apareceram durante a fala dos sujeitos por sua livre escolha e não advindas de uma pergunta específica com resposta previsível.

Devemos salientar ainda que a entrevista muito colaborou para a evolução de nossa pesquisa, pois, por meio dela conseguimos nos aproximar do paradoxo do observador (LABOV, 1975), já que queríamos observar o que o falante teria a dizer, quando ele não era observado, ou seja, quando começamos a questioná-lo sobre assuntos corriqueiros e o encorajamos a uma narrativa livre, conseguimos dados espontâneos e não maculados pela interferência de qualquer comentário sobre o objeto de pesquisa.

Nesta fase da pesquisa, muitas palavras distintas ocorreram, porém, algumas se repetiram ao longo das respostas dos informantes. Palavras como *living* (vivendo, morando) e *English* (Inglês) foram constantes e apareceram em todas as entrevistas. Vale destacar, no

entanto, que, na maioria das vezes em que ocorreram, foram pronunciadas com o fonema /i/ como se vê em (30), abaixo:

(30)

I'm l[i]v[i]ng [i]n Uberlândia I th[i]nk[i] seven years.
I've b[i]n stud[i]ng [i]ngl[i]sh for five years and a half.
I th[i]nk that [i]ngl[i]sh [i]s ver[i] good.⁹

Nesta primeira parte, os sujeitos responderam às perguntas de maneira livre e falaram pelo tempo que quiseram, sem interrupções ou orientações. Assim sendo, as palavras que aqui apareceram não foram intencionais, fizeram parte da escolha dos sujeitos de pesquisa que, neste momento, preocupavam-se em comunicarem, e não em apenas pronunciar esta ou aquela palavra corretamente.

Palavras com os fonemas do Inglês /i:/ e /ɪ/ apareceram sem a nossa interferência como pesquisadora neste momento e foi possível verificar, quando foram produzidos corretamente e em quais situações foram produzidos como a vogal frontal alta /i/ do PB. Podemos ver alguns exemplos de palavras que ocorreram nesta primeira fase em (31)¹⁰.

(31)

English (Inglês) → [i]ngl[i]sh

Didn't (auxiliar passado, negative) → d[i]dn't

Spanish (Espanhol) → Span[i]sh

Since (desde) → s[i]nce

Living (vivendo, morando) → l[i]v[i]ng

⁹ Glossário: “Estou morando em Uberlândia eu acho que sete anos. Eu estudo Inglês há cinco anos e meio e eu acho que Inglês é muito bom.”

¹⁰ Todas as transcrições podem ser lidas em sua totalidade no final desta dissertação no Anexo 04.

5.2.1.2 Lista de pares mínimos

A segunda parte da coleta de dados aconteceu por meio da leitura de uma lista de palavras contendo pares mínimos, que contemplavam os fonemas /i:/ e /ɪ/. A lista foi elaborada com quarenta pares mínimos nos quais o confronto dessas vogais estava presente, preparada em duas colunas, sendo que na coluna da esquerda ficaram catalogadas as palavras com a vogal alta [+ tenso] /i:/ e na coluna da esquerda as palavras com a vogal alta [- tenso] /ɪ/, como podemos ver em (32).

(32)

/i:/		/ɪ/	
1 – <i>Bead</i>	(contas de colar)	<i>Bid</i>	(lance em leilão)
2 – <i>Bean</i>	(feijão)	<i>Bin</i>	(container, lata de lixo)
3 – <i>Beat</i>	(batida)	<i>Bit</i>	(pouco)
4 – <i>Cheap</i>	(barato)	<i>Chip</i>	(pedaço de madeira, vidro)
5 – <i>Cheat</i>	(agir desonestamente)	<i>Chit</i>	(um <i>voucher</i> para comida/ bebida)
6 – <i>Cheek</i>	(bochecha)	<i>Chick</i>	(filhote de pássaro)
7 – <i>Deal</i>	(negócio)	<i>Dill</i>	(erva aromática)
8 – <i>Deed</i>	(feito, ato)	<i>Did</i>	(passado do verbo ‘to do’ - fazer)
9 – <i>Deem</i>	(julgar, considerar)	<i>Dim</i>	(obscuro)
10 – <i>Deep</i>	(profundo)	<i>Dip</i>	(patê)

A organização da lista respeitou a ordem alfabética das palavras presentes na coluna da esquerda. Aos informantes, pedimos a leitura da palavra da esquerda primeiramente e, logo a seguir, o seu par correspondente, sem que fossem informados que a produção dos fonemas /i:/ e /ɪ/ estava sendo verificada.

Colocamos 40 itens na lista, entretanto, obtivemos 85 palavras, já que em 5 destes grupos havia uma terceira palavra com a mesma pronúncia, como apresentado em (33).

(33)

15- <i>Feat / Feet</i>	(ato notável / pés)	<i>Fit</i>	(servir / ser apropriado)
17- <i>Heal / Heel</i>	(curar / calcanhar)	<i>Hill</i>	(monte)

25- <i>Neat</i>	(limpo, preciso)	<i>Nit / Knit</i>	(tricotar / ovo de parasita)
27- <i>Peak / Peek</i>	(pico / olhar rapidamente)	<i>Pick</i>	(escolher)
28- <i>Peal / Peel</i>	(soar de sinos / descascar)	<i>Pill</i> ¹¹	(pílula)

Vários exemplos extraídos desta parte da pesquisa apontaram para uma interferência muito forte do PB no aprendizado de Inglês como língua estrangeira, pois, no momento da produção percebemos que os informantes produziam muitas palavras da lista com a vogal frontal alta /i/ do PB ou ainda com outros fonemas que não /i:/ e /ɪ/. Palavras como *peak* (pico) e *pick* (escolher) foram produzidas como p[i]k, assim como o par *reef* (recife) e *riff* (padrão de notas repetidas - jazz) que foi, na maioria das vezes, produzido como r[i]f.

5.2.1.3 Parágrafo para leitura

A terceira estratégia usada para obtenção dos dados desta pesquisa foi a leitura de um parágrafo pronto repleto de palavras com os segmentos /i:/, /ɪ/ e /i/ elaborado a partir do livro de Trim (1975). Porém, neste teste, as palavras não estavam catalogadas em grupos ou ordenadas de alguma forma. Elas foram distribuídas, aleatoriamente, no parágrafo para que não houvesse qualquer tipo de indução a nenhuma pronúncia específica na busca de detectar interferências.

Nesta fase da coleta, a leitura foi feita sem preparação, ou seja, os entrevistados receberam o parágrafo e procederam à leitura da maneira natural, visto que pronunciaram o que lhes parecia correto, em sua primeira impressão. Não lhes foi dado tempo para ler em silêncio antes de fazê-lo em voz alta para a gravação. O parágrafo em questão pode ser conferido em (34).

(34)

“Freda lives in a little cabin near Linda. They are great friends. They love to go out together, specially when they leave home to go shopping. Linda seeks a tin of pills today

¹¹ A numeração aqui existente segue a mesma da lista completa que se encontra no Anexo 01.

because she is really sick. On the other hand, her friend Sleepy Freda seeks size six slippers to fit her feet.”¹²

5.2.1.4 Parágrafo para preenchimento de lacunas e leitura

Na quarta parte da coleta de dados, os informantes receberam um segundo parágrafo para leitura, porém, diferentemente do primeiro, o segundo possuía lacunas para que os alunos as completassem antes da leitura em voz alta com uma das duas palavras fornecidas pelo exercício. Após a escolha feita e o texto já completo, os sujeitos deveriam ler todo o parágrafo incluindo, então, as palavras que escolheram. A seguir o início do referido parágrafo em (35).

(35)

“Stephen _____ Eve one evening in front of a _____ and invites her to have
meets / sits *meal / mill*
a _____ with him. Stephen eats three pieces of cheese and Eve eats nothing but _____
meal / mill *beans / bins*
and _____.”¹³
deep / dip

Assim como na atividade anterior, a percepção que tivemos foi de que a interferência do PB se apresentava muito forte, pois, em diferentes contextos tanto a vogal com o traço [+tenso] /i:/ quanto a de traço [-tenso] /ɪ/ foram produzidas como /i/, exatamente como no PB. Exemplos destas ocorrências estão catalogados no Quadro 2.

¹² Glossário: “Freda vive em uma pequena cabana perto de Linda. Elas são ótimas amigas. Elas adoram sair juntas, especialmente quando elas saem de casa para ir às compras. Linda procura uma lata de pílulas hoje porque ela está realmente doente. Por outro lado, sua amiga Freda sonolenta procura chinelos de tamanho seis para caber em seus pés.”

¹³ Glossário: “Stephen encontra/senta Eve uma noite em frente a um refeição/moinho e a convida para uma refeição/moinho com ele. Stephen come três pedaços de queijo e Eve não come nada que não feijão/lixo e profundo/patê.”

Quadro 2

Palavras	Nº de aparições nas entrevistas.	Realizado como [i]
He	15	15
Dishes	15	15
Eats	30	30
His	15	15

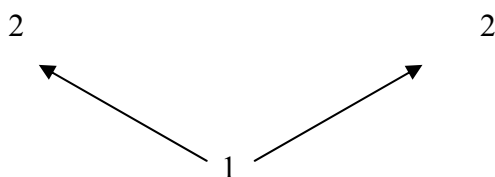
5.2.2 Dados de percepção

Após a coleta de dados, e ainda em contato com os informantes aplicamos aos alunos um exercício para testar a percepção dos segmentos alvo. A percepção foi avaliada por meio do exercício de número 5 do instrumento de coleta de dados chamado *pronunciation journey* (jornada de pronúncia) extraído do livro *Pronunciation Games* (Hancock, 1996, p.37) que possibilitou-nos checar a percepção que o informante tenha dos fonemas /i:/ e /I/ por meio de um jogo em que se simula, em um mapa, uma viagem.

Com esse exercício objetivamos verificar se os sujeitos da pesquisa já tinham incorporado os fonemas do inglês em seu léxico, isto é, se os informantes internalizaram os segmentos estudados como fonemas ou se ainda percebiam os fonemas tratados nesta pesquisa como o /i/ do PB. Devemos destacar, entretanto, que a leitura das palavras não está completamente isenta da influência do PB visto que a pesquisadora é brasileira, portanto, falante não nativa de Inglês.

Para a aplicação deste exercício, cada informante recebeu um mapa, como um tabuleiro de jogo, com números e nomes de cidades em uma composição semelhante à que apresentamos em (36).

(36)



O número 1 no mapa é a posição de início da jornada de pronúncia. Ao entregar o mapa, explicamos as regras do exercício: quando pronunciássemos uma palavra, o informante deveria ouvi-la e decidir se a palavra possuía o fonema /i:/ ou o fonema /ɪ/. Caso o informante concluísse que a vogal frontal alta com o traço [+ tenso], ou seja, /i:/ tinha sido pronunciada, deveria dirigir-se para a direita; se, ao contrário, percebesse a vogal frontal alta de traço [-tenso] /ɪ/ deveria dirigir-se à esquerda. O informante movimentava-se então, para a direita ou esquerda, de acordo com a percepção que tivesse da palavra.

Chegando ao número 2, pronunciávamos a segunda palavra e o sujeito deveria seguir à direita ou à esquerda novamente de acordo com o som que escutava. Esse procedimento se repetia por quatro vezes, ao final, perguntávamos onde o sujeito estava e ele só chegaria à cidade correta se tivesse percebido os quatro fonemas corretamente.

A íntegra do mapa com a distribuição das cidades encontra-se no Anexo 02, mas as quatro palavras utilizadas neste exercício podem ser conferidas em (37).

(37)

- (1) *leak* (vasar) → l[i:]k;
- (2) *rip* (livrar-se de) → r[ɪ]p;
- (3) *sheep* (ovelha) → sh[i:]p;
- (4) *cheap* (barato) → ch[i:]p.

5.3 Seleção das variáveis

5.3.1 Variável dependente

A variável lingüística dependente é a produção da vogal alta frontal do Inglês, no entanto, falamos aqui de dois fonemas, a vogal alta frontal com o traço [+ tenso] em contraposição com a vogal alta frontal com o traço [- tenso]. O que ocorre, entretanto, é uma interferência do fonema /i/ do PB em muitos dos contextos nos quais deveriam se manifestar um dos dois fonemas do Inglês. Diante disso, teremos quatro manifestações para a variável

dependente – vogal frontal alta: (1) a produção da vogal como [i], (2) a produção da vogal como [i:], (3) a produção como [I] e (4) outras manifestações.¹⁴

5.3.2 Variáveis independentes

5.3.2.1 Variáveis linguísticas

I) Contexto fonológico precedente

O contexto fonológico precedente foi analisado por indicar que alguns segmentos ocupando esta posição podem influenciar na produção da vogal alta frontal. Na composição desta variável foram incluídos os seguintes segmentos:

- 1- obstruente fricativa como /f/, /v/, /s/, /z/, /θ/ e /ð/;
- 2- obstruente oclusiva como /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/;
- 3- líquida lateral /l/;
- 4- líquida não lateral /r/;
- 5- nasal /m/, /n/ e /ŋ/;
- 6- vogal como /a/, /e/, /ɛ/, /o/, /ɔ/, /ʌ/ e /ə/; e
- 7- contexto precedente vazio, ou seja, sem nenhum segmento antecedendo a vogal (Ø).

Alguns exemplos de palavras que possuem os segmentos que compõem esta variável podem ser vistos em (38).

(38)

1- obstruente fricativa:

- | | | |
|-------|------------------|--------------------|
| /f/ → | <i>difficult</i> | (difícil) |
| /v/ → | <i>living</i> | (vivendo, morando) |
| /s/ → | <i>bicycle</i> | (bicicleta) |
| /z/ → | <i>busy</i> | (ocupado) |

¹⁴ Outras manifestações possíveis foram [ɛ], [ai], [ei] que serão aqui mencionadas apenas como exemplo, pois, não representam o objetivo deste trabalho.

/θ/ → *anything* (qualquer coisa)

/ð/ → *these* (estes, estas)

2- obstruente oclusiva:

/p/ → *peak* (pico)

/b/ → *baby* (bebê)

/t/ → *teach* (ensinar)

/d/ → *deal* (negócio)

/k/ → *keyhole* (buraco da fechadura)

/g/ → *give* (dar)

3- líquida lateral /l/:

/l/ → *“English”* (Inglês)

/l/ → *“family”* (família)

/l/ → *“list”* (lista)

4- líquida não lateral /r/:

/r/ → *boring* (entediante)

/r/ → *really* (realmente)

/r/ → *very* (muito)

5- nasal:

/m/ → *meal* (refeição)

/n/ → *neat* (limpo, preciso)

6- vogal:

/a/ → *kind* (tipo)

/e/ → *baby* (bebê)

/ɔ/ → *boy* (menino, garoto)

7- contexto precedente vazio, ou seja, sem nenhum segmento antecedendo a vogal (Ø):

/ø/ → <i>Easy</i>	(fácil)
/ø/ → <i>Eve</i>	(nome de mulher)
/ø/ → <i>If</i>	(se)

II) Contexto fonológico seguinte

O contexto fonológico seguinte foi analisado a fim de verificar se segmentos posteriores à vogal alta frontal influenciam diretamente na sua produção, e, se a resposta fosse positiva, detectar quais segmentos seriam esses.

Os segmentos avaliados nessa variável foram:

- 1- obstruente fricativa /f/, /v/, /s/, /z/, /θ/ e /ð/;
- 2- obstruente oclusiva /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/;
- 3- líquida lateral /l/;
- 4- líquida não lateral /r/;
- 5- nasal /m/, /n/ e /ŋ/;
- 6- vogal como /a/, /e/, /ɛ/, /o/, /ɔ/, /ʌ/ e /ə/;
- 7- contexto seguinte vazio, ou seja, sem nenhum segmento posterior à vogal (Ø).

Alguns exemplos de palavras que possuem esta variável podem ser vistos em (39) abaixo.

(39)

1- obstruente fricativa:

/f/ → <i>if</i>	(se)
/v/ → <i>live</i>	(viver, morar)
/s/ → <i>miss</i>	(senhorita)

/z/ → *is*¹⁵ (é, está)

/θ/ → *with*¹⁶ (com)

/ð/ → não foram encontradas palavras com esse contexto seguinte em nossos dados.

2- obstruente oclusiva:

/p/ → *cheap* (barato)

/b/ → não foram encontradas palavras com esse contexto seguinte em nossos dados.

/t/ → *repeat* (repetir)

/d/ → *lead* (liderar)

/k/ → *speak* (falar)

/g/ → *big* (grande)

3- líquida lateral /l/:

/l/ → *deal* (negócio)

/l/ → *dill* (erva aromática)

/l/ → *meal* (refeição)

/l/ → *mill* (moinho)

4- líquida não lateral /r/:

/r/ → não foram encontradas palavras com esse contexto seguinte em nossos dados.

5- nasal:

/m/ → *dream* (sonho)

/n/ → *cabin* (cabana)

/ŋ/ → *feeling* (sentimento)

¹⁵ Glossário: *strong form* (forma forte)

¹⁶ Glossário: *weak form* (forma fraca)

6- vogal:

/ə/ → *really* (realmente)

/ə/ → *here* (aqui)

/ə/ → *stadium* (estádio)

Obs: Somente foram encontradas vogais reduzidas em contexto seguinte.

7- contexto seguinte vazio, ou seja, sem nenhum segmento posterior à vogal (Ø).

/ə/ → *free* (livre)

/ə/ → *he* (ele)

/ə/ → *visit* (visitar)

III) Tamanho do vocábulo

Neste estudo foram analisadas palavras monossilábicas, dissilábicas, trissilábicas e polissilábicas, pois muitos autores, como Green (2001), ressaltam a relevância dos monossílabos tônicos para a manifestação da vogal /i:/ e, nesta pesquisa, buscamos averiguar se o tamanho da palavra favorece ou inibe a interferência do PB na produção das vogais /i:/ e /I/. A codificação quanto ao tamanho do vocábulo foi feita como vemos nos exemplos apresentados em (40).

(40)

Monossílabo	1	Exemplos: <i>Dip</i> (patê) e <i>Sick</i> (doente)
Dissílabo	2	Exemplos: <i>Baby</i> (bebê) e <i>Visit</i> (visitar)
Trissílabo	3	Exemplos: <i>Important</i> (importante) e <i>Holiday</i> (feriado)
Polissílabo	4	Exemplos: <i>Impossible</i> (impossível) e <i>Kindergarten</i> (jardim de infância)

IV) Acento

O acento primário das palavras estudadas também foi analisado para detectar a influência que esse acento exerce na produção dos fonemas. Analisamos os fonemas – foco desta pesquisa – em sílaba tônica, e em sílaba pré e pós-tônica, como mostram os exemplos em (41).

(41)

Sílaba Tônica	t	Exemplos: <i>Peach</i> (pêssego) e <i>Repeat</i> (repetir)
Sílaba Pré-Tônica	p	Exemplos: <i>Because</i> (porque) e <i>Imagine</i> (imaginar)
Sílaba Pós-Tônica	s	Exemplos: <i>Music</i> (música) e <i>Memory</i> (memória)

V) Posição na palavra

As manifestações da variável vogal frontal alta foram analisadas em diferentes posições na palavra: na sílaba inicial, medial e final. Realizamos essa análise com o objetivo de verificar se uma, ou mais dessas posições, facilitam a interferência. Os monossílabos, entretanto, foram catalogados como sílaba final. A seguir exemplos para cada posição na palavra podem ser vistos em (42).

(42)

Sílaba final	f	Exemplos: <i>Agree</i> (concordar) e <i>Bee</i> (abelha)
Sílaba medial	m	Exemplos: <i>Article</i> (artigo) e <i>Available</i> (disponível)
Sílaba inicial	i	Exemplos: <i>Different</i> (diferente) e <i>Easy</i> (fácil)

5.4 Critérios para coleta dos dados e contato com os informantes

A coleta de dados, parte essencial desta pesquisa, ocorreu de novembro de 2007 a junho de 2008. Todas as entrevistas foram gravadas com qualidade digital e foram realizadas no Instituto de idiomas onde entramos em contato com os sujeitos de pesquisa. Todas as entrevistas foram feitas em uma sala de aula com a presença somente dos sujeitos da pesquisa e da entrevistadora. Não houve, portanto, interferência de outras pessoas durante as gravações.

O primeiro contato com os sujeitos foi feito também no referido Instituto de idiomas por meio de uma conversa informal na qual os sujeitos de pesquisa foram informados sobre o trabalho em questão e convidados a participarem da entrevista. Logo após alguns esclarecimentos, a data da entrevista foi marcada e, posteriormente, realizada.

No momento da entrevista, foi apresentado ao entrevistado o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” para leitura e assinatura de acordo com o que prevê o

Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia. Iniciamos, então, a entrevista que foi, desde o primeiro momento, conduzida em Inglês.

5.5 Critérios para o tratamento das amostras

Na transcrição das entrevistas, buscamos fidelidade às palavras dos informantes e optamos por transcrever foneticamente somente as vogais estudadas. As quinze entrevistas, devidamente transcritas encontram-se no Anexo 04 na íntegra.

A codificação dos dados, conforme Anexo 06, foi feita por meio da atribuição de um código para cada variável estudada. Como exemplo, apresentamos 6 palavras produzidas pelo informante 1 (Anexo 04), quais sejam: *beat* (batida), *bit* (pouco), *cheap* (barato), *chip* (pedaço de madeira), *deal* (negócio) e *dill* (erva aromática). Todas essas palavras foram produzidas como se elas possuíssem o mesmo fonema, ou seja, o /i/ do PB, desta forma, não houve diferenciação entre as palavras que compõem os pares mínimos: b/i/t X b/i/t; ch/i/p X ch/i/p e d/i/l X d/i/l.

Quadro 3:

Ocorrência	Codificação
Beat	1bp1tf
Bit	1bpatf
Cheap	1fp1tf
Chip	1fp1tf
Deal	2bl1tf
Dill	1bl1tf

Após a transcrição e codificação dos dados, estes foram submetidos ao programa GOLDVARB (Windows) para uma análise estatística. Utilizamos esse programa, apesar de esta pesquisa não tratar de um fenômeno variável, mas sim de aquisição de uma segunda língua, ou ainda, de interferência de língua materna no aprendizado de uma segunda língua para uma maior transparência no tratamento dos dados, pois, com percentuais, contextos e pesos relativos, a análise é mais fácil, mais confiável e simplificada.

Os resultados alcançados por meio da análise estatística são apresentados no Capítulo seguinte no qual discutiremos cada fator e sua relevância para a produção das vogais de nosso interesse. A seguir apresentamos as conclusões a que chegamos com este trabalho, discutindo as hipóteses aventadas no início da pesquisa.

6 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em consonância com Labov (1972), a medição dos papéis de cada fator que influencia na produção da variável dependente deve ser equiparado a um índice quantitativo, ou seja, devemos ter um valor numérico para cada fator estudado na pesquisa para que a avaliação proceda de maneira objetiva e verificável.

O programa de análise estatística utilizado neste estudo foi o GOLDVARB (Windows). Por meio desse programa, os dados obtidos foram organizados considerando a variável estudada. É mister ressaltar a importância dos programas estatísticos para que chegássemos a informações precisas, quando da avaliação dos dados desta pesquisa, e, para isso, tomamos as palavras de Brescancini (2002. p.25) quanto ao funcionamento dos programas do pacote computacional VARBRUL 2S:

“[...] De maneira geral, o que o programa faz é tomar um conjunto de dados lingüísticos e organizá-lo, de acordo com a variável dependente, em “ambientes possíveis” do ponto de vista lingüístico e extralingüístico. Estabelecidos tais contextos, o programa realiza um algoritmo que oferece informações estatísticas, na forma de pesos relativos, para cada fator condicionador de uma regra variável.”

Buscamos, com esta pesquisa, realizar um estudo preciso sobre a interferência do PB na aquisição de Inglês como língua estrangeira em relação as vogais, /i:/ e /ɪ/, e, por meio da análise estatística efetuada pelo programa GOLDVARB, o caráter científico desta pesquisa, certamente, poderá ser confirmado.

Para as palavras do Inglês que possuem /i:/ tivemos o total de 1334 *tokens*, ou seja, 1334 dados, nos quais a vogal frontal alta a ser produzida deveria ter sido o fonema /i:/. Todas estas palavras são, em Inglês, pronunciadas com a vogal alta frontal [+ tenso]. Entretanto, o que verificamos na Tabela 1, é que o fonema /i:/ aparece em 289 ocorrências, e nas outras 1045, os informantes pronunciaram o fonema /i/ do PB ou ainda outro som.

Tabela 1
Ocorrências do fonema /i:/ com *Knockouts*

Palavras com /i:/	Exemplos	Total de Ocorrências	Manifestações	%
Produzidas como /i:/	read – r/i:/d	1334	289	21,7%
Produzidas como /i/ ou outro fonema	read – r/i/d e r/ɛ/d	1334	1045	78,3%

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Na Tabela 1 verificamos que em 1334 ocorrências, os informantes pronunciaram as palavras com a vogal frontal alta de traço [+ tenso] 289 vezes, correspondendo a 21,7% das manifestações.

Nesta primeira rodada do programa, obtivemos o resultado com *knockouts*, isto significa que algumas variáveis apresentaram 100% de presença ou de ausência nas ocorrências. Neste caso, uma segunda rodada foi necessária para a obtenção de dados sem a interferência dessas porcentagens.

A primeira variável independente que apresentou *knockout* foi Contexto Seguinte, pois a vogal frontal alta [+ tenso] /i:/ não surgiu em nenhum dos 26 *tokens* com vogal em contexto seguinte. As outras variáveis que apresentaram *knockout* foram: tamanho do vocábulo (palavras trissílabas) e acento (sílabas pretônicas e postônicas). Neste caso a vogal /i:/ tampouco foi pronunciada. Após eliminar os *knockouts* obtivemos os resultados globais apresentados na Tabela 2.

Tabela 2
Ocorrências do fonema /i:/ sem *Knockouts*

Palavras com /i:/	Exemplos	Total de Ocorrências	Manifestações	%
Produzidas como /i:/	read – r/i:/d	1305	289	22,1%
Produzidas como /i/ ou outro fonema	read – r/i/d e r/ɛ/d	1305	1016	77,9%

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Ao ler a Tabela 2, verificamos que em 1305 *tokens* a vogal frontal alta com o traço [+ tenso] foi assim produzida em apenas 22,1% dos casos e, na maioria das vezes, 77,9% dos casos, apareceu como a vogal do PB /i/ ou como outro fonema. Se verificarmos o número de manifestações da vogal /i:/ veremos que as palavras foram produzidas com este som em apenas 289 vezes. Esse número torna-se muito pequeno quando contrastado com o número de vezes em que a vogal deveria ter sido pronunciada e não foi, pois isso ocorreu em 1016 vezes. Esses dados confirmam a hipótese da interferência do PB quando o aprendiz estuda Inglês como língua estrangeira, já que a troca é realizada com um fonema do PB, ou seja, o aprendiz produzirá aquele fonema que lhe é familiar, enquanto não internalizar como e quando produzir o fonema /i:/ do Inglês.

A análise dos pesos relativos obtidos por meio da utilização do programa estatístico GOLDVARB nas rodadas *Stepping up* e *Stepping down* nos mostra mais do que a simples porcentagem de palavras produzidas com o fonema do PB e a influência que a língua materna exerce no estudo de língua estrangeira. Esta fase da análise relaciona todas as variáveis em estudo e distribui a cada uma um peso relativo, esclarecendo a relevância de cada uma delas para a aplicação ou inibição do fenômeno em questão. Passemos então, neste momento, para a apresentação e a discussão dos pesos relativos obtidos.

A Tabela 3 a seguir apresenta a análise do papel da variável Contexto Seguinte no fenômeno estudado.

Tabela 3
Variável Contexto Seguinte

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Líquida Lateral	121	76	62,8	0.875
Oclusiva	551	131	23,8	0.582
Nasal	152	40	26,3	0.557
Fricativa	243	33	13,6	0.495
Contexto Ø	238	9	3,8	0.132

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Nesta rodada verificamos com clareza que o Contexto Seguinte é a variável que mais favorece o aparecimento da vogal /i:/ e, dentro deste contexto, a consoante lateral líquida é o fator que mais influencia sua produção.

Ao observarmos a Tabela 3, verificamos que, dentre os fatores da variável Contexto Seguinte, a líquida lateral é o que tem o maior peso relativo (0.875), portanto, é o que mais facilita a manifestação do fenômeno lingüístico estudado. Como exemplo, podemos citar a palavra *deal* (negócio), que foi pronunciada como d[i:]l 100% das vezes em que apareceu, *meal* (refeição) e *peal* (um som muito alto como uma explosão) também apresentaram um alto grau de manifestação do segmento /i:/.

Neste caso, podemos concluir que, fonemas adjacentes facilitam a produção de /i:/ como explicam Roca e Johnson (1999), e, nesta pesquisa verificamos que, líquida lateral é o fonema adjacente que mais contribui para a manifestação da vogal frontal alta longa, e isto acontece por duas razões: i) a líquida lateral possui características fonético-articulatórias próximas às das vogais; ii) e já é conhecida do aprendiz, pois faz parte do inventário de consoantes do PB, assim sendo, o aprendiz tem facilidade em pronunciá-la e sua proximidade com a vogal /i:/ faz com que o aprendiz produza o fonema /i/ do PB como uma vogal mais longa e com o traço [+tenso].

Analisemos essas duas proposições mais detalhadamente. Por um lado, a líquida lateral /l/, por ser parte integrante do inventário de fonemas do PB, não é estranha ao falante, portanto, não será impossível, nem mesmo difícil, que ele a execute, facilitando, assim, a produção desse fonema. Por outro lado, as características fonético-articulatórias desse fonema /l/ fortalecerão a produção da vogal frontal alta longa /i:/.

Vejamos algumas das características que aproximam esses dois fonemas. Tanto as vogais quanto as líquidas fazem parte de uma única classe, qual seja, as soantes por possuírem vozeamento espontâneo e não terem um correspondente surdo.

Para a produção da líquida lateral /l/, o articulador ativo – ápice da boca – deve tocar os alvéolos ou os dentes, produzindo a consoante lateral na parte anterior da boca. A vogal /i:/ também é aí produzida, pois o corpo da língua encontra-se na parte anterior da boca na sua produção. Outra característica é a altura ocupada pelo corpo da língua durante a produção de um /i:/ que é considerada uma vogal alta.

Tanto a vogal /i:/ quanto a consoante lateral /l/ são coronais, ou seja, os dois fonemas são produzidos na região dos alvéolos com a coroa da língua.

As oclusivas aparecem com o segundo maior peso relativo na Tabela 3 (0.582), apesar de este número já esteja bem próximo do ponto neutro. Isto significa que, embora, as

oclusivas não sejam um fator que favorece a produção da vogal frontal alta /i:/, elas não agem como fator inibidor. As palavras *need* (precisar) e *meet* (encontrar) são exemplos da variável Contexto Seguinte fechado por oclusivas.

As nasais possuem um peso relativo um pouco abaixo das oclusivas (0.557) e, portanto, também se mostram indiferentes quanto a favorecer ou inibir a produção da vogal /i:/. Exemplos de palavras que possuem a vogal /i:/ em uma sílaba fechada por nasal são *seventeen* (dezesete) e *seen* (particípio passado do verbo ver). As nasais também fazem parte da classe das soantes, logo, possuem vozeamento espontâneo, porém, somente uma delas possui ponto de articulação que se aproxima da posição do corpo da língua na produção da vogal /i:/.

As fricativas possuem um peso relativo baixo (0.495), bem próximo do ponto neutro, não se mostrando relevantes na manifestação do fonema. *Leave* (sair) e *these* (estes, estas) são exemplos de palavras que possuem fricativas em contexto seguinte à vogal frontal alta /i:/.

Devemos salientar, contudo, que o contexto seguinte vazio possui um peso relativo extremamente baixo (0.132), isto mostra que este é um fator de inibição do fenômeno dentro da variável Contexto Seguinte; mostra ainda uma grande influência do PB na aquisição do Inglês como língua estrangeira, pois, em monossílabos abertos, sem nenhum fonema em contexto seguinte, só existe vogal longa /i:/ e o fonema /i/ não aparece neste contexto em Inglês. O que verificamos com as amostras, no entanto, é que para os aprendizes de Inglês como língua estrangeira que possuem o PB como língua materna isto não se aplica, pois, em muitos momentos produziram a vogal frontal alta longa de traço [+ tenso] como a vogal do PB e não como /i:/. Palavras como *he* (ele) e *me* (me) que possuem a vogal longa no Inglês foram produzidas com a vogal do PB /i/.

Roca e Johnson (1999) explicam que a forma mais longa da vogal é a que não possui consoante em contexto seguinte, entretanto, o que os dados nos mostram é exatamente o oposto, pois, a manifestação de /i:/ com o contexto seguinte vazio foi o fator de menor peso relativo. Podemos aventar a hipótese de isso ocorrer por não existir núcleo de sílaba complexo em PB, deste modo, o falante de PB produz a vogal como curta para adequar a palavra à fonotática do PB; este fator prova mais uma vez a influência de PB na aquisição de Inglês como L2.

Em outros vocábulos, que não monossílabos, o contexto seguinte vazio na mesma sílaba também inibiu a produção da vogal /i:/ como nas palavras *people* (pessoas, povo) e *freedom* (liberdade). Estas palavras foram pronunciadas com o /i/ do PB sempre que apareceram.

Verificamos, então, com a análise estatística, que na variável Contexto Seguinte, o fator líquida lateral é o grande favorecedor da produção da vogal frontal alta /i:/, entretanto, os fatores oclusiva e nasal ficaram muito próximos do ponto neutro, não apresentando assim relevância para a produção do fonema /i:/. O fator consoante fricativa ficou abaixo do ponto neutro, porém bem próximo deste mostrando assim serem indiferentes para o aparecimento do fonema /i:/ e, o contexto seguinte zero foi o que apresentou o peso relativo menor, mostrando ser um inibidor da produção do fonema estudado, reforçando nossa hipótese de que o contexto em que o fonema está inserido influencia na sua correta percepção e produção.

Passaremos agora para a análise da variável Contexto Precedente que apresenta resultados bem diferentes da variável Contexto Seguinte, conforme verificamos na Tabela 4.

Tabela 4
Variável Contexto Precedente

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Vogal	42	13	31	0.696
Líquida Lateral	119	25	21	0.598
Oclusiva	385	101	26,2	0.579
Fricativa	439	106	24,1	0.530
Nasal	65	25	38,5	0.494
Líquida não lateral	86	10	11,6	0.444
Contexto Ø	169	9	5,3	0.198

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Na variável Contexto Precedente o fator que apresenta um maior peso relativo, dentre os fatores desta variável, é uma vogal precedendo a vogal /i:/. Este fator obteve um peso relativo de 0.696 tendo sido o maior neste grupo. Exemplos de palavras que possuem uma vogal antecedendo a vogal longa /i:/ é a palavra *queen* (rainha) que possui um glide antes da vogal longa /i:/.

Este fator provavelmente favorece a produção da vogal /i:/ por apresentar características muito próximas a ela, por ser um glide, que, em muitas línguas é considerado uma semi-vogal.

Os fatores: líquida lateral, oclusiva e fricativa tiveram seus pesos relativos muito próximos ao do ponto neutro, 0.598, 0.579 e 0.530, respectivamente. Esses números mostram que, embora, tais fatores não sejam relevantes para a produção da vogal longa /i:/, não oferecem resistência para a sua manifestação. A palavra *lead* (liderar) possui uma líquida lateral precedendo a vogal alta /i:/, a palavra *peach* (pêssego) possui uma oclusiva antes da vogal /i:/ e a *feet* (pés) possui uma fricativa antecedendo a vogal frontal alta /i:/.

A variável Contexto Precedente apresentou dois fatores que tiveram seus pesos relativos abaixo do ponto neutro, porém ainda próximos dele. Esses fatores foram as consoantes nasais e as líquidas não laterais. As nasais apresentaram um peso relativo de 0.494 e as líquidas laterais de 0.444. Isto significa que esses dois fatores não favoreceram a manifestação da vogal /i:/ nas palavras que possuem esse contexto, tampouco o inibiram. As palavras *meal* (refeição) e *reef* (recife) são exemplos de uma nasal e uma líquida não lateral em contexto precedente respectivamente.

O contexto precedente zero aparece com um peso relativo baixo, apenas 0.198, ou seja, apresenta-se como um fator inibidor da manifestação do fonema /i:/. Neste caso, palavras que não possuem um fonema antecedendo a vogal longa /i:/ foram pronunciadas com a devida vogal somente em 5,3% das vezes em que apareceram. Exemplos de palavras nesta categoria são: *easy* (fácil), *evening* (noite) e *even* (mesmo, par).

Esse último fator pode corroborar o que se deu com o contexto zero, porém, após a vogal /i:/, ou seja, o falante de PB não pronuncia a vogal longa por não aceitar a estrutura núcleo complexo como uma sílaba bem formada. Assim sendo, ele pronuncia a vogal como /i/ para que ela só ocupe um lugar no núcleo e, neste caso, mais uma vez a interferência do PB em Inglês é confirmada.

Percebemos então que, na variável Contexto Precedente os fatores mais relevantes são as vogais e o contexto precedente vazio, o primeiro fator por ser o mais favorecedor para a manifestação do fonema /i:/ e o segundo por ser um inibidor do mesmo fonema.

A seguir apresentamos a análise estatística da variável Tamanho do Vocábulo presente na Tabela 5.

Tabela 5
Variável Tamanho do Vocábulo

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Monossílabo	1103	275	24,9%	
Dissílabo	202	14	6,9%	

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

A Tabela 5 revela a manifestação da vogal longa /i:/ em monossílabos e dissílabos. Em 1305 *tokens* no total, 1103 eram palavras monossilábicas e 202 palavras dissilábicas. O próprio programa eliminou este grupo na segunda rodada, ou seja, na fase em que se apresentam *stepping up* e *stepping down*. Isto comprova que este grupo não possui grande relevância para a pesquisa, já que não obtivemos um peso relativo para ele. Entretanto, ao analisá-lo, verificamos que a interferência do PB apresenta-se realmente muito forte, pois, nos monossílabos a produção do fonema /i:/ ocorreu em 24,9% das manifestações. Esse número, ainda que baixo, foi maior do que as manifestações do mesmo fonema em palavras dissilábicas, pois, nesse caso, as palavras foram produzidas com a vogal frontal alta [+ tenso] somente em 6,9% dos casos. Importante lembrar que todas as palavras analisadas nesta fase possuem o fonema /i:/.

A tabela seguinte trata da variável Posição na Palavra.

Tabela 6
Variável Posição na Palavra

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Sílaba Final	1126	278	24,7%	
Sílaba Inicial	179	11	6,1%	

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

A Tabela 6 demonstra que este grupo, assim como o apresentado na Tabela 5 é de pouca relevância para o fenômeno estudado, pois foi cortado na fase *stepping up* e *stepping down* não apresentando, assim, um peso relativo.

O que podemos comprovar mais uma vez, por meio das porcentagens, é a interferência de nossa língua materna no aprendizado de Inglês como língua estrangeira no que se refere aos segmentos estudados. As palavras estudadas que apresentam o fonema /i:/ foram produzidas 24,7% das vezes com o devido fonema quando esse estava em sílaba final e, apenas 6,1% quando em sílaba inicial.

Após realizarmos a análise estatística dos dados com o fonema /i:/, passamos para a análise de algumas palavras que possuem o fonema /l/ no Inglês e sua produção.

Tabela 7
Ocorrências do fonema /l/ com *Knockouts*

Palavras com /l/	Exemplos	Total de Ocorrências	Manifestações	%
Produzidas como /l/	live – l/l/v	1962	117	6%
Produzidas como /i/ ou outro fonema	live – l/i/v e l/ai/v	1962	1845	94%

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

A Tabela 7, acima, mostra o primeiro resultado obtido em relação à vogal alta com o traço [-tenso] /l/. No total de 1962 *tokens*, apenas 117 palavras foram produzidas com a vogal /l/, ou seja, apenas 6% de todas as palavras que possuem esse fonema foram devidamente pronunciadas pelos informantes.

Com a vogal /l/ alguns fatores dentro das variáveis não apresentaram aplicação alguma. Foram obtidos *knockouts* em todos os grupos na análise da vogal /l/. Na variável Contexto Precedente, o fator vogal apresentou *knockout* assim como os fatores elencados a seguir: em Contexto Seguinte (líquida não lateral e vogal), na variável Tamanho do Vocabulo (trissílabos e polissílabos), na variável Acento (pretônica e postônica) e, na variável Posição na Palavra (sílabas medial).

Assim sendo, tivemos que conduzir uma segunda rodada com esses dados para que pudessemos obter os resultados sem *knockouts*, como podemos ver na Tabela 8.

Tabela 8
Ocorrências do fonema /ɪ/ sem *Knockouts*

Palavras com /ɪ/	Exemplos	Total de Ocorrências	Manifestações	%
Produzidas como /ɪ/	live – l/ɪ/v	1598	117	7,3%
Produzidas como /i/ ou outro fonema	live – l/i/v e l/ai/v	1598	1481	92,7%

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

A análise da Tabela 8 permite-nos observar que em 1598 *tokens* o fonema /ɪ/ foi devidamente pronunciado 117 vezes, ou seja, em apenas 7,3% das manifestações. Estes dados nos mostram que o fonema /ɪ/ sofre ainda mais interferência do PB na sua produção que o fonema /i:/, pois esse apresentou uma manifestação de 22,1%.

Concluimos, por meio da análise estatística do programa GOLDVARB, que o fonema /ɪ/ é ainda mais difícil de ser produzido pelos informantes do que o fonema /i:/, pois em 92,7% das ocorrências os informantes produziram esse fonema como /i/ do PB ou ainda como outro segmento. Uma explicação fonológica para esse fenômeno é o fato de que as características fonético-articulatórias da vogal /ɪ/ estão ainda mais distantes de /i:/ do que a sua correspondente longa /i:/, já que /ɪ/ possui o traço [- tenso] e as outras duas possuem o traço [+ tenso].

A vogal frontal de traço [+ tenso] /i/ é mais alta que aquela que possui o traço [- tenso], ou seja, /ɪ/ e essa não faz parte do inventário de vogais do PB.

Passemos agora para a análise da vogal /ɪ/ quanto aos pesos relativos das variáveis. Começaremos pela variável Contexto Seguinte como mostra a Tabela 9.

Tabela 9
Variável Contexto Seguinte

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Contexto Ø	79	2	2,5%	0.970
Líquida Lateral	109	21	19,3%	0.698
Oclusiva	619	69	11,1%	0.574
Fricativa	244	13	5,3%	0.377
Nasal	547	12	2,2%	0.314

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Na variável Contexto Seguinte, o fator que aparece com o maior peso relativo e, portanto, apresenta-se como favorecedor do aparecimento da vogal /ɪ/ é o contexto seguinte vazio, ou seja, quando não há nenhum outro segmento depois da vogal /ɪ/. O peso relativo deste fator foi de 0.970 representando quase que a totalidade das manifestações. Um exemplo de palavra com o contexto seguinte vazio é *city* (cidade).

A líquida lateral apresentou o segundo maior peso relativo (0.698), porém não tão alto quanto o contexto vazio. Esse dado coloca a líquida lateral em contexto seguinte como o segundo fator mais favorecedor da produção da vogal /ɪ/. A palavra *hill* (morro, montanha pequena) é um exemplo de líquida lateral seguindo a vogal /ɪ/.

As oclusivas apresentam peso relativo bem próximo ao ponto neutro (0.574), não se caracterizando assim como fator favorecedor, tampouco como inibidor do fenômeno. *Did* (passado do verbo *to do* – fazer) e *six* (seis) são exemplos de palavras com oclusivas seguindo a vogal /ɪ/.

As fricativas e as nasais surgiram com peso relativo abaixo do ponto neutro, mostrando, serem fatores que inibem a produção da vogal /ɪ/ e não ajudam em sua manifestação. Os pesos relativos das fricativas e das nasais foram 0.377 e 0.314, respectivamente. Exemplos de palavras com fricativas seguindo a vogal /ɪ/ são *his* (dele) e *if* (se), e, palavras com nasais seguindo a mesma vogal são *cabin* (cabana) e *sin* (pecado).

Tabela 10
Variável Contexto Precedente

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Líquida Lateral	213	16	7,5%	0.723
Líquida não lateral	60	8	13,3%	0.646
Oclusiva	402	35	8,7%	0.541
Fricativa	494	42	8,5%	0.518
Nasal	91	8	8,8%	0.468
Contexto Ø	338	8	2,4%	0.273

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Na variável Contexto Precedente, o fator que mais favorece o aparecimento da vogal /l/ é a líquida lateral, pois seu peso relativo é de 0.723, sendo o maior peso relativo neste contexto. A palavra *little* (pequeno) é um exemplo da vogal /l/ precedida por uma líquida lateral. Isso ocorre, provavelmente, pela influência do traço coronal que a líquida lateral possui, pois o /l/, é produzido um pouco atrás do /i:/, assim sendo, a movimentação da língua é no sentido palato – parte posterior da boca.

A líquida não lateral possui o peso relativo 0.646, e isso que mostra que ela é um fator facilitador da manifestação da vogal /l/, porém não tão alto como a líquida lateral. Exemplos de palavras que possuem líquida não lateral em contexto precedente a vogal /l/: *riff* (frase rítmica), *repeat* (repetir) e *rip* (livrar-se de).

As oclusivas e as fricativas tiveram seus pesos relativos em 0.541 e 0.518 respectivamente, ou seja, pesos relativos bem próximos do ponto neutro, mostrando, assim, que não influenciam na produção da vogal, isto é, não facilitam nem inibem a produção da vogal /l/. Palavras como *bit* (pouco) e *pill* (pílula) são exemplos de oclusivas precedendo a vogal /l/, e *fill* (encher, preencher) e *fit* (caber, servir) são exemplos de palavras com fricativas antecedendo a vogal /l/.

As nasais apresentaram um peso relativo baixo, bem próximo do ponto neutro 0.468 não podendo, assim, serem consideradas um fator favorecedor da manifestação da vogal em estudo. Palavras como *knit* (tricotar) e *mill* (moinho) possuem uma nasal antecedendo a vogal /l/.

O menor peso relativo obtido dentro da variável Contexto Precedente foi o fator contexto zero, que apresentou um peso relativo de 0.273. Esse resultado mostra que o contexto precedente vazio, ou seja, nenhum fonema precedendo a vogal /ɪ/, é o maior fator inibidor da produção desta vogal. Palavras como *eleven* (onze), *English* (inglês) e *explain* (explicar) são exemplos de contexto precedente vazio. Acreditamos que isso ocorre porque não há nenhuma consoante no ataque da sílaba, desse modo, não há nenhum outro segmento para ajudar influenciar a produção da vogal /ɪ/, levando suas características para tal vogal, portanto, o falante a produzirá com os traços que já conhece da vogal /i/ do PB.

Verifiquemos a seguir, o que acontece com a variável Tamanho do Vocábulo, por meio dos dados mostrados na Tabela 11.

Tabela 11
Variável Tamanho do Vocábulo

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Monossílabo	1166	115	9,9%	0.811
Dissílabo	432	2	0,5%	0.019

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Verifica-se, nesta tabela, que o peso relativo dos monossílabos é de 0.811, portanto, podemos afirmar que eles favorecem a ocorrência da vogal /ɪ/, em oposição aos dissílabos que possuem um peso relativo de 0.019. No entanto, devemos ressaltar que, mesmo com uma vantagem em relação aos dissílabos, os monossílabos ainda não garantem a manifestação da vogal produzida como no Inglês, pois, em apenas 9,9% dos casos ela apareceu. Exemplos de monossílabos que possuem a vogal /ɪ/ são *it* (pronome neutro – ele, ela) e *give* (dar) e dissílabos com a mesma vogal: *until* (até) e *Spanish* (espanhol).

Para esse fato apresentamos a seguinte hipótese: o monossílabo é acentuado e por isso sofre menos processos fonológicos, como vemos na tese de Beckman (1998), na qual a autora explica que já posições nas palavras privilegiadas em relação a outras e, a posição acentuada sofre menos processos que a átona, como os monossílabos aqui estudados são todos tônicos, são privilegiados por essa característica permanecendo a produção da vogal sem mudança.

A hipótese que aventamos para explicar essa ocorrência é o fato de as consoantes que fecham a sílaba da maioria dos monossílabos apresentados serem uma oclusiva ou uma fricativa. Isto significa que elas possuem uma constrição total, no caso das oclusivas, e,

parcial, no caso das fricativas, eliminando, assim, a possibilidade de um alongamento da vogal e interrompendo sua duração de uma maneira mais abrupta do que uma líquida faria. Dessa forma, a tensão do aparelho fonador cessa mais rapidamente que nos outros casos, produzindo, desse modo, uma vogal considerada mais frouxa com o traço [- tenso].

A Tabela 12 traz os dados da variável Posição na Palavra, e nos mostra se a vogal estudada está em sílaba inicial, medial ou final da palavra.

Tabela 12
Variável Posição na Palavra

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Sílaba Final	1347	115	8,5%	
Sílaba Inicial	251	2	0,8%	

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Este grupo – variável Posição na Palavra – foi eliminado na fase de *Stepping down*, portanto não são registrados pesos relativos para esta variável, porém, a partir das porcentagens, podemos tirar algumas conclusões. A vogal em sílaba final aparece em 8,5% das ocorrências em oposição à sílaba inicial, na qual a vogal é pronunciada como /I/ somente em 0,8% dos casos. Isso mostra que a sílaba final favorece a manifestação da vogal /I/ em relação à sílaba inicial, porém, nos dois casos a ocorrência ainda é muito baixa, pois os informantes pronunciaram o /i/ do PB ou outro fonema em mais de 90% das ocorrências. A palavra *anything* (qualquer coisa) possui a vogal /I/ em sílaba final e a palavra *eleven* (onze) em sílaba inicial.

Em alguns momentos os aprendizes efetuam a troca dos fonemas estudados por outros que não o /i/ do PB, algumas vezes, detectamos o fonema /ε/, outras ainda ditongos como /ei/ e /ai/. Analisamos essa situação por meio do programa GOLDVARB. Passemos, às Tabelas.

Tabela 13
Ocorrências do fonema /ɛ/ ou outros com *Knockouts*

Palavras com /ɛ/ ou outro fonema	Exemplos	Total de Ocorrências	Manifestações	%
Produzidas como /ɛ/ ou outro fonema	Feel – f/ɛ/l	86	3461	2,5%
Produzidas como /i/, /i:/ ou /I/	Feel – f/i:/l, f/i/l e f/I/l	3375	3461	97,5%

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Na Tabela 13, verifica-se que a troca efetuada pelos informantes de /i:/ ou /I/ para /ɛ/ ou para algum outro fonema como os ditongos já mencionados /ei/ e /ai/ ocorreu em 86 palavras, ou seja, em 2,5% dos casos. Como ocorreu com as outras rodadas, nesse caso também obtivemos *knockouts*. Na Tabela 14 analisamos a mesma variável – Posição na Palavra – sem a presença deles.

Tabela 14
Ocorrências do fonema /ɛ/ ou outros sem *Knockouts*

Palavras com /ɛ/ ou outro fonema	Exemplos	Total de Ocorrências	Manifestações	%
Produzidas como /ɛ/ ou outro fonema	Feel – f/ɛ/l	86	3272	2,6%
Produzidas como /i/, /i:/ ou /I/	Feel – f/i:/l, f/i/l e f/I/l	3186	3272	97,4%

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Após eliminarmos os *knockouts*, os dados mostram que em apenas 2,6% dos casos os informantes trocam o fonema esperado por /ɛ/ ou algum outro fonema como os ditongos /ei/ e /ai/. Em alguns momentos, verificamos que este tipo de troca também reforça nossa hipótese de interferência do PB na aprendizagem de Inglês, como veremos nas tabelas apresentadas na sequência.

Tabela 15
Variável Contexto Seguinte

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Contexto Ø	538	39	7,2%	0.655
Líquida Lateral	230	8	3,5%	0.663
Oclusiva	1204	24	2%	0.482
Fricativa	563	7	1,2%	0.422
Nasal	737	8	1,1%	0.420

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Os dados da Tabela 15 demonstram que o contexto seguinte zero, ou seja, quando não há nenhum segmento após a vogal, é o fator de maior peso relativo, 0.655, nessa variável. Um exemplo de palavra com esse contexto é *Freda* (nome de mulher). Esse nome, que deveria ter sido pronunciado com o /i:/ longo, algumas vezes foi dito fr/ε/da. Esta pronúncia reforça nossa a idéia de interferência do PB em relação ao Inglês, e pode confirmar nossa hipótese de que a teoria de Traços Distintivos pode explicar a interferência, pois o aprendiz, se atendo à escrita, pode se remeter a nomes como “Alfredo”, “Frederico”, ou apelidos como “Fred” e pronunciar o nome em Inglês com a pronúncia do PB modificando os traços da vogal alta e transformando-a em uma vogal média baixa.

A Tabela 16 possibilita-nos checar o que se passa com a variável Contexto Precedente.

Tabela 16
Variável Contexto Precedente

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Líq. Não Lateral	17	174	9,8%	0.826
Fricativa	25	947	2,6%	0.675
Oclusiva	30	850	3,5%	0.591
Líquida Lateral	9	336	2,7%	0.536
Nasal	2	163	1,2%	0.459
Contexto Ø	2	507	0,4%	0.207
Vogal	1	295	0,3%	0.111

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Na Tabela 16 podemos observar um peso relativo de 0.826 que é bastante alto para a líquida não lateral em contexto precedente. Isso significa que a líquida não lateral /r/, posicionada antes da vogal favoreceu o aparecimento do fonema /ε/ ou ainda dos ditongos. Uma palavra para exemplificar esta situação é *read* (ler). Um dos informantes produziu r/ε/d no lugar de r/i:/d. Essa situação, no entanto, pode ser mais um argumento em favor da interferência do PB, porém, a idéia que mais nos convence é que, neste momento, houve uma interferência do próprio Inglês, visto que o passado do verbo *to read* (ler) se escreve da mesma maneira, porém se pronuncia com /ε/ assim como *red* (vermelho).

Na Tabela 17 observamos o que ocorre com a variável Tamanho do Vocábulo.

Tabela 17
Variável Tamanho do Vocábulo

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Monossílabo	44	2473	1,8%	0.608
Dissílabo	42	799	5,3%	0.205

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Os monossílabos facilitaram a manifestação da vogal /ε/ e dos ditongos, se eles forem comparados à atuação dos dissílabos, pois, o peso relativo dos monossílabos de 0.608 ficou acima do ponto neutro.

Na Tabela 18 analisamos a variável Posição na Palavra e sua interferência nas manifestações da vogal frontal alta.

Tabela 18
Variável Posição na Palavra

Fatores	Dados obtidos	Aplicação	%	Peso relativo
Sílaba Inicial	42	452	9,3%	0.942
Sílaba Final	44	2820	1,6%	0.390

Fonte: Dados da Pesquisa / 2008

Os dados, na Tabela 18, mostram um peso relativo muito alto para a sílaba inicial, 0.942, ou seja, a produção da variável /ε/ e dos ditongos, já mencionados, foi favorecida por essa posição na palavra, sendo que, em oposição a ela, temos a sílaba final que teve um peso relativo de apenas 0.390, ficando bem abaixo do ponto neutro, dessa forma, pode-se afirmar que é um fator de inibição dessa manifestação.

E, por fim, vale destacar que a análise estatística foi de grande relevância para as conclusões alcançadas nesta pesquisa, uma vez que essa análise possibilita-nos quantificar os fenômenos lingüísticos e demonstrar por meio de pesos relativos aquelas variáveis que mais favorecem, ou, ao contrário, aquelas que mais inibem os fonemas que pesquisamos, de forma que, não poderíamos nos furtar a ela, pois isso, certamente, influenciaria a precisão dos resultados.

Por fim, o contexto no qual o fonema está inserido influencia na sua produção e, pelo que verificamos neste trabalho, para a vogal frontal alta [+ tenso] /i:/, a líquida lateral em contexto seguinte é o fator mais favorecedor para a sua manifestação. A segunda hipótese confirmada é que o falante de PB como língua materna produz fonemas da língua estrangeira que estuda como os já conhecidos em L1.

Uma das hipóteses levantadas que não se confirmou com essa análise foi a de que o fator tonicidade/atonicidade influencia na produção das vogais que são foco deste estudo. Essa conclusão é decorrente do fato de que em todas as rodadas esta variável foi eliminada por *knockout*.

Após a análise estatística dos dados, passamos ao estudo da percepção que os informantes tiveram dos fonemas /i:/ e /I/.

7 AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO

Após a entrevista para a coleta de dados com os informantes, conduzimos um exercício de percepção dos fonemas /i:/ e /I/ para avaliar se o desempenho dos sujeitos era o mesmo em relação à produção.

Como já explicado no Capítulo 5 da Metodologia, trabalhamos com o exercício intitulado, Jornada de Pronúncia Hancock (1996) conforme Anexo 02. Neste momento, pronunciamos quatro palavras e verificamos se os informantes reconheciam o fonema de cada uma, por meio de um exercício no qual o informante deveria se dirigir para a direita, no mapa que lhe foi dado, se o fonema escutado fosse a vogal /i:/ e, para a esquerda, caso escutasse uma palavra com a vogal /I/.

As quatro palavras utilizadas neste exercício foram *leak* (vazar), *rip* (livra-se de), *sheep* (ovelha) e *cheap* (barato). Portanto, ao ouvir a primeira palavra, o informante deveria dirigir-se para a direita; ao ouvir a segunda, entretanto, deveria ir para a esquerda; a terceira e a quarta deveriam guiá-lo para a direita novamente. Após ouvir as quatro palavras e escolher um dos lados para continuar o exercício, os sujeitos terminavam a jornada em uma determinada cidade. Se o entrevistado reconhecesse os fonemas nas quatro palavras, terminaria o exercício, respondendo que chegara a Tokyo, porém, se não reconhecesse qualquer uma das quatro palavras, chegaria a um destino diferente.

Ao final das entrevistas, somente três informantes não reconheceram uma das palavras, e isto se deu exatamente no mesmo vocábulo. Três, dos quinze entrevistados, perceberam a palavra *cheap* (barato) como tendo o fonema /I/. Desta forma, os três que não chegaram ao destino desejado, chegaram à mesma cidade – Miami. Todos os quinze entrevistados, entretanto, reconheceram o fonema presente nas três primeiras palavras, chegando, portanto, corretamente até a terceira fase.

As palavras utilizadas neste exercício, assim como a percepção das mesmas pelos informantes estão catalogadas no Quadro 4.

Quadro 4

Palavras	Nº de aparições	Percepção: [i:]	Percepção: [I]	
Leak	15	15		
Rip	15		15	
Sheep	15	15		
Cheap	15	12	3	Obs Sujei. 2, 6 e 14.

Ao analisar o Quadro 4, verificamos que a correta percepção dos fonemas /i:/ e /I/ acontece em uma proporção muito maior que a produção destes mesmos fonemas, pois, somente três, das sessenta manifestações dos fonemas, não foram corretamente percebidas pelos informantes.

Como já ressaltado na metodologia a influência do PB na leitura feita pela pesquisadora não pode ser descartada mesmo sendo portadora de vários testes internacionais de proficiência como TOEFL, Michigan e UMEPT.

O resultado obtido com esse exercício, porém, leva-nos a afirmar que os sujeitos sabem que existe uma diferença entre os fonemas /i:/, /I/ e o /i/ do PB, conseguem reconhecê-la, porém, muitas vezes não conseguem produzi-la. Esta conclusão é corroborada com o exercício dado aos informantes na quarta parte da coleta de dados, quando eles tiveram que completar um parágrafo com uma palavra que escolheram e depois ler o referido parágrafo com as lacunas preenchidas. Em várias ocasiões, o informante escolhia a palavra correta ao vê-la escrita, porém não a pronunciava com o fonema adequado.

Com a Análise Estatística dos dados percebemos as variáveis que mais favorecerem a manifestação dos fonemas do Inglês e quais a inibem, propiciando, assim, a interferência do PB na aquisição de L2. Entretanto, verificamos que a interferência é bem mais relevante no momento da produção do que no da percepção, pois, de acordo com o exercício proposto os informantes perceberam os fonemas do Inglês em 95% das vezes, o que não ocorreu em nenhum contexto, quando discutimos a produção.

Passamos a uma avaliação fonológica dos processos de mudança de traços, de mudança no núcleo silábico e de epêntese que ocorrem quando há a influência do PB no aprendizado de Inglês como língua estrangeira.

8 AVALIAÇÃO FONOLÓGICA

Ao longo da pesquisa, três processos fonológicos se destacaram: mudança de traços dos segmentos, mudança na estrutura do núcleo silábico e inserção de segmentos e de traços.

8.1 MUDANÇA DE TRAÇOS

O primeiro processo fonológico analisado foi a mudança de traços que ocorre nos segmentos por meio da interferência do PB no estudo de Inglês como língua estrangeira. O aprendiz, como já mencionado várias vezes nesta pesquisa, transfere as características fonético-fonológicas dos fonemas que conhece para a língua estrangeira que aprende, pois nem todos os fonemas de L2 lhe são familiares, portanto, ele pode mudar traços de alguns fonemas que não domina e substituí-los por outros já lexicalizados.

Essa mudança aconteceu inúmeras vezes, durante as entrevistas na produção dos fonemas /i:/ e /I/. O primeiro foi muitas vezes produzido como /i/ apenas, ou seja, o alongamento foi abandonado e o fonema foi produzido como a vogal alta frontal que conhecemos em nossa língua materna. O segundo foi alvo de maiores transformações, pois, quando há a troca de /I/ por /i/, o falante deve elevar mais a vogal e produzi-la na parte frontal da boca, e ainda produzir o segmento com o traço [+tenso], visto que, a vogal /I/ é mais baixa que a vogal /i/ (LADEFOGED, 1996. p.283). Há a mudança de traços quando o aprendiz produz /i/ no lugar de /I/ ou /i:/.

Chomsky e Halle (1968) explicam cada um dos traços distintivos e, por meio deles podemos elaborar a matriz de traços das vogais /i/, /i:/ e /I/ na busca de uma melhor comparação entre elas com o objetivo de compreender quais traços mudam com a interferência. Verificamos que, por serem vogais, os três fonemas mencionados neste parágrafo possuem muitos traços em comum, todos são soantes, ou seja, possuem vozeamento espontâneo; silábicos por estarem licenciados para ocupar núcleo de sílaba; são classificados como coronal por serem produzidos com a coroa da língua, são todos contínuos por não bloquearem a saída de ar e não arredondados. Os três traços que os diferenciam são os seguintes: o traço [+alto] distingue /i/ e /i:/ de /I/, porque /I/ é mais baixo que os outros dois fonemas; o traço [+tenso] faz a mesma distinção, pois, somente as duas primeiras são [+tenso] e, o traço de duração distingue a vogal /i:/ das outras duas por se tratar de uma vogal longa. Vejamos em (43) as matrizes de traços para esse três segmentos:

(43)

i	i:	I
+ soante	+ soante	+ soante
+ silábico	+ silábico	+ silábico
+ coronal	+ coronal	+ coronal
+ alto	+ alto	- alto
- arredondado	- arredondado	- arredondado
+ contínuo	+ contínuo	+ contínuo
+ tenso	+ tenso	- tenso
- longo	+ longo	- longo

A primeira matriz representa o /i/ do PB. Verificamos que, quando há a troca de /i:/ para /i/, o falante mantém quase todas as características do fonema, no entanto, produz uma vogal curta, quando ela deveria ser longa.

Comparando a terceira matriz com a primeira, fica claro que a distância articulatória entre esses dois fonemas é maior, ou seja, para que haja a troca de /I/ para /i/, quando o falante produz b/i/t para b/I/t → *bit* (pouco), por exemplo, houve a mudança de dois traços distintivos, pois ele produziu uma vogal mais alta que /I/ e a pronunciou com o traço [+tenso], no lugar de [-tenso].

É importante ressaltar que o falante de PB já possui todos esses traços lexicalizados visto que o PB possui vogais com o traço [+tenso], vogais altas, vogais médias e baixas, mas não possui todos os fonemas do Inglês em sua subjacência, já que o inventário de fonemas do PB difere do inventário do Inglês, assim como de outras línguas.

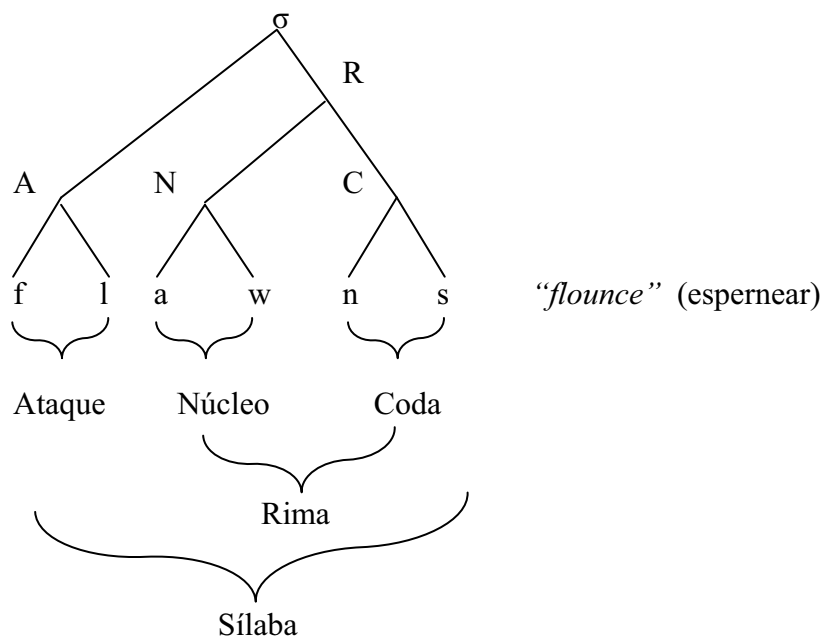
O segundo processo decorrente da interferência do PB na aquisição do Inglês é a mudança na estrutura do núcleo silábico, pois, quando o falante troca /i:/ por /i/ transforma um núcleo complexo em simples. Com o intuito de detalhar mais sobre o que ocorre nesse caso, retomamos o texto de Selkirk (1982).

8.2 MUDANÇA NA ESTRUTURA SILÁBICA

O núcleo deve conter um único elemento silábico que pode ser uma vogal ou uma soante silábica, nesta afirmação da autora, já verificamos uma diferença em relação ao PB, pois, em nossa língua materna somente as vogais podem ocupar essa posição. Outra diferença

existe entre as sílabas do PB e do Inglês, pois, em Inglês o núcleo também pode ser complexo como mostra o *template* elaborado pela autora e que pode ser revisto em (44):

(44)



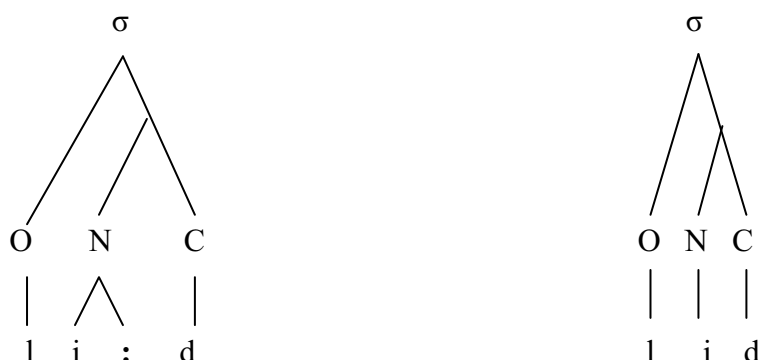
(Selkirk, 1982, p.338)

O núcleo, assim como o *onset* e a *coda* pode ter a segunda posição ocupada o que o transforma em um núcleo complexo. Não é qualquer elemento que está licenciado para tal posição, ao contrário, há fortes restrições que controlam o segundo elemento do núcleo, somente os *glides*, as vogais tensas ditongadas, as soantes /r/ e /l/ e o arquifonema /N/ podem ocupar a segunda posição do núcleo sob algumas circunstâncias.

Desse modo, quando há uma vogal longa no núcleo /i:/, ou seja, uma vogal tensa ditongada, e o falante a transforma na vogal curta do PB /i/, além de ocasionar uma mudança de traços distintivos como já discutido, acarreta uma mudança no núcleo silábico, pois, o que ocupava as duas posições do núcleo passa a ocupar apenas uma como pode ser visto em (45).

Quando o falante pronuncia /i:/d e não /i:/ para o monossílabo tônico *lead* (liderar), ele transforma um núcleo complexo em simples, pois tira uma posição do núcleo que passa a ter somente uma e, com isso, há uma mudança na organização silábica como podemos também verificar em (45).

(45)



A representação transforma-se, porque a própria estrutura silábica sofreu mudanças, transformando um núcleo que, a princípio era complexo, em um núcleo simples. Esta análise confirma mais uma vez a interferência do PB na aquisição do Inglês, pois, o falante tenta modificar a parte da sílaba que não está de acordo com a fonotática do PB, e, ao tirar uma posição do núcleo ele o transforma em uma sílaba bem formada em PB.

O terceiro processo fonológico, detectado em várias entrevistas, foi a epêntese, ou a inserção de vogal em palavras como “pneu” em PB. Exemplos de palavras que sofreram epênteses em nossos dados: *and*[i] para *and* (e) e *think*[i] para *think* (pensar).

Na fala culta do PB, este fenômeno tende a ser evitado, porém, na fala coloquial é bastante presente como em “psicologia”, “optar” e “ritmo”.

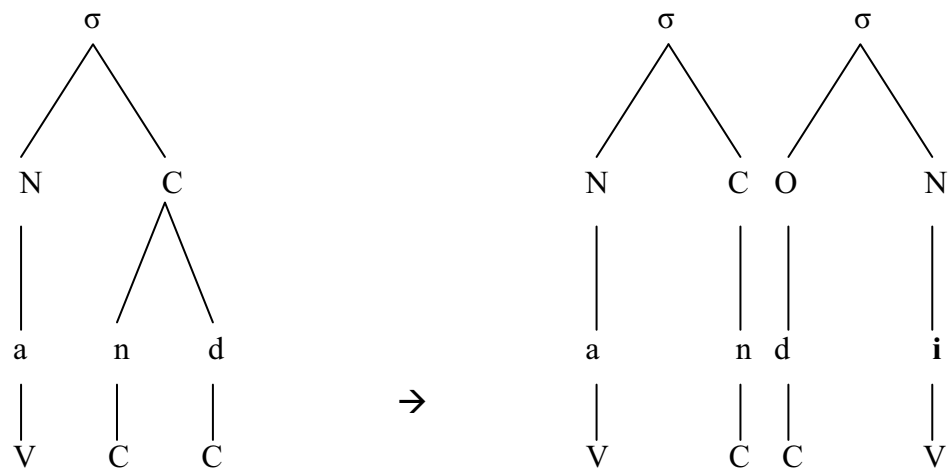
Tanto em PB quanto em Inglês, a epêntese aparece na tentativa de se transformar uma sílaba em bem formada. A palavra *think* (pensar), por exemplo, possui uma obstruinte na coda, o que não é aceito pela fonotática do PB, dessa maneira, a inserção de uma vogal após o fonema /k/ transformaria esta palavra em um dissílabo e a obstruinte passaria de coda da primeira sílaba para *onset* da segunda, ou seja, a sílaba que antes era mal formada passa a ser CV, licencianda para o PB.

Collischonn (2002) considera que a vogal epentética pode ser realizada não somente como /i/, mas podemos encontrar ainda uma vogal reduzida /ə/ e até mesmo um /ɪ/.

Neste processo fonológico, a interferência do PB é visível, pois o aprendiz insere uma vogal no final sílaba para que ela fique de acordo com uma sílaba bem formada em PB. Outro exemplo, o monossílabo *and* (e) tem uma oclusiva no final de sílaba /d/, o que em PB não existe, nesta situação, quando o aprendiz leva as características do PB para o Inglês, produzirá uma epêntese, ou seja, colocará um /i/ depois do /d/ para transformar a sílaba que, para ele é

mal formada, em uma sílaba CV. Vejamos o que ocorre, quando o falante efetua uma epêntese, em (46).

(46)



O exemplo acima demonstra o que ocorre quando um falante de PB tenta colocar uma sílaba do Inglês nos padrões da sílaba de sua língua materna. Este processo fonológico é percebido várias vezes na fala do informante 1 (Anexo 04) quando pronuncia *and*[i] para *and* (e) e *think*[i] para *think* (pensar).

Frente a isso concluímos, que os três processos fonológicos extraídos dos dados da pesquisa confirmam a interferência do PB em Inglês e, continuamos a argumentar nesse sentido a partir da análise dos dados feita pela TO no capítulo seguinte.

9 DUAS GRAMÁTICAS EM CONFRONTO

Quando uma pessoa entra em contato com uma língua estrangeira leva como base para seu aprendizado a hierarquia de restrições de sua língua materna, podendo assim, produzir *outputs* diferentes dos desejados. Com o passar do tempo, o aprendiz familiariza-se com a hierarquia da língua que estuda e, ao internalizar a gramática da língua alvo, diminuirá a interferência, como explica Kager (1999).

Neste capítulo não temos a pretensão de fazer uma análise exaustiva sobre a TO, porém buscamos dar um exemplo, por meio das vogais /i/ e /i:/, de como as restrições podem ser violadas pelo falante de PB ao aprender Inglês como língua estrangeira. Utilizaremos para isso uma análise que se baseia na TO (McCarthy e Prince, 1993 e Kager, 1999), por meio da qual buscamos confirmar a interferência do PB confirmada pelas análises anteriores, estatística e fonológica.

Este Modelo Teórico não trabalha com regras fonológicas sequenciais, mas sim, com restrições universais violáveis que serão responsáveis pelas características particulares das línguas por meio de seu ranqueamento, pois cada língua possui uma hierarquia destas restrições, ou seja, uma restrição que está ranqueada como a mais alta em uma língua pode estar em um lugar inferior em outra, e em um lugar intermediário em uma terceira. Conseqüentemente, o que diferenciara uma língua da outra será a hierarquia das restrições.

Um candidato a *output*, portanto, será consagrado como tal, se for o candidato que menos violar as restrições ranqueadas em posições mais altas na língua em questão.

Este estudo analisou a percepção e a produção das vogais altas /i:/ e /i/ por alunos falantes de PB como língua materna que estudam Inglês como língua estrangeira. O que foi percebido ao longo das entrevistas é que, na maioria dos casos, os alunos sabem que são dois sons distintos, pois já lhes foram introduzidos como tal, porém, como levam a hierarquia de restrição do PB consigo, já que ainda não internalizaram a gramática do Inglês, em muitas vezes, não conseguem produzi-los.

Os sujeitos da pesquisa, alguns em quase totalidade das vezes em que produziram palavras com um dos dois sons, /i:/ ou /i/, o fizeram com o /i/ do PB, ou seja, pronunciaram a vogal que já conhecem da língua materna que mais se aproxima dos fonemas alvo, já que eles não fazem parte dos fonemas do PB. Isto comprova que violam restrições do Inglês ao produzirem diferentes segmentos como se fossem fonemas do PB, em outras palavras, os aprendizes levam a hierarquia do PB para o Inglês.

O inventário de vogais do Inglês é bem mais vasto que o do PB, o que dificulta, para o aluno brasileiro, produzir todas as vogais do Inglês. Isso porque aquilo que se aproxima nas duas línguas pode ser um facilitador para o aprendiz e o que é distinto pode dificultar a aprendizagem. Nobre-Oliveira (2007) explica que os principais obstáculos para a aprendizagem de uma segunda língua são as diferenças inter-linguísticas, o aprendiz, portanto, tentará produzir o novo som da maneira que puder e, conseqüentemente, o aproximará de um que já lhe for familiar.

Archangeli (1997, p.31) afirma que um adulto, ao aprender uma língua estrangeira, pronuncia as palavras com um pouco de sotaque. A autora conclui ainda que a TO pode ser um guia para identificar os padrões esperados em línguas específicas, bastando para isto, identificar o ranqueamento de restrições da língua materna e da segunda língua.

Essa posição é também a de Kager (1999), no que diz respeito à internalização da gramática da língua alvo, ou seja, se identificarmos o ranqueamento de restrições da língua materna e da língua alvo podemos diminuir a interferência da primeira sobre a segunda. Isso justifica uma análise baseada em TO em nossa pesquisa.

Antes de falarmos sobre as restrições envolvidas na produção dos fonemas /i/ e /i:/ especificamente, devemos salientar uma das principais características da TO, que é o conflito entre restrições de fidelidade versus restrições de marcação. A restrição de fidelidade requer que o *output* seja idêntico ao *input*, em oposição à restrição de marcação que busca um *output* menos marcado. Dessa maneira, sempre teremos um conflito entre restrições de fidelidade e de marcação.

Para esclarecer um pouco mais, vejamos duas das restrições consideradas na aprendizagem da vogal /i:/ do Inglês: FaithV (fidelidade à vogal) e *Long Vowel (restrição que não aceita vogal longa).

A restrição *Faith* (fidelidade) é aquela que prevê que o *output* deve ser idêntico ao *input*. Hammond (1999) faz uma decomposição dessa restrição em cinco outras restrições de fidelidade, quais sejam: *Faith(Aspiration)* (fidelidade de aspiração), *Faith(Voicing)* (fidelidade de vozeamento), *Faith(POA)* (fidelidade ao local de articulação), *Faith(MOA)* (fidelidade ao modo de articulação) e *Faith(VOWELS)* (fidelidade quanto ao número de vogais).

Ao entrarem em contato com a vogal /i:/, os aprendizes não a reconhecem como fonema do PB, pois nessa língua duração não é traço distintivo. Deste modo esses alunos

produzem essa vogal, como a única vogal frontal alta que conhecem: /i/ violando, assim, a restrição *Faith(VOWELS)*, pois seu *output* será com uma vogal curta enquanto o *input* foi de uma vogal longa.

No PB, a restrição de fidelidade *FaithV* (fidelidade à vogal) está ranqueada em um posição inferior à restrição de marcação **Long Vowel* (restrição que não aceita vogal longa), portanto, mesmo que o *input* contenha uma vogal longa, o aprendiz de Inglês como língua estrangeira falante de PB vai reproduzir a palavra com o fonema /i/.

Já no Inglês, a restrição *FaithV* está ranqueada acima da restrição de marcação **Long Vowel* já que esta língua possui vogais longas distintas de seus pares com vogais curtas. Em Inglês, o verbo *to leave* (sair) é pronunciado /li:v/ e não /liv/, conforme verificamos, muitas vezes, em salas de aula. Um aprendiz que faz esta troca está ranqueando as restrições para o Inglês como faz em PB. Em (47) a seguir, verificamos a diferença entre as duas hierarquias de restrições.

(47)

Hierarquia de restrições do Inglês

/li:v/	FAITHV	*Long Vowel
1. liv	*!	
2.  li:v		*

Um falante nativo de Inglês, ao ouvir o *input* /li:v/ logo reconhecerá o som da vogal como parte integrante do repertório de fonemas de seu idioma e reproduzirá a palavra da mesma maneira. Percebemos, então, que a restrição que proíbe vogais longas não está ranqueada em uma posição muito alta no Inglês.

Para o falante de PB

Input /li:v/	*Long Vowel	FAITHV
1.  liv		*
2. li:v	*!	

Este *tableau* mostra o que ocorre quando um falante de PB como língua nativa reproduz uma palavra com vogal longa, considerando a hierarquia do PB e não a do Inglês. O aprendiz não reconhece o som ouvido como fonema de sua língua, então, o reproduz como /i/, pois este é o fonema do PB que mais se assemelha ao /i:/. Ao ranquear as restrições como em sua língua materna e não como na segunda língua, o aprendiz produz um resultado diferente do esperado. Como em PB não são permitidas vogais longas, ele reproduzirá a palavra /li:v/ como /liv/, deste modo, este candidato viola a restrição de menor relevância no ranqueamento.

A avaliação de nossos dados feita pela TO esclarece como a interferência do PB na aquisição do Inglês acontece, e, de acordo com a visão de Archangeli (1997) é possível minimizar os efeitos dessa influência, a partir da identificação dos ranqueamentos das línguas envolvidas.

A partir do exposto, esperamos que este estudo possa colaborar com o ensino de L2, no sentido de tornar claro aos professores de Inglês, como buscar a identificação desses ranqueamentos, bem como, diminuir a interferência que ocorre no aprendizado de uma língua estrangeira. É com esse objetivo que apresentamos o Capítulo no qual discorreremos sobre a aplicação de nosso estudo, de nossos resultados e de nossas conclusões no ensino de Inglês como língua estrangeira.

10 APLICAÇÃO NO ENSINO

Esta pesquisa foi inicialmente caracterizada como de cunho fonológico apenas, no decorrer do estudo, todavia, identificamos informações que julgamos ser relevantes para o ensino de Inglês como língua estrangeira, fazendo com que este estudo tenha um caráter também prático. Nosso objetivo com este capítulo é esclarecer e dar sugestões de como isso pode ser feito.

Ao finalizarmos a coleta e a análise dos dados, decidimos saber a opinião dos informantes sobre o objeto da pesquisa, já que pretendíamos averiguar se nossas conclusões trilhavam o caminho certo. Conversamos com quatro dos informantes, nesta fase final de uma maneira mais informal e com todos reunidos.

Indagamos sobre o grau de dificuldade dos exercícios e constatamos que, de maneira geral, os informantes consideraram difíceis visto que conheciam o material lingüístico já apresentado, porém não internalizado por eles. Afirmaram também que estão cientes de que o estudo tratava de fonemas diferentes, com significados distintos, entretanto, não conseguiam demonstrar a diferença no momento da produção.

De maneira unânime os sujeitos declararam que, enquanto alunos, ouvem de seus professores que palavras como *leave* (sair) e *live* (morar, viver) são diferentes e possuem duas pronúncias distintas, todavia, esses mesmos professores não explicam as características desses dois fonemas ou como produzi-los, já que muitas vezes o próprio professor não sabe o que fazer, ou, como fazer para explicar a articulação dos fonemas em questão. Foi literalmente dito pelos alunos que “os professores dizem que os sons são diferentes, porém não falam sobre as características de cada um, assim sendo, não sabemos o que fazer para produzir os sons”.

Diante desta situação, resolvemos ampliar um pouco mais a pesquisa e utilizar os dados obtidos para testar a eficácia do instrumento de coleta de dados, após uma explicação clara dos traços distintivos de cada um dos fonemas estudados e de uma prática com este pequeno grupo de alunos.

Elaboramos, então, uma aula sobre pronúncia na qual falamos sobre as diferenças fonético-fonológicas dos fonemas /i/ do PB e /i:/ e /I/ do Inglês e, ao final os alunos reconheceram e reproduziram palavras com os fonemas /i:/ e /I/ em oposição à vogal /i/ do

PB. Discutimos, então, os traços distintivos de cada um dos fonemas, focando no traço [tenso] e mostramos, no quadro das vogais as diferentes posições que elas ocupam.

Após essa introdução, apresentamos aos informantes, naquele momento em condição de aprendizes, os exercícios abaixo, para a prática da percepção e produção dos fonemas /i:/ e /ɪ/. A primeira parte da prática dos fonemas alvo consistiu no exercício que pode ser visto em (48).

(48)

Pronunciation Class June 2008

1. The difference between **beat** /i:/ and **bit** /ɪ/.¹⁷

Word	/i:/	/ɪ/	Word	/i:/	/ɪ/
Beast			Little		
Big			Meet		
Cream			Pea		
Did			See		
Dishes			Ship		
Flee			Thin		

18

Neste Quadro, pedimos aos alunos que escolhessem o primeiro ou o segundo som como sendo o do fonema da palavra em questão sem ouvi-la. Eles apenas leram em silêncio e checaram se o som era /i:/ ou /ɪ/. Logo após a escolha, cada aluno leu uma palavra de acordo com o som que havia escolhido previamente e, juntos corrigimos se o fonema fora corretamente pronunciado ou se tinha ocorrido confusão entre os dois.

¹⁷ Glossário: *beat* (batida) e *bit* (pouco)

¹⁸ Glossário: *word* (palavra), *beast* (fera, monstro), *big* (grande), *cream* (creme), *did* (passado do verbo to do – fazer), *dishes* (louça, pratos), *flee* (fugir), *little* (pequeno), *meet* (encontrar), *pea* (ervilha), *see* (ver), *ship* (navio) e *thin* (magro).

Em alguns momentos, o aluno havia escolhido o som /i:/, mas, ao pronunciar a palavra o fazia com o fonema /I/, nesse momento, conduzimos a aula, com a ajuda dos outros aprendizes, fazíamos a correção e retomava a discussão sobre os traços distintivos de cada um dos fonemas. Este procedimento foi utilizado até a última palavra, assim que as discussões foram retomadas e todos os itens do exercício corrigidos, propusemos uma atividade um pouco diferente como podemos verificar em (49) abaixo.

(49)

1	2	1	2
Beat	Bit	Leak	Lick
Cheap	Chip	Mill	Meal
Dill	Deal	Peal	Pill
Eat	It	Seen	Sin
Feel	Fill	Still	Steal
Hill	Heal	Tin	Teen

19

Neste segundo momento, pronunciávamos uma das duas palavras do par mínimo e os alunos tinham que marcar aquela que foi dita, por exemplo: no primeiro par os alunos ouviram /bi:t/ e escolhiam a primeira *beat* ou a segunda opção *bit*. O mesmo procedimento foi seguido para os doze pares apresentados. Após a finalização da atividade a correção aconteceu com a participação de todos os alunos, pois, cada um lia a palavra que tinha marcado e todos conferiam se ela realmente tinha sido dita. Nesse momento tivemos a oportunidade de conferir a percepção e a produção de cada um dos alunos.

Ainda na mesma aula, pedimos aos alunos que lessem as frases apresentadas em (50) que continham os fonemas discutidos ao longo de toda a aula e que constituem o foco desta pesquisa.

¹⁹ Glossário: *beat* (batida), *bit* (pouco), *cheap* (barato), *chip* (pedaço de madeira), *dill* (erva aromática), *deal* (negócio), *eat* (comer), *it* (ele/ela - neutro), *feel* (sentir), *fill* (preencher), *hill* (monte), *heal* (curar), *leak* (vazar), *lick* (lamber), *mil* (moinho), *meal* (refeição), *peal* (soar de sinos), *pill* (pílula), *seen* (particípio do verbo to see – ver), *sin* (pecado), *stil* (ainda), *steal* (furtar), *tin* (lata) e *teen* (adolescente).

(50)

Let's read these sentences:

- Jean likes gin, but gin doesn't like Jean!
- Fish and chips are cheap and easy to eat.

20

Elaboramos, para uma segunda parte da aula, atividades com os fonemas /æ/ e /ɛ/, seguindo os mesmos passos: explicação dos traços distintivos, apresentação de exemplos, exercícios de reconhecimento e, por fim, exercícios de produção.

O resultado final foi bastante satisfatório, visto que os alunos estavam mais conscientes das diferenças entre os dois fonemas e conseguiram produzi-los mais claramente e em um número maior de vezes do que durante toda a coleta de dados. Na análise estatística, verificamos que a vogal /i:/ fora pronunciada em 22,1% das vezes e a vogal /ɪ/ com um percentual ainda menor, apenas 7,3%. Após a explicação, a discussão e a prática desses fonemas a correta produção aumentou sensivelmente. Não fizemos a análise estatística dos dados dessa aula, porém, pelas anotações de aula e pelas próprias manifestações dos aprendizes concluímos que a porcentagem de acertos foi bem maior que aqueles antes da aula de pronúncia.

A avaliação feita pelos alunos no final da aula foi positiva, e todos concordaram que ao serem expostos a mais informações sobre os fonemas, a produção fica mais clara e eles conseguem produzi-los. Vale ressaltar ainda a conclusão a que todos chegaram: é necessário uma maior exposição às explanações sobre a produção e, posteriormente, mais contato com estas palavras diariamente para que elas se tornem mais familiares.

Neste sentido, detectamos que os resultados obtidos nesta pesquisa podem e devem ser usados em salas de aula de ensino de Inglês como língua estrangeira com o objetivo de preparar o professor para ensinar os diferentes fonemas do Inglês, e o aluno a produzi-los com mais propriedade. A constatação de que o instrumento de coleta de dados e os próprios resultados da pesquisa podem ser reutilizados em sala de aula no término das entrevistas foi bastante compensadora, pois além de fazer com que a pesquisa tenha um cunho prático, possibilitou-nos retribuir de alguma maneira os informantes pela participação. Assim sendo,

²⁰ Glossário: Vamos ler as frases: Jean gosta de gim, mas “gim” não gosta de Jean. Peixe e batata fritos são baratos e fáceis de comer.

reservamos um pequeno espaço deste trabalho para salientar sobre a sua importância para a sala de aula.

10.1 Relevância desta pesquisa para a sala de aula.

Esta pesquisa, inicialmente de cunho somente fonológico, pode vir a ser utilizada como mais uma ferramenta para o professor de Inglês como língua estrangeira para facilitar sua prática pedagógica e ajudá-lo na explicação e prática das vogais apresentadas, sendo importante lembrar que uma maior clareza na distinção dos fonemas pode evitar trocas involuntárias por parte do falante e, conseqüentemente, tirá-lo de situações embaraçosas.

O professor que conhece elementos teóricos de fonética e fonologia pode ajudar seus alunos a perceberem mais rapidamente as diferenças entre o inventário de fonemas de sua língua materna e o da língua alvo. Desta maneira, o aprendiz pode perceber os diferentes fonemas e aprender a produzi-los separadamente.

Ao serem colocados em contato com os traços distintivos, com a Teoria da Sílabas e a diferenciação dos fonemas estudados, os alunos saberão como identificá-los e também como produzi-los.

A aula de pronúncia apresentada aos alunos depois da coleta e análise de dados mostrou-se eficaz para a solução de dúvidas, visto que os alunos conseguiram perceber a diferença entre os vários fonemas do PB e do Inglês e, ao final de apenas uma aula conseguiram produzir os fonemas antes somente percebidos.

É importante ressaltar a diferença na produção dos alunos antes e depois da aula de pronúncia na qual destacamos as características articulatórias e esclarecemos os traços distintivos de cada fonema estudado.

O que precisaria ainda ser feito com este grupo de alunos é continuar com a prática, objetivando a fixação destes pontos para que a produção pudesse ser alcançada em qualquer momento desejado pelo falante, no caso de uma leitura ou de uma conversa espontânea.

O instrumento utilizado nesta pesquisa para a obtenção dos dados pode também ser utilizado posteriormente como parte de aula de pronúncia ou ainda de outras maneiras não vislumbradas por nós. Esperamos que os dados conseguidos, assim como os resultados aqui obtidos, possam ser úteis a futuras pesquisas para que o conhecimento se torne cada vez mais difundido.

Isto posto, no Capítulo seguinte apresentamos as Considerações Finais.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Nobre-Oliveira (2007), quanto maior a distinção fonética entre dois sons mais dificuldade o aprendiz terá em produzir o novo. Esta afirmação da autora é confirmada nos dados obtidos para esta pesquisa, pois o fonema /l/ aparece poucas vezes em relação ao fonema /i:/ e menos ainda quando comparado com o fonema do PB /i/. A leitura do parágrafo completo confirma o que foi dito pela autora, pois, os informantes ao serem requisitados para ler sem uma preparação prévia, aqueles fonemas, cuja produção ainda não fora internalizada por eles, foram pronunciados com o fonema mais próximo de sua língua materna.

A interferência na produção dos dois fonemas apresenta-se, mesmo que a percepção da diferença de características entre os dois já esteja internalizada, pois quase todos os informantes conseguiram detectar o segmento que estava sendo dito e perceber a diferença entre os dois, [i:] e [l], como verificamos ao examinar os exercícios de produção frente ao exercício de percepção.

Durante o processo de coleta de dados ficou claro que os informantes possuíam o conhecimento de que os fonemas são distintos e, muitas vezes, sabem o significado da palavra quando a vêem escrita, porém, não conseguem pronunciá-la a ponto de mostrar esta distinção.

Quando solicitamos aos informantes para completarem um parágrafo e depois lê-lo em voz alta, percebemos que os sujeitos dominam o significado das palavras, porque antes de lerem, foi-lhes pedido que escolhessem a melhor opção para completar a lacuna e, ao verem duas palavras como *meal* (refeição) e *mill* (moinho) em uma frase como *Stephen meets Eve one evening in front of a meal/mill and invites her to have a meal/mill with him*,²¹ escolhem a palavra correta no papel, entretanto, ao produzirem a palavra não usam o fonema correto.

O contexto “sílabas fechadas por líquida” facilita a produção do segmento /i:/ (i longo), ou seja, as palavras que apresentam um /l/ logo após a vogal longa serão pronunciadas com a vogal alongada mais precisamente que uma palavra que possua o /i:/, porém fechada por segmentos que não sejam “líquidas”, isto ocorre, devido aos traços do fonema /l/, que é uma lateral aproximante e carrega característica de vogal. Percebe-se então que, esta característica de vogal que o fonema /l/ possui fará com que o alongamento do /i/ seja fortalecido, e este foi o caso de maior incidência de /i:/. Nas leituras feitas e nas respostas espontâneas, as palavras

²¹ Glossário: Stephen encontra Eve uma noite em frente a um moinho e a convida para uma refeição com ele.

como *meal* (refeição), *deal* (negócio) foram os itens com maior número de produção de [i:] encontrados nos dados.

O contexto “sílabas fechadas por fricativa”, ao contrário do que ocorre com as líquidas, inibirá a produção do segmento /i:/, isto significa que as sílabas fechadas por fricativas tendem a facilitar a aparição do “i” (i curto) ou “i” do PB.

A leitura do parágrafo completo foi a etapa da coleta de dados que apresentou o maior número de manifestações do fonema /i/ em todos os contextos, pois muitas palavras foram produzidas 100% das vezes com o fonema /i/. Exemplos: *in* (dentro – preposição), *little* (pequeno), *she* (ela), *sick* (doente), *six* (seis), *tin* (lata).

Há algumas considerações a serem feitas em relação aos dados conseguidos nas entrevistas, quais sejam: a leitura da lista de palavras mostrou um tipo de interferência do PB na aquisição do Inglês como língua estrangeira distinto da influência do /i/ sobre os outros dois fonemas, pois a produção de palavras grafadas com “ea”, como *read* (ler), *heat* (calor), *heal* (curar) e *lead* (liderar), ocorreu em várias circunstâncias, com a vogal média baixa, ou seja, /ɛ/, acarretando pronúncias como r/ɛ/d, h/ɛ/t, h/ɛ/l e l/ɛ/d. Uma explicação para isso é o fato de que os alunos já foram colocados em contato com algumas palavras que são assim pronunciadas, como o passado do verbo *to read* (ler) que é escrito como no infinitivo, mas é pronunciado como r/ɛ/d. Outra explicação possível é a interferência da própria língua materna, o PB, pois o sujeito, ao ser colocado frente a uma palavra de cuja pronúncia ele não esteja seguro, poderá ler com os fonemas mais próximos em sua própria língua, ou seja, o /ɛ/, pois reconhece a escrita “e”.

O PB possui a restrição contra vogais longas, portanto, a pronúncia privilegiada dos segmentos estudados será a do /i/ curto como em PB, já que o falante desta língua leva a hierarquia de restrições de sua língua nativa para a língua estrangeira que estuda. Os dados mostraram que na maioria dos contextos, quando o informante tem dúvida sobre a pronúncia do segmento, ele fala como em PB, ou seja, produz um [i] quando deveria dizer [i:] ou [I]. O fonema /i:/, entretanto, é produzido mais facilmente que o /I/ pois é mais próximo foneticamente da vogal frontal alta /i/ do PB.

A hipótese de que aprendizes de inglês como língua estrangeira levam a hierarquia de restrições do PB para segunda língua dificultando a aprendizagem, foi comprovada, pois, ao pronunciarem as palavras que possuem os fonemas do inglês /i:/ e /I/, a maioria dos alunos o faz como /i/ do PB, posto que os outros dois fonemas não existem em PB.

Os dados revelaram que o aprendiz, quando não pronuncia o fonema do inglês /i:/, faz uma troca pelo /i/ do PB. Isto acontece porque no PB não possuímos vogais longas, portanto, a restrição *Long Vowels possui uma posição muito alta na hierarquia de restrições do PB. Enquanto no inglês está ranqueada bem abaixo de Faith Vowel.

A hipótese aventada de que as interferências podem ser diminuídas, a partir do conhecimento da hierarquia de restrições das duas línguas em questão, tem sua confirmação na continuidade da pesquisa, quando, em sala de aula, com quatro dos quinze sujeitos de pesquisa, fizemos uma explicação dos traços distintivos de cada um dos fonemas e como cada um aparece no inglês e no PB. Essa explicação possibilitou a diferenciação desses fonemas e a produção esperada por parte dos alunos. Não queremos afirmar que os aprendizes precisam estudar TO para produzirem os fonemas do Inglês sem interferência, porém, se o professor tem consciência dos preceitos teóricos aqui discutidos terá, provavelmente, mais êxito em suas explicações.

Com esta mesma experiência, comprova-se também outra hipótese: o conhecimento do traço [+ tenso] facilita na distinção e na produção dos fonemas estudados. A princípio os alunos não conheciam o traço [+ tenso] e nunca haviam estudado sobre as diferentes articulações que este traço traz. Porém, depois de conhecê-lo e observar a mudança de articulação entre um fonema [+ tenso] e um [- tenso], a compreensão foi facilitada e a produção conseguida em mais de 90% dos casos.

Verificamos, então, que a percepção desses fonemas está mais avançada que a produção. Acreditamos que a produção possa ser alcançada com uma melhor explicação sobre os traços distintivos desses fonemas e com uma prática mais eficaz. Esperamos ter contribuído para que profissionais que atuam na área de ensino de Inglês como língua estrangeira consigam um melhor resultado ao estar ciente das interferências que ocorrem e o que fazer para atenuá-las.

12 REFERÊNCIAS

AMERICAN HERITAGE DICTIONARY. 3ª edição. New York. Laurel, 1994.

ARCHANGELI, D. & PULLEYBLANK, D. *Grounded Phonology*. Massachusetts Institute of Technology: Mass, 1994.

_____. Optimality theory: an introduction to linguistics in the 1990s. In ARCHANGELI, D.; LANGENDOEN, D. T. *Optimality theory*. An overview. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

AZEVEDO, M. M. *A Contrastive Phonology of Portuguese and English*. Washington, D.C. Georgetown University Press, 1981.

BECKMAN, J. N. *Positional Faithfulness*. Tese de Doutorado. University of Massachusetts. Massachusetts. 1998.

BEX, T. & WATTS, R.J. *Standard English: the widening debate*. London. Routledge, 1999.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In *Gramática do Português Falado* (Vol. VII: Novos Estudos). Campinas: Unicamp, 1999a

_____. (Org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999b.

_____. & BRESCANCINI, C. (Org.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPURCRS, 2002.

_____. & Magalhães, J. S. A redução vocálica no Português Brasileiro: avaliação via restrições. *Revista da ABRALIN*, vol. III, n°s 1 e 2, p. 195-216, julho e dezembro de 2004.

BONILHA, G. F. G. *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade*. 2000. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Pelotas.

CAMARA Jr., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

_____. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

CAVALIERE, R. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CHAUVET, G. A. *Improve your Pronunciation*. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2005.

CHOMSKY, N. e HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. & HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. In GOLDSMITH, J. (Org). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 2001.

COLLINS COBUILD ENGLISH DICTIONARY. London: Harper Collins Publishers, 2003.

COLLISCHONN, G. *Fonologia do Português Brasileiro, da sílaba à frase*. Porto Alegre: Gráfica UFRGS, 2007/02.

_____. A sílaba em português. In BISOL, Leda (Org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 101-133.

CROSSWHITE, K. *Vowel Reduction*. Thesis, 2001.

DUBOIS, J & outros. Dicionário de Lingüística. São Paulo: Cultrix, 1997. Original: Dictionnaire de Linguistique, Larousse, 1973.

FERREIRA NETTO, W. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.

FLEMMING, E. e JOHNSON, S. *Rosa's roses: Reduced vowels in American English*. 2007. Disponível no site:
<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=995716>.
Acesso em: 23 de Abril de 2008.

FROMKIN, V. & RODMAN, R. *An Introduction to Language*. New yhork: CBS Publishing, Holt, Rinehart and Winston. 1983

GOLDSMITH, JOHN A. (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Massachusetts e UK. Blackwell Publishers Inc. e Blackwell Publishers Ltd, 1995.

GREEN, ANTONY D. *The Tense-Lax Distinction in English Vowels and the Role of Parochial and Analogical Constraints*. Available as ROA – 464 – 0801 from the Rutgers Optimality Archive.pdf, 2001

HAMMOND, M. Optimality theory and Prosody. IN: ARCHANGELI, D.; LANGENDOEN, D. T. **Optimality theory**. An overview. Oxford: Balckwel Publishers, 1997.

HAMMOND, M. *The Phonology of English*. New York: Oxford University Press, 1999.

HANKCOCK, M. *Pronunciation Games*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HURVITZ, S. & FALK, Y.N. Structure of English II: The word. In: Curso ministrado na Universidade de Jerusalém. 2007. Disponível no site:
<http://english.huji.ac.il/Courses.html#44166>. Acesso em 23 de Abril de 2008.

HYMAN, LARRY M. *Phonology: theory and analysis*. USA: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

JAKOBSON, R. *On language*. Massachusetts: Harvard University Press, 1990.

JENKINS, J. *The Phonology of English as an International Language*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

JENSEN, JOHN T. *English Phonology*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1993.

JONES, D. *Everyman's Pronouncing Dictionary, Containing over 58,000 Words in International Phonetic Transcription*, 13th Ed. A. C. Gimson. London: Dent. 1967

_____. *An Outline of English Phonetics*, 9th ed. Cambridge: Cambridge University Press. 1976

KAGER, R. *Optimality Theory*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1999.

KAHN, D. Syllable-based Generalizations in English Phonology. Bloomington, IN: Indiana University Linguistics Club.

KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. Massachusetts e UK. Blackwell Publishers Inc. e Blackwell Publishers Ltd, 1995

KENYON, J. & KNOTT, T. A. *A Pronouncing Dictionary of American English*. Springfield, MA: Merriam. 1953

KREIDLER, CHARLES W. *The pronunciation of English. A Course Book in Phonology*. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc, 1989.

LABOV, W. The social motivation of sound change. *Sociolinguistics patterns*. University of Pennsylvania, Philadelphia, 1963.

_____. **Sociolinguistics patterns**. University of Pennsylvania, Philadelphia, 1972.

LADEFOGED, P. *Preliminaries to Linguistic Phonetics*. Chicago: The university of Chicago Press, 1971

_____. *A Course in Phonetics*. New York: Harcourt Brace Jovanovich Inc, 1975.

_____. & MADDIESON, I. *The Sounds of the World's Languages*. Blackwell Publishing, 1996.

LAMPRECHT, R. R. *Aquisição Fonológica do Português. Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre. Atmed, 2004.

LASS, R. *Phonology: An Introduction to Basic Concepts*. Cambridge: Cambridge University Press. 1984

LEBEL, J.G. Correction Phonétique et Grammaire Parlée dans L'enseignement du Français Langue Étrangère aux Étudiants Anglophones, Hispanophones et Lusophones. Québec, 1998.

LYONS, J. *Linguagem e Lingüística*. Rio de Janeiro. LTC, 1987.

LIMA, G. O. *O efeito da síncope nas proparoxítonas : análise fonológica e variacinoista com dados do Sudoeste Goiano*. Dissertação de Mestrado. UFU, 2008.

MATZENAUER, C. L. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2005.

MCCARTH, J. (edit.) *Optimality Theory in Phonology*. Blackwell Publishing. Malden, USA, 2004.

MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. *Introdução à sociolingüística : o tratamento da variação*. São Paulo. Contexto, 2007.

NOBRE - OLIVEIRA, D. *The Effect of Perceptual Training on the Learning of English Vowels by Brazilian Portuguese Speakers*. Tese de Doutorado UFSC. Florianópolis, 2007.

OXFORD ADVANCED LEARNER'S DICTIONARY. 5ª edição. Oxford: Oxford University Press. 1995.

OXFORD CONCISE DICTIONARY OF LINGUISTICS. 2ª edição. Oxford: Oxford University Press. 2005

PRINCE, A. e SMOLENSKY, P. Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar (1993). In *Optimality Theory in Phonology*. Blackwell Publishing. Malden, USA, 2004.

PULLEYBLANK, D. Optimality Theory and Features. IN: ARCHANGELI, D.; LANGENDOEN, D. T. **Optimality theory**. An overview. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

PULLUM, GEOFFREY K. & LADUSAW, WILLIAM A. *Phonetic Symbol Guide*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

RAUBER, A. *Perception and Production of English Vowels by Brazilian EFL Speakers*. Tese de Doutorado. 2006. UFSC. Florianópolis.

ROACH, P. *English Phonetics and Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

ROCA, I. *Derivations and Constraints in Phonology*. Oxford: Clarendon Press, 1997.

ROCA, I. e JOHNSON, W. *A Course in Phonology*. University of Essex: Blackwell Publishing, 1999.

SELKIRK, E. The Syllable. In *The Structure of Phonological Representations* (Part II). Foris Publication, 1982.

SILVA, THAIS C. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999

SINGH, S. *Phonetics, Principles and Practices*. Texas: PRO-ED, 1982.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 7ªed. São Paulo: Ática, 2002.

TRIM, J. *English Pronunciation Illustrated*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

ANEXOS

ANEXO 1 – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

Interview

1. How did you learn English? How long have you studied? How many teachers have you had? Talk about your teachers and classmates. Is there anything you would like to change about that? Why do you study English? How important is English in your life? How important is English nowadays?

2. Tell me about your routine. Do you usually have a busy week? What do you do every day?

3. Read the following list of words, please.

1- Bead	Bid
2- Bean	Bin
3- Beat	Bit
4- Cheap	Chip
5- Cheat	Chit
6- Cheek	Chick
7- Deal	Dill
8- Deed	Did
9- Deem	Dim
10-Deep	Dip
11-Each	Itch
12-Eat	It
13-Feast	Fist
14-Feel	Fill
15-Feat / Feet	Fit
16-Gene	Gin
17-Heal / Heel	Hill
18-Heap	Hip
19-Heat	Hit
20-Lead	Lid
21-Leak	Lick
22-Least	List
23-Leave	Live
24-Meal	Mill
25-Neat	Nit / Knit
26-Peach	Pitch
27-Peak / Peek	Pick
28-Peal / Peel	Pill
29-Peep	Pip
30-Queen	Quin
31-Read	Rid
32-Reap	Rip
33-Reef	Riff
34-Seat	Sit
35-Seek	Sick
36-Seen	Sin
37-Seep	Sip
38-Sheen	Shin

39-Sheep
40-Teen

Ship
Tin

4. Read the following paragraph.

Freda lives in a little cabin near Linda. They are great friends. They love to go out together, specially when they leave home to go shopping. Linda seeks a tin of pills today because she is really sick. On the other hand, her friend Sleepy Freda seeks size six slippers to fit her feet.

5. Complete the following paragraph with the appropriate words and then read it out loud.
Stephen _____ Eve one evening in front of a _____ and invites her to

meets / sits

meal / mill

have a _____ with him. Stephen eats three pieces of cheese and Eve eats nothing

meal / mill

but _____ and _____. After dinner Eve finds a kitchen sink with dishes in it.

beans / bins

deep / dip

Eve _____ when she sees Stephen does _____ for a maid and not a date.

leaves / lives

seek / sick

When alone Stephen dreams of Eve. In his dream He _____ through the keyhole while

peeks / picks

Eve _____ a little _____.

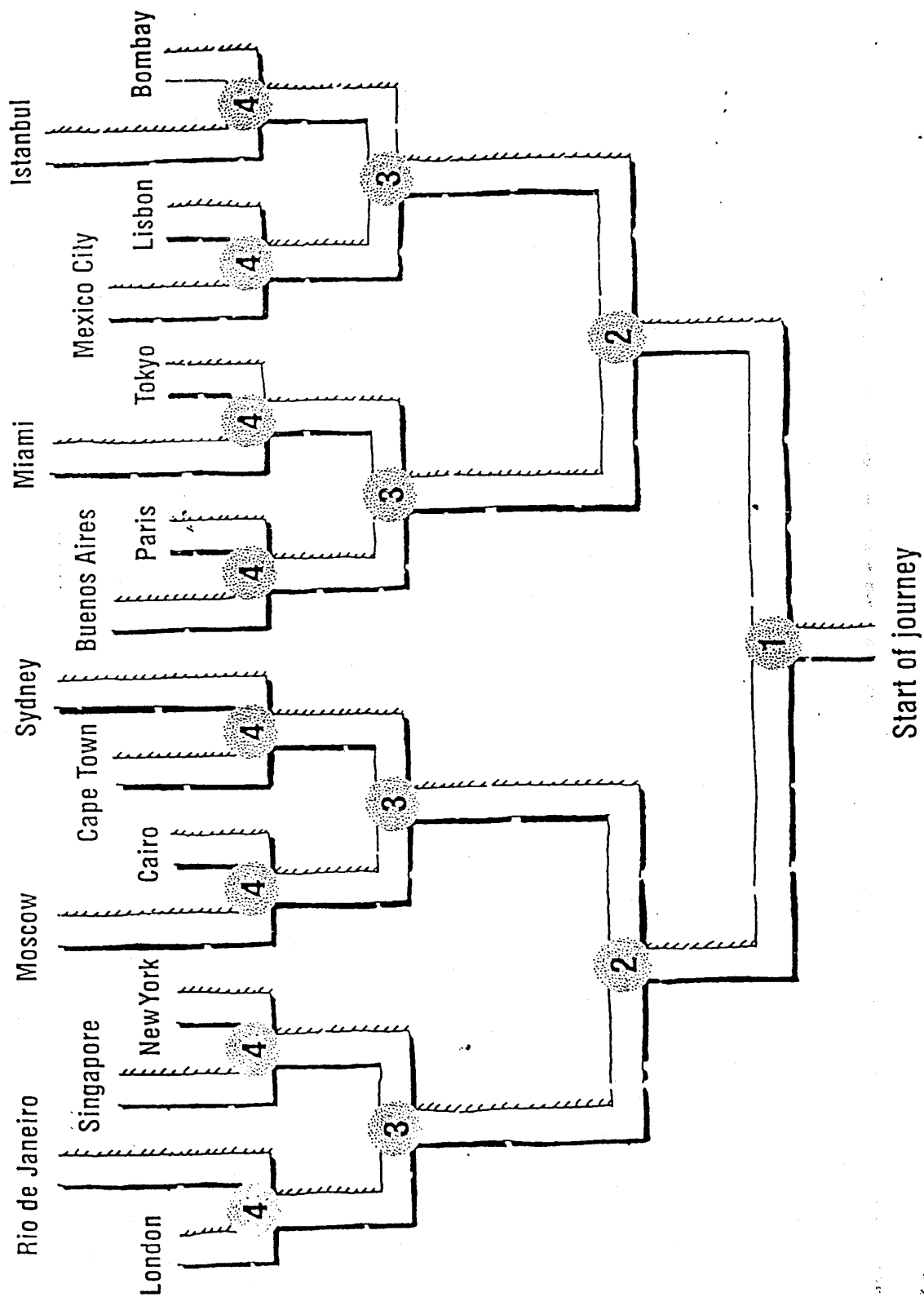
sleeps / slips

beat / bit

6. Pronunciation Journey.

You will receive a map. There are numbered junctions in this map. There is a choice of turning left or right. I will read four words, one word for each junction. For each word you will turn left if you listen to an [i] sound or right if you listen to an [i] sound.

ANEXO 2 – PRONUNCIATION JOURNEY



ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “A interferência fonológica do Português – L1 na aquisição de Inglês – L2.” “Tense Vowels & Lax Vowels” (vogais mais e menos tensas), sob a responsabilidade da pesquisadora Alessandra Mara de Assis (aluna do Mestrado em Linguística da Universidade Federal de Uberlândia sob a orientação do professor doutor José Sueli de Magalhães).

Nesta pesquisa nós estamos buscando entender a interferência que algumas características da vogais do Português exercem no aprendizado das vogais do Inglês como língua estrangeira.

Na sua participação, você será entrevistado e será pedido que você responda algumas perguntas em inglês, que leia algumas palavras e dois parágrafos em inglês e que reconheça o som de algumas palavras lidas pela pesquisadora.

As entrevistas serão gravadas e seus dados serão anexados a um banco de dados.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum ônus e / ou ganho financeiro por participar na pesquisa.

Não há riscos pessoais ao participar da pesquisa.

Fica claro ainda que você é livre para deixar de participar a qualquer momento sem sofrer nenhum dano ou prejuízo de qualquer natureza.

Ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido você terá uma cópia do mesmo.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa você poderá entrar em contato com: Alessandra Mara de Assis no endereço: Avenida João Naves de Ávila, 1331 Loja 312 Bairro Tiberi Uberlândia – MG, CEP 38408-100. Ou ainda pelos telefones (34)3255-9400 ou (34) 9102-6494.

Comitê de Ética (CEP)/UFU: Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco J, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG, CEP: 38408-100; fone: (34) 3239-4531

Uberlândia, _____ de _____ 200____.

Assinatura dos pesquisadores

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

ANEXO 4 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Transcrição – Entrevista 1

Tempo de entrevista – 9’10’’

I: OK. First interview. First subject. 25 years old.

I: So, where are you from and how long have you lived in Uberlândia?

S1: I’m from Uberaba, I’m l[i]v[i]ng [i]n Uberlând[i]a I th[i]nk[i] seven [i]rs. Just [i]t.

I: What are your best memories of your childhood and why?

S1: Could you r[i]p[i:]t?

I: What are your best memories of your childhood?

S1: Hummm. My best... my best memor[i]s when I... I don’t know, when I v[i]s[i]t my my parents when I go to farm w[i]th my... my parents. Just [i]t.

I: And how did you learn English. How long have you studied? How many teachers have you had? Talk a little bit about that. How have you learned English?

S1: So, eh, I start I started eh to stud[i] [i]ngl[i]sh for I th[i]nk s[i]x [i]rs ago h[i]r[i] [i]n CCAA. I I like [i]ngl[i]sh. I eh [i]ngl[i]sh [i]s uh a ver[i], have a ver[i] [i]mportant mean[i]ng [i]n the wold, for example. And[i] I d[i]c[ai]d[i]d to stud[i] [i]ngl[i]sh and to pract my [i]ngl[i]sh for one da[i] I know. Eh, I I n[i]d [i]n my work for example, b[i]cause I stud[i] [i]ng[i]n[i:]r. [i]ng[i]n[i:]r you n[i]d to r[i:]d some art[i]cles, some texts, some projects [i]n [i]ngl[i]sh. So, eh I d[i]c[ai]d[i]d to stud[i] [i]ngl[i]sh for th[i]s. [i]t’s ver[i] [i]mportant.

I: And... Tell me about your routine. Do you have a busy week? What do you usually do?

S1: OK. Eh I'm stud[i] master, master[i]ng course [i]n the un[i]vers[i]t[i]. Eh, I'm stud[i]ng master [i]n manufactur[i]ng process [i]n mechan[i]cal [i]ng[i]n[i]r of Un[i]vers[i]dade Federal de Uberlând[i]a, Federal Un[i]vers[i]t[i]. And[i] my rout[i]ne [i]n my life [i]s to go for the un[i]vers[i]t[i] and to stud[i] [i]n the... the morn[i]ng, [i]n the afternoon the Wednesday and the Monday I go for, go to CCAA, and I stud[i] [i]ngl[i]sh and[i] Span[i]sh. And[i] dur[i]ng at night I play football or I go to the g[i]m. Just [i]t.

I: Now I'm going to ask you to read this list of words, OK. If you get tired, don't worry you don't have to read, like, from the beginning up to the end, but I'd like you to read at least 10 of them, 10 or 20. OK?

S1: OK. Can I start?

B[i]d

B[i]n

B[i]t

I: Like this.

S1: All right.

S1: Can I r[i]p[i]t again? OK.

1- Bead – b[i]d	Bid – b[i]d
2- Bean – b[i]n	Bin – b[i]n
3- Beat – b[i]t	Bit – b[i]t
4- Cheap – ch[i]p	Chip – ch[i]p
5- Cheat – sh[i]t	Chit – sh[i]t
6- Cheek – ch[ε]k	Chick – ch[i]k
7- Deal – d[i:]l	Dill – d[I]l
8- Deed – d[i]d	Did – d[i]d
9- Deem – d[i:]m	Dim – d[i]m
10-Deep – d[i]p	Dip – d[i]p
11-Each – [i]tch	Itch – [i:]tch
12-Eat – [i]t	It – [i]t
13-Feast – f[i]st	Fist – f[i]st
14-Feel – f[i:]l	Fill – f[i]l
15-Feat / Feet – f[i]t or f[i]t	Fit – f[i]t
16-Gene – g[i]n	Gin – g[i]n
17-Heal / Heel – h[I]l or h[I]l	Hill – h[I]l
18- Heap – h[i]p	Hip – h[i]p
19-Heat – h[i]p	Hit – h[i:]t
20-Lead – l[i]d	Lid – l[i]d
21-Leak – l[i]k	Lick – l[i]k
22-Least – l[i]st	List – l[i]st
23-Leave – l[I]v	Live – l[i]v
24-Meal – m[i:]l	Mill – m[i:]l
25-Neat – n[i]t	Nit / Knit – n[i]t / n[i]t
26-Peach – p[i]tch	Pitch – p[i:]tch
27-Peak / Peek – p[i]k or p[i]k	Pick – p[i]k
28-Peal / Peel – p[i:]l or p[i]l	Pill – p[I]l
29-Peep – p[i]p	Pip – p[i:]p
30-Queen – qu[i]n	Quin – qu[i]n
31-Read – r[i]d	Rid – r[i:]d
32-Reap – r[i]p	Rip – r[i]p
33-Reef – r[i]f	Riff – r[i]f
34-Seat – s[i:]t	Sit – s[i:]t
35-Seek – s[i:]k	Sick – s[i:]k
36-Seen – s[i:]n	Sin – s[i]n
37-Seep – s[i]p	Sip – s[i]p
38-Sheen – sh[iə]n	Shin – sh[i]n
39-Sheep – sh[i:]p	Ship – ch[i:]p
40-Teen – t[i]n	Tin – t[i]n

I: OK. Thank you very much. Now, could you please read this paragraph?

S1: All right. OK.

Fr[i]d l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nd L[i]nda. Th[ei] are grea grea great frien friends. Th[ei] love to go out together, spec[i]all[i] when th[ei] l[i]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks a t[i]n or f[i]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]ll[i] s[i]ck. On the orther hand, her friend Sl[i:]ep[i] Sl[i:]ep[i] Fr[ε]da s[i]ks size s[i]x sl[i]ppers to f[i]t her f[i]t.

I and S1 - Laughing.

I: All right. Now, you are going to complete these sentences using, you know, either the first eh word or the second one. OK?

S1: OK. I. All right. Eh.

St[ε]phen s[i]ts [i]v[i] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of a m[i]ll and [i]nvites to {inint}

meets / **sits**

meal / **mill**

[i]nvites her to have a m[i]ll w[i]th h[i]m. St[ε]phen [i]ts thr[i] p[i:]c[i]s of ch[i:]se and

meal / mill

[i]v[i] [i]ts noth[i]ng but b[i:]ns and d[i]p. After d[i]nner [i]v[i] f[i]nds f[ai]nds f[ai]nds

beans / bins deep / **dip**

a k[i]tchen s[i]nk w[i]th d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i]ves when sh[i] sh[i]s St[ε]phen does

leaves / lives

s[i]ck for a m[ei]d and a not a d[ei]te. When alone St[ε]phen dr[i]ms of [i]v[i].

seek / sick

[I]n h[i]s dr[i]ms h[i] p[i]ks through the k[i]hole while while [i]v[i] [i]v[i] sl[i]ps a

peeks / picks

sleeps / slips

l[i]ttle b[i]t.

beat / **bit**

I: Now the last one. Eh, this is kind of a pronunciation journey. So, it's going to be like that. You start here in number one...

S1: All right.

I: OK, and uh whenever you listen to a word with a long "i:" sound like "meat" you are going to turn right, OK. If you listen to something like a short "I", like "did" you are going to turn left, OK.

So, I'm going to say some words, OK and if it's [i:] you turn right if it's [I] you turn left. All right? So the first one... it's going to be.

S1: If you say [i:] I turn left?

I: No, the long [i:] you turn right. The short one you turn left. So, for example, if I say "meat" you turn right, OK? If I say "dip" you turn left. OK. So, can we start?

S1: OK

I: The first one is: leak – l[i:]k.

S1: I turn right.

I: So, you can just turn here. Now you are there in number two.

I: The second one is: rip – r[I]p.

S1: Turn left.

I: The third one is: sheep – sh[i:]p.

S1: Turn right.

I: So, the last one is: cheap – ch[i:]p.

S1: Ch[i]p?

I: Ch[i:]p.

S1: Turn right.

I: So, where did you stop?

S1: I stopp[i]d [i]n Tok[i]o.

I: OK. Thank you very much. That's it.

Transcrição – Entrevista 2
Tempo de entrevista – 6’11’’

I: OK. So let's start. Subject number 2. 19 years old.

I: I'm gonna ask you some questions, all right? Feel free to answer the way you want, OK?

I: So, where are you, where are you from?

S2: I'm from Uberlândia.

I: And, what are your best memories of your childhood here in Uberlândia?

S2: The best?

I: Memories of your childhood, when you were a child.

S2: When I go to my school when I was a child and my father takes me there.

I: And how did you learn English. Like, how long have you studied? Tell me a little bit about how you have learned English.

S2: How I've learned. Well, since I'm eleven, twelve years old I start I'm start to study English I'm study now too. And why I'm study I'm study because I like the language I like very much the sound I think that is important for my job and for other things for example I like even to listen one music and to understand or a movie I always like to improve everything that I can everything that I can learn I want to learn, so languages I like very much.

I: And... Tell me about your routine. Like, do you usually have a busy week? What do you do every day? Things like that.

S2: I don't understand, right?

I: Tell me about your routine. Like, how are your days? What do you usually do every day? OK?

S2: Well, I'm go to the college in the morning then I come back home make the lunch for me and my father then I come go to my work and then I'm go to my house at night I'm study a little bit and go to bed. Just things.

I: Now I'm going to ask you to read a list of words, OK? So, you please read it this way: this one and then this one. OK?

- | | |
|--------------------|----------------|
| 1- Bead – b[i]d | Bid – b[i]d |
| 2- Bean – b[i:]n | Bin – b[i]n |
| 3- Beat – b[i]t | Bit – b[i]t |
| 4- Cheap – sh[i:]p | Chip – sh[i]p |
| 5- Cheat – sh[i]t | Chit – sh[i]p |
| 6- Cheek – sh[i]k | Chick – sh[i]k |

S2: Everything is the same.

- | | |
|-------------------------|---------------|
| 7- Deal – d[i:]l | Dill – d[i]l |
| 8- Deed – d[i]d | Did – d[i]d |
| 9- Deem – d[i]m | Dim – d[i]m |
| 10-Deep – d[i]p | Dip – d[i]p |
| 11-Each – [i]tch | Itch – [i]tch |
| 12-Eat – [i]t | It – [i]t |
| 13-Feast – f[i]st | Fist – f[i]st |
| 14-Feel – f[i:]l | Fill – f[i]l |
| 15-Feat / Feet – f[i]t | Fit – f[i]t |
| 16-Gene – g[i:]n[i] | Gin – g[i]n |
| 17-Heal / Heel – h[i:]l | Hill – h[i]m |
| 18-Heap – h[i]p | Hip – h[i]p |
| 19-Heat – h[i:]t | Hit – h[i]t |
| 20-Lead – l[i]d | Lid – l[i]d |
| 21-Leak – l[i]k | Lick – l[i]k |
| 22-Least – l[i]st | List – l[i]st |
| 23-Leave – l[i]v | Live – l[i]v |

24-Meal – m[i]l	Mill – m[i]l
25-Neat – n[i]t	Nit / Knit – n[i]t
26-Peach – p[i]tch	Pitch – p[i]tch
27-Peak / Peek – p[i]k	Pick – p[i]k
28-Peal / Peel – p[i]l	Pill – p[i]l
29-Peep – p[i]k	Pip – p[i]k
30-Queen – qu[i]n	Quin – qu[i]n
31-Read – r[i]d	Rid – r[i]d
32-Reap – r[i]p	Rip – r[i]p
33-Reef – r[i]f	Riff – r[i]f
34-Seat – s[i]t	Sit – s[i]t
35-Seek – s[i]k	Sick – s[i]k
36-Seen – s[i]n	Sin – s[i]n
37-Seep – s[i]p	Sip – s[i]p
38-Sheen – s[i]n	Shin – sh s[i]n
39-Sheep – sh[i]p	Ship – sh[i]p
40-Teen – t[i]n	Tin – t[i]n

I: OK. Thank you very much. Now, I'm going to ask you to read the paragraph? OK?

S2: OK. R[i:]d the follow[i]ng paragraphs.

Fr[ε]da l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. Th[ei] are great friends. Th[ei] love to go out together, spec[i]all[i] when th[ei] l[i]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks a t[i]n of p[i]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]ll[i] s[i]ck. On the o on the other ha hand, her her friend Sl[i]ep[i] Fr[ε]da s[ui]ks size s[i]x sl[i]ppers to f[i]t her f[i]t.

I: OK. Now, well, there is a paragraph here. So, you are going to choose either this word or that word to fill in the blanks, OK? Either option A or B to fill in and then you please, read it out loud, OK?

St[i]ven m[i]ts [i]v[i] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of a m[i]l and [i]nvites
meets / sits meal / **mill**

her to have a m[i:]l w[i]th h[i]m. St[i]ven [i]ts thr[i] p[i]ces of ch[i]se and
meal / mill

[i]v[a] [i]ts noth[i]ng but b[i]ns and d[i]p. After d[i]nner [i]v[i] finds a
beans / bins deep / **dip**

k[i]tchen s[i]nk w[i]th d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i]ves when sh[i] s[i]s St[i]phen does
leaves / lives

s[i]k for a m[ε] a m[ε]d and not a d[ei]te.
seek / **sick**

When alone St[i]phen dr[i]ms of [i]v[i]. [i]n h[i]s dr[i]m h[i] p[i]ks through the
peeks / **picks**

k[i]hole w[i]th [i]v[i] sl[i]ps a l[i]ttle b[i]t.
sleeps / slips beat / **bit**

I: (a sheet of paper falls down) Don't worry. Now it's going to be something different. This is kind of a an activity in which there is a journey, so you start here in number one.

OK? Every time I say a word with a long vowel, for example "sheep" you are supposed to turn right, OK? If I say a word with short vowels, OK? For example, "did" you are supposed to turn left, OK? So, long vowels this way, short vowels this way, OK? So, let me read my vowels. If you want that, pencil, just to follow. OK. Can we start?

I: Number one: leak – l/i:/k.

I: Number two: rip – r/I/p.

I: Number three: sheep – sh/i:/p.

I: And number four: cheap – ch/i:/p.
 I: Where did you stop?
 S1: Miami. Miami.
 I: OK. Thank you very much. That's all.

Transcrição – Entrevista 3
Tempo de entrevista – 6'25''

I: Interview with subject number 3. 20 years old.
 I: So, please, tell me where are you from?
 S3: I'm from Uberlândia.

I: And what are your best memories of your childhood here in Uberlândia?
 S3: My childhood, ah, all the moments, I th[i]nk that all the moments that I had w[i]th my fam[i]ly, eh, when we went to some places, some parks, eh, c[i]rcus, clubs. I th[i]nk[i] th[i]s.

I: Now tell me, how did you learn English, like, how long have you studied? Tell me a little bit about how you have learned English, your teachers, your school, things like that. OK?

S3: OK. Eh, I ss I've been stud[i]ng Engl[i]sh for five years and a half and I th[i]nk that Engl[i]sh [i]s ver[i] good I I like to stud[i] th[i]s language and [i]t's the the school, the t[i]chers, all all th[i]s [i]s good and make the the learn[i]ngs better I th[i]nk [i]t's [i]s[i]er to to learn when all th[i]s th[i]ngs are together ass[i]m, all the the eh. (subject 3 laughs.)

I: Now tell me about your routine. Like what do you usually do every day? Do you have a busy week? OK?

S3: OK. To my eh. [I]n the morn[i]ng I used to to stud[i] né because [i]t's the only time I have ava[i]lable. Eh [I]n the afternoon I go to to work and at night I go to to the un[i]vers[i]t[i] I'm stud[i]ng electr[i]cal eng[i]n[i]r[i]ng now and just th[i]s.

I: Now can you please read this list? Like, this column and then this one.

- | | |
|---------------------------------|--------------------|
| 1- Bead – b[ɛ]d | Bid – b[i]d |
| 2- Bean – b[i]n | Bin – b[I]n |
| 3- Beat – b[i]t | Bit – b[i]t |
| 4- Cheap – ch[i]p | Chip – ch[i]p |
| 5- Cheat – ch[i]t | Chit – ch[i]t |
| 6- Cheek – ch[i]k | Chick – ch[i]k |
| 7- Deal – d[i:]l | Dill – d[i]l |
| 8- Deed – d[i]d | Did – d[i]d |
| 9- Deem – d[i]m | Dim – d[i]m |
| 10-Deep – d[i]p | Dip – d[i]p |
| 11-Each – [i:]tch | Itch – [i:]tch |
| 12-Eat – [i]t | It – [i]t |
| 13-Feast – f[ɛ]st | Fist – f[i]st |
| 14-Feel – f[i:]l | Fill – f[i]l |
| 15-Feat / Feet – f[i]t or f[i]t | Fit – f[i]t |
| 16-Gene – g[i]n | Gin – g[i]n |
| 17-Heal / Heel – h[i:]l h[I]l | Hill – h[I]l |
| 18- Heap – h[i]p | Hip – h[i]p |
| 19-Heat – h[i:]t | Hit – h[i]t |
| 20-Lead – l[ɛ]d | Lid – l[i]d |
| 21-Leak – l[i:]k | Lick – l[i]k |
| 22-Least – l[ɛ]st | List – l[i]st |
| 23-Leave – l[i]v | Live – l[i]v |
| 24-Meal – m[i:]l | Mill – m[i]l |
| 25-Neat – n[i]t | Nit / Knit – n[i]t |
| 26-Peach – p[i]tch | Pitch – p[i]tch |
| 27-Peak / Peek – p[i]k | Pick – p[i]k |
| 28-Peal / Peel – p[i:]l | Pill – p[i]l |
| 29-Peep – p[i]p | Pip – p[i]p |
| 30-Queen – qu[i]n | Quin – qu[i]n |

31-Read – r[i]d	Rid – r[i]d
32-Reap – r[i]p	Rip – r[i]p
33-Reef – r[i]f	Riff – r[i]f
34-Seat – s[i:]t	Sit – s[i:]t
35-Seek – s[i:]k	Sick – s[i:]k
36-Seen – s[i:]n	Sin – s[i:]n
37-Seep – s[i:]p	Sip – s[i:]p
38-Sheen – sh[i]n	Shin – sh[i]n
39-Sheep – sh[i:]p	Ship – sh[i:]p
40-Teen – t[i]n	Tin – t[i]n

I: OK. Thank you. Now you are going to read this paragraph, OK?

S3: Fr[i]da l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. Th[ei] are th[ei] are great friends. Th[ei] love to go out together, spec[i]all[i] when th[ei] l[i]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks a t[i]n or p[i]lls to tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]ll[i] s[i]ck. On the other hand, her friend Sl[i]p[i] Fr[i]da s[i]ks size s[i]x sl[i]ppers to f[i]t her f[i:]t.

I: OK, and now there is this one, OK. You are going to read, but before doing that you have to complete using either this option or that one. OK?

St[ε]phen m[i]ts [i]v[i] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of a m[i]ll and [i]nvites her to

meets / sits

meal / **mill**

to have a m[i:]l w[i]th h[i]m. St[ε]phen [i]ts thr[i] p[i:]c[i]s of ch[i:]se and [i]v[i] [i]ts

meal / mill

noth[i]ng but b[i:]ns and d[i]p. After d[i]nner [i]v[i] f[ai]nds a k[i]tchen s[i]nk w[i]th

beans / bins deep / **dip**

d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i]ves when sh when sh[i] s[i]s St[ε]phen does s[i:]ck for a

leaves / lives

seek / sick

m[ei]d and not a d[ei]te. When alone St[ε]phen dr[i]ms of [i]v[i]. [I]n h[i]s dr[i]m h[i]

p[i:]ks through the k[i]hole while [i]v[i] sl[i:]ps a l[i]ttle b[i]t.

peeks / picks

sleeps / slips

beat / **bit**

I: OK. Now you are going to do like that. Ah, this is a journey, like a pronunciation journey. So, I'm going to say a sen a word, OK? And if it has a long vowel you are going to turn right, OK? If it has a short vowel you are going to turn left. For example, if I say "leave", yeah? Is it long or short?

S3: Long.

I: OK. So, you turn right. OK? And then you come this way. And here the same thing. So you are going to listen to a word, and if it's long you turn right, if it's short you turn left. OK? So, can I start?

I: So, number one. You start here in number one. OK? "leak" – l[i:]k.

I: The second: rip – r[I]p.

I: The third is: sheep – sh[i:]p.

I: And the fourth is: cheap – ch[i:]p.

I: So, where are you?

S3: Tok[i]o.

I: OK. Thank you very much.

Transcrição – Entrevista 4 Tempo de entrevista – 6'50''

I: Subject number 4. 27 years old.

I: So, please, tell me. Uh, where are you from and how long have you lived in Uberlândia?

S4: I'm from Catalão and I have b[i:]n l[i]v[i]ng [i]n Uberlând[i]a s[i]nce 1999.

I: And what are your best memories of your childhood?

S4: I th[i]nk the[i] are when I when I was l[i]v[i]ng [i]n a farm w[i]th my parents s[i]nce ninet[i:]n e[i]ght[i]-e[i]ght eh to ninet[i:]n ninet[i]-nine.

I: Can you tell me a little bit about it?

S4: You can [i]mag[i]ne a a a bo[i] l[i]v[i]ng h[i]r[i] [i]n Uberlând[i]a l[i]v[i]ng e[i]ght the f[i]rst eh e[i]ght [i]rs of of h[i]s h[i]s life [i]n apartment and then h[i]s whole fam[i]l[i] move to a farm when h[i] has all kind eh all kind of th[i]ngs to do and a lot of fr[i]dom.

I: This is great.

I: Now, how did you learn English? I mean, how long have you studied? How many teachers have you had? Talk a little bit about your English background, OK?

S4: Oh. I I have b[i]n stud[i]ng [i]ngl[i]sh s[i]nce I was s[i]nce s[i]nce I was a k[i]d, I don't know exactly the the year, but [i]t was always [i]n CCAA school and eh ss before start stud[i]ng [i]ngl[i]sh at CCAA I have alread[i] know just a l[i]ttle b[i]t of the [i]ngl[i]sh by stud[i]ng [i]n the eh [i]n the ba eh elementar[i] school.

I: And can you tell me a lit bit about your routine like, if you have a busy week? Things you do, OK?

S4: Well, when I'm work[i]ng my w[i]k [i]s kind of stress[i]ng, I I w[ei]ke up early I go to work sometimes I don't I don't have lunch and I usually s[i] my wife eh just at just at night sometimes dur[i]ng the dur[i]ng the lunch time when I when I w[i]th her.

I: OK. Now I'm going to ask you to read a list of words, OK. You please read it this way, the first one and then this one that is in front of it, OK?

S4:

1- Bead – b[i:]d	Bid – b[I]d
2- Bean – b[i:]n	Bin – b[i]n
3- Beat – b[i:]t	Bit – b[I]t
4- Cheap – ch[i:]p	Chip – ch[I]p
5- Cheat - ch[i:]t	Chit – ch[i]p
6- Cheek – ch[i:]k	Chick – ch[I]k
7- Deal – d[i:]l	Dill – d[i]l
8- Deed – d[i:]d	Did – d[i]d
9- Deem – d[i:]m	Dim – d[i]m
10-Deep – d[i:]p	Dip – d[I]p
11-Each – [i:]tch	Itch – [I]tch
12-Eat – [i:]t	It – [I]t
13-Feast – f[i:]st	Fist – f[I]st
14-Feel – f[I]l	Fill – f[I]l
15-Feat / Feet – f[i:]t / f[i:]t	Fit – f[I]t
16-Gene – g[i:]n	Gin – g[I]n
17-Heal / Heel – h[i:]l / h[I]l	Hill – h[I]l
18- Heap – h[i:]p	Hip – h[I]p
19-Heat – h[i:]t	Hit – h[i]t
20-Lead – l[i:]d	Lid – l[I]d
21-Leak – l[i:]k	Lick – l[i]k
22-Least – l[i:]st	List – l[I]st
23-Leave – l[i:]v	Live – l[I]v
24-Meal – m[i:]l	Mill - m[I]l
25-Neat – n[i:]t	Nit / Knit – n[i]t / n[i]t
26-Peach – p[i:]tch	Pitch – p[I]tch
27-Peak / Peek – p[i:]k / p[i:]k	Pick – p[I]k
28-Peal / Peel – p[i:]l / p[i:]l	Pill – p[I]l
29-Peep – p[i:]p	Pip – p[i]p
30-Queen – qu[i:]n	Quin – qu[i]n
31-Read – r[i:]d	Rid – r[I]d
32-Reap – r[i:]p	Rip – r[I]p
33-Reef – r[i:]f	Riff – r[I]f
34-Seat – s[i:]t	Sit – s[i]t
35-Seek – s[i:]k	Sick – s[I]k

36-Seen – s[i:]n	Sin – s[i]n
37-Seep – s[i:]p	Sip – s[I]p
38-Sheen – sh[i:]n	Shin – sh[i]n
39-Sheep – sh[I]p	Ship – sh[I]p
40-Teen – t[i]n	Tin – t[i]n

I: OK. Thank you. Now, please, you are going to read this paragraph, OK?
S4:

Fr[ε]da l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. Th[ei] are great friends. Th[ei] love to go out together, spec[i]all[i] when th[ei] l[i:]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks a t[i]n or p[I]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]ll[i] s[i]ck. On the other hand, her friend Sl[i:]p[i] Fr Fr[ε]da s[i]ks size s[i]x sl[i]ppers to f[i]t her f[i:]t.

I: OK. Now, we've got a paragraph here, OK? So, you are going to read it, but you are also going to fill the blanks with one of these words here, OK?
S4: OK.

St[i]phen m[i]ts [i]v[i] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of m[i]ll and [i]nvites her to
meets / sits **meal / mill**
 to have a m[I]ll w[i]th h[i]m. St[i]phen [i]ts thr[i] p[i:]c[i]s of ch[i:]se and [i]v[i] [i]ts
meal / mill
 nai [i]ts eh noth[i]ng but b[i:]ns and d[i:]p. After d[i]nner [i]v[i] f[ai]nds a a k[i]tchen
beans / bins **deep / dip**
 s[i]nk w[i]th d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i:]ves when sh[i] s[i]s St[i]phen does ss s[i]ck
leaves / lives **seek / sick**
 for a m[ei]d and not a d[ei]te. When alone St[i]phen dr[i]ms of [i]v[i]. [I]n h[i]s dr[i]m
 h[i] p[I]ks through the k[i]hole while [i]v[i] sl[I]ps a l[i]ttle b[I]t.
peeks / picks **sleeps / slips** **beat / bit**

I: OK. And now it's going to be a pronunciation journey, OK? What are we going to do? Ah, you are going to start here, all right? And, I'm going to read the words, OK? If I say a long sound you are going to turn right, OK? If you listen to a short sound you are going to turn left. Do you get it?

S4: OK.

I: Yeah? So, can we start?

S4: Yes.

I: Yeah? A long sound you turn right, a short sound you turn left.

I: The first one is: leak – l[i:]k.

S4: OK.

I: The second one is: rip – r[I]p.

S4: OK

I: The third one is going to be: sheep – sh[i:]p.

S4: OK

I: And the fourth one is: cheap – ch[i:]p.

S4: OK.

I: So, where are you?

S4: [i]n Tok[i]o.

I: OK. Thank you very much.

Transcrição – Entrevista 5
Tempo de entrevista – 7’51’’

I: Subject number 5. 19 years old.

I: Hello. Oh, first I have some questions. Tell me, where are you from and how long have you lived in Uberlândia?

S5: I’m from Uberlând[i]a, I’m from Braz[i]l and I’m I’m l[i]v[i]ng h[i]r[i] all my life I never l[i]ved [i]n another c[i]t[i].

I: OK. What are your best memories of childhood?

S5: My best memor[i]es about?

I: Childhood, when you were a child. OK?

S5: Oh when I was child I was I always at Sunday got to play mall and someth[i]ng like that.

I: And that was good?

S5: And that was ver[i] good.

I: OK. Now, eh tell me a little bit about how you learned English, for example, how long have you studied? Or, your teachers, the teachers that were good or not, OK? A little bit about your English studies.

S5: I stud[i]ed h[i]r[i] for s[i]x [i]rs and a half and I like the methodolog[i] of CCAA and I th[i]nk [i]t’s that.

I: That’s all?

S5: Yeah, that’s all and I’m graduat[i]ng now I’m I I want to be a t[i:]cher and let’s s[i] [i]f [i]t’s poss[i]ble.

I: OK. And... Tell me a little bit about your routine, like do you have a busy week? Do you work every day or you don’t work? OK?

S5: OK. I work uh five d[ei]s at a w[i:]k as a ha[i]rdresser, I go to the un[i]vers[i]t[i] and I do aesthet[i]cs and and at Thursday and, Tuesday and Thursday I do [i]ngl[i]sh.

I: OK. Now I’m going to ask you to read this list, OK. Like this, this one and then this one. OK?

S5:

- | | |
|--------------------|-----------------|
| 1- Bead – b[i]d | Bid – b[i]d |
| 2- Bean – b[i:]n | Bin – b[i]n |
| 3- Beat – b[i:]t | Bit – b[i:]t |
| 4- Cheap – ch[i]p | Chip – ch[i]p |
| 5- Cheat – ch[i]p | Chit – ch[i]t |
| 6- Cheek – ch[i]k | Chick – ch[i]k |
| 7- Deal – d[i:]l | Dill – d[i]l |
| 8- Deed – d[i]d | Did – d[i]d |
| 9- Deem – d[i]m | Dim – d[i]m |
| 10- Deep – d[i]p | Dip – d[i]p |
| 11- Each – [i]tch | Itch – [i]tch |
| 12- Eat – [i]tch | It – [i]tch |
| 13- Feast – f[i]st | Fist – f[i]rst. |

S5: Oh [i]t’s not f[i]rst [i]t’s f[i]st.

- | | |
|---------------------------------|----------------------------|
| 14- Feel – f[i]l | Fill – f[i]l |
| 15- Feat / Feet – f[i]t / f[i]t | Fit – f[i]t |
| 16- Gene – g[ε]n | Gin – g[i]n |
| 17- Heal / Heel – h[ε]l | Hill – h[i]m |
| 18- Heap – h[i]p | Hip – h[i]p |
| 19- Heat – h[ε]t | Hit – h[i]t |
| 20- Lead – l[i]d | Lid – l[i]d |
| 21- Leak – l[ei]k | Lick – l[i]k |
| 22- Least – l[ε]st | List – l[i]st |
| 23- Leave – l[i]v | Live – l[i]v |
| 24- Meal – m[i:]l | Mill – m[i]l |
| 25- Neat – n[ε]t | Nit / Knit – n[i]t / n[i]t |

26-Peach – p[i]tch	Pitch – p[i]tch
27-Peak / Peek – p[i]k / p[i]k	Pick – p[i]k
28-Peal / Peel – p[i:]l / p[i]l	Pill – p[i]l
29-Peep – p[i]p	Pip – p[i]p
30-Queen – qu[i]n	Quin – qu[i]n
31-Read – r[i]d	Rid – r[i]d
32-Reap – r[ε]p	Rip – r[i]p
33-Reef – r[i]f	Riff – r[i]f
34-Seat – s[i]t	Sit – s[i]t
35-Seek – s[i]k	Sick – s[i]k
36-Seen – s[i]n	Sin – s[i]n
37-Seep – s[i]p	Sip – sl[i]p no s[i]p
38-Sheen – sh[i]n	Shin – sh[ai]n
39-Sheep – sh[i]p	Ship – sh[i]p
40-Teen – t[i]n	Tin – t[i]n

I: OK. Now I'm going to ask you to read a paragraph, OK?

S1: OK. R[i]d the follow[i]ng paragraph.

Fr[i]da l[i]ves at Fr[i]da l[i]ves [i]n a lai in a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. Th[ei] are great friends. Th[ei] love to got to go out together, eh spec[i]all[i] when th[ei] l[i]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks a t[i]n or p[i]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]ll[i] s[i]ck[i]. On the other hand, her friend Sl[i]p[i] Fr[ε] Fr[i]da s[i]ks size s[i]x sl[i]ppers to f[i]t her f[i]t.

I: OK. Now it's a paragraph, but first you have to find the appropriate word, OK? And then complete, OK?

S5: OK

St[ε]phen m[i]ts [i]v[i] one [ε] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of a m[i:]l and [i]nvites her

meets / sits

meal / mill

to have a m[i:]l w[i]th h[i]m. St[ε]phen [i]ts thr[i] p[i:]c[i]s of ch[i:]se and [i]v[i] [i]ts

meal / mill

noth[i]ng but b[i]ns and d[i:]p. After d[i]nner [i]v[i] f[ai]nds a k[i]tchen s[i]nk w[i]th

beans / **bins** **deep** / dip

d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i]ves when sh[i] s[i]s St[ε]phen does s[i:]ck for a m[ei]d and

leaves / lives

seek / **sick**

not a d[ei]te. When alone St[ε]phen dr[i]ms of [i]v[i]. [I]n h[i]s dr[i]m h[i] p[i:]ks

peeks / **picks**

through the k[i] k[i]hole while [i]v[i] sl[i:]ps a l[i]ttle b[i]t.

sleeps / slips

beat / **bit**

I: OK. Now it's going to be the pronunciation journey, OK? So, what are we going to do? You are going to start here in number one, OK? As if it were a trip, yeah? And you are going to listen to me. If I say a word with a long vowel you are going to turn right, OK? If I say a word with a short vowel you are going to turn left. Do you understand?

S5: Short vowel?

I: Vowel. For example, if I say uh "leave", for example.

S5: I look here.

I: Yes. So if it's long you turn right. If I say "live" you turn left. Do you understand?

S5: Yes.

I: OK. So you start in number one. Depending on my word you go to number two but here on the right or to number two on the left.

S5: OK.

I: OK. So, the first word, OK? Number one: leak – l[i:]k.

I: Number two: rip – r[ɪ]p.
 I: Number three: sheep – sh[ɪ:]p.
 I: Number fou: cheap – ch[ɪ:]p.
 I: Where are you?
 S5: Tok[i]o.
 I: OK. Thank you very much.

Transcrição – Entrevista 6
Tempo de entrevista – 8’41’’

I: Subject number 6. 23 years old.
 I: Hello, how are you doing?
 S6: I’m fine, and you?
 I: Oh, fine. So, tell me a little bit, uh where are you from and how long have you lived in Uberlândia? Tell me a little bit about your city. OK?
 S6: Yeah. I’m from [i]b[i]á. I moved to Uberlând[i]a [i]n 2002. Then the [i]b[i]á [i]s a ver[i] small c[i]t[i] you don’t have man[i] opportune[i]t[i]es to work to to get a good job or to stud[i] eh major un[i]vers[i]t[i]. [i]t’s a ver[i] small c[i]t[i].
 I: Did you come to Uberlândia to study?
 S6: Yeah, [i]t’s the purpose.

 I: Uh, OK. And uh what are your best memories of your childhood in Ibiá?
 S6: Uh, my cous[i]ns, [i]es, because w[i] are almost we have almost the same age then we grew up together. Yeah.

 I: And what about vacation time? How was it?
 S6: Uh, [i]t was great because [i]t’s a small c[i]t[i] you can do almost ever[i]th[i]ng you wanna then w[i] uh [i]t’s a small c[i]t[i] but you have man[i] b[i]ut[i]ful th[i]ngs there like waterfalls, eh small lakes so [i]t’s great to enjo[i] th[i]s environment.

 I: Isn’t it dangerous?
 S6: No no [i]t’s not so not so much. (S6 laughs).

 I: OK. Now tell me a little bit about how you learned English. Well, how long have you studied? How many teachers have you had? Things like that, OK?
 S6: I’ve b[i:]n stud[i]ng [i]ngl[i]sh s[i]nce I th[i]nk the second semester [i]n 2002. The a the quant[i]t[i] of t[i:]chers I had I don’t know I th[i]nk s[i]x, yes, almost like that, b[i]cause sometimes we got the same t[i:]cher then I th[i]nk th[i]s number s[i]x t[i:]achers.

 I: And uh, do you do you speak English every day? What what’s your contact with the language?
 S6: No, [i]t’s dur[i]ng the class eh pract[i]ce eh [i]s on [i]s only [i]n the class onl[i] dur[i]ng the class but I like to watch mov[i]es I love to watch mov[i]es I try to use the the capt[i]ons just [i]n [i]ngl[i]sh or don’t use them.

 I: Oh, you are practicing a lot. (Subject 6 laughs).
 S6: Yeah.

 I: And... Can you tell me a little bit about your routine, like, do you have a busy week? What do you every day? Things like that.
 S6: I stud[i] just. (Subject 6 laughs).
 S6: I always stud[i], but what I like to do I s[i]nce I started eh work[i]ng out I have to do [i]t ever[i] da[i]. (Subject 6 laughs). Yes. Ever[i] day[i] I go to the g[i]m work[i]ng out to work out.
 I: Really. Every day?
 S6: Ever[i] da[i]. Except [i]n the w[i:]k. [i]n the w[i:]k I don’t go.
 I: But do you work out for one hour, half an hour?
 S6: Almost two hours sometimes more. Yeah.
 I: Wow.
 S6: Wow. (Subject 6 laughs)
 I: OK

I: So, now I'm going to it to ask you to read this list, OK. So you are going to read, like, this one and this one, the pairs, please.

S6:

1- Bead – b[i]d	Bid – b[i]d
2- Bean – b[i:]n	Bin – b[I]n
3- Beat – b[i:]t	Bit – b[I]t
4- Cheap – ch[i:]p	Chip – ch[I]p
5- Cheat – ch[i:]t	Chit – ch[I]t
6- Cheek – ch[i:]k	Chick – ch[i]k
7- Deal – d[i:]l	Dill – d[I]l
8- Deed – d[i:]d	Did – d[I]d
9- Deem – d[i:]m	Dim – d[I]m
10-Deep – d[i:]p	Dip – d[I]p
11-Each – [i:]tch	Itch – [I]tch
12-Eat – [i:]t	It – [I]t
13-Feast – f[i:]st	Fist – f[I]st
14-Feel – f[i:]l	Fill – f[I]l
15-Feat / Feet – f[i]t or f[i:]t	Fit – f[I]t
16-Gene – g[i]n / g[i]n	Gin – g[i]n
17-Heal / Heel – h[i:]l / h[i]l	Hill – h[I]l
18- Heap – h[i:]p	Hip – h[I]p
19-Heat – h[i:]t	Hit – h[I]t
20-Lead – l[i:]d	Lid – l[I]d
21-Leak – l[i:]k	Lick – l[I]k
22-Least – l[i:]st	List – l[I]st
23-Leave – l[i:]v	Live – l[I]v
24-Meal – m[i:]l	Mill – m[i]l
25-Neat – n[i:]t	Nit / Knit – n[I]t

S6: Or n[I]t too, yeah. (S6 laughs)

26-Peach – p[i]tch	Pitch – p[I]tch
27-Peak / Peek – p[i]k / p[i]k[i]	Pick – p[I] k
28-Peal / Peel – p[i:]l / p[i:]l	Pill – p[I]l
29-Peep – p[i]p	Pip – p[i]p
30-Queen – qu[i]n	Quin – qu[i]n
31-Read – r[i]d	Rid – r[I]d
32-Reap – r[i]p	Rip – r[I]p
33-Reef – r[i]f	Riff – r[i:]f
34-Seat – s[i:]t	Sit – s[I]t
35-Seek – s[i:]k	Sick – s[I]k
36-Seen – s[i:]n	Sin – s[I]n
37-Seep – s[i:]p	Sip – s[I]p
38-Sheen – sh[i]n	Shin – sh[i]n
39-Sheep – sh[i:]p	Ship – sh[I]p
40-Teen – t[i]n	Tin – t[i]n

I: OK. Thank you. A long list, yes? Now, there is one more, can you please read this paragraph?

S6: {inint}OK.

Eh. Fr[ε]da l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. Th[ei] are great friends. Th[ei] love to go out together, spec[i]all[i] when th[ei] l[i:]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks a t[i]n or p[i]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]ll[i] s[i]ck. On the other hand, her friend Sl[i]p[i] Fr[ε]da s[i]ks size s[i]x sl[i]ppers to f[i]t her f[I]t.

I: OK. That's it. Now, one more, but this one you are going to choose the answers first, OK? Then you are going to read out loud what you have chosen, OK?

S6:

St[i]phen m[i]ts [i]v[i] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of a m[i]ll and [i]nvites her to

meets / sits

meal / **mill**

to have a m[i:]ll w[i]th h[i]m. St[i]phen [i]ts thr[i] p[i:]c[i]s of ch[i:]se and [i]v[i] [i]ts

meal / mill

noth[i]ng but b[i:]ns and d[i]p. After d[i]nner [i]v[i] f[ai]nds a k[i]tchen s[i]nk w[i]th

beans / bins deep / **dip**

d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i:]ves when sh[i] s[i]s St[i]phen does s[i:]ck for a m[ei]d

leaves / lives

seek / sick

and not a d[ei]te. When alone St[i]phen dr[i]ms of [i]v[i]. [i]n h[i]s dr[i]m h[i]

p[i:]ks through the k[i]hole while [i]v[i] sl[i:]ps a l[i]ttle b[i]t.

peeks / picks

sleeps / slips

beat / **bit**

I: OK. Now the last part. OK, it's a pronunciation journey. So, how does it work? You are here, in number one. So, I'm going to say a word, OK? If it has a long sound, a long vowel sound you are going to turn right, if it has a short vowel sound you are going to turn left.

S6: OK.

I: Is that clear?

S6: Yes.

I: Yeah? OK. So, and I'm going to say the word just once. Can we start?

S6: Yeah.

I: So, number one: leak – l[i:]k.

S6: Ah, leak. Can I write here?

I: No, you just go to the other number. OK.

I: Number two: rip – r[I]p.

I: Number three: sheep – sh[i:]p.

I: Number four: cheap – ch[i:]p.

I: Where did you stop?

S6: Miam[i].

I: OK. Thank you very much.

S6: Thank you.

Transcrição – Entrevista 7 **Tempo de entrevista – 10'26''**

I: Subject number 7. 18 years old.

I: So, tell me, where are you from and how long have you lived in Uberlândia? Talk a little bit about your hometown. OK?

S7: I'm from Uberlândia and I've l[i]ved here s[i]nce I was a bab[i] so I was borned here and I th[i]nk [i]t's a nice c[i]t[i]. I like to l[i]ve here. Uh, my parents moved here s[i]nce I was a I was a bab[i] and I, my s[i]sters when borned [i]n Belo Horizonte so they came here and I {inint}. My fam[i]l[i] came from Belo Horizonte and when they moved here I borned.

I: Ah, OK. And what are your best memories of your childhood?

S7: Eh, my best memor[i]es eh, comes from, eh, my k[i]ndergarten they, I had a a lot of friends, they, wh[i]ch some of them, I, they are my friends t[i]ll now and I th[i]nk [i]t was nice [i]t was a great exp[i]r[i]ence.

I: You have friends from kindergarten? They are still your friends?

S7: Yes, they are. [Tha] I know, I I st[i]ll stud[i] w[i]th them. There [i]s a a group which I met when ten years ago and I talk and I friend of them t[i]ll now, nowadays. Yes.

I: OK. And tell me. How did you learn English? How long have you studied? Like, how many teachers have you had? Tell me a little bit about it.

S7: Yes. I stud[i]ed, I started stud[i]ng [i]ngl[i]sh four years ago, about four years ago and I I had no idea of [i]ngl[i]sh onl[i] at school, but [i]t was like colors, numbers something like that and when I came [i]nto th[i]s

school I learned how to speak and how to write and I like to, I th[i]nk[i] I have, I th[i]nk [i]ngl[i]sh [i]s kind of easy for me 'cause I try to watch mov[i]es and try to speak at home by myself and I learned how to exp expla[i]n feel[i]ngs and have a conversation, etc.

I: Would you consider that a profession?

S7: To speak [i]ngl[i]sh?

I: Like, being a teacher, a translator?

S7: Yes. I th[i]nk [i]ngl[i]sh [i]s kind of [i]nterest[i]ng if you are going to be a translator or something like that.

I: OK. Now tell me a little bit about your routine, like, what do you usually do every day? Do you have a busy week?

S7: Yeah I have a, my week [i]s kind of eh kind of bus[i] 'cause I wake up early, and I start stud[i]ng, go to school, eh go home and then start stud[i]ng again and go and go to sleep, so [i]t's like till from the the hour I wake up to the hour I go to sl[i]p I am stud[i]ng. (S7 laughs).

I: So, now I'm going to ask you to read this list, OK. Like, first the one on the left then the one on the right, OK?

S7:

- | | |
|----------------------------------|----------------------------|
| 1- Bead – b[i:]d | Bid – b[I]d |
| 2- Bean – b[i:]n | Bin – b[I]n |
| 3- Beat – b[i:]t | Bit – b[I]t |
| 4- Cheap – ch[i:]p | Chip – ch[I]p |
| 5- Cheat – ch[i:]t | Chit – ch[I]t |
| 6- Cheek – ch[i:]k | Chick – ch[I]k |
| 7- Deal – d[i:]l | Dill – d[I]l |
| 8- Deed – d[i:]d | Did – d[I]d |
| 9- Deem – d[i:]m | Dim – d[I]m |
| 10-Deep – d[i:]p | Dip – d[I]p |
| 11-Each – [i:]tch | Itch – [i]tch |
| 12-Eat – [i:]t | It – [i]t |
| 13-Feast – f[i:]st | Fist – f[I]st |
| 14-Feel – f[i:]l | Fill – f[I]l |
| 15-Feat / Feet – f[i:]t or f[i]t | Fit – f[i]t |
| 16-Gene – g[i]n | Gin – g[i]n |
| 17-Heal / Heel – h[i:]l / h[i:]l | Hill – h[I]l |
| 18- Heap – h[i:]p | Hip – h[I]p |
| 19-Heat – h[i:]t | Hit – h[I]t |
| 20-Lead – l[i:]d | Lid – l[I]d |
| 21-Leak – l[i:]k | Lick – l[I]k |
| 22-Least – l[i:]st | List – l[I]st |
| 23-Leave – l[i:]v | Live – l[I]v |
| 24-Meal – m[i:]l | Mill – m[I]l |
| 25-Neat – n[i:]t | Nit / Knit – n[I]t / n[I]t |
| 26-Peach – p[i:]tch | Pitch – p[I]tch |
| 27-Peak / Peek – p[i:]k / p[i:]k | Pick – p[I]k |
| 28-Peal / Peel – p[i:]l / p[i:]l | Pill – p[I]l |
| 29-Peep – p[i:]p | Pip – p[i]p |
| 30-Queen – qu[i]n | Quin – qu[i]n |
| 31-Read – r[i:]d | Rid – r[I]d |
| 32-Reap – r[i:]p | Rip – r[I]p |
| 33-Reef – r[i:]f | Riff – r[I]f |
| 34-Seat – s[i:]t | Sit – s[I]t |
| 35-Seek – s[i:]k | Sick – s[I]k |
| 36-Seen – s[i:]n | Sin – s[I]n |
| 37-Seep – s[i:]p | Sip – s[I]p |
| 38-Sheen – sh[i:]n | Shin – sh[I]n |
| 39-Sheep – sh[i:]p | Ship – sh[I]p |
| 40-Teen – t[i:]n | Tin – t[I]n |

I: OK. Thank you. Now, I'm going to ask you to read this paragraph, OK?

S7:

Fr[i]da l[i]ves [i]n a l[i]ttle c[ei]b[i]n n[i]r L[i]nda. Th[ei] are great friends. Th[ei] love to go out together, spec[i]all[i] when th[ei]'re th[ei] l[i:]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks a t[i]n or p[I]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i:]ll[i] s[I]ck. On the other hand, her friend Sl[i:]p[i] Fr[i] Fr[i]da s[i]ks size s[i]x sl[i]ppers (S7 laughs) to f[i:]t her f[i]t.

I: That's it. Now, this one, you are gonna choose the best option OK? And then, let me give you a pen, you are gonna choose and after you've done it we are gonna, you are gonna read it out loud, OK?

S7: Just choose the word teacher, or {inint}?

I: Yes, you can, just like, underline.

S7: Just "meet" or do I have to?

I: Copy the word.

S7: OK.

I: Now you can read it, with your answers.

St[i]phen m[i:]ts [i]v[i] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of a m[I]ll and [i]nvites her to

meets / sits

meal / **mill**

to have a m[i:]ll w[i]th h[i]m. St[i]phen [i]ts thr[i] p[i:]c[i]s of ch[i:]se and [i]v[i] [i]ts

meal / mill

noth[i]ng but b[i:]ns and d[I]p. After d[i]nner [i]v[i] f f[ai]nds a k[i]tchen s[i]nk w[i]th

beans / bins deep / **dip**

d[i]shes [i]n [I]t. [i]v[i] l[i:]ves when sh[i] s[i]s St[i]phen does s[i:]ck for a m[ei]d

leaves / lives

seek / sick

and not a d[ei]te. When a when alone St[i]phen dr[i]ms of [i]v[i]. [i]n h[i]s dr[i]m

h[i] p[i:]ks through the k[i]hole while [i]v[i] sl[i:]ps a l[i]ttle b[I]t.

peeks / **picks**

sleeps / slips

beat / **bit**

I: OK. Thank you. Now, the last part. OK. This is like a pronunciation journey. OK? So, what are you gonna do? You are going to be here, in number one. So, if I say a word, OK, and it has a long "i" sound you are going to turn right, OK? If it's short you are going to turn left. So, for example, if I say "did" it's short so you turn left, got it? If I say, for example, "meet", then, you turn right.

S7: OK. OK.

I: Yeah. Long, short. All right?

S7: I need to?

I: Yeah. No, just then you are going to show me where you are. OK? So, can we start? And I'm going to say it just once.

S7: OK.

I: Number one: leak – l[i:]k.

I: So then you choose number two.

I: Number two: rip – r[I]p.

I: Number three: sheep – sh[i:]p.

I: Number four: cheap – ch[i:]p.

I: Where did you stop?

S7: Tok[i]o.

I: OK. Thank you very much.

Transcrição – Entrevista 8
Tempo de entrevista – 7’50’’

I: Subject number 8. 23 years old.

I: So, tell me, where are you from and how long have you lived in Uberlândia?

S8: I’m from Tupaciguara and I l[i]ve [i]n Uberlândia for a [iə]r.

I: A year only? Yeah? And, what are your best memories of your childhood?

S8: My best memor[i] [i]s (S8 sighs) [i]s eh [i]s my grandfather. When sh[i:] we went to my house and pla[i] w[i]th me.

I: In Tupaciguara?

S8: Yes, [i]n Tupaciguara.

I: OK. And, how did you learn English? I mean, how long have you studied? How many teachers have you had? Tell me a little bit about it, OK?

S8: I start stud[i]ng [i]ngl[i]sh when I was a child or when I was eight [iə]rs and I have a lot of t[i]cher. At CCAA I stud[i] for four [iə]rs.

I: Just that?

S8: [i]es.

I: OK. Now I’d like you to tell me about your routine, like: do you have a busy week? What do you do every day? Things like that.

S8: What my I do dur[i]ng a da[i]?

I: Uh huh.

S8: I stud[i] all day at UFU and at night I sta[i] at home and at two times a w[i]k I go[i]ng to stud[i] [i]ngl[i]sh and w[i]kends I go to Tupaciguara.

I: Do you go to Tupaciguara every weekend?

S8: Yes, ever[i] w[i]kend.

I: Hummm. What is special about Tupaciguara?

S8: I got I go[i]ng to s[i] my parents.

I: OK.

I: Now I’m going to ask you to read this list. OK? Like, this one and then this one, OK?

- | | |
|--------------------------------|-----------------------------|
| 1- Bead – b[ɛ]d | Bid – b[i]d |
| 2- Bean – b[i:]n | Bin – b[i]n |
| 3- Beat – b[i:]t | Bit – b[i]t |
| 4- Cheap – ch[i:]p | Chip – ch[i]p |
| 5- Cheat – ch[i]t | Chit – ch[i]p |
| 6- Cheek – ch[ɛ]k | Chick – ch[i]k |
| 7- Deal – d[i:]l | Dill – d[i]l |
| 8- Deed – d[i:]d | Did – d[i]d |
| 9- Deem – d[i:]m | Dim – d[i]m |
| 10-Deep – d[i]p | Dip – d[i]p |
| 11-Each – [i]tch | Itch – [i]tch |
| 12-Eat – [i]t | It – [i]t |
| 13-Feast – f[i]st | Fist – f[i]st |
| 14-Feel – f[i:]l | Fill – f[i]l |
| 15-Feat / Feet – f[i]t / f[i]t | Fit – f[i]t |
| 16-Gene – g[i]n | Gin – g[i]n |
| 17-Heal / Heel – h[i:]l | Hill – h[i]l |
| 18-Heap – h[i:]p | Hip – h[i]p |
| 19-Heat – h[i:]t | Hit – h[i]t |
| 20-Lead – l[ɛ]d | Lid – l[i]d |
| 21-Leak – l[i]k | Lick – l[i]k |
| 22-Least – l[i]st | List – l[i]st |
| 23-Leave – l[i:]v | Live – l[i]v |
| 24-Meal – m[i:]l | Mill - m[i]l |
| 25-Neat – n[i]t | Nit / Knit – n[i]t / n[ai]t |
| 26-Peach – p[i:]ch | Pitch – p[i]tch |

27-Peak / Peek – p[i]k / p[i]k	Pick – p[i]k
28-Peal / Peel – p[i:]l / p[i]l	Pill – p[i]l
29-Peep – p[i]p	Pip – p[i]p
30-Queen – qu[i]n	Quin – qu[i]n
31-Read – r[ɛ]d	Rid – r[i]d
32-Reap – r[ɛ]p	Rip – r[i]p
33-Reef – r[i]f	Riff – r[i]f
34-Seat – s[i]t	Sit – s[i]t
35-Seek – s[i]k	Sick – s[i]k
36-Seen – s[i]n	Sin – s[i]n
37-Seep – s[i]p	Sip – s[i]p
38-Sheen – [tʃi]n	Shin – [tʃi]n
39-Sheep – sh[i]p	Ship – sh[i]p
40-Teen – t[i]n	Tin – t[i]n

I: OK. Now, I'm going to ask you to read this paragraph, OK?

S8:

Fr[i]da l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. The[i] are great friends. The[i] love to go out together, spec[i]all[i] when the[i] l[i]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks a t[i]n of p[i]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]lly s[i]ck. On the other hand, her friend Sl[i]p[i] Fr[i]da s[i]ks size size s[i]x sl[i]ppers to f[i]t her f[i]t.

I: OK. Now you please complete the blanks and after that you are going to read it, OK?

S8: OK.

St[i]phen m[i]ts [i]v[i] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of a m[i]l and [i]nvites
meets / sits meal / **mill**

her to have a m[i:]l w[i]th h[i]m. St[i]phen [i]ts thr[i] p[ai]ces of ch[i]se and
meal / mill

[i]v[i] [i]ts noth[i]ng but b[i]ns and d[i]p. After d[i]nner [i]v[i] finds a
beans / bins deep / **dip**

k[i]tchen s[i]nk w[i]th d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i]ves when sh[i] s[i]s St[i]phen does
leaves / lives

s[i]k for a m[ei]d and not a d[ei]te.

seek / **sick**

When alone St[i]phen dr[i]ms of [i]v[i]. [i]n h[i]s dr[i]m h[i] p[i]ks through the
peeks / **picks**

k[ei]hole while [i]v[i] sl[i]ps a l[i]ttle b[i]t.

sleeps / slips beat / **bit**

I: OK, now the last part, OK? You are going to do like that. Eh, this is the pronunciation journey, OK? I'm going to say a word, if it has a long vowel you are going to turn right, you see, it's written here, long. If it's short you are going to turn left, OK? So, for example, if I say, uh, "sleep", for example, you?

S8: Long?

I: Yeah, and if I say "slip", you? Turn left. OK? And I'm gonna say, number one and then the word, but I cannot repeat, OK? Ready? So, you start here in number one, OK?

I: So, the first word is: leak – l/i:/k

I: Number two: rip – r/l/p

I: Number three: sheep – sh/i:/p

I: Number four: cheap – ch/i:/p

I: Where are you?

S8: Tokyo.

I: OK. Thank you very much.

Transcrição – Entrevista 9
Tempo de entrevista – 9’03’’

I: Subject number 9. 35 years old.

I: So, please, tell me, where are you from and how long have you lived in Uberlândia?

S9: I am from Morrinhos, state of Goiás I have b[i]n Uberlândia ninet[i]n [iə]rs.

I: Wow, a lot.

S9: [i]es, I love th[i]s c[i]t[i].

I: You do?

S9: [i]es.

I: And what are your best memories of your childhood?

S9: Child? Best memor[i]es. I th[i]nk when my father my father showed me the pla[j]er of football when I go to the st[ei]d[i]um for for watch football [i]n my small c[i]t[y].

I: OK.

S9: I love that.

I: And, how did you learn English? Like, how long have you studied? How many teachers have you had?

S9: How man[i] time?

I: Tell me, tell me a little bit about how you have learned English.

S9: Why?

I: Yeah. How, how long have you studied, can be why too.

S9: Oh, why because [i]n fact I like to stud[i] l[i]nguages [i]s eh, I stud[i] eh stud[i] eh Span[i]sh before [i]ngl[i]sh, now I stud[i] [i]ngl[i]sh [i]n the future I stud[i] French.

I: OK.

S9: I like. I stud[i] I th[i]nk eh two hours after the class [i]n med[i]um at and r[i]d the books and [i]n th[i]s moment I have one another exp[i]er[i]ence eh watch the mov[i] [i]n [i]ngl[i]sh and the subtitle [i]n [i]ngl[i]sh. Yes.

I: {inint.}

S9: And uh too I have eh watch CNN [i]n [i]ngl[i]sh and [i]n Span[i]sh {inint.}

I: Do you have contact with English every day?

S9: Ever[i] da[i] not, but eh sometimes I call for another p[i]oples l[i]v[i]ng [i]n United States b[i]cause my work, but I th[i]nk [i]t’s [i]mposs[i]ble to [i]n th[i]s[i] da[i]s to not contact w[i]th [i]ngl[i]sh five or s[i]x times for w[i]k.

I: Oh, that’s true.

S9: Yeah.

I: Now I’m going to ask you to read this list. OK? Like, this one and then this one.

- | | |
|--------------------------------|---------------|
| 1- Bead – b[i]d | Bid – b[i]d |
| 2- Bean – b[i]n | Bin – b[i]n |
| 3- Beat – b[i]t | Bit – b[i]t |
| 4- Cheap – ch[i]p | Chip – ch[i]p |
| 5- Cheat – [ʃi]t | Chit - [ʃi]t |
| 6- Cheek – [ʃi]k | Chick – [ʃi]k |
| 7- Deal – d[i:]l | Dill – d[i]l |
| 8- Deed – d[i:]d | Did – d[i]d |
| 9- Deem – d[i:]m | Dim – d[i]m |
| 10-Deep – d[i]p | Dip – d[i]p |
| 11-Each – [i]tch | Itch – [i]tch |
| 12-Eat – [i]t | It – [i]t |
| 13-Feast – f[i]st | Fist – f[i]st |
| 14-Feel – f[i]l | Fill – f[i]l |
| 15-Feat / Feet – f[i]t / f[i]t | Fit – f[i]t |
| 16-Gene – g[ε]n | Gin – g[i]n |
| 17-Heal / Heel – h[i]l / h[i]l | Hill – h[i]l |
| 18-Heap – h[i]p | Hip – h[i]p |

19-Heat – h[ε]t	Hit – h[i]t
20-Lead – l[ε]d	Lid – l[i]d
21-Leak – l[I]k	Lick – l[I]k
22-Least – l[i]st	List – l[i]st
23-Leave – l[i]v	Live – l[i]v
24-Meal – m[i]l	Mill - m[i]l
25-Neat – n[i]t	Nit / Knit – n[i]t
26-Peach – p[i:]ch	Pitch – p[i]tch
27-Peak / Peek – p[i]k / p[i]k	Pick – p[i]k
28-Peal / Peel – p[i:]l / p[i]l	Pill – p[i]l
29-Peep – p[i]p	Pip – p[i]p
30-Queen – qu[i]n	Quin – qu[i]n
31-Read – r[i]d	Rid – r[i]d
32-Reap – r[i]p	Rip – r[i]p
33-Reef – r[i]f	Riff – r[i]f
34-Seat – s[i]t	Sit – s[i]t
35-Seek – s[i]k	Sick – s[i]k
36-Seen – s[i]n	Sin – s[i]n
37-Seep – s[i]p	Sip – s[i]p
38-Sheen – sh[i]n	Shin – sh[i]n
39-Sheep – sh[i]p	Ship – sh[i]n
40-Teen – t[i]n	Tin – t[i]n

I: OK. Now, I'd like you to read this paragraph.

S9: One?

I: Yeah. Can you read it?

S9: R[i]d the follow[i]ng paragraph.

Fr[i]da l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. The[i] are great friends. The[i] love to go out together, spec[i]all[i] when the[i] l[i]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda sp[i]ks a t[i]n of p[i]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s a r[i]ll[i] s[i]ck. On the other hand, her friend Sl[i]p[i] Fr[ε]da s[i]ks size s[i]x sl[ai]ppers to f[i]t her f[i]t.

I: OK. Now there is one more, but first you choose the answer, for example, this one or this one, than you read it, OK?

S9: OK. Record th[i]s too?

I: No, first you just {inint} because you're gonna just to write the one you prefer.

S9:

St[ε]phen s[i]ts [i]v[i] one [ε]v[ε]n[i]ng [i]n front of a m[i]l and [i]nvites her to
meets / **sits** meal / **mill**

have a m[i:]l w[i]th h[i]m. St[ε]phen [i]ts thr[i] p[i]ces of ch[i]se and
meal / mill

[i]v[i] [i]ts noth[i]ng but b[i]ns and d[i]p. After d[i]nner [i]v[i] f[i]nds a
beans / bins deep / **dip**

k[i]tchen s[i]nk w[i]th d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i]ves when sh[i] s[i]s St[ε]phen does
leaves / **lives**

s[i]k for a m[ei]d and not a d[ei]te. When alone St[ε]phen dr[i]ms of [i]v[i].
seek / sick

[i]n h[i]s dr[i]m h[i] p[i]ks through k[ei]hole w[i]th [ε]v[i] sl[i]ps
peeks / **picks** sleeps / **slips**

a l[i]ttle b[i]t.
beat / **bit**

I: Now the last part, OK? Thank you very much. All right, so now, it's this way. This is the pronunciation journey, OK? So, you start here in number one. If I say a word with a long vowel sound you are going to turn right, OK? Here, long. And if I say something with a short vowel sound you are going to turn left, OK? For example, if I say, uh, "bit", OK? You are going to turn left because it's short, but if I say "beat" you are going to turn right. All right? Is it OK? And I cannot repeat the word so I'm gonna say "number one" and then the word and you go either, like, you either turn right or left. All right?

S9: Unt[i]l two.

I: Yes, can we start? Yeah? All right. So, number one: l[i:]k OK.

I: Number two: r[I]p

I: Number three: sh[i:]p

I: And number four: ch[i:]p

I: Where are you?

S9: Tokyo.

I: OK. Thank you.

Transcrição – Entrevista 10 Tempo de entrevista – 9'53''

I: Subject number 10. 23 years old.

I: So, please, where are you from and how long have you lived in Uberlândia?

S10: I'm from Uberlândia and I'm l[i]v[i]ng h[i]r[i] s[i]nce I borned.

I: What are your best memories of your childhood?

S10: Ah, I don't remember man[i] th[i]ngs about my when I was a child. Ah I remember that that I pla[i]ed all the time w[i]th my s[i]ster w[i]th, ah I had man[y] to[i]s but I I never pla[i]ed at the str[i]t because my mom don't liked th[i]s.

I: OK. And, how did you learn English? I mean, how long have you studied? How many teachers have you had? Tell me a little bit about it.

S10: I start learn[i]ng [i]ngl[i]sh at school and I I was uh seven [i]rs old at the school "Adventista", but I after I chang[i]d to another school and there don't eh d[i]dn't t[i]ch [i]ngl[i]sh. So I I start learn[i]ng [i]ngl[i]sh again when I was [i]n "sétima série". So I I s[i]nce "sétima série" I stud stud[i] English until now.

I: OK. And, can you tell me a little bit about your routine, like do you have a busy week? What do you do every day?

S10: Now I I'm graduat[i]d so I don't have to stud[i] ever[i] da[i] and I don't work. So my rout[i]ne [i]s I w[ei]ke up I stud[i] ah th[i]ngs about [i]ngl[i]sh and my spec[i]al[i]zat[i]on that I have classes onl[i] Frida[i] and Saturda[i].

I: OK. Are you studying to find a job or something like that?

S10: Yes, I I'm look[i]ng for jobs an[i]th[i]ngs about th[i]s.

I: OK.

I: Now I'm going to ask you to read this list. OK? Like, this one and this one, like this, OK?

S10: Aaaii. (S10 laughs) I will r[i]d ever[i]th[i]ng wrong.

I: OK. Don't worry.

- | | |
|-------------------|----------------|
| 1- Bead – b[i]d | Bid – b[i]d |
| 2- Bean – b[i]n | Bin – b[i]n |
| 3- Beat – b[i]t | Bit – b[i]t |
| 4- Cheap – ch[i]p | Chip – ch[i]p |
| 5- Cheat – ch[i]t | Chit – ch[i]t |
| 6- Cheek – ch[i]k | Chick – ch[i]k |
| 7- Deal – d[i:]l | Dill – d[i]l |
| 8- Deed – d[i]d | Did – d[i]d |
| 9- Deem – d[i]m | Dim – d[i]m |
| 10-Deep – d[i]p | Dip – d[i]p |
| 11-Each – [i]tch | Itch – [i]tch |
| 12-Eat – [i]t | It – [i]t |
| 13-Feast – f[i]st | Fist – f[i]st |
| 14-Feel – f[i]l | Fill – f[i]l |

15-Feat / Feet – f[i]t

Fit – f[i]t

(student 10 laughs)

16-Gene – g[ɛ]n

Gin – g[i]n

17-Heal / Heel – h[i:]l

Hill – h[i]l

S10: Three words?

18- (didn't read number 18)

S10: Nineteen now.

19-Heat – h[i]t

Hit – h[i]t

20-Lead – l[i]d

Lid – l[i]d

21-Leak – l[i]k

Lick – l[i]k

22-Least – l[i]st

List – l[i]st

23-Leave – l[i:]v

Live – l[i]v

24-Meal – m[i:]l

Mill - m[i]l

25-Neat – n[i]t

Nit / Knit – n[i]t

26-Peach – p[i]tch

Pitch – p[i]tch

27-Peak / Peek – p[i]k

Pick – p[i]k

28-Peal / Peel – p[i:]l

Pill – p[i]l

29-Peep – p[i]p

Pip – p[i]p

30-Queen – qu[i]n

Quin – qu[i]n

31-Read – r[i]d

Rid – r[i]d

32-Reap – r[i]p

Rip – r[i]p

33-Reef – r[i]f

Riff – r[i]f

34-Seat – s[i:]t

Sit – s[i]t

35-Seek – s[i:]k

Sick – s[i]k

36-Seen – s[i]n

Sin – s[i]n

37-Seep – s[i:]p

Sip – s[i]p

38-Sheen – [tʃi]n

Shin – [tʃi]n

39-Sheep – sh[i:]p

Ship – sh[i]p

40-Teen – t[i:]n

Tin – t[i]n

I: OK. Now, I'm going to ask you to read this paragraph, OK?

S10:

Fr[ɛ]da lai l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. The[i] are great friends. The[i] love to go out together, spec[i]all[i] when the[i] l[i]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks a t[i]n of p[i]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]lly s[i]ck. On the other hand, her friend Sl[i]p[i] Fr[i]da s[i]ks size s[i]x sl[i]ppers to f[i]t her f[i]t.

I: OK. Now, I'm going to ask you to complete this one first and then you read it, so, you have the options here, yeah? You choose either the first or the second and at the end you read. OK?

S10: OK. + I don't know the words.

I: No problem.

I: Now you can read it.

St[ɛ]phen m[i]ts [i]v[i] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of a m[i]l and [i]nvites
meets / sits meal / mill

her to have a m[i]l w[i]th h[i]m. St[i]ph St[i]phen [i]ts thr[i] p[i]ces of ch[i]se and
meal / mill

[i]v[i] [i]ts noth[i]ng but b[i]ns and d[i]p. After d[i]nner [i]v[i] find finds a
beans / bins deep / dip

k[i]tchen s[i]nk w[i]th d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i]ves when sh[i] s[i]s St[i]phen does
leaves / lives

s[i]k for a m[ei]d and not a d[ei]te. When alone St[i]phen dr[i]ms of [i]v[i].
seek / sick

[i]n h[i]s dr[i]m h[i] p[i]ks through the k[ej]hole while [i]v[i] sl[i]ps a l[i]ttle
 peeks / **picks** sleeps / slips

b[i]t.
 beat / **bit**

I: OK, now I have to talk to you. It's the pronunciation journey, yeah? And it's like that. You are here in number one, OK? I'm going to say a word, if it has a long vowel sound you come to the right. If it's short you come to the left, OK? For example: if I say uh, let me find an example here, if I say {inint}

I: And if I say "slip", you? Turn left. OK? And I'm gonna say, number one and then the word, but I cannot repeat, OK? Ready? So, you start here in number one, OK?

I: So, the first word is: l/i:/k.

I: Number two: r/I/p.

I: Number three: sh/i:/p.

I: Number four: ch/i:/p.

I: Where are you?

S10: Tokyo.

I: OK. Thank you very much.

Transcrição – Entrevista 11 Tempo de entrevista – 10'33''

I: It's OK. All right. Subject number 11. 22 years old.

I: Hi.

S11: Hi.

I: OK. Where are you from and how long have you lived in Uberlândia?

S11: I'm from Uberlândia and I have b[i]n l[i]v[i]ng h[i]r[i] s[i]nce I was born. So I've b[i]n l[i]v[i]ng h[i]r[i] for twent[i] two [i]rs old, twent[i] two [i]rs.

I: And, what do you think of Uberlândia? Do you think it's a nice city, a bad place? What do you think of it?

S11: I like ver[i] much to l [I]ve [i]n Uberlândia b[i]cause ah I th[i]nk h[i]r[i] [i]s, [i]t [i]s a a b[i]g c[i]t[i] eh to l[i]ve and to to go out, to stud[i]. I th[i]nk [i]t's a nice c[i]t[i].

I: OK. And what are your best memories of your childhood?

S11: My best memor[i]s are, I th[i]nk ah go[i]ng to to rid[i]ng a bic[i]cle w[i]th my father ah what else? Ah, my my mother used to pl[ei] w[i]th dolls w[i]th me. Th[i]s kind of eh small th[i]ngs.

I: OK. And, tell me. How did you learn English? Like, how long have you studied? How many teachers have you had? Tell me a little bit about it.

S11: Ah. I started to stud[i]ng [i]ngl[i]sh when I was nine [i]rs old. Ah I th[i]nk I had four or five t[i:]chers because [i]t was a small uh small school and there was thr[i] ah t[i]chers there. And after that I moved to another school and I had one and now you.

I: So, I'm kind of the fifth?

S11: [i]es. You are the f[i]fth t[i]cher I have.

I: Is English important in your life? Do you speak English every day?

S11: No, I don't have contact w[i]th [i]ngl[i]sh [i]n my d[ei] b[ai] d[ei]. Ah but I agr[i:] that [i]t's ver[i] [i]mportant b[i]cause I'm look[i]ng for, for an example, I'm look[i]ng for a job and for my area [i]t's ver[i] [i]mportant because I'm a bus[i]ness adm[i]n[i]strator so [i]t's ver[i] [i]mportant.

I: And, tell me about your routine, like do you have a busy week? What do you usually do every day? Things like that.

S11: Eh, nowadays I don't have a bus[i] d[ei]. Uh, I, eh, in the morn[i]ng I go to the g[i]m, after that I go to the to the to my job and I stand s[i]x hours a d[ei] there and then I go to the Span[i]sh course twice a w[i:]k and twice a w[i:]k too I go to the conversation [i]ngl[i]sh course. I have to go to the un[i]vers[i]t[i] twice a w[i:]k too.

Eh, and th[i]s. And my, on my w[i:]kends I I go out I go to v[i]s[i]t my.+ grandfather. Sometimes I go to São Paulo to v[i]s[i]t my f[i]lancé when h[i] [i]sn't h[i]r[i].

I: OK.

S11: Something like this.

I: Excellent.

I: Now I'm going to ask you to read this list.

S11: OK.

I: OK? So you are going to read this word here on the left and then the other one on the right.

S11: OK.

I: OK?

S11:

- | | |
|---------------------------------|----------------|
| 1- Bead – b[i]d | Bid – b[i]d |
| 2- Bean – b[i]n | Bin – b[i]n |
| 3- Beat – b[i]d | Bit – b[i]d |
| 4- Cheap – sh[i]p | Chip – sh[i]p |
| 5- Cheat – sh[i]t | Chit – sh[i]t |
| 6- Cheek – ch[ε]k | Chick – ch[i]k |
| 7- Deal – d[i:]l | Dill – d[i]l |
| 8- Deed – d[i]d | Did – d[i]d |
| 9- Deem – d[i:]m | Dim – d[i]m |
| 10-Deep – d[i]p | Dip – d[i]p |
| 11-Each – [i]tch | Itch – [i]tch |
| 12-Eat – [i]t | It – [i]t |
| 13-Feast – f[i]st | Fist – f[i]st |
| 14-Feel – f[i]l | Fill – f[i]l |
| 15-Feat / Feet – f[i]t, f[i]t | Fit – f[i]t |
| 16-Gene – g[i]n | Gin – g[i]n |
| 17-Heal / Heel – h[i:]l, h[i:]l | Hill – h[i]l |
| 18-Heap – h[i]p | Hip – h[i]p |
| 19-Heat – h[ε]t | |

S11: Oh it's not h[ε]t

- | | |
|-------------------------------|------------------------------|
| 19- Heat – h[i]t | Hit – h[i]t |
| 20-Lead – l[i]d | Lid – l[i]d |
| 21-Leak – l[ei]k | Lick – l[i]k |
| 22-Least – l[i]st | List – l[i]st |
| 23-Leave – l[i]v | Live – l[i]v |
| 24-Meal – m[i:]l | Mill – m[i]l |
| 25-Neat – n[i]t | Nit / Knit – n[i]t and n[i]t |
| 26-Peach – p[i]tch | Pitch – p[i]tch |
| 27-Peak / Peek – p[i]k, p[i]k | Pick – p[i]k |
| 28-Peal / Peel – p[i]l, p[i]l | Pill – p[i]l |
| 29-Peep – p[i]p | Pip – p[i]p |
| 30-Queen – qu[i]n | Quin – qu[i]n |
| 31-Read – r[i]d | Rid – r[i]d |
| 32-Reap – r[ε]p | Rip – r[i]p |
| 33-Reef – r[i]f | Riff – r[i]f |
| 34-Seat – s[i]t | Sit – s[i]t |
| 35-Seek – s[i]k | Sick – s[i]k |
| 36-Seen – s[i]n | Sin – s[i]n |
| 37-Seep – s[i]p | Sip – s[i]p |
| 38-Sheen – sh[i]n | Shin – sh[i]n |
| 39-Sheep – sh[i:]p | Ship – sh[i]p |
| 40-Teen – t[i]n | Tin – t[i]n |

I: OK. Thank you very much.

S11 laughs.

I: Was it difficult?
 S11: The pronunciation are, yes.
 I: Now, I'm going to ask you to read this paragraph.
 S11: OK.

Fr[ε]da l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. The[i] are great friends. The[i] love to go out together, spec[i]all[i] when the[i] l[i]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks a t[i]n of p[i]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]lly s[i]ck. On the other hand, her friend Sl[i]p[i] Fr[ε]da s[i]ks size s[i]x sl[i]ppers to fl[i]t her fl[i]t.

I: OK. Now, there is one more.
 S11: OK.

I: Here. OK. So now, there is a paragraph, OK?

S11: OK.

I: But, you have to choose the correct words. OK?

S11: OK.

I: There is a pen here. There are two options, you going to see if the first one is correct or if the second one is correct. So first you are going to choose all of the words then you are going to read it.

S11: OK.

S11:

St[ε]phen m[i]ts [i]v[i] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of m[i]l and [i]nvites
meets / sits meal / **mill**

her to have a m[i]l w[i]th h[i]m. St[ε]phen [i]ts thr[i] p[i]ces of ch[i]se and
meal / mill

[i]va [i]ts noth[i]ng but b[i]ns and d[i]p. After d[i]nner [i]v[i] finds a
eans / bins deep / **dip**

k[i]tchen s[i]nk w[i]th d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i]ves when sh[i] s[i]s St[ε]phen does
leaves / lives

s[i]k for a m[ei]d and not a d[ei]te. When alone St[i]phen dr[i]ms of [i]v[i].
seek / sick

[i]n h[i]s dr[i]m h[i] p[i]ks through the k[i]hole with eh while [i]v[i] sl[i]ps a
 peeks / **picks** sleeps / slips

l[i]ttle b[i]t.
 beat / **bit**

I: OK, all right. Now it's going to be like that. The last part is the pronunciation journey, OK? So, what are you going to do? You are going to be here in number one. You have this map and I'm going to say a word, if this word has a long sound you are going to turn right. If the vowel has a short sound you are going to turn left. So, for example: if I say "did", do you turn right or left?

S11: Turn right.

I: No, that would be d[i:]d.

S11: Ah.

I: OK?

I: So, if it's long you turn right like d[i:]d. if it's short d[i]d.

S11: OK.

I: You turn left.

I: OK? But I cannot repeat the words. I'm going to say: number one and then the word.

S11: OK.

I: Got it?

S11: Yeah.

I: Yeah? So, can we start?

S11: Yes, we can.
 I: You are in number one. The first word is: l/i:/k.
 I: The second: r/l/p.
 I: Number three: sh/i:/p.
 I: Number four: ch/i:/p.
 I: Where are you?
 S11: I'm in Tokyo.
 I: Thank you very much.

Transcrição – Entrevista 12
Tempo de entrevista – 9'12''

I: Subject number 12. 22 years old.
 I: Hello.
 S12: Hello.
 I: So, how are you today?
 S12: I'm just fine. I'm pr[i]tt[i] good tod[ei].

I: So. Where are you from and how long have you lived in Uberlândia?
 S12: I'm from Lavras and I'm l[i]v[i]ng h[i]r[i] I've b[i]n l[i]v[i]ng h[i]r[i] s[i]nce I was two [i]rs old, so [i]t's b[i]n twent[i] [i]rs.

I: And, what's your opinion of the city?
 S12: I th[i]nk [i]t's a great c[i]t[i]. Have we have great opportune[i]t[i]s h[i]r[i] to grow up as a person and profess[i]onally too.
 I: So you don't want to go back to Lavras?
 S12: No, no. Not at all 'cause [i]t's a small town and ah [i]ven [i]f [i]t's safe, safe place I know many p[i:]ple there. I th[i]nk [i]t's uh [i]t has the same problems as the small towns. M[ei]be some opportune[i]t[i]s, lack of opportune[i]t[i]s we don't have there that w[i:] have he[i]r[i].

I: And how many inhabitants are there in Lavras?
 S12: About [ei]ght[i] five, n[i]ne thousand.
 I: Oh, I thought it was bigger.
 S12: Really?
 I: Yes.
 S12: No. [i]t's not.

I: So, tell me, what are your best memories of your childhood?
 S12: Best memor[i]s? Uh, like pla[i]ng w[i]th my cous[i]ns [i]n Lavras b[i]cause ever[i] holl[i]day w[i] were went back there so I could I could pl[ei] w[i]th my cous[i]ns as w[i:] w[i:] had w[i] had the same age, w[i] have the same age. W[i] could pl[ei] around and th[i]s[i] are the best memor[i]s I have from my childhood.

I: So your family, like some relatives of yours are still there?
 S12: Yeah, much of them. My father part of the fam[i]l[i] [i]s all from Lavras so there are many many relat[i]ves there.

I: Ok. And, tell me. What about English. How did you learn English? Like, how long have you studied? How many teachers have you had? Tell me a little bit about your English background.
 S12: I don't remember how much, how many t[i:]chers I had, but I started stud[i]ng [i]ngl[i]sh when I was nine and ah then I stopped when I was about sevent[i:]n because I had to do uh uh I was start[i]ng to get [i]nto the un[i]vers[i]t[i] so I had I had to stop [i]t to get used to the rhythm of the un[i]vers[i]t[i] studies, I had to stop that. So [i]t would b[i:] about uh ten [i]rs of [i]ngl[i]sh and then I ah I'm com[i]ng back now to do th[i]s conversation class and that's all.

I: OK. But, do you like it?
 S12: Ver[i] much, ver[i] much. [I]t's one of I th[i]nk [i]t's one of the best languages that ah that are [i]n the world, I guess.

I: OK. And, uh, do you, like, are you in contact with English every day?

S12: No, no. Sometimes I stop what I'm do[ɪ]ng to find someth[ɪ]ng about an art[ɪ]cle, someth[ɪ]ng like that, or m[ei]be to l[ɪ]sten to CNN, but uh I don't sp[ɪ:]k [ɪ]ngl[ɪ]sh ever[ɪ] time, ever[ɪ] s[ɪ]ngle moment.

I: OK. And, can you tell me a little bit about your routine, like do you have a busy week? What do you do every day? Things like that.

S12: [ɪ]t depends on the semester. Uh, because I'm as I'm [ɪ]n the un[ɪ]vers[ɪ]t[ɪ] now so there are some semesters that I have more dis more uh d[ɪ]sc[ɪ]pl[ɪ]nes like more subjects so I have to stud[ɪ] more and I have a more bus[ɪ] w[ɪ:]k, but th[ɪ:]s[ɪ] semesters are, th[ɪ:]s semester I th[ɪ]nk [ɪ]t's OK now and ah I th[ɪ]nk [ɪ]t's reall[ɪ] reall[ɪ] [ɪ:]s[ɪ] to get to [ɪ]t.

I: OK. Now I'm going to ask you to read this list. Wow.

S12: To r[ɪ:]d?

I: Yeah. But it's just like that, first the one on the left and then the one in front of it.

S12: All right.

I: OK, so then you come back here and here.

S12: Can I start [ɪ]t?

I: Yes.

S12:

1- Bead – b[ɛ]d	Bid – b[ɪ]d
2- Bean – b[ɪ]n	Bin – b[ɪ]n
3- Beat – b[ɪ]t	Bit – b[ɪ]t
4- Cheap – ch[ɪ]p	Chip – ch[ɪ]p
5- Cheat – ch[ɪ]t	Chit – ch[ɪ]t
6- Cheek – ch[ɪ]k	Chick – ch[ɪ]k
7- Deal – d[ɪ:]l	Dill – d[ɪ]l
8- Deed – d[ɪ:]d	Did – d[ɪ]d
9- Deem – d[ɪ:]m	Dim – d[ɪ]m
10-Deep – d[ɪ]p	Dip – d[ɪ]p
11-Each – [ɪ:]tch	Itch – [ɪ]tch
12-Eat – [ɪ]t	It – [ɪ]t
13-Feast – f[ɛ] eh f[ɪ]st	Fist – f[ɪ]st
14-Feel – f[ɪ:]l	Fill – f[ɪ]l
15-Feat / Feet – f[ɪ]t, f[ɪ]t	Fit – f[ɪ]t
16-Gene – g[ɪ]n	Gin – g[ɪ]n
17-Heal / Heel – h[ɪ:]l, h[ɪ:]l	Hill – h[ɪ]l
18- Heap – h[ɪ:]p	Hip – h[ɪ]p
19- Heat – h[ɪ:]t	Hit – h[ɪ]t
20-Lead – l[ɪ]d	Lid – l[ɪ]d
21-Leak – l[ɪ]k	Lick – l[ɪ]k
22-Least – l[ɪ]st	List – l[ɪ]st
23-Leave – l[ɪ:]v	Live – l[ɪ]v
24-Meal – m[ɪ:]l	Mill – m[ɪ]l
25-Neat – n[ɪ:]t	Nit / Knit – n[ɪ]t, n[ɪ]t
26-Peach – p[ɪ]tch	Pitch – p[ɪ]tch
27-Peak / Peek – p[ɪ:]k, p[ɪ]k	Pick – p[ɪ]k
28-Peal / Peel – p[ɪ]l, p[ɪ]l	Pill – p[ɪ]l
29-Peep – p[ɪ:]p	Pip – p[ɪ]p
30-Queen – qu[ɪ:]n	Quin – qu[ɪ]n
31-Read – r[ɪ]d	Rid – r[ɪ]d
32-Reap – r[ɪ:]p	Rip – r[ɪ]p
33-Reef – r[ɪ]f	Riff – r[ɪ]f
34-Seat – s[ɪ]t	Sit – s[ɪ]t
35-Seek – s[ɪ:]k	Sick – s[ɪ]k
36-Seen – s[ɪ:]n	Sin – s[ɪ]n
37-Seep – s[ɪ]p	Sip – s[ɪ]p
38-Sheen – sh[ɪ:]n	Shin – sh[ɪ]n
39-Sheep – sh[ɪ:]p	Ship – sh[ɪ]p
40-Teen – t[ɪ:]n	Tin – t[ɪ]n

I: OK. Thank you very much. Now, I'm going to ask you to read this paragraph.

S12: All right.

S12: Read the following paragraph.

Fr[ε]da l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. The[i] are great friends. The[i] love to go to the[i] love to go out together, spec[i]all[i] when the[i] l[i]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks a t[i]n of p[i]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]ll[i] s[i]ck. On the other hand, her friend Sl[i]p[i] Fr[ε]da s[i]ks size s[i]x sl[i]ppers in to f[i]t her f[i]t.

I: OK. Did you like the paragraph?

S12: It's complicated. S12 laughs.

I: OK. There is one more.

S12: All right.

I: But now, it's just like that: first, oh you have a pencil. You are going to choose. You have two options, all right? So you are going to choose either the first word or the second. After you choose the words you read. OK?

S12: OK.

S12: Let's try.

St[i]phen m[i]ts [i]va one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of m[i]l and [i]nvites
meets / sits meal / **mill**

her to have a m[i:]l w[i]th h[i]m. St[i]phen [i]ts thr[i] p[i]ces of ch[i]se and [i]va [i]ts
meal / mill

noth[i]ng but b[i]ns and d[i]p. After d[i]nner [i]va finds a k[i]tchen s[i]nk
beans / bins deep / **dip**

w[i]th d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i]ve when sh[i] s[i]s St[i]phen does s[i]k for a m[ei]d
leaves / lives seek / **sick**

and not a d[ei]te. When alone St[i]phen dr[i]ms of [i]v[i]. [i]n h[i]s dr[i]m h[i] p[i]ks
peeks / picks

through the k[i]hole with while [i]va sl[i]ps a l[i]ttle b[i]t.
sleeps / slips beat / **bit**

I: OK.

S12: Is it over?

I: No, there is one more part. But now, I have to talk and you have to listen to what I say and choose if you are going to turn right or left. How? I'm going to say a word if it has a long vowel sound you are going to turn right, for example, if I say d[i:]d you turn right. If I say d[i]d you turn left. Is it clear? So you are here in number one, yeah? And I cannot repeat the word. I'm just going to say it once and you turn right or left. Is that clear?

S12: Yeah.

I: Yeah? OK. So, can I start?

S12: Yes.

I: Number one: l/i:/k.

S12: All right.

I: Number two: r/l/p.

S12: OK.

I: Number three: sh/i:/p.

S12: OK.

I: Number four: ch/i:/p.

S12: All right.

I: Where are you?

S12: In Tokyo.

I: Thank you very much.

Transcrição – Entrevista 13
Tempo de entrevista – 7’53’’

I: Subject number 13. 18 years old. So nice. OK

I: So. Tell me. Where are you from and how long have you lived in Uberlândia?

S13: I’m from Uberlândia and I l[i]ve h[i]r[i] s[i]nce I was born.

I: OK. And what do you think of the city?

S13: I th[i]nk [i]t’s a b[i]ut[i]ful c[i]t[i] and not calm, but we have violence, but unt[i]l now [i]t’s good.

I: So you like to live here?

S13: [i]es. I like.

I: OK. Now tell me, what are your best memories of your childhood?

S13: Oh, my best memor[i], uh, not memor[i] b[i]cause I always went to my my grandparents house and played w[i]th my cous[i]ns and some th[i]ngs that I d[i]d.

I: And, how did you learn English? I mean, how long have you studied? How many teachers have you had? Tell me a little bit it.

S13: I stud[i] [i]ngl[i]sh s[i]x [i]rs, [i]ah and I had a lot of t[i]chers, I don’t remember how many but I th[i]nk ten, twelve, yes.

I: And, do you like the language? Do you like to study English?

S13: Yes, I do, ver[i] much. [i]es.

I: Now, can you tell me a little bit about your routine, like what do you usually do every day? Do you have a busy week?

S13: Oh, [i]ah. Eh, I I I go to the school ever[i] d[ei] and at afternoon I also stud[i] at the school and the night too.

I: Wow.

S13: Yes, but then I relax at night. At ten p.m.

I: Do you have classes on weekends too?

S13: Just Saturday.

I: Morning and afternoon?

S13: No, just morn[i]ng.

I: Wow, and why are you studying so much?

S13: ‘Cause I want to pass vestibular to ent enter [i]n a un[i]vers[i]t[i].

I: What do you want to study?

S13: Psycholog[i].

I: Is it that difficult?

S13: [i]es. So so, not that d[i]ff[i]cult, but now the concurrence (S13 laughs) the many p[i]ple [i]s try[i]ng to enter too the course.

I: Now I’m going to ask you to read a list.

S13: OK.

I: But it’s like that: first the one on the left and then the one on the right. Like that.

S13: OK.

S13:

- | | |
|--------------------------------|----------------|
| 1- Bead – b[i]d | Bid – b[i]d |
| 2- Bean – b[i]n | Bin – b[i]n |
| 3- Beat – b[i]t | Bit – b[i]t |
| 4- Cheap – ch[i]p | Chip – ch[i]p |
| 5- Cheat – sh[i]t | Chit – sh[i]t |
| 6- Cheek – ch[i]k | Chick – ch[i]k |
| 7- Deal – d[i:]l | Dill – d[i]l |
| 8- Deed – d[i]d | Did – d[i]d |
| 9- Deem – d[i]m | Dim – d[i]m |
| 10-Deep – d[i]p | Dip – d[i]p |
| 11-Each – [i]tch | Itch – [i]tch |
| 12-Eat – [i]t | It – [i]t |
| 13-Feast – f[i]st | Fist – f[i]st |
| 14-Feel – f[i]l | Fill – f[i]l |
| 15-Feat / Feet – f[i]t / f[i]t | Fit – f[i]t |

16-Gene – g[ɛ]n	Gin – g[i]n
17-Heal / Heel – h[ɛ]l	Hill – h[i]l
18-Heap – h[i]p	Hip – h[i]p
19-Heat – h[i]t	Hit – h[i]t
20-Lead – l[i]d	Lid – l[i]d
21-Leak – l[i]k	Lick – l[i]k
22-Least – l[i]st	List – l[i]st
23-Leave – l[i]v	Live – l[ai]v
24-Meal – m[i:]l	Mill – m[i]l
25-Neat – n[i]t	Nit / Knit – n[i]t
26-Peach – p[i]tʃ	Pitch – p[i]tʃ
27-Peak / Peek – p[i]k	Pick – p[i]k
28-Peal / Peel – p[i:]l	Pill – p[i]l
29-Peep – p[i]p	Pip – p[i]p
30-Queen – qu[i]n	Quin – qu[i]n
31-Read – r[i]d	Rid – r[i]d
32-Reap – r[i]p	Rip – r[i]p
33-Reef – r[i]f	Riff – r[i]f
34-Seat – s[i]t, s[ɛ]t	Sit – s[i]t
35-Seek – s[i]k	Sick – s[i]k
36-Seen – s[i:]n	Sin – s[i]n
37-Seep – s[i]p	Sip – s[i]p
38-Sheen – sh[i]n	Shin – sh[i]n sh[ai]n
39-Sheep – ch[i]p / ch[i]p	Ship – ch[i]p
40-Teen – t[i]n	Tin – t[i]n

I: OK.

S13: It's strange.

I: Now you have to read this paragraph.

S13: OK.

Fr[i]da l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. The[i] are great friends. The[i] love to go out together, spec[i]all[i] when the[i] l[i]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]k a t[i]n of p[i]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]ll[i] s[i]ck. On the other hand, her friend Sl[i]p[i] Fr[i]da s[i]ks size s[i]x sl[i]ppers to f[i]t her f[i]t.

I: OK. Now, this one you are going to read, but before you read it you have to choose the correct words, OK? You can write or just circle it.

S13: Yes.

I: OK? So now you can read it with the answers you have chosen.

S13: OK.

St[i]phen m[i]ts [i]v[i] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of m[i]l and [i]nvites
meets / sits **meal / mill**

her to have a m[i]l w[i]th h[i]m. St[i]phen [i]ts thr[i] p[i]ces of ch[i]se and
meal / mill

[i]v[i] [i]ts noth[i]ng but b[i]ns and d[i]p. After d[i]nner [i]v[i] finds a
beans / bins **deep / dip**

k[i]tchen s[i]nk w[i]th d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i]ves when sh[i] s[i]s St[i]phen does
leaves / lives

s[i]k for a m[ei]d and not a d[ei]te. When alone St[i]phen dr[i]ms of [i]v[i].
seek / sick

[i]n h[i]s dr[i]m h[i] p[i]ks through the k[i]hole with while [i]v[i] sl[i]ps a
peeks / picks **sleeps / slips**

l[i]ttle b[i]t.
beat / bit

I: OK.

I: No, the last part is just like that. Now it's the pronunciation journey. So, how does it work? You start here in number one, OK? And I'm going to say some words. If I say a word with a long vowel sound you turn right, if it's a short vowel sound you turn left and go to number two. So, for example, if I say d[i:].

S13: Long.

I: Yeah, so you turn right and go to number two. But, I cannot repeat the word, so I'm just going to say number one and then the word, number two and then the word, OK? So, number one I say a word and you stop either here, on the right, or here. OK? So, long to the right, short to the left. Is that clear?

S13: Yes.

I: Yeah? So, can I start?

S13: Yes.

I: Yeah? Number one: l/i:/k.

I: Number two: r/I/p.

I: Number three: sh/i:/p.

I: Number four: ch/i:/p.

I: Where did you stop?

S13: Tokyo.

I: Thank you very much.

S13: Welcome.

Transcrição – Entrevista 14 **Tempo de entrevista – 9'22''**

I: Subject number 14. 19 years old.

S14: All right.

I: So, tell me. Where are you from and how long have you lived in Uberlândia?

S14: I'm from Lavras and I have l[i]ved [i]n Uberlândia for s[i]x months.

I: And what's your opinion of the city? What do you think of it?

S14: Oh, I like [i]t. I th[i]nk Uberlândia [i]t's dangerous but [i]t's a b[i]g c[i]t[i], so we can, we have to l[i]ve w[i]th th[i]s danger. And, but I like Uberlândia, I like.

I: You think it's dangerous?

S14: Yes, kind of.

I: Have you ever been a victim of a robbery?

S14: No, but my ankle was last w[i]k. So,

I: That's your opinion.

S14: [i]es.

I: As you are not from here, what are your best memories of your childhood in Lavras?

S14: Best memor[i]s? Oh, about my cous[i]ns, my fr[i]ends, my f[i]rst fr[i]ends. Th[ei] are all there and so I left my memor[i] all there, yeah.

I: And, did you use to eh, stay together on vacation?

S14: Yeah, we used to pl[ei] outside on the str[i:]t b[i]cause there was really[i] calm down, very[i] ver[i], ver[i], let me s[i:]. The p[i:]ple there just used to take their k[i]ds out of the house to pl[ei] at ten at the night so [i]t wasn't dangerous.

I: Can people do that now in Lavras?

S14: Depends on the on the street, but [i]t's not anymore like ah when I was [i]n my child childhood. [i]t, th[ei] can't, now th[ei] can't.

I: All right. And, tell me. How did you learn English? Like, how long have you studied, how many teachers have you had? Tell me a little bit about it.

S14: Oh. I have studied many [i]rs, like [ei]ght or nine. I got CCAA MEC4, so I studied since I'm ten [i]rs old. So, I studied for a long time at CCAA.

I: Do you like English?

S14: I love [i]ngl[i]sh.

I: Are you in contact with the language every day?

S14: Ever[i] time because I I l[i]sten many songs [i]n [i]ngl[i]sh, I watch movies just [i]n [i]ngl[i]sh w[i]th the subtitles [i]n [i]ngl[i]sh so I like so much.

I: OK. And, can you tell me a little bit about your routine? Like, what do you do every day? Do you have a busy week?

S14: All right.

I: Things like that.

S14: Oh, my w[i:]k [i]s reall[i] bus[i] bus[i] b[i]cause I stud[i] ever[i] d[ei] at the morn[i]ng and uh at the

I: Afternoon?

S14: at the afternoon and so at night I tr[ai] to r[i]d some books that I like, but, [i]t's that.

I: OK. And now I'm going to ask you to read

S14: All right.

I: this list. OK?

S14: Uh-hu.

I: But it's like that. First, this word and then the one on the right, OK?

S14: Can I start?

I: Yeah.

1- Bead – b[i]d		Bid – b[i]d
2- Bean – b[i]n		Bin – b[i]n
3- Beat – b[i]t		Bit – b[i]t
4- Cheap – ch[i]p		Chip – sh[i]p
5- Cheat – sh[i]t		Chit – sh[i]t
6- Cheek – ch[i]k	Oh.	Chick – ch[i]k
7- Deal – d[i:]l		Dill – d[i]l
8- Deed – d[i]d		Did – d[i]d
9- Deem – d[i:]m		Dim – d[i]m
10-Deep – d[i]p		Dip – d[i]p
11-Each – [i]tch		Itch – [i]tch
12-Eat – [i]t		It – [i]t
13-Feast – f[i]st		Fist – f[i]st
14-Feel – f[i]l		Fill – f[i]l
15-Feat / Feet – f[i]t, f[i]t		Fit – f[i]t
16-Gene – g[i]n		Gin – g[i]n
17-Heal / Heel – h[i:]l, h[ε]l		Hill – h[i]l
18- Heap – h[i]p		Hip – h[i]p
19- Heat – h[i]t		Hit – h[i]t
20-Lead – l[ε]d		Lid – l[i]d
21-Leak – l[i]k		Lick – l[i]k
22-Least – l[i]st		List – l[i]st
23-Leave – l[i]v		Live – l[i]v
24-Meal – m[i:]l		Mill – m[i]l
25-Neat – n[i]t		Nit / Knit – n[i]t, n[i]t
26-Peach – p[i]tch		Pitch – p[i]tch
27-Peak / Peek – p[i]k, p[i:]k		Pick – p[i]k
28-Peal / Peel – p[i]l, p[i]l		Pill – p[i]l
29-Peep – p[i]p		Pip – p[i]p
30-Queen – qu[i:]n		Quin – k[i]n
31-Read – r[i]d		Rid – r[i]d
32-Reap – r[i]p		Rip – r[i]p
33-Reef – r[i]f		Riff – r[i]f
34-Seat – s[i]t		Sit – s[i]t
35-Seek – s[i]k		Sick – s[i]k
36-Seen – s[i]n		Sin – s[i]n
37-Seep – s[i]p		Sip – s[i]p
38-Sheen – sh[i:]n		Shin – sh[i]n
39-Sheep – sh[i]p		Ship – sh[i]p
40-Teen – t[i]n		Tin – t[i]n

I: OK. Now I'm going to ask you to read this paragraph.

S14: OK.

S14: Can I start?

I: Yeah.

S14:

Fr[i]da l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. The[i] are great friends. The[i] love to go out together, spec[i]all[i] when the[i] l[i]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks at a t[i]n of p[i]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]ll[i] s[i]ck. On the other hand, her friend Sl[i]p[i] Fr[i]da s[i]ks size s[i]x sl[i]ppers sl[i]ppers to f[i]t her f[i]t.

I: OK. Now this one you are going to read, but before you read it you are going to choose the correct word, for example in this first blank, is it this one on the left or this one on the right? OK?

S14: Before before I?

I: First you choose and then you read.

S14: Can I read?

St[i] St[i]phen m[i]ts [i]v[i] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of m[i]ll and [i]nvites
meets / sits meal / **mill**

her to have a m[i]:l w[i]th h[i]m. St[i]phen [i]ts thr[i] p[i]ces of ch[i]se and
meal / mill

[i]v[i] [i]ts noth[i]ng but b[i]ns and d[i]p. After d[i]nner [i]v[i] finds a
beans / **bins** deep / **dip**

k[i]tchen s[i]nk w[i]th d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i]ves when sh[i] s[i]s St[i]phen does
leaves / lives

s[i]k for a m[ei]d and do not do and not a d[ei]te. When alone when alone St[i]phen
seek / sick

dr[i]ms of [i]v[i]. [i]n h[i]s dr[i]m h[i] p[i]ks through the k[ei]hole while [i]v[i] sl[i]ps
peeks / **picks** sleeps / slips

a l[i]ttle b[i]t.
beat / bit

I: OK. Now, I need the microphone. OK. The last part is called the pronunciation journey, OK? So, what are you going to do? You are going to be here in number one, yeah? And I'm going to say a word, if this word has a long vowel you are going to turn right and then you come to number two on the right. If it has a short vowel you come to number two on the left, OK? For example, if I say d[I]d you come this way. OK? And you are going to stop here on the left, all right? But I cannot repeat the word so I'm just going to say number one and then the word, OK? And you go right or left. Long vowels, short vowels. OK?

S14: OK.

I: Can we start?

I: So, number one: l/i:/k.

I: Number two: r/I/p.

I: Number three: sh/i:/p.

I: Number four: ch/i:/p.

I: Where are you?

S14: Miami.

I: Thank you very much.

Transcrição – Entrevista 15 Tempo de entrevista – 9'50''

I: Subject 15. 18 years old.

I: Can we start?

S15: Yeah.

I: Yes? So, I have some questions for you first.

S15: OK.

I: So, where are you from and how long have you lived in Uberlândia?

S15: I'm from Uberlândia and I l[i]ve h[i]r[i] s[i]nce 1989.

I: And what's your opinion of the city?

S15: I th[i]nk [i]t's a l[i]ttle bor[i]ng.

I: Boring, why?

S15: Yes. Oh. Don't have reall[i] a lot of th[i]ngs to do and th[i:]ters and th[i]s[i] kinds of th[i]ngs. Not reall[i] good h[i]r[i].

S: So there is no nightlife.

S15: Yeah, there [i]s nightlife for part[i]s and bars and someth[i]ng like that, but cultural th[i]ngs I th[i]nk [i]t's l[i]ttle.

I: OK. And what are your best memories of your childhood?

S15: Oh, there was once that I and my s[i]ster was pla[i]ng on my dad's car, the part of back, you know? How do you say?

I: The trunk?

S15: Yeah, the trunk. And then he had to go out w[i]th the car and all of our to[i]s was there, so w[i] don't go out so my father ran all over Uberlândia w[i]th my and my s[i]ster pla[i]ng [i]n the back w[i]th the stuff [i]n there and ever[i]th[i]ng.

I: And it was good.

S15: [i]t was reall[i] good.

I: OK. Now, tell me. How did you learn English? How long have you studied, how many teachers have you had? Tell me a little bit about it.

S15: Uh, I stud[i] [i]ngl[i]sh s[i]nce I was th[i]rt[i]n so [i]t's almost, almost s[i]x [i]rs or seven b[i]cause I jumped, sk[i]ppped some books and I had wow, a lot of t[i]chers. Never rep[i]ted anyone so [i]t was a lot.

I: Every semester you had a different teacher?

S15: Uh-hu. Yeah. And I changed a lot of CCAA un[i]t, so never rep[i]ted anyone.

I: Did you like that or you would have preferred to have the same teacher?

S15: There are some t[i]chers that [i]s reall[i] good and we m[i]ss them but [i]t's nice to m[i]t a lot of t[i:]chers, th[ei] are l[i]ttle d[i]fferent and [i]t's nice to know it.

I: And you make more friends, yeah, like, different groups.

S15: Uh-huh.

I: OK. Can you tell me a little bit about your routine? Like, do you have a busy week? What do you do every day?

S15: Oh, yes. It's reall[i] bus[i] my w[i]k. All Mondays I just have to go to the college at UFU. I don't know how to sp[i:]k my curso Engenharia Biomédica. Como que fica?

I: Bio engineering?

S15: Yeah. Someth[i]ng like that. I go to UFU biomedical eng[i]n[i]r[i]ng and [i]n the afternoon I'm fr[i] to do anyth[i]ng and sl[i]p. On Thursdays I go to UFU then I came h[i]r[i] to CCAA to g[i]ve some classes and then I have CCAA class MEC4, then I sl[i]p. On Wednesdays I have school and then CCAA monitorias, how do you say?

I: Monitor. You are a monitor.

S15: Yeah. And then I go to my house. And Thursday I go to UFU Santa Mônica then I go to UFU Umuarama then I come back to CCAA to my [i]ngl[i]sh class and then I'm dead on my bed. And on Fridays I have school and then CCAA monitors.

I: My Goodness, you have a lot of things to do.

S15: Yeah.

I: Can you rest on weekends?

S15: Yeah, there are some w[i]kends that I have test on Saturdays.

I: Wow.

S15: So bad, but I can rest a lot on Sundays.

I: All right. I hope {inint}

I: Now I'm going to ask you to read this list. First, the word on the left and then the one on the right.

S15: Uh-hu.

I: OK. So, this way.

S15:

1- Bead – b[i]d

Bid – b[i]d

2- Bean – b[i]n

Bin – b[i]n

3- Beat – b[i]d

Bit – b[i]d

4- Cheap – ch[i]p	Chip – ch[i]p
5- Cheat – ch[i]t	Chit – ch[i]t
6- Cheek – ch[i]k	Chick – ch[i]k
7- Deal – d[i:]l	Dill – d[i]l
8- Deed – d[i:]d	Did – d[i]d
9- Deem – d[i:]m	Dim – d[i]n
10-Deep – d[i]p	Dip – d[i]p
11-Each – [i]tch	Itch – [i]tch
12-Eat – [i]t	It – [i]t
13-Feast – f[i]st	Fist – f[i]st
14-Feel – f[i]l	Fill – f[i]l
15-Feat / Feet – f[i]t, f[i]t	Fit – f[i]t
16-Gene – g[i]n	Gin – g[i]n
17-Heal / Heel – h[i:]l, h[i:]l	Hill – h[i]l
18- Heap – h[i]p	Hip – h[i]p
19- Heat – h[i]t	Hit – h[i]t
20-Lead – l[i]d	Lid – l[i]d
21-Leak – l[i]k	Lick – l[i]k
22-Least – l[i]st	List – l[i]st
23-Leave – l[i]v	Live – l[i]v
24-Meal – m[i]l	Mill – m[i]l
25-Neat – n[i]t	Nit / Knit – n[i]t, kn[i]t
26-Peach – p[i]tch	Pitch – p[i]tch
27-Peak / Peek – p[i]k, p[i:]k	Pick – p[i]k
28-Peal / Peel – p[i]l, p[i:]l	Pill – p[i]l
29-Peep – p[i]p	Pip – p[i]p
30-Queen – qu[i:]n	Quin – qu[i]n
31-Read – r[i]d	Rid – r[i]d
32-Reap – r[i]p	Rip – r[i]p
33-Reef – r[i]f	Riff – r[i]f
34-Seat – s[i]t	Sit – s[i]t
35-Seek – s[i]k	Sick – s[i]k
36-Seen – s[i]n	Sin – s[i]n
37-Seep – s[i]p	Sip – s[i]p
38-Sheen – sh[i]n	Shin – sh[i]n
39-Sheep – sh[i]p	Ship – sh[i]p
40-Teen – t[i]n	Tin – t[i]n

I: OK. Was that OK?

S15: Weird.

I: Now I'd like you to read this paragraph.

S15: OK.

S15: Read the following paragraph:

Fr[i]da l[i]ves [i]n a l[i]ttle cab[i]n n[i]r L[i]nda. The[i] are great friends. The[i] love to go out together, spec[i]all[i] when the[i] l[i]ve home to go shopp[i]ng. L[i]nda s[i]ks a t[i]n of p[i]lls tod[ei] b[i]cause sh[i] [i]s r[i]ll[i] s[i]ck. On the other hand, her friend Sl[i]p[i] Fr[i]da s[i]ks size s[i]x sl[i]ppers to f[i]t her f[i]t.

S15 laughs.

I: OK. Now you have to read this one, but before you read it you have to choose the answer, for example you read this part and you see if it's option A or B. After you choose you read.

S15: OK.

I: OK?

I: OK. Now you can read , please.

S15:

St[i]phen m[i]ts [i]v[i] one [i]v[i]n[i]ng [i]n front of m[i]l and [i]nvites
meets / sits meal / mill

her to have a m[i]l w[i]th h[i]m. St[i]phen [i]ts thr[i] p[i]ces of ch[i]se and
meal / mill

[i]v[i] [i]ts noth[i]ng but b[i]ns and d[i]p. After d[i]nner [i]v[i] finds a

beans / bins deep / **dip**

k[i]tchen s[i]nk w[i]th d[i]shes [i]n [i]t. [i]v[i] l[i]ves when sh[i] s[i]s St[i]phen does

leaves / lives

s[i]k for a m[ei]d and not a d[ei]te. When alone St[i]phen dr[i]ms of [i]v[i].

seek / sick

[i]n h[i]s dr[i]m h[i] p[i]ks through the k[ei]hole while [i]v[i] sl[i]ps a l[i]ttle b[i]t.

peeks / picks

sleeps / slips

beat / **bit**

I: OK. Now, the last part is just like this. It's called the pronunciation journey. OK? So, you are going to be here in number one, all right?

S15: Uh-huh.

I: And it's going to work like that. If I say a word with a long vowel you turn right, if I say a word if a short vowel you turn left and come to number two. OK? So, for example, if I say d[i:]d

S15: Right.

I: Yeah, so, if it's long you turn right. OK? But I cannot repeat the word, so I'm gonna say number one and then the word, number two and then the word. OK?

S15: Uh-huh.

I: Is that all right? Can we start?

S15: I'll go to the place I go here?

I: Yeah. Ah, well, in fact not really.

I: So, here we go. Number one: l/i:/k.

I: Number two: r/I/p.

I: Number three: sh/i:/p.

I: Number four: ch/i:/p.

I: Where are you?

S15: I'm in Tokyo.

I: Thank you very much.

ANEXO 5 – VARIÁVEIS EM EXAME

VARIÁVEL DEPENDENTE: /i/ e /i:/

Produzida como [i]	1
Produzida como [i:]	2
Produzida como [I]	3
Outras formas [ɛ], [ai], [ei]	4

VARIÁVEIS INDEPENDENTES

LINGÜÍSTICAS

CONTEXTO PRECEDENTE (NA MESMA SÍLABA)

Ø	eagle	x
Obstruinte fricativa	fear	f
Obstruinte oclusiva	beat	b
Líquida lateral	leave	q
Líquida não lateral	read	w
Nasal	neat	m
Vogal	maid	u

CONTEXTO SEGUINTE (NA MESMA SÍLABA)

Ø	bee	z
Obstruinte fricativa	leave	v
Obstruinte oclusiva	lead	p

Líquida lateral	meal	l
Líquida não lateral	near	r
Nasal	teen	n
Vogal		a

TAMANHO DO VOCÁBULO

Monossílabo	1
Dissílabo	2
Trissílabo	3
Polissílabo	4

ACENTO

Sílabo Tônica	t
Sílabo Átona	a
Sílabo Pré-tônica	p
Sílabo Pós-tônicas	s

POSIÇÃO NA PALAVRA

Sílabo final	f
Sílabo medial	m
Sílabo inicial	i

ANEXO 6 – CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Palavras com /i:/

(1wz2tf)	Agree
(2bz1tf)	Be
(1xz2ti)	Easier
(2xz2ti)	Easier
(1xz2ti)	Easy
(1xz2ti)	Even
(1fz2ti)	Feelings
(1wz1tf)	Free
(1wz2ti)	Freedom
(1fz1tf)	He
(1mz1tf)	Me
(1mz2ti)	Meaning
(1mz3ti)	Medium
(1bz2ti)	People
(1qz2sf)	Really
(1fz1tf)	See
(2fz1tf)	See
(1fz1tf)	She
(1bz2ti)	Teachers
(1fz1tf)	Three
(1uz1tf)	We
(2uz1tf)	We
(1xv3pi)	Aesthetics
(1mp1tf)	Meet
(1mp1tf)	Need
(1wp1tf)	Read
(2wp1tf)	Read
(2wp1tf)	Read
(1bp2tf)	Repeat
(2bp2tf)	Repeat
(1qp1tf)	Sleep
(1bp1tf)	Speak
(2bp1tf)	Speak
(1wp1tf)	Street

(1wp1tf	Street
(2wp1tf	Street
(1bp1tf	Teach
(1bp1tf	Teach
(1fv1tf	These
(1fv1tf	These
(1fv1tf	These
(2fv1tf	These
(1up1tf	Week
(1up1tf	Week
(1up1tf	Week
(1up1tf	Week
(2up1tf	Week
(1up2ti	Weekends
(2up2ti	Weekends
(1bn2tf	Nineteen
(1bn2tf	Nineteen
(2bn2tf	Nineteen
(1bn2tf	Routine
(1bn3tf	Seventeen
(1bn2tf	Thirteen
(1wa2ti	Really
(1wa2ti	Really
(1wa2ti	Really
(1fa2ti	Theaters
(1bp1tf	Bead
(2bp1tf	Bead
(4bp1tf	Bead
(1bn1tf	Bean
(2bn1tf	Bean
(1bp1tf	Beat
(2bp1tf	Beat
(1fp1tf	Cheap
(2fp1tf	Cheap
(1fp1tf	Cheat
(2fp1tf	Cheat
(1fp1tf	Cheek
(2fp1tf	Cheek
(4fp1tf	Cheek
(2bl1tf	Deal
(1bp1tf	Deed
(2bp1tf	Deed
(1bn1tf	Deem
(2bn1tf	Deem
(1bp1tf	Deep
(2bp1tf	Deep
(1xp1tf	Each
(2xp1tf	Each
(1xp1tf	Eat
(2xp1tf	Eat
(1fv1tf	Feast
(2fv1tf	Feast
(4fv1tf	Feast
(1fp1tf	Feat
(1fp1tf	Feat
(2fp1tf	Feat
(3fp1tf	Feat
(1fl1tf	Feel
(2fl1tf	Feel
(3fl1tf	Feel

(4fl1tf	Feel
(1fp1tf	Feet
(2fp1tf	Feet
(3fp1tf	Feet
(1fn1tf	Gene
(2fn1tf	Gene
(4fn1tf	Gene
(1fl1tf	Heal
(2fl1tf	Heal
(3fl1tf	Heal
(4fl1tf	Heal
(1fp1tf	Heap
(2fp1tf	Heap
(2fp1tf	Heap
(1fp1tf	Heat
(2fp1tf	Heat
(4fp1tf	Heat
(4fp1tf	Heat
(1fl1tf	Heel
(2fl1tf	Heel
(3fl1tf	Heel
(4fl1tf	Heel
(1qp1tf	Lead
(2qp1tf	Lead
(4qp1tf	Lead
(1qp1tf	Leak
(2qp1tf	Leak
(3qp1tf	Leak
(4qp1tf	Leak
(1qv1tf	Least
(2qv1tf	Least
(4qv1tf	Least
(1qv1tf	Leave
(2qv1tf	Leave
(3qv1tf	Leave
(1ml1tf	Meal
(2ml1tf	Meal
(1mp1tf	Neat
(2mp1tf	Neat
(4mp1tf	Neat
(1bp1tf	Peach
(2bp1tf	Peach
(1bp1tf	Peak
(2bp1tf	Peak
(1bl1tf	Peal
(2bl1tf	Peal
(1bp1tf	Peek
(2bp1tf	Peek
(1bl1tf	Peel
(2bl1tf	Peel
(1bp1tf	Peep
(2bp1tf	Peep
(1un1tf	Queen
(2un1tf	Queen
(1wp1tf	Read
(2wp1tf	Read
(4wp1tf	Read
(1wp1tf	Reap
(2wp1tf	Reap
(4wp1tf	Reap

(1wv1tf	Reef
(2wv1tf	Reef
(1fp1tf	Seat
(2fp1tf	Seat
(1fp1tf	Seek
(2fp1tf	Seek
(1fn1tf	Seen
(2fn1tf	Seen
(1fp1tf	Seep
(2fp1tf	Seep
(1fn1tf	Sheen
(2fn1tf	Sheen
(4fn1tf	Sheen
(1fp1tf	Sheep
(2fp1tf	Sheep
(3fp1tf	Sheep
(1bn1tf	Teen
(2bn1tf	Teen
(1fp1tf	Feet
(2fp1tf	Feet
(3fp1tf	Feet
(1wz2ti	Freda
(4wz2ti	Freda
(1qv1tf	Leave
(2qv1tf	Leave
(1wa2ti	Really
(1fp1tf	Seeks
(4fp1tf	Seeks
(1fz1tf	She
(1qz2ti	Sleepy
(2qz2ti	Sleepy
(1bp1tf	Speaks
(1bn1tf	Beans
(2bn1tf	Beans
(1bp1tf	Beat
(1fv1tf	Cheese
(2fv1tf	Cheese
(1bp1tf	Deep
(2bp1tf	Deep
(1bn1tf	Dream
(1bn1tf	Dreams
(1xp1tf	Eats
(1xv1tf	Eve
(4xv1tf	Eve
(1xv2ti	<u>E</u> vening
(4xv2ti	<u>E</u> vening
(1fz1tf	He
(1bz2ti	Keyhole
(4bzeti	Keyhole
(1qv1tf	Leaves
(2qv1tf	Leaves
(1ml1tf	Meal
(2ml1tf	Meal
(3ml1tf	Meal
(1mp1tf	Meets
(1bp1tf	Peeks
(2bp1tf	Peeks
(1bv2ti	Pieces
(2bv2ti	Pieces
(4bv2ti	Pieces

(1fp1tf	Seek
(2fp1tf	Seek
(1fv1tf	Sees
(1fz1tf	She
(1fp1tf	Sleeps
(2fp1tf	Sleeps
(1bz2ti	Stephen
(4bz2ti	Stephen
(1fz1tf	Three

Palavras com /I/

(1mz4pm	Administrator
(1bz3sm	Articles
(1bz3sm	Beautiful
(1bz2pi	Because
(1bz3sm	Bicycle
(1bz2ti	Busy
(4bz2ti	Busy
(1bz2ti	City
(1bz2ti	City
(1bz3pi	Decided
(1bz3ti	Different
(1bz3ti	Difficult
(1wz4sm	Electrical
(1qz4pm	Elementary
(1xz3pi	Eleven
(1fz3pm	Engineer
(1fz4pm	Engineering
(1xz3pi	Imagine
(1qz2ti	Living
(1qz2ti	Living
(3qz2ti	Living
(1mz4sm	Mechanical
(1wz2ti	Pretty
(1mz4pm	University
(1mz4pm	University
(1fz2ti	Visit
(1bp3sf	Aesthetics
(1bp1tf	Big
(1bp1tf	Bit
(1bv2ti	Business
(1bp1tf	Did
(1bp1tf	Didn't
(1qv2sf	English
(1xp4pi	Experience
(1xp2pi	Explain
(1fv1tf	Fifth
(1bv1tf	Give
(1fv1tf	His
(1xv1tf	If
(1xv1tf	Is
(1xp1tf	It
(3xp1tf	It
(1bp1tfq	Kids
(1qv2ti	Listen
(1qp2ti	Little
(1qv1tf	Live
(3qv1tf	Live
(1mv1tf	Miss
(1fv2sf	Music

(1bv2sf	Practice
(1bv3sm	Relatives
(1fv2ti	Sisters
(1fp1tf	Six
(1bp1tf	Skipped
(1mv2sf	Spanish
(1wp1tf	Street
(2wp1tf	Street
(1fv1tf	This
(1mp2sf	Unit
(1fp2sf	Visit
(1up1tf	Which
(1uv1tf	With
(1bl1tf	Still
(1bl1tf	Till
(2bl1tf	Till
(1bl2tf	Until
(1fn3sf	Anything
(1bn1tf	Been
(1wn2sf	Boring
(1mn2sf	Coming
(1un1tf	Doing
(1wn2sf	During
(1wn4sf	Engineering
(1xn2ti	English
(1xn2pi	Enjoy
(1fn3sf	Everything
(1qn2sf	Feelings
(1un1tf	Going
(1bn4sf	Graduating
(1bn1tf	Gym
(1fn3sf	Imagine
(1xn3pi	Important
(1xn4pi	Impossible
(1xn2pi	Improve
(1xn1tf	In
(1xn4ti	Interesting
(1bn4sf	Interesting
(1xn2ti	Into
(1bn4ti	Kindergarten
(1mn2sf	Learning
(1mn2sf	Learning
(1fn2sf	Living
(1fn2sf	Living
(1fn2sf	Living
(1wn4sf	Manufacturing
(1wn3sf	Mastering
(1mn2sf	Meaning
(1mn2sf	Morning
(1xn2sf	Playing
(1xn2sf	Playing
(1bn2sf	Riding
(1fn1tf	Since
(1fn2ti	Single
(1fn2sf	Something
(1bn2sf	Starting
(1fn2sf	Stressing
(1bn2sf	Studying
(1fn1tf	Things
(1fn1tf	Think

(1un2sf	Trying
(1bn2sf	Working
(1uz4tm	Administrator
(1uz4tm	Available
(1uz2ti	Baby
(1uz3ti	Bicycle
(1uz1tf	Boy
(1uz1tf	By
(1uv1tf	Days
(1uz3tm	Decided
(1uz1ti	Eight
(1uz2ti	Eighty
(1uz2tf	Enjoy
(1un2tf	Explain
(1uz2ti	Friday
(1uz2sf	Friday
(1un1tf	Kind
(1uz1tf	Like
(1uz2ti	Maybe
(1uz2sf	Monday
(1uz2ti	Nightlife
(1un1tf	Nine
(1un2pi	Nineteen
(1un2ti	Ninety
(1uz1tf	Play
(1up1tf	Played
(1ur2ti	Player
(1uz4pi	Psychology
(1uz3sf	Saturday
(1uz4tm	Specialization
(1uz3ti	Stadium
(1uz1tf	Stay
(1uz2sf	Sunday
(1uz1tf	They
(1uz2tf	Today
(1uz1tf	Toys
(1uz2sf	Thursday
(1uz1tf	Try
(1uv2sf	Tuesday
(1uv1tf	Twice
(1uz1ti	Wake
(1uz2sf	Wednesday
(1ma3tf	Engineer
(1ma4tm	Engineering
(1ba4tm	Experience
(1fa1tf	Here
(1xa1tf	Years
(1bp1tf	Bid
(1bn1tf	Bin
(3bn1tf	Bin
(1bp1tf	Bit
(2bp1tf	Bit
(3bp1tf	Bit
(1fp1tf	Chick
(3fp1tf	Chick
(1fp1tf	Chip
(3fp1tf	Chip
(1fp1tf	Chit
(3fp1tf	Chit
(1bp1tf	Did

(3bp1tf	Did
(1bl1tf	Dill
(3bl1tf	Dill
(1bn1tf	Dim
(3bn1tf	Dim
(1bp1tf	Dip
(3bp1tf	Dip
(1fl1tf	Fill
(3fl1tf	Fill
(1fv1tf	Fist
(3fv1tf	Fist
(1fp1tf	Fit
(3fp1tf	Fit
(1fn1tf	Gin
(3fn1tf	Gin
(1fl1tf	Hill
(3fl1tf	Hill
(1fp1tf	Hip
(1fp1tf	Hip
(3fp1tf	Hip
(1fp1tf	Hit
(1fp1tf	Hit
(2fp1tf	Hit
(3fp1tf	Hit
(1xp1tf	It
(1xp1tf	It
(3xp1tf	It
(1xp1tf	Itch
(2xp1tf	Itch
(3xp1tf	Itch
(1mp1tf	Knit
(3mp1tf	Knit
(4mp1tf	Knit
(1qp1tf	Lick
(3qp1tf	Lick
(1qp1tf	Lid
(3qp1tf	Lid
(1qv1tf	List
(3qv1tf	List
(1qv1tf	Live
(3qv1tf	Live
(4qv1tf	Live
(1ml1tf	Mill
(3ml1tf	Mill
(1mp1tf	Nit
(3mp1tf	Nit
(1bp1tf	Pick
(1bp1tf	Pick
(3bp1tf	Pick
(1bl1tf	Pill
(1bl1tf	Pill
(3bl1tf	Pill
(1bp1tf	Pip
(2bp1tf	Pip
(1bp1tf	Pitch
(1bp1tf	Pitch
(2bp1tf	Pitch
(3bp1tf	Pitch
(1un1tf	Quin
(1wp1tf	Rid

(2wp1tf	Rid
(3wp1tf	Rid
(1wv1tf	Riff
(2wv1tf	Riff
(3wv1tf	Riff
(1wp1tf	Rip
(1wp1tf	Rip
(3wp1tf	Rip
(1fn1tf	Shin
(3fn1tf	Shin
(4fn1tf	Shin
(1fp1tf	Ship
(2fp1tf	Ship
(3fp1tf	Ship
(1fp1tf	Sick
(2fp1tf	Sick
(3fp1tf	Sick
(1fn1tf	Sin
(2fn1tf	Sin
(3fn1tf	Sin
(3fn1tf	Sin
(1fp1tf	Sip
(3fp1tf	Sip
(1fp1tf	Sit
(2fp1tf	Sit
(3fp1tf	Sit
(1bn1tf	Tin
(3bn1tf	Tin
(1bn2sf	Cabin
(1fp1tf	Fit
(2fp1tf	Fit
(1xn1tf	In
(1xv1tf	Is
(1qn2ti	Linda
(1qv1tf	Lives
(1qp2ti	Little
(1ma1tf	Near
(1bl1tf	Pills
(3bl1tf	Pills
(1bn2sf	Shopping
(1fp1tf	Sick
(1fp1tf	Six
(1fp2ti	Slippers
(4fp2ti	Slippers
(1uz1tf	They
(1bn1tf	Tin
(1uz2tf	Today
(1bn1tf	Bins
(1bp1tf	Bit
(3bp1tf	Bit
(1up1tf	Date
(1bz2ti	Dinner
(1bp1tf	Dip
(3bp1tf	Dip
(1bv2ti	Dishes
(1mn2sf	Evening
(1fn1tf	Him
(1fv1tf	His
(1xn1tf	In
(1xn2ti	<u>I</u> nvites

(1xp1tf	It
(3xp1tf	It
(1bp2ti	Kitchen
(1qz2ti	Little
(1qv1tf	Lives
(1up1tf	Maid
(1ml1tf	Mill
(3ml1tf	Mill
(1fn2sf	Nothing
(1bp1tf	Picks
(2bp1tf	Picks
(3bp1tf	Picks
(1fp1tf	Sick
(1fn1tf	Sink
(1fp1tf	Sits
(1fp1tf	Slips
(3fp1tf	Slips
(1uv1tf	With
Palavras com /i/	
(1bz3sf	Already
(1mz3pm	Anymore
(1mz3sm	Anyone
(1mz3sm	Anything
(1bz2sf	Baby
(1fz2sf	Busy
(1bz2sf	City
(1fz2sf	Easy
(1bz2sf	Eighty
(1wz4sf	Elementary
(1wz2sf	Every
(1wz3sm	Everything
(1qz3sf	Family
(1fz3pi	Fiancé
(1fz1tf	He
(1mz2sf	Many
(1mz1tf	Me
(1mz2ti	Meaning
(1mz4sm	Mechanical
(1mz3ti	Medium
(1wz3sf	Memory
(1fz4sf	Methodology
(1bz2sf	Ninety
(1qz2sf	Only
(1bz2ti	People
(1wz2ti	Pretty
(1qz4sf	Professionally
(1fz4sf	Psychology
(1bz3sf	Quantity
(1qz2sf	Really
(1wz2pi	Repeat
(1fz1tf	See
(1fz1tf	She
(1bz2sf	Study
(1bz2ti	Teachers
(1fz1tf	Three
(1bz2sf	Twenty
(1mz4pm	University
(1wz2sf	Very
(1fz2ti	Visit
(1uz1tf	We

(1xv3pi	Aesthetics
(1bp3sf	Aesthetics
(1bp1tf	Big
(1bp1tf	Bit
(1bv2ti	Business
(1bp1tf	Did
(1bp1tf	Didn't
(1qv2sf	English
(1xp4pi	Experience
(1xp2pi	Explain
(1fv1tf	Fifth
(1bv1tf	Give
(1fv1tf	His
(1xv1tf	If
(1xv1tf	Is
(1xp1tf	It
(1bp1tfq	Kids
(1qv2ti	Listen
(1qp2ti	Little
(1qv1tf	Live
(1mp1tf	Meet
(1mv1tf	Miss
(1fv2sf	Movies
(1fv2sf	Music
(1mp1tf	Need
(1bv2sf	Practice
(1wp1tf	Read
(2wp1tf	Read
(1bv3sm	Relatives
(2bp2tf	Repeat
(1fv2ti	Sisters
(1fp1tf	Six
(1bp1tf	Skipped
(1qp1tf	Sleep
(1mv2sf	Spanish
(1bp1tf	Speak
(2bp1tf	Speak
(1wp1tf	Street
(2wp1tf	Street
(1bp2sf	Studied
(1bp1tf	Teach
(1bp1tf	Teach
(1fv1tf	These
(2fv1tf	These
(1fv1tf	This
(1fv1tf	This
(1mp2sf	Unit
(1fp2sf	Visit
(1up1tf	Week
(2up1tf	Week
(1up2ti	Weekends
(2up2ti	Weekends
(1up1tf	Which
(1uv1tf	With
(1bl1tf	Still
(1bl1tf	Till
(2bl1tf	Till
(1bl2tf	Until
(1fn3sf	Anything
(1bn1tf	Been

(2bn1tf	Been
(1wn2sf	Boring
(1mn2sf	Coming
(1un1tf	Doing
(1wn2sf	During
(1wn4sf	Engineering
(1xn2ti	English
(1xn2pi	Enjoy
(1fn3sf	Everything
(1qn2sf	Feelings
(1un1tf	Going
(1bn4sf	Graduating
(1fn3sf	Imagine
(1xn3pi	Important
(1xn4pi	Impossible
(1xn2pi	Improve
(1xn1tf	In
(1xn4ti	Interesting
(1xn2ti	Into
(1bn4ti	Kindergarten
(1mn2sf	Learning
(1fn2sf	Living
(1bn2sf	Looking
(1wn4sf	Manufacturing
(1wn3sf	Mastering
(1mn2sf	Meaning
(1mn2sf	Morning
(1bn2tf	Nineteen
(2bn2tf	Nineteen
(1xn2sf	Playing
(1bn2sf	Riding
(1bn2tf	Routine
(1bn2tf	Routine
(1bn3tf	Seventeen
(1fn1tf	Since
(1fn1tf	Since
(1fn2ti	Single
(1fn2sf	Something
(1bn2sf	Starting
(1fn2sf	Stressing
(1bn2sf	Studying
(1fn1tf	Things
(1fn1tf	Think
(1bn2tf	Thirteen
(1un2sf	Trying
(1un2sf	Trying
(1bn2sf	Working
(1uz4tm	Administrator
(1uz4tm	Available
(1uz2ti	Baby
(1uz3ti	Bicycle
(1uz1tf	Boy
(1uz1tf	By
(1uv1tf	Days
(1uz3tm	Decided
(1uz1ti	Eight
(1uz1ti	Eight
(1uz2ti	Eighty
(1uz2tf	Enjoy
(1un2tf	Explain

(1uz2ti	Friday
(1uz2ti	Friday
(1uz2sf	Friday
(1uz4tm	Graduated
(1uz3sf	Holiday
(1un1tf	Kind
(1un1tf	Kind
(1un1tf	Kind
(1uz1tf	Like
(1uz2ti	Maybe
(1uz2sf	Monday
(1uz2ti	Nightlife
(1un1tf	Nine
(1un2pi	Nineteen
(1un2ti	Ninety
(1uz1tf	Play
(1up1tf	Played
(1ur2ti	Player
(1uz4pi	Psychology
(1uz3sf	Saturday
(1uz4tm	Specialization
(1uz3ti	Stadium
(1uz1tf	Stay
(1uz2sf	Sunday
(1uz1tf	They
(1uz2tf	Today
(1uz1tf	Toys
(1uz2sf	Thursday
(1uz1tf	Try
(1uv2sf	Tuesday
(1uv1tf	Twice
(1uz1ti	Wake
(1uz2sf	Wednesday
(1fa2sf	Easier
(1ma3tf	Engineer
(1ma4tm	Engineering
(1ba4tm	Experience
(1fa1tf	Here
(1fa1tf	Here
(1ba3sm	Medium
(1wa2ti	Really
(1ba3sm	Stadium
(1fa2ti	Theaters
(1xa1tf	Years
(1bn2sf	Cabin
(1fp1tf	Feet
(3fp1tf	Feet
(1fp1tf	Fit
(1wz2ti	Freda
(4wz2ti	Freda
(1xn1tf	In
(1xv1tf	Is
(1qv1tf	Leave
(2qv1tf	Leave
(1qn2ti	Linda
(1qv1tf	Lives
(1qp2ti	Little
(1ma1tf	Near
(1bl1tf	Pills
(3bl1tf	Pills

(1wa2ti	Really
(1fp1tf	Seeks
(4fp1tf	Seeks
(1fz1tf	She
(1bn2sf	Shopping
(1fp1tf	Sick
(1fp1tf	Six
(1qz2ti	Sleepy
(2qz2ti	Sleepy
(1fp2ti	Slippers
(4fp2ti	Slippers
(1bp1tf	Speaks
(1uz1tf	They
(1bn1tf	Tin
(1uz2tf	Today
(1bn1tf	Beans
(2bn1tf	Beans
(1bp1tf	Beat
(1bn1tf	Bins
(1bp1tf	Bit
(3bp1tf	Bit
(1fv1tf	Cheese
(2fv1tf	Cheese
(1up1tf	Date
(1bp1tf	Deep
(2bp1tf	Deep
(1bz2ti	Dinner
(1bp1tf	Dip
(3bp1tf	Dip
(1bv2ti	Dishes
(1bn1tf	Dream
(1bn1tf	Dreams
(1xp1tf	Eats
(1xv1tf	Eve
(4xv1tf	Eve
(1xv2ti	<u>E</u> vening
(1mn2sf	Even <u>i</u> ng
(1fz1tf	He
(1fn1tf	Him
(1fv1tf	His
(1xn1tf	In
(3xn1tf	In
(1xn2ti	<u>I</u> nvides
(1xp1tf	It
(3xp1tf	It
(1bz2ti	Keyhole
(4bzeti	Keyhole
(1bp2ti	Kitchen
(1qv1tf	Leaves
(2qv1tf	Leaves
(1qz2ti	Little
(1qv1tf	Lives
(1up1tf	Maid
(1ml1tf	Meal
(2ml1tf	Meal
(3ml1tf	Meal
(1mp1tf	Meets
(1ml1tf	Mill
(3ml1tf	Mill
(1fn2sf	Noth <u>i</u> ng

(1bp1tf	Peeks
(1bp1tf	Picks
(1bp1tf	Picks
(1bp1tf	Picks
(2bp1tf	Picks
(3bp1tf	Picks
(1bv2ti	Pieces
(2bv2ti	Pieces
(4bv2ti	Pieces
(1fp1tf	Seek
(2fp1tf	Seek
(1fv1tf	Sees
(1fz1tf	She
(1fp1tf	Sick
(2fp1tf	Sick
(1fn1tf	Sink
(1fp1tf	Sits
(1fp1tf	Sleeps
(1fp1tf	Slips
(3fp1tf	Slips
(1bz2ti	Stephen
(4bz2ti	Stephen
(1fz1tf	Three
(1uv1tf	With

ANEXO 7 – RESULTADOS GOLDVARB
Resultados para /i:/ - 19/10/2008
Somente palavras que possuem /i:/

• CELL CREATION • 19/10/2008 20:57:47

Name of token file: Untitled.tkn
Name of condition file: Untitled.cnd
(
; Identity recode: All groups included as is.
(1)
(2)
(3)
(4)
(5)
(6)
)

Number of cells: 40
Application value(s): 2
Total no. of factors: 21

Group		Non-Apps	apps	Total	%

1 (2)					
w	N	10	101	111	8.3
	%	9.0	91.0		
b	N	101	285	386	28.9
	%	26.2	73.8		
x	N	9	161	170	12.7
	%	5.3	94.7		
f	N	106	334	440	33.0

	%	24.1	75.9		
m	N	25	41	66	4.9
	%	37.9	62.1		
q	N	25	94	119	8.9
	%	21.0	79.0		
u	N	13	29	42	3.1
	%	31.0	69.0		
Total	N	289	1045	1334	
	%	21.7	78.3		

2	(3)				
z	N	9	230	239	17.9
	%	3.8	96.2		
v	N	33	211	244	18.3
	%	13.5	86.5		
p	N	131	420	551	41.3
	%	23.8	76.2		
n	N	40	113	153	11.5
	%	26.1	73.9		
a	N	0	26	26	1.9
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
l	N	76	45	121	9.1
	%	62.8	37.2		
Total	N	289	1045	1334	
	%	21.7	78.3		

3	(4)				
2	N	14	214	228	17.1
	%	6.1	93.9		
1	N	275	828	1103	82.7
	%	24.9	75.1		
3	N	0	3	3	0.2
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total	N	289	1045	1334	
	%	21.7	78.3		

4	(5)				
t	N	289	1034	1323	99.2
	%	21.8	78.2		
s	N	0	10	10	0.7
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
p	N	0	1	1	0.1
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total	N	289	1045	1334	

%	21.7	78.3		
---	------	------	--	--

5 (6)

f	N	278	849	1127	84.5
%		24.7	75.3		

i	N	11	196	207	15.5
%		5.3	94.7		

Total N		289	1045	1334	
%		21.7	78.3		

TOTAL N		289	1045	1334	
%		21.7	78.3		

Name of new cell file: .cel

• CELL CREATION • 19/10/2008 21:04:24 •.....

Name of token file: Untitled.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(
 (1 (NIL (COL 4 3))
 (NIL (COL 3 a)))
 (2)
 (3)
 (4)
 (6)
)

Number of cells: 35
 Application value(s): 2
 Total no. of factors: 16

Group		Non-Apps	apps	Total	%
-------	--	----------	------	-------	---

1 (2)

w	N	10	76	86	6.6
%		11.6	88.4		

b	N	101	284	385	29.5
%		26.2	73.8		

x	N	9	160	169	13.0
%		5.3	94.7		

f	N	106	333	439	33.6
%		24.1	75.9		

m	N	25	40	65	5.0
%		38.5	61.5		

q	N	25	94	119	9.1
%		21.0	79.0		

u	N	13	29	42	3.2
%		31.0	69.0		

Total N		289	1016	1305	
---------	--	-----	------	------	--

%	22.1	77.9		
---	------	------	--	--

2 (3)				
z N	9	229	238	18.2
%	3.8	96.2		
p N	131	420	551	42.2
%	23.8	76.2		
v N	33	210	243	18.6
%	13.6	86.4		
n N	40	112	152	11.6
%	26.3	73.7		
l N	76	45	121	9.3
%	62.8	37.2		
Total N	289	1016	1305	
%	22.1	77.9		

3 (4)				
2 N	14	188	202	15.5
%	6.9	93.1		
1 N	275	828	1103	84.5
%	24.9	75.1		
Total N	289	1016	1305	
%	22.1	77.9		

4 (6)				
f N	278	848	1126	86.3
%	24.7	75.3		
i N	11	168	179	13.7
%	6.1	93.9		
Total N	289	1016	1305	
%	22.1	77.9		

TOTAL N	289	1016	1305	
%	22.1	77.9		

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 19/10/2008 21:04:55

Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.221

Log likelihood = -690.012

----- Level # 1 -----

Run # 2, 7 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.203

Group # 1 -- w: 0.340, b: 0.582, x: 0.181, f: 0.555, m: 0.710, q: 0.510, u: 0.637

Log likelihood = -660.753 Significance = 0.000

Run # 3, 5 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.183

Group # 2 -- z: 0.150, p: 0.582, v: 0.413, n: 0.615, l: 0.883

Log likelihood = -604.506 Significance = 0.000

Run # 4, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.209

Group # 3 -- 2: 0.221, l: 0.558

Log likelihood = -670.303 Significance = 0.000

Run # 5, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.208

Group # 4 -- f: 0.555, i: 0.200

Log likelihood = -670.654 Significance = 0.000

Add Group # 2 with factors zpvnl

----- Level # 2 -----

Run # 6, 25 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.171

Group # 1 -- w: 0.444, b: 0.579, x: 0.198, f: 0.530, m: 0.494, q: 0.598, u: 0.696

Group # 2 -- z: 0.132, p: 0.582, v: 0.495, n: 0.557, l: 0.875

Log likelihood = -587.278 Significance = 0.000

Run # 7, 9 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.183

Group # 2 -- z: 0.150, p: 0.582, v: 0.413, n: 0.615, l: 0.883

Group # 3 -- 2: 0.499, l: 0.500

*** Warning, negative change in likelihood (-0.00019664) replaced by 0.0.

Log likelihood = -604.506 Significance = 1.000

Run # 8, 8 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.183

Group # 2 -- z: 0.145, p: 0.585, v: 0.413, n: 0.617, l: 0.884

Group # 4 -- f: 0.497, i: 0.517

Log likelihood = -604.485 Significance = 0.849

Add Group # 1 with factors wbxfmqu

----- Level # 3 -----

Run # 9, 33 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.171

Group # 1 -- w: 0.444, b: 0.581, x: 0.198, f: 0.529, m: 0.494, q: 0.596, u: 0.697

Group # 2 -- z: 0.138, p: 0.579, v: 0.495, n: 0.553, l: 0.873

Group # 3 -- 2: 0.479, l: 0.504

Log likelihood = -587.249 Significance = 0.809

Run # 10, 32 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.171

Group # 1 -- w: 0.444, b: 0.579, x: 0.198, f: 0.530, m: 0.494, q: 0.598, u: 0.696

Group # 2 -- z: 0.133, p: 0.582, v: 0.494, n: 0.557, l: 0.875

Group # 4 -- f: 0.500, i: 0.500

*** Warning, negative change in likelihood (-0.00007233) replaced by 0.0.

Log likelihood = -587.278 Significance = 1.000

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 2 1

Best stepping up run: #6

Stepping down...

----- Level # 4 -----

Run # 11, 35 cells:

Convergence at Iteration 20

Input 0.171

Group # 1 -- w: 0.444, b: 0.580, x: 0.198, f: 0.529, m: 0.493, q: 0.599, u: 0.694

Group # 2 -- z: 0.134, p: 0.581, v: 0.493, n: 0.559, l: 0.875

Group # 3 -- 2: 0.445, l: 0.510

Group # 4 -- f: 0.491, i: 0.554

Log likelihood = -587.179

----- Level # 3 -----

Run # 12, 11 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.183

Group # 2 -- z: 0.146, p: 0.584, v: 0.412, n: 0.619, l: 0.884

Group # 3 -- 2: 0.466, l: 0.506

Group # 4 -- f: 0.492, i: 0.550

Log likelihood = -604.445 Significance = 0.000

Run # 13, 17 cells:

Convergence at Iteration 20

Input 0.189

Group # 1 -- w: 0.395, b: 0.630, x: 0.170, f: 0.512, m: 0.677, q: 0.521, u: 0.622

Group # 3 -- 2: 0.291, l: 0.541

Group # 4 -- f: 0.525, i: 0.347

Log likelihood = -638.728 Significance = 0.000

Run # 14, 32 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.171

Group # 1 -- w: 0.444, b: 0.579, x: 0.198, f: 0.530, m: 0.494, q: 0.598, u: 0.696

Group # 2 -- z: 0.133, p: 0.582, v: 0.494, n: 0.557, l: 0.875

Group # 4 -- f: 0.500, i: 0.500

Log likelihood = -587.278 Significance = 0.666

Run # 15, 33 cells:
Convergence at Iteration 9
Input 0.171
Group # 1 -- w: 0.444, b: 0.581, x: 0.198, f: 0.529, m: 0.494, q: 0.596, u: 0.697
Group # 2 -- z: 0.138, p: 0.579, v: 0.495, n: 0.553, l: 0.873
Group # 3 -- 2: 0.479, 1: 0.504
Log likelihood = -587.249 Significance = 0.710

Cut Group # 4 with factors fi

----- Level # 2 -----

Run # 16, 9 cells:
Convergence at Iteration 9
Input 0.183
Group # 2 -- z: 0.150, p: 0.582, v: 0.413, n: 0.615, l: 0.883
Group # 3 -- 2: 0.499, 1: 0.500
Log likelihood = -604.506 Significance = 0.000

Run # 17, 14 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.190
Group # 1 -- w: 0.392, b: 0.628, x: 0.170, f: 0.513, m: 0.677, q: 0.526, u: 0.622
Group # 3 -- 2: 0.197, 1: 0.564
Log likelihood = -639.256 Significance = 0.000

Run # 18, 25 cells:
Convergence at Iteration 8
Input 0.171
Group # 1 -- w: 0.444, b: 0.579, x: 0.198, f: 0.530, m: 0.494, q: 0.598, u: 0.696
Group # 2 -- z: 0.132, p: 0.582, v: 0.495, n: 0.557, l: 0.875
Log likelihood = -587.278 Significance = 0.809

Cut Group # 3 with factors 21

----- Level # 1 -----

Run # 19, 5 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.183
Group # 2 -- z: 0.150, p: 0.582, v: 0.413, n: 0.615, l: 0.883
Log likelihood = -604.506 Significance = 0.000

Run # 20, 7 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.203
Group # 1 -- w: 0.340, b: 0.582, x: 0.181, f: 0.555, m: 0.710, q: 0.510, u: 0.637
Log likelihood = -660.753 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 4 3
Best stepping up run: #6
Best stepping down run: #18

Resultados para /I/ - 21/10/2008
Somente palavras que possuem /I/

• CELL CREATION • 21/10/2008 13:00:21 •.....

Name of token file: dadosI.tkn
Name of condition file: Untitled.cnd
(
; Identity recode: All groups included as is.
(1)
(2)
(3)
(4)
(5)
(6)
)

Number of cells: 96
Application value(s): 3
Total no. of factors: 24

Group		Non-Apps	apps	Total	%

1 (2)					
m	N	8	117	125	6.4
	%	6.4	93.6		
b	N	35	383	418	21.3
	%	8.4	91.6		
f	N	42	483	525	26.8
	%	8.0	92.0		
w	N	8	57	65	3.3
	%	12.3	87.7		
q	N	16	198	214	10.9
	%	7.5	92.5		
x	N	8	343	351	17.9
	%	2.3	97.7		
u	N	0	264	264	13.5
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total N		117	1845	1962	
	%	6.0	94.0		

2 (3)					
z	N	2	231	233	11.9
	%	0.9	99.1		
v	N	13	303	316	16.1
	%	4.1	95.9		
p	N	69	588	657	33.5
	%	10.5	89.5		
l	N	21	88	109	5.6

	%	19.3	80.7		
n	N	12	594	606	30.9
	%	2.0	98.0		
r	N	0	1	1	0.1
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
a	N	0	40	40	2.0
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total	N	117	1845	1962	
	%	6.0	94.0		

3	(4)				
4	N	0	36	36	1.8
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
3	N	0	41	41	2.1
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
2	N	2	479	481	24.5
	%	0.4	99.6		
1	N	115	1289	1404	71.6
	%	8.2	91.8		
Total	N	117	1845	1962	
	%	6.0	94.0		

4	(5)				
p	N	0	55	55	2.8
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
s	N	0	220	220	11.2
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
t	N	117	1570	1687	86.0
	%	6.9	93.1		
Total	N	117	1845	1962	
	%	6.0	94.0		

5	(6)				
m	N	0	37	37	1.9
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
i	N	2	292	294	15.0
	%	0.7	99.3		
f	N	115	1516	1631	83.1
	%	7.1	92.9		
Total	N	117	1845	1962	
	%	6.0	94.0		

TOTAL	N	117	1845	1962	
	%	6.0	94.0		

Name of new cell file: .cel

• CELL CREATION • 21/10/2008 13:04:37 •.....

Name of token file: dadosI.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

```
(  
(1 (NIL (COL 6 m))  
  (NIL (COL 4 3))  
  (NIL (COL 4 4))  
  (NIL (COL 3 a))  
  (NIL (COL 3 r))  
  (NIL (COL 2 u)))  
(2)  
(3)  
(4)  
(6)  
)
```

Number of cells: 45

Application value(s): 3

Total no. of factors: 15

Group		Non-Apps	apps	Total	%

1 (2)					
b	N	35	367	402	25.2
	%	8.7	91.3		
q	N	16	197	213	13.3
	%	7.5	92.5		
w	N	8	52	60	3.8
	%	13.3	86.7		
f	N	42	452	494	30.9
	%	8.5	91.5		
x	N	8	330	338	21.2
	%	2.4	97.6		
m	N	8	83	91	5.7
	%	8.8	91.2		
Total	N	117	1481	1598	
	%	7.3	92.7		

2 (3)					
z	N	2	77	79	4.9
	%	2.5	97.5		
p	N	69	550	619	38.7
	%	11.1	88.9		
v	N	13	231	244	15.3
	%	5.3	94.7		
l	N	21	88	109	6.8
	%	19.3	80.7		

n	N	12	535	547	34.2
%		2.2	97.8		

Total N	117	1481	1598
%	7.3	92.7	

3 (4)

2	N	2	430	432	27.0
%		0.5	99.5		

1	N	115	1051	1166	73.0
%		9.9	90.1		

Total N	117	1481	1598
%	7.3	92.7	

4 (6)

i	N	2	249	251	15.7
%		0.8	99.2		

f	N	115	1232	1347	84.3
%		8.5	91.5		

Total N	117	1481	1598
%	7.3	92.7	

TOTAL N	117	1481	1598
%	7.3	92.7	

Resultados para /I/ - 21/10/2008
Somente palavras que possuem /I/

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 21/10/2008 13:04:59

Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.073
Log likelihood = -418.485

----- Level # 1 -----

Run # 2, 6 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.066
Group # 1 -- b: 0.575, q: 0.535, w: 0.685, f: 0.568, x: 0.256, m: 0.577
Log likelihood = -407.860 Significance = 0.001

Run # 3, 5 cells:

Convergence at Iteration 5
Input 0.056
Group # 2 -- z: 0.304, p: 0.678, v: 0.486, l: 0.800, n: 0.274
Log likelihood = -387.600 Significance = 0.000

Run # 4, 2 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.045
Group # 3 -- 2: 0.091, 1: 0.701
Log likelihood = -388.265 Significance = 0.000

Run # 5, 2 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.060
Group # 4 -- i: 0.112, f: 0.595
Log likelihood = -404.582 Significance = 0.000

Add Group # 3 with factors 21

----- Level # 2 -----

Run # 6, 12 cells:
Convergence at Iteration 7
Input 0.039
Group # 1 -- b: 0.587, q: 0.683, w: 0.661, f: 0.512, x: 0.232, m: 0.597
Group # 3 -- 2: 0.076, 1: 0.717
Log likelihood = -373.481 Significance = 0.000

Run # 7, 9 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0.025
Group # 2 -- z: 0.974, p: 0.580, v: 0.454, l: 0.705, n: 0.273
Group # 3 -- 2: 0.024, 1: 0.797
Log likelihood = -369.346 Significance = 0.000

Run # 8, 3 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0.040
Group # 3 -- 2: 0.027, 1: 0.791
Group # 4 -- i: 0.875, f: 0.410
Log likelihood = -387.318 Significance = 0.176

Add Group # 2 with factors zpvln

----- Level # 3 -----

Run # 9, 38 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0.022
Group # 1 -- b: 0.541, q: 0.723, w: 0.646, f: 0.518, x: 0.273, m: 0.468
Group # 2 -- z: 0.970, p: 0.574, v: 0.377, l: 0.698, n: 0.314
Group # 3 -- 2: 0.019, 1: 0.811
Log likelihood = -359.014 Significance = 0.001

Run # 10, 12 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0.026
Group # 2 -- z: 0.967, p: 0.583, v: 0.458, l: 0.708, n: 0.276
Group # 3 -- 2: 0.022, 1: 0.802
Group # 4 -- i: 0.584, f: 0.484

*** Warning, negative change in likelihood (-0.03673680) replaced by 0.0.
Log likelihood = -369.365 Significance = 1.000

Add Group # 1 with factors bqwfxm

----- Level # 4 -----

Run # 11, 45 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.023

Group # 1 -- b: 0.541, q: 0.723, w: 0.646, f: 0.518, x: 0.273, m: 0.468

Group # 2 -- z: 0.960, p: 0.578, v: 0.381, l: 0.701, n: 0.317

Group # 3 -- 2: 0.017, l: 0.818

Group # 4 -- i: 0.597, f: 0.482

*** Warning, negative change in likelihood (-0.03824300) replaced by 0.0.

Log likelihood = -359.033 Significance = 1.000

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 3 2 1

Best stepping up run: #9

Stepping down...

----- Level # 4 -----

Run # 12, 45 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.023

Group # 1 -- b: 0.541, q: 0.723, w: 0.646, f: 0.518, x: 0.273, m: 0.468

Group # 2 -- z: 0.960, p: 0.578, v: 0.381, l: 0.701, n: 0.317

Group # 3 -- 2: 0.017, l: 0.818

Group # 4 -- i: 0.597, f: 0.482

Log likelihood = -359.033

----- Level # 3 -----

Run # 13, 12 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.026

Group # 2 -- z: 0.967, p: 0.583, v: 0.458, l: 0.708, n: 0.276

Group # 3 -- 2: 0.022, l: 0.802

Group # 4 -- i: 0.584, f: 0.484

Log likelihood = -369.365 Significance = 0.001

Run # 14, 17 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.034

Group # 1 -- b: 0.587, q: 0.681, w: 0.662, f: 0.513, x: 0.231, m: 0.602

Group # 3 -- 2: 0.021, l: 0.807

Group # 4 -- i: 0.889, f: 0.404

Log likelihood = -372.394 Significance = 0.000

Run # 15, 35 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.036

Group # 1 -- b: 0.535, q: 0.680, w: 0.648, f: 0.530, x: 0.299, m: 0.437

Group # 2 -- z: 0.953, p: 0.629, v: 0.353, l: 0.748, n: 0.274

Group # 4 -- i: 0.021, f: 0.672

Log likelihood = -370.050 Significance = 0.000

Run # 16, 38 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.022

Group # 1 -- b: 0.541, q: 0.723, w: 0.646, f: 0.518, x: 0.273, m: 0.468

Group # 2 -- z: 0.970, p: 0.574, v: 0.377, l: 0.698, n: 0.314

Group # 3 -- 2: 0.019, 1: 0.811

*** Warning, negative change in likelihood (-0.03824300) replaced by 0.0.

Log likelihood = -359.014 Significance = 1.000

Cut Group # 4 with factors if

----- Level # 2 -----

Run # 17, 9 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.025

Group # 2 -- z: 0.974, p: 0.580, v: 0.454, l: 0.705, n: 0.273

Group # 3 -- 2: 0.024, 1: 0.797

Log likelihood = -369.346 Significance = 0.001

Run # 18, 12 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.039

Group # 1 -- b: 0.587, q: 0.683, w: 0.661, f: 0.512, x: 0.232, m: 0.597

Group # 3 -- 2: 0.076, 1: 0.717

Log likelihood = -373.481 Significance = 0.000

Run # 19, 25 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.052

Group # 1 -- b: 0.542, q: 0.603, w: 0.671, f: 0.547, x: 0.306, m: 0.462

Group # 2 -- z: 0.258, p: 0.673, v: 0.451, l: 0.797, n: 0.300

Log likelihood = -381.251 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 4

Best stepping up run: #9

Best stepping down run: #16

Resultados para outras variáveis - 11/11/2008

• CELL CREATION • 11/11/2008 05:30:42

Name of token file: Untitled.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

)

Number of cells: 132

Application value(s): 4
Total no. of factors: 24

Group		Non-Apps	apps	Total	%

1 (2)					
m	N	2	200	202	5.8
	%	1.0	99.0		
w	N	17	205	222	6.4
	%	7.7	92.3		
b	N	30	852	882	25.5
	%	3.4	96.6		
f	N	25	959	984	28.4
	%	2.5	97.5		
x	N	2	519	521	15.1
	%	0.4	99.6		
q	N	9	333	342	9.9
	%	2.6	97.4		
u	N	1	307	308	8.9
	%	0.3	99.7		
Total	N	86	3375	3461	
	%	2.5	97.5		

2 (3)					
z	N	39	585	624	18.0
	%	6.2	93.8		
v	N	7	559	566	16.4
	%	1.2	98.8		
p	N	24	1183	1207	34.9
	%	2.0	98.0		
l	N	8	222	230	6.6
	%	3.5	96.5		
n	N	8	753	761	22.0
	%	1.1	98.9		
r	N	0	1	1	0.0
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
a	N	0	72	72	2.1
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total	N	86	3375	3461	
	%	2.5	97.5		

3 (4)					
4	N	0	54	54	1.6
	%	0.0	100.0		* KnockOut *

2	N	42	786	828	23.9
	%	5.1	94.9		
3	N	0	73	73	2.1
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
1	N	44	2462	2506	72.4
	%	1.8	98.2		
Total	N	86	3375	3461	
	%	2.5	97.5		

4 (5)

p	N	0	58	58	1.7
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
t	N	86	2924	3010	87.0
	%	2.9	97.1		
s	N	0	393	393	11.4
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total	N	86	3375	3461	
	%	2.5	97.5		

5 (6)

m	N	0	49	49	1.4
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
f	N	44	2866	2910	84.1
	%	1.5	98.5		
i	N	42	460	502	14.5
	%	8.4	91.6		
Total	N	86	3375	3461	
	%	2.5	97.5		

TOTAL	N	86	3375	3461	
	%	2.5	97.5		

Name of new cell file: .cel

• CELL CREATION • 11/11/2008 05:36:01

Name of token file: Untitled.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

```
(
(1 (NIL (COL 6 m))
(NIL (COL 4 3))
(NIL (COL 4 4))
(NIL (COL 3 a))
(NIL (COL 3 r)))
(2)
(3)
(4)
(6)
)
```

Number of cells: 69

Application value(s): 4
Total no. of factors: 16

Group		Non-Apps	apps	Total	%

1 (2)					
w	N	17	157	174	5.3
	%	9.8	90.2		
b	N	30	820	850	26.0
	%	3.5	96.5		
f	N	25	922	947	28.9
	%	2.6	97.4		
x	N	2	505	507	15.5
	%	0.4	99.6		
q	N	9	327	336	10.3
	%	2.7	97.3		
m	N	2	161	163	5.0
	%	1.2	98.8		
u	N	1	294	295	9.0
	%	0.3	99.7		
Total N		86	3186	3272	
	%	2.6	97.4		

2 (3)					
z	N	39	499	538	16.4
	%	7.2	92.8		
p	N	24	1180	1204	36.8
	%	2.0	98.0		
v	N	7	556	563	17.2
	%	1.2	98.8		
l	N	8	222	230	7.0
	%	3.5	96.5		
n	N	8	729	737	22.5
	%	1.1	98.9		
Total N		86	3186	3272	
	%	2.6	97.4		

3 (4)					
2	N	42	757	799	24.4
	%	5.3	94.7		
1	N	44	2429	2473	75.6
	%	1.8	98.2		
Total N		86	3186	3272	
	%	2.6	97.4		

4 (6)				
f	N	44	2776	2820 86.2
%		1.6	98.4	
i	N	42	410	452 13.8
%		9.3	90.7	
Total N		86	3186	3272
%		2.6	97.4	

TOTAL N		86	3186	3272
%		2.6	97.4	

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 11/11/2008 05:36:37
Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.026
Log likelihood = -397.797

----- Level # 1 -----

Run # 2, 7 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.018
Group # 1 -- w: 0.853, b: 0.662, f: 0.592, x: 0.175, q: 0.595, m: 0.399, u: 0.154
Log likelihood = -372.992 Significance = 0.000

Run # 3, 5 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.021
Group # 2 -- z: 0.787, p: 0.490, v: 0.373, l: 0.630, n: 0.342
Log likelihood = -374.164 Significance = 0.000

Run # 4, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.023
Group # 3 -- 2: 0.699, 1: 0.432
Log likelihood = -385.477 Significance = 0.000

Run # 5, 2 cells:
Convergence at Iteration 5
Input 0.020
Group # 4 -- f: 0.436, i: 0.833
Log likelihood = -366.486 Significance = 0.000

Add Group # 4 with factors fi

----- Level # 2 -----

Run # 6, 14 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.014

Group # 1 -- w: 0.829, b: 0.597, f: 0.689, x: 0.149, q: 0.479, m: 0.529, u: 0.168

Group # 4 -- f: 0.430, i: 0.853

Log likelihood = -342.205 Significance = 0.000

Run # 7, 9 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.018

Group # 2 -- z: 0.660, p: 0.547, v: 0.388, l: 0.717, n: 0.325

Group # 4 -- f: 0.442, i: 0.811

Log likelihood = -355.375 Significance = 0.000

Run # 8, 4 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.019

Group # 3 -- 2: 0.302, 1: 0.567

Group # 4 -- f: 0.402, i: 0.922

Log likelihood = -363.638 Significance = 0.018

Add Group # 1 with factors wbfqxmu

----- Level # 3 -----

Run # 9, 50 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.013

Group # 1 -- w: 0.806, b: 0.569, f: 0.685, x: 0.204, q: 0.502, m: 0.436, u: 0.160

Group # 2 -- z: 0.606, p: 0.511, v: 0.423, l: 0.703, n: 0.398

Group # 4 -- f: 0.436, i: 0.832

Log likelihood = -337.795 Significance = 0.070

Run # 10, 22 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.013

Group # 1 -- w: 0.844, b: 0.613, f: 0.679, x: 0.149, q: 0.500, m: 0.553, u: 0.135

Group # 3 -- 2: 0.229, 1: 0.597

Group # 4 -- f: 0.383, i: 0.952

Log likelihood = -337.099 Significance = 0.002

Add Group # 3 with factors 21

----- Level # 4 -----

Run # 11, 69 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.012

Group # 1 -- w: 0.826, b: 0.591, f: 0.675, x: 0.207, q: 0.536, m: 0.459, u: 0.111

Group # 2 -- z: 0.655, p: 0.482, v: 0.422, l: 0.663, n: 0.420

Group # 3 -- 2: 0.205, 1: 0.608

Group # 4 -- f: 0.390, i: 0.942

Log likelihood = -332.163 Significance = 0.045

Add Group # 2 with factors zpvln

Best stepping up run: #11

Stepping down...

----- Level # 4 -----

Run # 12, 69 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.012

Group # 1 -- w: 0.826, b: 0.591, f: 0.675, x: 0.207, q: 0.536, m: 0.459, u: 0.111

Group # 2 -- z: 0.655, p: 0.482, v: 0.422, l: 0.663, n: 0.420

Group # 3 -- 2: 0.205, l: 0.608

Group # 4 -- f: 0.390, i: 0.942

Log likelihood = -332.163

----- Level # 3 -----

Run # 13, 15 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.017

Group # 2 -- z: 0.684, p: 0.528, v: 0.391, l: 0.694, n: 0.340

Group # 3 -- 2: 0.301, l: 0.568

Group # 4 -- f: 0.412, i: 0.902

Log likelihood = -352.608 Significance = 0.000

Run # 14, 22 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.013

Group # 1 -- w: 0.844, b: 0.613, f: 0.679, x: 0.149, q: 0.500, m: 0.553, u: 0.135

Group # 3 -- 2: 0.229, l: 0.597

Group # 4 -- f: 0.383, i: 0.952

Log likelihood = -337.099 Significance = 0.045

Run # 15, 50 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.013

Group # 1 -- w: 0.806, b: 0.569, f: 0.685, x: 0.204, q: 0.502, m: 0.436, u: 0.160

Group # 2 -- z: 0.606, p: 0.511, v: 0.423, l: 0.703, n: 0.398

Group # 4 -- f: 0.436, i: 0.832

Log likelihood = -337.795 Significance = 0.001

Run # 16, 53 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.016

Group # 1 -- w: 0.787, b: 0.600, f: 0.639, x: 0.254, q: 0.573, m: 0.373, u: 0.123

Group # 2 -- z: 0.721, p: 0.494, v: 0.409, l: 0.656, n: 0.360

Group # 3 -- 2: 0.594, l: 0.469

Log likelihood = -354.536 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: None

Best stepping up run: #11

Best stepping down run: #12

ANEXO 8 – AULA PÓS PESQUISA
Pronunciation Class
June 2008

1. The difference between **bit** /I/ and **beat** /i:/.

Word	/i:/	/I/	Word	/I/	/i:/
Beast			Little		
Big			Meet		
Cream			Pea		
Did			See		
Dishes			Ship		
Flee			Thin		

1	2	1	2
Beat	Bit	Leak	Lick
Cheap	Chip	Mill	Meal
Dill	Deal	Peal	Pill
Eat	It	Seen	Sin
Feel	Fill	Still	Steal
Hill	Heal	Tin	Teen

Let's read these sentences:

- Jean likes gin, but gin doesn't like Jean!
- Fish and chips are cheap and easy to eat.

2. The difference between **man** /æ/ and **men** /e/.

Word	/æ/	/e/	Word	/æ/	/e/
Band			Leg		
Chest			Pet		
Dress			Rat		
Flag			Stamp		
Hand			Tent		
Jazz			Wedding		

1	2	1	2
Bad	Bed	Led	Lad
Dead	Dad	Man	Men
Fad	Fed	Pet	Pat
Had	Head	Rad	Read (past)
Left	Laughed	Sad	Said
Land	Lend	Tan	Ten

Let's read these sentences:

- Ted had Dad's hat on his head.
- Harry found a flag, a map and a letter with a stamp on it in the fat man's tent.

Pronunciation Class
Answer key - June 2008

3. The difference between **bit** /I/ and **beat** /i:/.

Word	/i:/	/I/	Word	/I/	/i:/
Beast	x		Little		x
Big		x	Meet	x	
Cream	x		Pea	x	
Did		x	See	x	
Dishes		x	Ship		x
Flee	x		Thin		x

1	2	1	2
Beat	Bit	Leak	Lick
Cheap	Chip	Mill	Meal
Dill	Deal	Peal	Pill
Eat	It	Seen	Sin
Feel	Fill	Still	Steal
Hill	Heal	Tin	Teen

Let's read these sentences:

- Jean likes gin, but gin doesn't like Jean!
- Fish and chips are cheap and easy to eat.

4. The difference between **man** /æ/ and **men** /e/.

Word	/æ/	/e/	Word	/æ/	/e/
Band	x		Leg		x
Chest		x	Pet		x
Dress		x	Rat	x	
Flag	x		Stamp	x	
Hand	x		Tent		x
Jazz	x		Wedding		x

1	2	1	2
Bad	Bed	Led	Lad
Dead	Dad	Man	Men
Fad	Fed	Pet	Pat
Had	Head	Rad	Read (past)
Left	Laughed	Sad	Said
Land	Lend	Tan	Ten

Let's read these sentences:

- Ted had Dad's hat on his head.
- Harry found a flag, a map and a letter with a stamp on it in the fat man's tent.